

Digitalizado com CamScanner

painel fabuloso

Cidades, a grosso modo, podem ser definidas como conjuntos de edificações, residenciais, comerciais e industriais, aliadas a espaços variados, onde moram e trabalham pessoas. Algumas dessas pessoas ali estão só de passagem; outras têm uma relação mais profunda com o lugar, por lá terem nascido ou escolherem aquele local para viver.

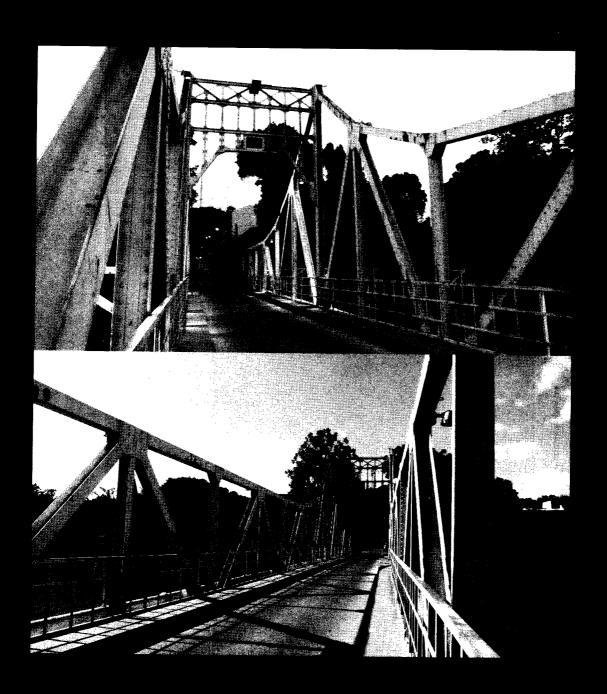
O que Ronaldo Werneck nos conta neste livro é sua relação visceral com Cataguases, onde nasceu e se formou para a vida. A tal ponto a cidade o marcou que ele se viu obrigado a nos dar um histórico desse relacionamento. Sem pretender ser exaustivo, ele remonta à fundação do primitivo arraial, o surgimento de seu comércio e principais indústrias, em torno dos quais se reuniram gentes que o influenciaram.

Sim, porque o conhecimento e o convívio com outras pessoas é que realmente marca e define uma vocação. Poeta que é, Ronaldo procurou desde cedo os iguais que o precederam. E Cataguases sempre foi fértil nesse item, com o aparecimento, ainda nos anos 20 do século passado, dos literatos da revista *Verde*, entre eles Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco e Guilhermino Cesar, e do cinema de Humberto Mauro, Pedro Comello e sua filha Eva Nil. Isso, para não falar da música de Patápio Silva, surgida até antes e prolongada décadas depois na voz de Lúcio Alves.

Como uma pequena cidade da Zona da Mata mineira foi capaz de gerar simultaneamente manifestações artísticas e culturais de grau tão elevado, é assunto para uma pesquisa cuidadosa. O que importa dizer é que todos esses nomes influenciaram a vocação e a maneira de ser de Ronaldo Werneck e fazem parte deste livro que, afinal, não é de memórias?

Essas pessoas formaram várias outras gerações, que precederam e sucederam a de Ronaldo. Cataguases impressiona pela grande quantidade de grandes criadores que lançou, e continua lançando, ao longo do tempo. Pode não ser caso único em Minas Gerais (talvez Montes Claros e Juiz de Fora sejam outros exemplos), mas certamente trata-se de raro fenômeno em qualquer estado do Brasil.

PACIFICUSNE EST



INGRESSUS TUUS?

os dois caminhos dessa gente

na curva do tempo e da ponte o mundo se apaga se esconde

Passam as águas fica o rio. Passam as gentes fica a linha tessitura onde a vida pulsa fio que essas gentes perpassa.

Um Guido Thomaz Marlière e o Sargento depois Alferes o doador desse lugar debaixo da invocação de uma viúva honesta e do que para eles resta.

Também de uma capela erecta que essa Santa Rita fita em prol de uma gente porreta.

Um mais que exato quadrilátero onde se erguia o Curato pré-Porto que não se sabia. Inexistentes Diamantes Meia-Pataca um ribeirão e patacas alguma havia.

São dois caminhos paralelos retas meio desencontradas. Dois caminhos entrecortados: tudo ainda não existia. Seis vias e outras travessas em perfeita geometria.

E assim traçou-se a cidade Dois caminhos – esse do Pomba na margem esquerda do rio: hoje rua Major Vieira. Ao lado o do Sobe e desce: rua do Coronel Vieira.

O major e o coronel: Vieiras vindas de outro mar. Às margens do rio um cresce de amor-amar e Sobe e desce.

Dois caminhos delimitados por três largos – um da igreja do Commercio outro e outro de Nosso Senhor do Rosário.

Duas vias sem muito fim de majores e coronéis ruas que findam em jardins antigos pálidos painéis.

Em ruas e caminhos entre o Sobe e desce e a do Pomba a cidade cresce e a vida solta-se e desaparece.

Passa o Pomba e na margem esquerda uma viela que se estreita. À direita depois da ponte um mundo que surge e se esconde.

> Passam as águas fica o rio seu reflexo tudo que sobra dois caminhos e essa gente brava gente que não se dobra.

Entre o Pomba e o Sobe e desce essa povoação que cresce. A cidade e os seus ases: aqui floresce Cataguases.

> RW/ 22 de maio de 2021 Dia de Santa Rita de Cássia Padroeira de Cataguases

cataguases século XX

antes & depois

ronaldo werneck

Pan

Soures teitora,
evas histórias on "escultural"
Cata govers, evacionae or
axterior mineir.

About Norwitz

Novalor Warwitz

Mary 1/22

Copyright © 2021 Ronaldo Werneck & Poemação Produções Copyright © 2021 desta edição Editora Tipografia Musical (E T M) Todos os direitos reservados. *All rights reserved*.

Editora Tipografia Musical

Editores: Bruno D'Abruzzo & Roberto Votta

Preparação e revisão de textos: Bruno D'Abruzzo & Antônio Jaime Soares

Projeto Gráfico: Ronaldo Werneck

Diagramação e tratamento das fotos: Sabrina Venturini

Capa: Marcelo Lopes ads

Fotos da capa: Gilber Pinheiro/CTAv/SAv e Acervo Família Francisco Inácio Peixoto

Elaboração do Projeto e Produção Executiva: Patrícia Barbosa

Primeira edição: julho de 2021

Partes deste livro poderão ser reproduzidas com a prévia autorização por escrito da Editora e nos limites previstos pelas leis de proteção aos direitos de autor e outras aplicáveis. Além de gerar sanções civis, a violação dos direitos autorais caracteriza crime. Mantenha viva a cadeia do livro: não tire cópias, compre livros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

```
Werneck, Ronaldo
Cataguases século XX antes & depois / Ronaldo
Werneck. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Tipografia
Musical, 2021.
ISBN 978-65-87867-09-0
1. Cataguases (MG) - História 2. História do
Brasil I. Título.

21-69305 CDD-981.51
```

Índices para catálogo sistemático:

```
1. Minas Gerais : História 981.51

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129
```

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA TIPOGRAFIA MUSICAL Rua Silva Bueno, 2379 / 63
São Paulo-SP | CEP 04208-053
[+55 11] 4306-2080
editora@tipografiamusical.com.br www.tipografiamusical.com.br

O rio a bater as asas no movimento do nome Lina Tâmega Peixoto



Quadra quadro
Cataguases! Cataguases!
um barco no rio Pomba
e uma menina que pesca
nas águas a própria sombra
Cecilia Meireles, 1951

fotos

Adriana Montheiro – Alberto Landóes – Braz Iannini – Daniel Fachini – Edgar Brasil – Eva Comello – Henrique Frade – Henry Yu – Humberto Ribeiro – José Renato – Juliano Braz – Mário Simões de Andrade – Patrícia Barbosa – Pedro Comello – Pedro Marcos – Pury – Ronaldo Werneck – Sérgio Ribas Câmara – Walter Carvalho – Zequinha Mauro.

acervos fotográficos

Carlos Sérgio Bittencourt – Centro de Memória da Zona da Mata – CTAv/SAv/Funarte – Demphac (Departamento Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases) – Ednéa Peixoto – Família Francisco Inácio Peixoto – Foto Lídice – Galba Rodrigues Ferraz – Henrique Frade – Joaquim Branco – José Baião – Pedro Paulo Pires – Polo Audiovisual da Zona da Mata – Revista da Mata – Ronaldo e Rosa Werneck.

ilustrações

Dounê Spínola – José Maria Dias da Cruz – Candido Portinari – Renatta Barbosa.

meus agradecimentos a

Alice Dias – Altamir Soares – Amaro Bezerra – Ana Paula Manna – Angelo Oswaldo – Antônio Jaime Soares – Beth Sanna – Bruno D'Abruzzo – César Piva – Fernanda Godinho – José Maria Dias da Cruz – Júlio Mauro – Luiz Lopez – Luiz Ruffato – Marcelo Del Peloso – Maria Júlia – Maria Quaresma – Mariana Cândida – Mário Simões de Andrade – Mauro Domingues – Mônica Botelho – Otávia Pereira – Paulo Augusto Gomes – Renatta Barbosa – Ronaldo Cagiano – Talyta Lage – Trajano Cortez – Valéria Mauro.

Também a Carlos Sérgio Bittencourt, Henrique Frade, Joaquim Branco e Maria Isabel Peixoto, pela cessão de fotos de seus preciosos acervos.

A Sabrina Venturini, pela diagramação e tratamento das fotos. E a Marcelo Lopes, pela criação da capa.

E ainda a Patrícia Barbosa, pela elaboração do Projeto e por sua (relativa) paciência em suportar os longos dias-noites em que passei no escritório, devidamente isolado e envolvido com este livro.

em memória de
Francisco Inácio Peixoto
Francisco Marcelo Cabral
Guilhermino Cesar
Humberto Mauro
Lina Tâmega Peixoto
Rosário Fusco

"... o que vale é a lembrança de umas certas coisas que não morrem: a adolescência que ficou aí, à margem do Meia-Pataca; a minha e a sua adolescência." (...) "pois tudo quanto cheira a Cataguases me põe assim bastante sentimental." Guilhermino Cesar/ Cartas a Francisco Inácio Peixoto BH, 4.11.42 e Porto Alegre, 22.09.80

> O motivo da viagem não é segredo nenhum, virá nas folhas de cá: – Embarco pra Cataguases, que lá me vão enterrar. Guilhermino Cesar Lisboa, 1965

Foi a única Pasárgada que encontrei. Ou melhor, com a <u>solução Cataguases</u> perco, definitivamente, a minha Pasárgada. Aceito tudo, entretanto, como uma fatalidade. Francisco Inácio Peixoto (ao voltar de vez para Cataguases)
Rio de Janeiro, 6.11.1935

Eu hoje sou um sujeito que vive em Cataguases, fora de Cataguases. Francisco Inácio Peixoto, 1979

Tudo que existiu e existe em Cataguases, em termos de arte e cultura, são ecos, largos e duradouros, do brilho e do devaneio de Francisco Inácio Peixoto.

Lina Tâmega Peixoto

Brasília, 2007

Pacificusne est ingressus tuus? Revertere ad me, suscipiam te. Versos da Eneida, de Virgílio, inscritos no pórtico da Ponte Metálica de Cataguases

Nessa cidade estranha em que vivemos (ou morremos, conforme disse alguém) Enrique de Resende

À Meia-Pataca
Musa agora e madrasta sempre,
Com insolvável e despeitado
Amor:
Quase ódio.
Rosário Fusco
Dia do Juízo, 1961

No meio do Brasil, este Paraiso com solidões, com paisagem, com vida e sonho um lugar para a formação daquele "homem humano" de que o mundo inteiro está precisando... Ah Cataguases!... Cecília Meireles, Cataguases, julho de 1951

sumário

- 12 Verso e reverso de Cataguases / Angelo Oswaldo
- 15 Preservar a memória & mostrar a cidade /Ronaldo Werneck

19 Séculos XIX & XX

- 22 Cartões-Postais
- 25 Cataguases (es)cultural
- 34 A casa do Chico
- 37 Vistas de uma cidade antenada com seu tempo
- 39 Uma povoação bem regular, para a qual convida a sua bela localidade
- 43 Que te conferem a glória de não seres como outra qualquer um simples mercado mas uma cidade, oh sim, uma cidade!
- 46 O bafo da railway bufando com bazófia entre nostálgicas indústrias se acendendo se ascendendo se
- 50 O Coronel/a Chácara/Dona Catarina
- 53 Meninim mijão
- 55 Um Bolonha ali um Portinari aqui plasmando um sonho plástico
- 59 Não sabes, não sei, ninguém compreenderá jamais o que desejas, o que serás
- 68 Ninguém reséste
- 72 O viajante e eu-sozinho na terça-feira gorda
- 75 Jardins onde meninas ariscas passeiam meia hora só antes do cinema
- 82 Padre nosso das moças
- 83 Breves notas esportivas
- 85 Pede demissão, meu filho!
- 89 Alcunhas desse lugar
- 94 Uma cidade do exterior mineiro: maioridade?

97 Séculos XX & XXI

- 98 Revertere ad me/Cataguases de braços abertos
- 107 A Cidade Partida
- 111 Portulano do Porto dos Diamantes /Rosário Fusco
- 116 Matizes de Cataguases nos 500 anos do Brasil
- 124 O artista aguça a brincadeira
- 126 Cavalo/Bulevar/Pastilha
- 128 FOJB 30 anos: amor à cultura
- 133 CataguArte Centenária
- 142 Humberto Mauro: plano geral & poesia
- 149 Roteiro 97
- 150 Maurianas
- 153 Retratos de Eva
- 155 Memorial Mauro
- 157 Uma cidade de escritores /Luiz Ruffato

- 161 Cataguases que te quiero verde
- 171 Cataguases 1937 /Marques Rebelo
- 173 Lembrando Ascânio Lopes / Carlos Drummond de Andrade
- 176 Ascânio Lopes para principiantes
- 178 Cataguases 1927 / Ascânio Lopes
- 181 Ascânio em 4x3
- 183 Ascânio Lopes Quatorzevoltas: a profunda penetração da poesia /Pedro Nava
- 189 Chico Peixoto para principiantes
- 191 Um nome: o que diz /Carlos Drummond de Andrade
- 193 Cachimbo e Cadillac
- 197 Passaporte para proesia-peixoto
- 207 Cançãozinha para Gala Edelman /Francisco Inácio Peixoto
- 209 Balada pro Chico Peixoto
- 210 Viver com dentaduras integrais é muito perigoso
- 214 Guilhermino para principiantes
- 216 Cartas de amizade: encontros de Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto /Lina Tâmega Peixoto
- 232 Guilhermo tal pro Chico Cabral
- 234 Nas barbas do enfado
- 235 Ave (Guilhermino) Cesar!
- 241 Rosário Fusco para principiantes
- 245 A tênue densidade dos corpos
- 255 Duas décadas déjà
- 256 Prestes pula do painel
- 258 Dois mestres incontestes
- 262 Meia-Pataca quem se lembra? /Francisco Marcelo Cabral
- 266 Poetas da Meia-Pataca em plena maturidade
- 268 Estrangeiros nos anos 60 e nessa cidade estranha onde escrevivemos
- 275 Totem: Panorama visto do tempo /Joaquim Branco
- 291 O caça-palavras captura seus signos
- 294 CAC 58 anos depois / Antônio Jaime Soares
- 297 Nessas águas, à cata de outros ases /Ronaldo Cagiano
- 301 A história dessa gente: fragmentos da memória
- 304 Vaivém da ponte velha
- 308 Volta a mim qu'eu te receberei
- 309 Bibliografia

Os textos não assinados são de autoria de Ronaldo Werneck (RW)

verso e reverso de cataguases

Angelo Oswaldo

Cataguases é pequena, mas vocês são grandes porque são poetas de Cataguases.

José Américo de Almeida, in carta publicada no último número da "Verde", maio de 1929.

Memória, História e Poesia caminham de mãos dadas desde os mais remotos tempos, e como as três Graças dançam em louvor à arte e ao engenho da humanidade. Mnemósine, Clio e Érato transformaram-se de musas em nereidas e vieram habitar as águas do Rio da Pomba e Peixe, o velho Pomba no qual navega a cidade de Cataguases. Cariátides invisíveis, elas fazem da Ponte Metálica uma "janua coeli" para acolher o "pacificus ingressus" de quem chega ao Olimpo. Catalisam o espírito da terra, "com paisagem, com vida e sonho", como escreveu Cecília Meireles.

O velho Fustel de Coulanges e o moderno Giulio Argan ensinam que a história da cidade é poesia. Intrinsecamente artística, a cidade favorece a arte, é a própria arte. Cataguases explicita o fenômeno de maneira singular. Sua história é a história de poetas.

Quando se lê a obra de Drummond, Nava e Murilo Mendes, tem-se a certeza de que aquela trindade grega habitava as Minas Gerais antes ainda dos bandeirantes. Elas se enamoraram perdidamente dos três poetas, depois de terem amado Cláudio Manuel, Tomás Gonzaga e Alphonsus. Verdade é que se banhavam no Pomba no momento em que Guido Marlière riscou a planta de Cataguases, reservando uma sesmaria na qual Francisco Inácio Peixoto iria erguer o templo modernista.

Verso de Ascânio, delírio de Fusco, nostalgia de Guilhermino, arte de Chico Peixoto, raiz de Enrique, catarata de Mauro, amor de Francisco Marcelo, saudade de Celina Ferreira, luz de Lina, ícone de Branco, espanto de Ruffato, paixão de Ronaldo Werneck. Uma cidade povoada de poetas faz com que um deles, Werneck, tome o fio da História, ilumine a Memória e celebre a "poesia nossa de cada dia", ao trazer para este livro a narrativa poética da saga da Meia-Pataca e Cataguases inteira.

O autor é uma síntese das controvérsias – e contraversos – cataguasenses. Um olho na poesia, outro no cinema, um pé na Europa, outro em Nova Iorque, uma volta no Rio e o retorno ao Pomba. Cidadão do mundo, cumpre a sina da cidade do interior que é do exterior, fascinado pelo novo e arraigado ao chão da origem de tudo.

Alguém observou que o século sempre menospreza aquele que o antecede, em benefício do precedente, e assim o XIX preferiu o XVII, como o XX deixou-se seduzir pelo XVIII, desagradado do XIX. A história de Cataguases começa de fato no princípio do Oitocentos e completa duas centúrias nesta segunda década do terceiro milênio.

Ronaldo Werneck toma o século XX para acrescentar-lhe o antes e o depois, a fim de pontuar o itinerário poético da cidade em que nasceu a vertente verdejante do modernismo brasileiro, rodou o cinema inaugural de Humberto Mauro e edificou-se o primeiro traço de Niemeyer em Minas Gerais. E à qual ele dedica grande parte de sua própria obra.

O Novecentos foi, por excelência, o tempo de Cataguases, e é preciso revê-lo e senti-lo no legado que plasmou no corpo e na alma da cidade. Os artistas de Cataguases construíram a Ouro Preto do século XX, como gosto de chamá-la, pelo ineditismo, diversidade e opulência das manifestações culturais, tal como ocorreu na antiga Vila Rica no século do ouro.

Se os árcades setecentistas de Ouro Preto produziram o surgimento de uma poesia brasileira, liberta do dogma europeu, os ases de Cataguases da década de 1920 baniram a "forma prisão" do poema e fizeram da revista *Verde* a convergência das novas expressões do século XX e a baliza do caminho inovador percorrido a partir de então.

Quero ser contemporâneo e não sobrevivente, insistia Murilo Mendes ao escrever poeticamente suas memórias. O século de Cataguases passou, assim como o século de Ouro Preto, mas ambas as cidades os mantêm vivos e pulsam no ritmo do século XXI. Aqui e agora, reconhecem o significado da história que não cessa, da memória que anima e da poesia sem fim. Ronaldo Werneck vai ao alto da

Ponte Metálica e nos convida, ao rematar o verso de Virgílio: "Revertere ad me, suscipiam te".

Cataguases está pronta a nos acolher, na soleira de um poema de Guilhermino Cesar: "agora e no fim do entrudo,/ enquanto houver a fonte, o fogo, a sorte,/ enquanto o último homem/ tiver aberta a sua chaga". E porque há cachoeira mauriana, fogo de fusco e o sortilégio do Pomba, Werneck nos conduz "na girândola do tempo" pela espiral de *cataguarte*.

Ouro Preto, dezembro 2020

Angelo Oswaldo de Araújo Santos é jornalista, ensaísta, curador de arte, ex-secretário de Cultura de Minas Gerais e exerce o quarto mandato de prefeito de Ouro Preto (2021-2024). É filho do cataguasense Christino Teixeira Santos (1916-2003).

preservar a memória & mostrar a cidade

Ronaldo Werneck

Encontra-se neste livro – dividido em dois grandes capítulos, *Séculos XIX & XX* e *Séculos XX & XXI* – um breve panorama da história de Cataguases, que vem de meados do Oitocentos, passa ao longo do Novecentos e chega aos tempos atuais. Eis a cidade em constante transformação, memória em movimento: vida.

Abrindo o volume, acha-se o subtítulo "Cataguases (Es)cultural", que procura mostrar a cidade hoje, *in totum*: sua arquitetura, seus ares de perene modernidade. Logo depois, o foco volta-se para a residência (projeto de Niemeyer) do escritor e intelectual Francisco Inácio Peixoto, o grande impulsionador do modernismo na cidade. A "Casa de Chico" foi o marco inicial da Cataguases moderna.

Na sequência, o subtítulo "Uma cidade antenada com seu tempo" é formado por uma série de fotos do município ao longo dos séculos. Essa iconografia dá logo lugar aos textos que escrevi para a Exposição "Cataguases Século XX", que ocupou o então Museu Chácara Dona Catarina no início deste século – idealizada por Mônica Botelho, com intervenções fotográficas de Henrique Frade. Trata-se de um registro cujo escopo é preservar a memória e mostrar a cidade.

Sua razão de ser no momento, o porquê de sua colocação neste livro, é em função de se buscar maior amplitude, disseminando seu conteúdo – que visa a mostrar a evolução da cidade de Cataguases – dos primórdios até o nosso tempo. Entregue agora a um público não só cataguasense como também de várias outras cidades, da região e de outros estados, possivelmente com abrangência nacional, este livro – além de procurar preservar a memória da cidade – representa um esforço a mais para disseminar a "grife Cataguases".

Do texto de abertura da Exposição, que escrevi para Mônica Botelho – a presidente da Fundação Ormeo Junqueira Botelho – assinar, destaco aqui alguns trechos relevantes:

"A história não é mera cronologia, mas produto das pessoas que interferem em seu processo, daqueles que protagonizam sua trajetória. E por estar em per-

manente construção não pode ser aprisionada pelo tempo. Não há como abordá-la de modo estanque, sem que sejam conectados os fios onde a vida pulsa. Procurou-se direcionar aqui uma releitura sociogeográfica dos fatos históricos da cidade, evidenciando a existência de um projeto civilizatório que tomou todo mundo: os *ases* e seu talento, os industriais e sua tecnologia.

"Um enfoque que privilegiasse a *urbe* sem que se esquecesse a *civita*: o tecido social que a cidade incorporou – um eixo narrativo que faz Cataguases permanentemente *up to date*, antenada com seu tempo. Uma cidade que, ao contrário de se caracterizar como importadora de bois e bens, possui um perfil marcadamente exportador. A fábrica de tecidos era... para exportar! Como a de macarrão, a de papel, a de algodão, a de cerveja, a de móveis, a usina de cana, a de energia... para exportar! Projetos desenvolvimentistas... de exportação! Fitas de cinema, *Verde*... exportação!

"Sim, Cataguases olha para fora. Mas antes, para si mesma. O capital gerado pela economia é reinvestido na própria cidade. Os marcos aqui deixados – a casa, o teatro, o colégio, as praças, os prédios, os próprios túmulos –, transmutam-se na marca que fica e faz a diferença. Um interessantíssimo processo civilizatório, pois as pessoas *vêm* para Cataguases, as pessoas *voltam* para Cataguases. Por que não parou? Por que a cidade "num constante progredir", como diz seu hino? De repente, a explosão de criatividade e talento parece não se ligar à fábrica, às fábricas. Mas logo, como agora, descobre-se a fábrica de sonhos devedora da usina de energia – que tece, ilumina e remanufatura a vida. Cataguases é grife. Cataguases é *fascination*, *we know!*".

Mas, não é só isso. Cataguases tem na cultura sua melhor tradução. Assim, não é só da exposição "Cataguases Século XX" que se trata aqui, mas também de movimentos culturais, como o da literatura e do cinema nos anos 1920 e da arquitetura moderna, a partir da década de 1940. Fenômenos que projetaram Cataguases e a distinguem como "produtora de cultura" – e que vamos encontrar no segundo capítulo, *Séculos XX & XXI*.

"Ouro Preto é o barroco. Cataguases, o moderno. Cataguases é a cidadesíntese do século XX em Minas Gerais por sua persistência na construção da modernidade" – disse um dia Angelo Oswaldo, atual prefeito de Ouro Preto, ex-presidente do Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) e ex-Secretário de Cultura de Minas. De fato, Cataguases é um museu vivo em plena Zona da Mata de Minas, talvez o único em todo o interior do país – com arrojadas construções de extração modernista e um precioso rol de esculturas e painéis a céu aberto. Oscar Niemeyer, Francisco Bolonha, Aldary Toledo, MMM Roberto, Edgard Guimarães do Vale, Portinari, Amilcar de Castro, Djanira, Emeric Marcier, Bruno Giorgi, Sonia Ebling, Anísio Medeiros, Paulo Werneck, Jan Zach, José Pedrosa, além de jardins de Burle Marx. E, em vários de seus interiores, obras de Carlos Leão, Tenreiro, Santa Rosa, Lurçat e muitos outros.

Sim, Minas está aqui. Mas uma Minas que extrapola a mera mineiridade da tradição e que tem o novo como escopo. Em Cataguases, o ideário modernista se concretizou como nunca. Mário e Oswald de Andrade, luminares do movimento, chegaram mesmo a homenagear juntos, assinando "Marioswald", os poetas da revista *Verde* – publicação que congregou os modernos de todo o país –, editada na cidade nos anos 1920: "Tarsila não pinta mais/ Com verde Paris/ Pinta com Verde/ Cataguazes/ Os Andrades/ Não escrevem mais/ Com terra roxa/ NÃO!/ Escrevem/ Com tinta Verde/ Cataguazes".

Assim, também estão presentes aqui personalidades marcantes que elevaram o nome da cidade: o cineasta Humberto Mauro, é claro. E três nomes de realce na literatura, egressos da revista *Verde* dos anos 1920, nomes de ponta não só de Cataguases como em termos nacionais, os escritores Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar e Rosário Fusco, o *enfant terrible* da revista. *Verde* é aqui também privilegiada com um texto sobre sua importância histórica no modernismo brasileiro, trazendo poemas de seus principais participantes.

Luiz Ruffato contempla a enorme penca de escribas da cidade, e o poeta Francisco Marcelo Cabral passeia pela revista *Meia-Pataca*, de 1948, editada por ele e pela também poeta Lina Tâmega Peixoto – que assina um ensaio sobre a correspondência entre Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar. A seguir, o foco se vira para a década de 1960, chegando aos setenta, com o aparecimento dos suplementos literários *SLD* e *Totem*, como se vê pelo texto do poeta Joaquim Branco. E, logo, o CAC (Centro de Arte de Cataguases), abordado por Antônio Jaime Soares, um dos seus integrantes. Na sequência, o poeta e ensaísta Ronaldo Cagiano traça um breve panorama da literatura em Cataguases ao longo do século XX, com maior ênfase nos escritores surgidos na contemporaneidade deste Século XXI.

Como fecho do volume, um texto-homenagem legendando fotos de personagens que edificaram e chancelaram ao longo dos séculos a "grife" Cataguases – fragmentos da memória iconográfica dos "catu-auás", essa gente boa.

Cataguases, maio 2021

Em todas as seções deste livro, as fotografias estão dispostas como se vivas fossem.

Como se dialogassem não só com o texto, mas também entre si. Como se falassem. E, se bem repararmos, essas fotos falam e se movem, interconectadas ao longo dos séculos.

Séculos que se desdobram sobre uma cidade que em si é símbolo e por si só moderna personalidade antenada com o futuro.

Esta é uma cidade que está sempre se inventando.

Uma cidade que (aqui se) conta.



SÉCULOS XIX & XX





NADA, Cataguases, nem a tua indiferença ou desprezo pelos teus poetas e teus loucos, únicos que te conferem a glória de não seres como outra qualquer um simples mercado mas uma cidade, oh sim, uma cidade

> NADA ME FAZ lembrar um porto de diamantes

TE AMAR berço, seio, colo, braço, calor e umidade é um ato simples

AMAR MENOS é morrer como o rio sendo freado pela areia

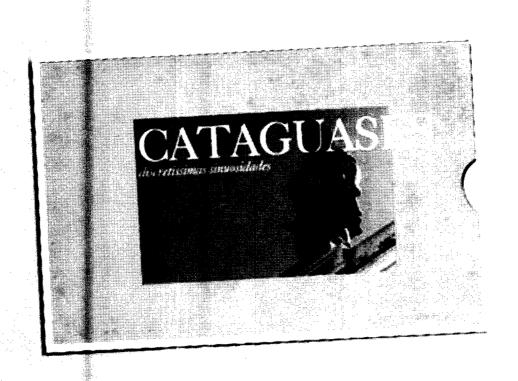
> MENOS que nada é o pó do poema que aqui sobrenada

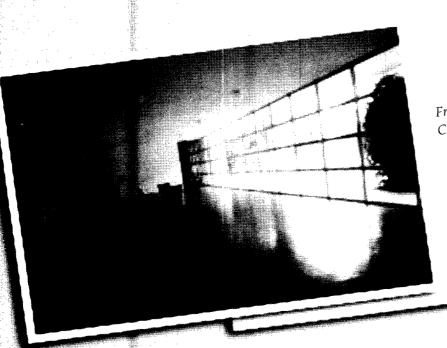
Francisco Marcelo Cabral Inexílio, 1978

> – e fez-se Cataguases e se foi só sobrenadando em sua alvorada. Em mais nada pensou-se – em mais nada: só e tão só nessa cidade amada. Ronaldo Werneck

cartões-postais

Fotos Pedro Marcos Textos RW

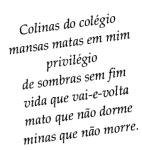


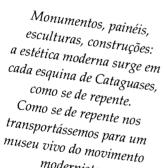




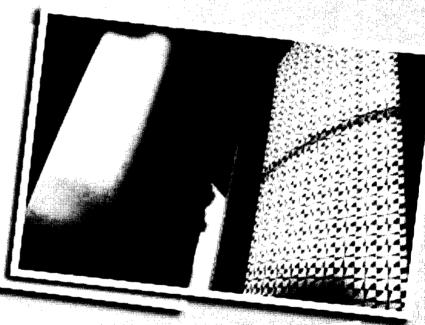
Franja de sol sobre a sombra.
Chiaroscuro. Luz na vidraça.
Aconchego de cadeiras
vazando ousadas
de um despainel
que pula da penumbra
e some ao fundo.
Ponto de fuga que se fecha,
Cortina. Desmemória.







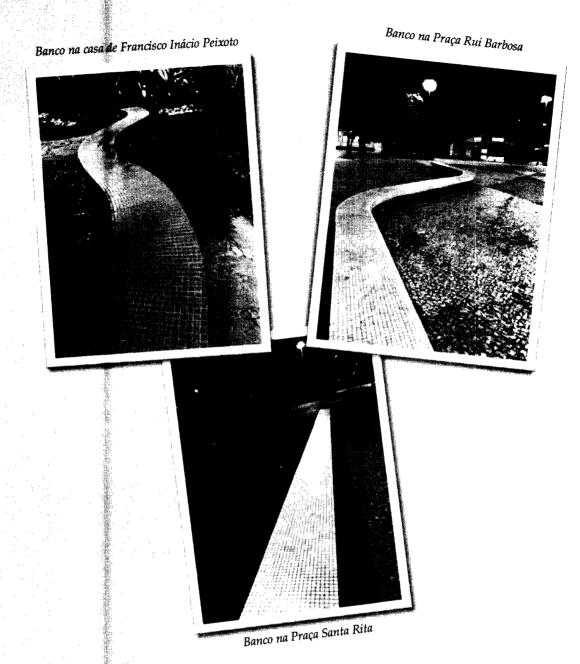
modernista.







Sinuosas insinuantes linhas à sombra do sol que esplende: Kta-Ktá-Ktaguases!

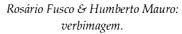


"Se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos,
a curva é o que faz o concreto buscar o infinito", disse um dia Niemeyer.
Precursor do modernismo também em Cataguases, como na curvatura
desse banco por ele desenhado nos jardins da casa de Francisco Inácio Peixoto,
os bancos das praças Rui Barbosa e Santa Rita, que vieram a seguir,
lembram em permanente homenagem a ideia do grande arquiteto.
Brancos bancos pontilhados por pastilhas. São assim esses bancos
em suaves curvas, a buscar o infinito. E que jamais se curvam,
altivos que são. Antes descrevem belas, belíssimas
e discretas, discretíssimas sinuosidades.

Fotos e texto RW









cataguases (es)cultural

No início era a imagem que do verbo se fazia. Nos anos 1920, o cinema surgia mudo na tela do Cine-Theatro Recreio: fronteira-limite do mundo-Cataguases. A língua era projeção, cenas que surgiam e se apagavam, e se fixavam na retina – encadeamento, gramática visual, linguagem. Moderno e ousado, o verbo veio depois, registro e re/criação do cotidiano.

No início, era a imagem muito particular construída por Humberto Mauro. Logo após, a palavra em movimento, a evolução literária e também muito pessoal de Rosário Fusco, de Guilhermino Cesar, de Ascânio Lopes, de Francisco Inácio Peixoto, de Enrique de Resende, daqueles "desatinados" rapazes da revista *Verde*.

A imagem, o verbo – verbimagem que seriam mixados logo à frente, quando o cinema se fazia falado e se faria falar, fixando-se no inconsciente coletivo do século 20. O verbo e a imagem: a língua e o cinema registram o fato e o sonho, a crônica e a ficção em movimento – nem sempre sincrônicas, nem sempre em sintonia –, construindo, antevendo, e às vezes até mesmo ultrapassando o futuro-passado. O cineasta Stanley Kubrick diria melhor: "2001" é ontem. Ou não?

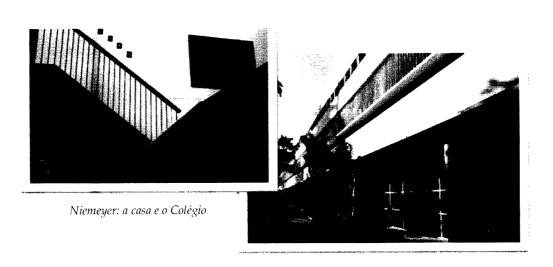
Conhecida como "terra de Humberto Mauro", Cataguases acostumou-se a conviver com o cinema nos anos 1920, quando havia na cidade a Phebo Brasil Film, empresa que produziu as primeiras fitas do cineasta. Na verdade, Humberto Mauro nasceu mesmo em Volta Grande, também na Zona da Mata mineira, mas morou em Cataguases desde a adolescência até o final da década de 1920 e foi ali que dirigiu seus quatro primeiros longas-metragens. Mas ele, no fundo, é mesmo de Cataguases. Aliás, todo mundo é de Cataguases. Inclusive quem não é. Como já disse um poeta "nativo": terra de/ ascânio lopes enrique de resende/ guillhermino cesar humberto mauro/ patápio silva rosário fusco/ gente boa/ impropria/ mente/ nenhum deles/ al di là delle stelle/ nenhum/ de lá é/ pois/ ninguém/ de cataguases/ vem/ ou quase".

Moderna que nem ela

Antenada na modernidade. Tratando-se de Cataguases, não é apenas uma expressão a mais. Desde os anos 1940, a cidade passou a "respirar o moderno" por todas as suas ruas. Prédios, esculturas, monumentos – tudo, quase tudo hoje tombado nessa cidade que é um monumento vivo do modernismo no interior do país. Aquela casa "esquisita"? Ali morou aquele "poeta moderno", Francisco Inácio Peixoto, um dos fundadores



da revista *Verde*, a principal vertente do movimento modernista de 22 no interior de Minas, com conexões em todo o Brasil e até mesmo no exterior. O mesmo Chico Peixoto que, em 1940, vai chamar Oscar Niemeyer para projetar sua casa – a primeira de fatura moderna na cidade e uma das obras iniciais do jovem arquiteto.



Nela, jardins de Burle Marx, escultura de Jan Zach e de José Pedrosa. E, em seu interior, mobiliado por Joaquim Tenreiro, telas de vários expoentes do modernismo e de outros movimentos, daqui e do exterior. Niemeyer seria "convocado" também, em 1945, para projetar o moderníssimo prédio do Colégio Cataguases, referência do ensino secundário no Brasil dos anos 1950. Nos anos 20, no antigo ginásio, havia estudado Ary Barroso, autor do Hino do Colégio. Nos anos 1950, como se para não romper "a tradição musical" da cidade (que contou e conta entre outros com nomes como Patápio Silva, Lúcio Alves e Maria Alcina) estudariam no Colégio outros grandes de nossa música, como Chico Buarque e Dori Caymmi.

A luz, a língua, o cinema



I Cineport, Cataguases, 2005. Ao microfone, o cineasta Flora Gomes, da Guiné-Bissau; a seguir, a poeta Olinda Beja, de São Tomé e Príncipe; o ex-presidente Mário Soares, de Portugal; Miguel Hurst, ator e secretário de Cultura de Angola; RW e o cineasta mineiro Geraldo Veloso.

Cataguases é modernista por (e)vocação. É literatura (moderna) e cinema (moderno) desde os primeiros tempos do século 20. O Rio de Janeiro está a menos de quatro horas de automóvel. Belo Horizonte, um pouco mais: quatro horas e meia, se tanto. Juiz de Fora, pertinho: menos de duas horas. Conectada aos grandes centros, a cidade pulsa antenada na modernidade.

Várias indústrias de bom tamanho, principalmente de tecidos, e uma centenária Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (hoje, Energisa), suprindo de energia Cataguases e quase toda a Zona da Mata de Minas Gerais, inclusive outras cidades, do estado do Rio, do Nordeste, Centro-Oeste e Norte do país.



Cineport é cachoeira: RW, Walter Carvalho, Mônica Botelho e André di Mauro, (des)vestido a rigor.



Confraria do Cinema: RW, o cônsul português Frederico Silva, o cineasta Paulo Cezar Saraceni e o dramaturgo Alcione Araújo.

A luz, a língua, o cinema: motores do Cineport, o Festival de Cinema dos Países de Língua Portuguesa – promovido pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho – que movimentou as ruas de Cataguases e da Zona da Mata em sua primeira edição, ocorrida em junho de 2005, com a participação das oito nações que formam a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.





Frente ao sol do Algarve, e sob as lentes do cineasta moçambicano Sol de Carvalho, RW parece olhar, e olha, para Henrique Frade e Mônica Botelho, os idealizadores do Cineport, na abertura do Festival em Lagos, Portugal.

Somadas suas várias edições, ultimamente realizadas em João Pessoa, na Paraíba – e após passar em 2006 pela cidade de Lagos, em Portugal – o Cineport significou uma pequena, mas fortíssima, revolução em Cataguases e em toda a Zona da Mata de Minas Gerais. Moderna, ousada e, por que não?, petulante mesmo, volta a ser a cidade agora, quando se transforma – impulsionada pelo bater inicial das claquetes do Cineport – em cidade-locação, *set* de filmagens de várias produções recentes sob o selo do Polo Audiovisual da Zona da Mata, criado três anos antes, em 2002.

Cidade-locação

Entre essas produções, filmes como *Meu Pé de Laranja Lima*, dirigido por Marcos Bernstein em 2010; *Pequenas Lonas*, de Marcos Pimentel, 2010; *Sobre a Neblina*, de Paula Gaitán, 2011 (premiado no Festival de Brasília); *O Menino no Espelho*, de Guilherme Fiúza Zenha, 2012; *Vaga-Lumes*, de Daniela Guimarães, 2012; *A Família Dionti*, de Alan Minas, 2013; *Introdução à Música do Sangue*, de Luiz Carlos Lacerda, 2014; *Campo de Jogo*, de Eryk Rocha, 2014.







Produções do Polo: Menino no Espelho, 2012; Introdução à Música do Sangue, 2014; e Aos pedaços, 2018.

Estive em Lisboa e lembrei de você, de José Baharona, 2014/2015; Redemoinho, de José Luiz Villamarin, 2015; Coração das Trevas/Kurtz, de Rogério Nunes, 2016; Maria do Caritó, de João Paulo Jabur, 2017; Humberto Mauro, de André di Mauro, 2018; Aos Pedaços, de Ruy Guerra, 2018 (premiado no 48° Festival de Cinema de Gramado); Derrapada, de João Amorim, 2019; Natureza Morta, de Clarissa Ramalho, 2019.

Tudo a ver. Polo industrial, cidade antenada com o novo, Cataguases apostou no sucesso da primeira edição do Cineport como uma retomada histórica. Cinema e língua portuguesa, como nos tempos da Phebo e da *Verde*, acrescidos de um olhar para o futuro, um primeiro e promissor diálogo com as nações que compartilham o mesmo idioma, mas que possuem culturas tão diversificadas.

Polo audiovisual

Criado em 2002, o Polo Audiovisual da Zona da Mata é fruto de uma iniciativa da Fundação Ormeo Junqueira Botelho e do Instituto Cidade de Cataguases. Focada no histórico Ciclo de Cinema de Cataguases, a Fundação houve por bem eleger a atividade cinematográfica como um dos pilares de seu programa de desenvolvimento e economia criativa.

Tudo começou há cerca de vinte anos, com a inauguração do Centro Cultural Humberto Mauro e também do Memorial dedicado ao cineasta, além da solidificação de uma parceria, que vem até hoje, com a Fábrica do Futuro – Incubadora Cultural do Audiovisual e Novas Tecnologias.

Em 2008, na sequência do Cineport, chega a vez do Festival Ver e Fazer Filmes, já com várias edições – uma abertura de novos horizontes para as habilidades dos jovens interessados no audiovisual. Realizado anualmente em Cataguases, desde 2008, o Festival tem como objetivo principal dar maior visibilidade às ações, projetos e iniciativas desenvolvidas no âmbito do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais.

Ver & Fazer

O Ver e Fazer Filmes é um evento que promove ações de formação do olhar de crianças e adolescentes locais, e possibilita a troca de experiências entre diversos profissionais, especialmente dos setores do audiovisual e da educação, por meio de fóruns e workshops. O evento fomenta a



produção de uma nova geração de talentos locais, ao mesmo tempo em que organiza a primeira exibição das produções realizadas nas diversas cidades da região integradas ao arranjo criativo e produtivo do Polo Audiovisual.

Na Etapa "Ver", a Mostra Cine Escola Animada é uma ação de formação dirigida ao público infantil e juvenil, que promove a exibição, debates e premiação de filmes de longa e curta-metragem da recente produção nacional. O Cine Escola mobiliza, a cada edição, cerca de 1000 estudantes e 100 professores da rede pública de ensino da região, que irão integrar também o Júri Infantil e o Júri Juvenil para eleger o Melhor Filme da Mostra.

Na Etapa "Fazer", a Mostra Usina Criativa de Cinema é uma ação de exibição e premiação dos curtas-metragens realizados por novos talentos da Região, selecionados por meio de uma chamada pública. A cada, edição, com oito meses de antecedência do Festival, uma chamada pública é realizada para selecionar projetos de realizadores locais, que receberão recursos financeiros e consultorias técnicas para produção de seus curtas-metragens. No Festival serão exibidos e premiados em diversas categorias por júri técnico e popular, marcando o encerramento como uma das ações mais concorridas da programação.

Retoma assim o Polo Audiovisual uma histórica vocação cinematográfica vinda dos primórdios de Humberto Mauro e do pioneirismo da Phebo Brasil Film. Ao longo do século 20, e pós-Mauro, Cataguases só veria filmagens em suas ruas

quando, nos anos 1960, Paulo Martins dirigiu o longa-metragem *O Anunciador, O Homem das Tormentas*, produzido pelo poeta Francisco Marcelo Cabral com atores e técnicos cataguasenses: a cidade-*set*, em tempo de cinema.

Na mesma década, dois outros filmes tiveram locações em Cataguases e região: *O Desconhecido*, de Ruy Santos, produzido pelo industrial Simão José Silva; e *A Noiva da Cidade*, de Alex Viany, a partir de um argumento de Humberto Mauro. No final do século passado, Paulo Cezar Saraceni roda *O Viajante* (1999), com várias sequências tomadas em Cataguases e arredores.



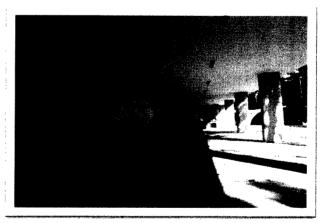
Para principiantes e iniciados

Um rio, uma ponte, uma praça, uma igreja. Algumas ruas e casas distribuídas num quadrilátero central e quase perfeito. Seis mil habitantes, se tanto. Assim era a Cataguases do início do século XX, pouco depois de sua transformação em município (1877). Uma cidade igual às outras, uma entre tantas outras pequenas cidades do interior de Minas.



Cento e tantos anos depois, o rio continua a passar, agora sob três pontes. Há outras tantas praças e igrejas. As casas já se erguem fora do entorno do quadrilátero central e há um esboço de verticalização, prédios e mais prédios. É uma cidade habitada por cerca de 80 mil pessoas, a que hoje ali se encontra, às margens do rio Pomba.

O Colégio? Obra de Oscar Niemeyer (1947), com painel de pastilhas do modernista Paulo Werneck e mobiliário do português Joaquim Tenreiro, que praticamente iniciou em Cataguases sua carreira de *designer* de móveis. O Colégio Cataguases, com seu internato nos anos 50 – onde estudaram Chico Buarque, Dori Caymmi, Pedro de Moraes



Painel de Paulo Werneck no Colégio Cataguases.

(filhos de Sérgio Buarque de Holanda, Dorival Caymmi e Vinicius de Moraes). E todos os demais meninos de seus nobres e famosos papais (às vezes, nem tanto,

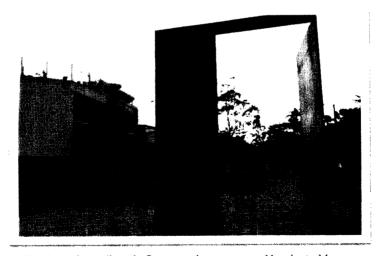
a exemplo de Carlos Imperial) – intelectuais de renome e também todos eles amigos do diretor, o escritor cataguasense Francisco Inácio Peixoto.

A igreja? Ousada como uma aeronave que pousasse em plena praça Santa Rita de Cássia, a padroeira da cidade. Projeto de Edgar Guimarães do Valle, com um portentoso painel de Djanira na fachada. A capela do Educandário ao lado? De Francisco Bolonha, com afresco de Emeric Marcier e painel externo de Anísio Medeiros. Ali também, na mesma praça Santa Rita, a imponência neoclássica do Paço Municipal.

O prédio modernista da outra praça, a Rui Barbosa? Dos irmãos MMM Roberto. O cinema Edgard? De Aldary Toledo e Carlos Leão. O outro cinema na diagonal, o velho Cine Machado? Hoje totalmente remodelado, é onde se encontra o Centro Cultural Humberto Mauro.

O arrojado coreto na mesma praça? Também de Francisco Bolonha. O mesmo Bolonha que assina outras tantas obras na cidade, inclusive o Monumento a José Inácio Peixoto, na pracinha do outro lado do rio, onde se destacam as contribuições modernistas de Candido Portinari (painel em azulejos *As Fiandeiras*) e Bruno Giorgi (escultura *A Família*).

O hotel? Absolutamente modernista (final dos anos 40), com nítidas influências de Niemeyer. Obra de Aldary Toledo e Gilberto Lira de Lemos, que vai dominar a produção da arquitetura moderna na Cataguases da década seguinte. Escultura de Jan Zach e jardins de Burle Marx, outro nome de ponta a desenhar o paisagismo do entorno de várias construções da cidade.



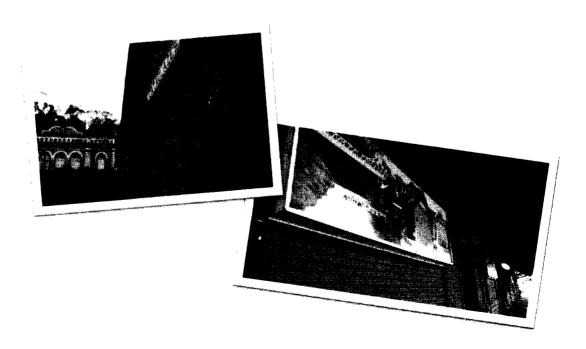
Escultura de Amilcar de Castro em homenagem a Humberto Mauro.

Essa, a "Cataguases moderna", com uma série de outras casas e prédios do mesmo porte. E esculturas, como a vanguardista obra de Amilcar de Castro na avenida Humberto Mauro, monumento ao cineasta que projetou o nome de Cataguases.

O entorno da estação ferroviária? Ali, preservou-se a tradição. É onde se encontra o próprio prédio da estação, conservado em suas linhas que remetem aos pavilhões industriais ingleses – hoje sediando o Centro Cultural Eva Nil, a estrela dos primeiros filmes de Humberto Mauro.

E ali também construções neoclássicas e ecléticas, como o Grande Hotel Villas e a Chácara Dona Catarina – típico exemplar dos chalés românticos predominantes na arquitetura do último quartel do século XIX –, totalmente restaurada pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho, que hoje abriga a Biblioteca Municipal Ascânio Lopes. Em seus jardins, agora transformados em praça pública, a bela escultura *Violeta* de Sonia Ebling. Nas proximidades, o imenso prédio "vitoriano" da antiga fábrica de tecidos, ex-sede do Instituto Francisca de Souza Peixoto, hoje um supermercado. Acontece também em Cataguases.

Aquele belo casarão no início da principal avenida da cidade, a Astolfo Dutra? É obra típica do início do século XX, construção que remete ao *art nouveau* e que hoje abriga o Museu Energisa. É onde nosso rápido passar pela cartografia de Cataguases tem seu fim e início, que Cataguases não acaba nunca.



a casa do chico



O compositor Chico Buarque disse certa vez que desde menino queria ter morado numa casa desenhada por Oscar Niemeyer, amigo de seu pai, Sérgio Buarque de Holanda. O que de fato aconteceu, quando nos anos 1950 estudou como interno no Colégio Cataguases, projetado pelo arquiteto, e acabou "morando" por seis meses na "Casa de Oscar", como ele mesmo denominou o Colégio.

Já o escritor Francisco Inácio, o Chico Peixoto – que foi diretor do educandário onde seu homônimo Chico Buarque era aluno interno – contratou Niemeyer não só para projetar o prédio do Colégio (inaugurado em 1949) como o de sua própria casa, uma das primeiras criações de Oscar, pronta em 1941. Francisco Inácio Peixoto morou por quase metade de sua vida na Casa de Oscar – na verdade a "Casa do Chico".

"A casa é simples, confortável e bem resolvida", diria 50 anos depois o arquiteto Oscar Niemeyer. Contemporâneo ao projeto da Pampulha em Belo Horizonte, esta residência é o primeiro marco do modernismo em Cataguases – e também em Minas Gerais. Os mesmos princípios de simplicidade e correção que Niemeyer aplicaria, logo em seguida, ao traçado do Colégio Cataguases, aparecem nas linhas da casa do escritor Francisco Inácio Peixoto.

Os dois projetos foram concebidos a partir de um volume retangular apoiado sobre pilotis e lançado em meio aos jardins de Burle Marx. Na residência, desta-

cam-se a integração dos ambientes internos e externos; o pátio interno – de onde se vê entre as folhagens do jardim contornos de nus esculpidos por José Pedrosa – e a área de frente, onde surge a escultura de uma mulher, tema recorrente na obra do tcheco Jan Zach.

"Quando o cliente veio ver o projeto, logo arregalou os olhos e disse: é isso que eu queria. Aí começou a minha história do móvel moderno". As palavras são do designer Joaquim Tenreiro, cuja inquietude o levou a redimensionar o mobiliário brasileiro por julgá-lo desconfortável: "Sempre defendi o artesanato com ardor, contra a industria-lização que aviltava o nosso mobiliário".



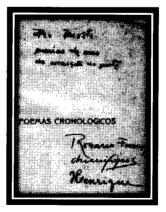
O cliente da história é o escritor Francisco

Inácio Peixoto – culto, sensível, antenado com a modernidade –, que abriu a Tenreiro a possibilidade de mostrar seu poder criador nos móveis desenhados para sua casa, e mais tarde para o mobiliário do Colégio, acompanhando o arrojo e a poética da nova arquitetura.

Na verdade, o "pátio interno" referido acima era para ser a entrada principal da casa. Ousado, Niemeyer projetara sua chegada pelo rio Pomba, que corre ainda hoje nos "fundos" da casa. Oscar queria que se chegasse à casa de barco, Pomba aforadentro, um rio pouco navegável, mesmo na época. Nunca aconteceu. A entrada ficou mesmo sendo a que estava destinada à garagem, que dá para a rua Major Vieira, mais conhecida como a "do Pomba": não o rio, mas a rua.



A Francisco Inácio Peixoto, no dia da fabulosa descoberta de Cataguases e do amigo, oferece o João Cabral de Melo Neto Cataguases, 12.10.953.



Ao Peixoto menino de ouro do coração da gente. Rosário Fusco Ascânio Lopes Henrique ("Enrique" de Resende).

A "Casa do Chico Peixoto" sempre foi um "acontecimento literário" enquanto o escritor estava vivo. Ali – ao lado de quadros de Portinari e Santa Rosa, de tapeçaria de Lurçat, de esculturas de Jan Zach e José Pedrosa – ele leu, escreviveu e criou seus sete filhos ao lado da mulher, Amelinha. Por ali circularam inúmeros intelectuais e escritores ao longo dos anos, de Millôr Fernandes a Herberto Sales, de João Cabral de Melo a Neto a Lúcio Cardoso – e principalmente por ali passou (e quase "sentou praça") o romancista Marques Rebelo, o grande amigo de Chico Peixoto, habitué da casa por várias décadas.



Rebelo/set. 32.

Animadas reuniões: a literatura na varanda.

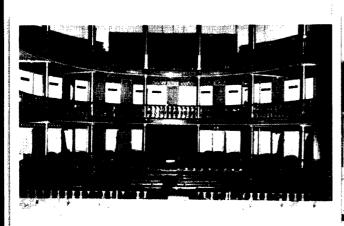
vistas de uma cidade antenada com seu tempo



















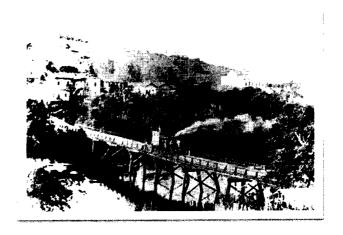






uma povoação bem regular, para a qual convida a sua bela localidade.

"Entramos então num vale percorrido por um rio maior, cujo curso seguimos, chegando em breve a uma região de florestas menos densas, que se estendia até a aldeia de Santa Rita da Meia-Pataca" — relata o naturalista alemão Hermann Burmeister, sobre sua viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre junho e dezembro de 1851.



"A localidade está situada na confluência do pequeno rio com o da Pomba, numa larga planície a 50 pés do nível deste, que é atravessado numa bela ponte de madeira de 380 pés de comprimento.

A aldeia forma um retângulo em cujo meio se encontra a igreja, por onde passa a estrada que conduz até a ponte e às margens do rio da Pomba. As casas eram todas de aspecto agradável e molduradas por faixas brancas de cal. O lugar revela certo movimento e a estrada vinda do interior, atravessando o rio da Pomba e seguindo para Cantagalo e Nova Friburgo até o Rio de Janeiro, aumenta-lhe ainda a importância".

Burmeister levava uma carta de recomendação para Mme. Maria Marlière, viúva do antigo proprietário da Fazenda Guidovale. Mas, "preocupado com outros assuntos, esqueci de indagar o caminho e só mais tarde soube que já havíamos deixado Guidovale para trás". A aldeia a que o viajante se refere era a Freguesia de Santa Rita da Meia-Pataca, posto a que fora elevado, em outubro daquele 1851, o Curato ali existente – criado dez anos antes, em abril de 1841, e que sucedera ao Arraial da Meia-Pataca.

Marlière: invocação de Santa Rita



Foi este o nome recebido pelo antigo lugarejo chamado Porto dos Diamantes com a chegada à localidade, em maio de 1828, do francês Guido Thomaz Marlière, Coronel Comandante das Divisões Militares do Rio Doce, Diretor Geral dos Índios e Inspetor-Geral da Estrada de Minas aos Campos de Goitacazes. Marlière pouco ficou na localidade – seria enterrado menos de dez anos depois, em 1836, em sua fazenda Guidovale, na Serra da Onça.

Nascido em Jarnages, no centro da França, em 3 de dezembro de 1767, Guido Thomaz Marlière morreu pouco antes de completar 70 anos. Mas sua estada no Porto dos Diamantes foi de extrema importância pela demarcação das terras e por semear uma nova civilização a partir do recém-criado Arraial da Meia-Pataca.

Em 26 de maio de 1828, Marlière recebe o termo de posse da "nova povoação deste lugar em que se acha erecta uma capela debaixo da invocação de Santa Rita" – doação feita por seu subordinado, o Sargento de Ordenanças Henrique José de Azevedo, Comandante da 3ª Divisão Militar, que se encontrava aquartelada no povoado.

Relato de Marlière: "Confrontações do terreno: ao nascente, com o ribeirão chamado Meia-Pataca; ao poente com o rio Pomba; ao nordeste com um pequeno córrego, que deságua no Meia-Pataca; e, pelos fundos, com o doador. Delineei as ruas na distância de 50 passos de um a outro ângulo da Igreja, que por ora não tem senão a Capela-Mor, a fim de que se forme uma povoação bem regular, para a qual convida a sua bela localidade".

Havia ali, guardadas as distâncias, trinta e oito "fogos de brasileiros" – simples choças ou casebres – e algumas aldeias de índios coroados, coropós e puris. Possuía muitas distinções o coronel Marlière, mas a que melhor lhe cabia



era a de Encarregado da Civilização e Catequese dos Índios. Chamado de "o apóstolo das selvas mineiras", ele pacificou e integrou à comunidade milhares de silví-

colas. Expulsos do litoral pelos portugueses, esses índios se meteram pelas matas do Rio de Janeiro e tomaram rumo Oeste, seguindo o curso do Paraíba e de seus afluentes, entre eles o rio Pomba. Dedicavam-se à caça e à coleta de plantas nativas e medicinais, como a poaia e a ipecacuanha.

Coroados, puris, pataguás

Os coroados, ou croatos, nome que os portugueses denominaram os goitacás chegados a Minas, possuíam grande força física e habilidade para manejar seus pesados machados de pedra. A tonsura de seus cabelos formava uma coroa no alto da cabeça – daí porque foram chamados croatos pelos desbravadores brancos e mestiços, os mesmos que os exterminaram por volta dos anos 70 do século XIX.

Os coropós, mais conhecidos pela forma sincopada cropós e também de origem goitacás, antecederam os croatos nas matas de Minas, em terras vizinhas dos rios Doce e Jequitinhonha. Mas o seu verdadeiro domínio era o Vale do Rio Pomba.

Já os puris eram encontrados, até o final do século XVIII, nas selvas dos futuros municípios de Ervália, Guiricema, Miraí, Muriaé, Volta Grande e Leopoldina. Fugindo de ataques dos croatos, que os expulsaram de suas malocas nas paragens dos rios Muriaé e Bagres e das colinas da Serra da Onça, os puris se refugiaram na área desenhada pelo rio



Angu, o ribeirão Meia-Pataca, o rio Pomba e o futuro município de São João Nepomuceno. Foram os índios mais pacíficos de todas as Minas Gerais. Só lutavam quando atacados de surpresa, ou impedidos de fugir. Ao final, eram quase sempre derrotados. Mas eram imbatíveis quando se tratava da extração da poaia. Havia também os cataguás, ou cataguases. Mas esses nunca andaram pela Mata mineira.

"Que há num nome? que vale?/ Que vale um nome tupi?/ Cataguases cataguases/ nunca pisaram aqui." – escreveria no ano 2000, e com toda a propriedade, o poeta cataguasense Francisco Marcelo Cabral. Até o século XVIII, os cataguás habitavam o Centro, o Oeste e o Sul de Minas e era de tal ordem a extensão de

seus domínios em solo mineiro que a região chamou-se, de início, Campos Gerais dos Goitacazes, depois Minas Gerais dos Goitacazes e, até mesmo, Cataguases.

Eram índios temidos por sua ferocidade, mas foram os cataguás os gentios que mais sofreram com a ação escravizadora dos bandeirantes do ciclo paulista em busca das terras de rica formação mineral aurífera ou das paragens em que, supostamente, abundavam diamantes e outras pedras cobiçadas.

Vencidos no próprio solo, foram mortos ou conduzidos para a orla marítima como prisioneiros. Cataguás, como se autodenominavam, significa "gente boa", e tem raízes na língua tupi: $ca+tu+au\acute{a}$. Gente boa, os $catuau\acute{a}s$: os pesquisadores até hoje lamentam o seu extermínio antes que deles se levantassem maiores informações sociais, políticas, etnológicas e econômicas.



que te conferem a glória de não seres como outra qualquer um simples mercado mas uma cidade, oh sim, uma cidade!

"Chamando-se a fazenda Cataguazes, o coronel José Vieira de Rezende e Silva d'ella natural, quando creou por seus esforços a villa, no arraial de Santa Rita do Meia-Pataca, deu-lhe o nome de Villa de Cataguazes, por grata recor-

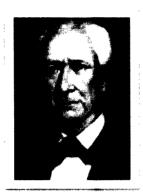


dação de sua pátria. Mas os *Cataguá*, índios, nunca talvez nessa região do Meia-Pataca puzessem os pés, íncolas que foram de muitas diversas paragens" – registravam em 1908 os irmãos Arthur e Astolpho Vieira de Rezende, in *O Município de Cataguazes*.

A criação da "Villa de Cataguazes" a que se referem fora sancionada pela Lei Provincial 2.180, de 25.11.1875, graças aos esforços do deputado Vieira de Rezende. A princípio, o nome seria Vila do Meia-Pataca. Mas o coronel acabou sugerindo "Cataguazes", nome do pequeno rio que banha a fazenda do Bom Retiro, na região de Lagoa Dourada, onde nascera.

E foi com o nome de Vila de Cataguazes que o município foi inaugurado dois anos a seguir, em 7 de setembro de 1877. O coronel Vieira morreria quatro anos depois, em 1881 – no mesmo ano em que a vila seria elevada à categoria de cidade. Cataguazes ainda com "z", é verdade: mas já estava ali a cidade a pulsar.

Major Vieira: o barão audaz



Antes do coronel, houve o major, seu pai. "Eis senão quando, em 1842, dá entrada nestas paragens, provindo da Lagoa Dourada, um respeitabilíssimo varão, com todas as características de barão audaz", escreveria em 1969 um arrebatado Enrique de Resende in *Pequena História Sentimental de Cataguases*. "Joaquim Vieira da Silva Pinto, mais tarde o Major Vieira – que, seguido de escravos e abrindo picada na mata virgem, fundou a Fazenda da Glória, um latifúndio de milhares de alqueires de terras, a três léguas

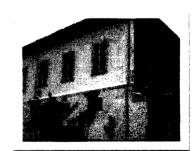
do povoado, fazendo-se o chefe incontrastável de toda a região, que passou a obedecer-lhe, pelo prestígio, e a admirá-lo, pela sua conduta". Em 1851, quando o Curato passa a Freguesia de Santa Rita da Meia-Pataca, Joaquim Vieira da Silva foi distinguido pelo governo imperial com o título de major.

A Fazenda da Glória tornava-se centro irradiador de lavouras – "as derrubadas, as queimadas, o plantio do café, com a escravaria no eito, em sucessivos mutirões, davam a impressão de que uma nova era despontava" – e logo modelo e estímulo para que a fertilidade daquelas serras e aqueles vales, "opulentos e banhados por rios anônimos e selvagens", atraíssem sitiantes e fazendeiros vindos "dos mais longínquos pontos da Província, para o novo Eldorado – a Zona da Mata".

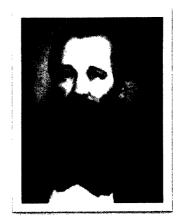
A prosperidade de sua fazenda irradiava-se para o povoado, onde cada vez mais se firmava o prestígio político do major – seu nome já "abrira sua própria picada" por toda a região, chegando ao governo provincial, onde era conhecido como o "Leão da Mata". Cabia-lhe manter a ordem e a justiça na região. Bando-leiros e criminosos que acaso descessem a Serra da Onça para saquear o povoado sabiam encontrar em Santa Rita do Meia-Pataca todo o peso da autoridade do "Leão da Mata".

O Rochedo e os caminhos da modernidade

A influência do major na região seria passada a seu filho, José Vieira de Resende e Silva – formado em Humanidades, ele ingressa na vida política e torna-se um dos hábeis homens públicos de seu tempo. O poder muda da "Glória" para o "Rochedo", o belíssimo solar inaugurado por José Vieira no Natal de 1878.



Eleito deputado provincial em 1862, é logo nomeado Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional, prestando relevantes serviços durante a Guerra do Paraguai. Em 7 de setembro de 1877 – em meio a fogos de artifício, "opíparo banquete", bandas e um "inesquecível baile" – o deputado-coronel, e também presidente da Câmara, recebe autoridades para os festejos de inauguração da Vila de Cataguases e do terminal da Estrada de Ferro Leopoldina. Por sua força e via férrea vinha o progresso.



Havia seis ruas e duas praças na recém-inaugurada Vila de Cataguazes. Não eram bem ruas, mas caminhos: o do Passa Cinco, o do Sobe e Desce, o do Pomba, o do Meio, o do Cemitério e o caminho da Estação. Também não eram praças, mas largos: o da Matriz, hoje praça Santa Rita; e o largo do Rosário – que depois seria "do Commercio", praça Marechal Floriano e finalmente praça Rui Barbosa.

As casas não chegavam a 90 e a população, com menos de 500 pessoas, contava com duas farmácias e duas fábricas de cerveja. Não havia serviço de água nem esgotos. Menos de vinte anos depois, antes da virada do século, a cidade de Cataguases já trilhava caminhos mais largos e se abria para a modernidade.



o baío da railway bufando com bazófia entre nostálgicas indústrias se acendendo se ascendendo se



Um dos mais importantes atos da primeira Câmara Municipal de Cataguases, em sua sessão inaugural de 10.09.1877, foi a destinação de verba para reparação da ponte de madeira sobre o rio Pomba, que fora

concluída em 1842. Ela resistiria com garbo à grande enchente de 1906 e só seria desativada com a inauguração da ponte metálica em 1915. Iniciada em 1839 – sob responsabilidade de João Pedro de Souza, pai do futuro fazendeiro e industrial Coronel Antônio Augusto de Souza – a ponte de madeira abriu caminho para o início da construção de estradas ligando a cidade a Minas e ao mundo.

As fazendas, os coronéis e seus "cobres", a gerar riqueza, mover, sustentar a cidade. A ponte, as estradas e a ferrovia levando café e trazendo os portugueses e o progresso. João Duarte Ferreira, Manuel Ignácio Peixoto. Pouco antes da virada do século, o café alcançava preços inacreditáveis e as lavouras afloravam por todo o município. Tempo de iniciativas arrojadas, empresas prosperando, tempo de uma cidade-empório regional do café, movimentada praça comercial. Também tempo de tristeza: "vai longe o tempo nefário/vão longe os dias de dor", diria mais tarde o poeta Rebeldino Batista em seu hino cataguasense.

A febre amarela grassa, desgraça e desengraça a cidade por longos anos. Sem o mais elementar serviço de água e esgotos, foram realmente "nefários" aqueles tempos entre 1889 e 1896 – apesar da "importação" do jovem engenheiro Paulo de Frontin e de seu projeto de saneamento, baldio e embalde. As mazelas municipais seriam em parte amenizadas, pouco depois, pela ação humanitária de José Gustavo Cohen, criador da Assistência Humanitária 33 de Cataguases, embrião da Casa de Caridade e do futuro hospital.

Coronéis e bacharéis



Passada a febre e o susto, outra febre e seu surto: Cataguases vira o século em construção. O café gera a indústria com seus bancos e prédios. Tudo "muito João Duarte". O coronel e suas fazendas, o coronel e seu engenho de café e seu banco e edifícios: o Paço Municipal, o Theatro Recreio, o Hotel Villas – não por acaso, e no início, o "Banco do Coronel". Antônio Augusto, Arthur Cruz. Colonizada pelos coronéis, civilizada pelos bacharéis. É logo século XX e Astolpho Dutra. É século XX e Héitor de Souza e Afonso e Astolpho

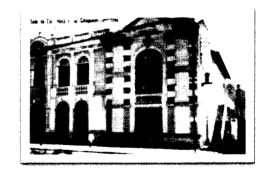
Resende e Navantino Santos e Norberto Custódio Ferreira.

Este, junto com o coronel Araújo Porto, alia-se a João Duarte e ao médico austríaco Maurício Murgel para fundar, em 1905, a Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguases – a pioneira de uma irresistível vocação têxtil, por excelência o tecido da trajetória industrial de Cataguases ao longo do Novecentos.

Naquele mesmo 1905, Norberto Custódio Ferreira iria fundar – também junto com João Duarte e José Monteiro Ribeiro Junqueira – a Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (hoje Energisa). A cidade cresce. E se movimenta: em 1910, Joaquim de Souza Carvalho cria a Sociedade Carris Urbanos de Cataguases, com seus bondinhos circulando cataguasenses e nostalgia até 1914. Durou pouco, mas que saudade!

Apaguem os lampiões: ave luz!

O livro 90 Anos de Modernidade, lançado pela Cataguazes-Leopoldina em 1995, registra que em 1905 "foram constituídas no país apenas duas sociedades anônimas de capital majoritariamente nacional". Ambas sediadas em Cataguases. Ambas relacionadas ao aproveitamento da energia elétrica: uma, como geradora e distribuidora; outra, como futura consumidora.



Constituídas no mesmo dia, 26 de fevereiro, eram filhas de uma mesma ideia: "a de superar a crise econômica da região, redirecionando – para a formação industrial do município – a aplicação de capitais vinculados à agricultura". Apaguem os lampiões e *Ave, Luz!* Esta a ordem do dia 14 de julho de 1908: apaguem os lampiões da roça que a cidade tem luz própria – e para sempre. A empresa acendia a cidade e gerava energia e riqueza. Conectada, a indústria nela se fiava para mecanicamente fiar seus fios e desafiar o futuro.



Em 1911, o português Manuel Ignácio Peixoto adquire a Companhia de Fiação e Tecelagem. Em 1913, admite seus filhos como sócios e a nova "M. Ignácio Peixoto e Filhos" é dinamizada pela eletricidade, que permite a troca do antigo maquinário movido a vapor. Este é o momento-chave, o marco inicial

da industrialização em Cataguases. Com a morte de Manuel Ignácio, a razão social passou a Indústrias Irmãos Peixoto.

Ainda hoje a indústria e a Força e Luz (Energisa) encontram-se "linkadas" entre si e à modernidade – e até mesmo à "pós-modernidade" de um tempo de transações eletrônicas. Juntas como agora, como antes no início do século e como depois, em meados dele. Em 1936, o engenheiro Ormeo Junqueira Botelho, então presidente da Cataguazes-Leopoldina, vai juntar-se a Severino Pereira e José Inácio Peixoto na fundação da Companhia Industrial Cataguases – merecido orgulho de todos os Peixotos ao longo da história: os Zezitos, os Josués & descendentes.

As indústrias industriando

Um pouco mais e já é tempo de Ivan Müller Botelho no comando da Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (hoje Energisa), já é hora da Cia. Manufatora de Tecidos de Algodão e Rodrigo Lanna; da Companhia Mineira de Papéis e Emanoel Peixoto, que também se ligaria a Simão José Silva nas Indústrias Químicas Cataguases (hoje Bauminas). E logo é hora das Rodas de Negócios, promovida pela Adecat, a Agência de Desenvolvimento de Cataguases que, em parceria com o Sebrae, intermedeia negócios entre grandes consumidores e os fornecedores locais – vitrine

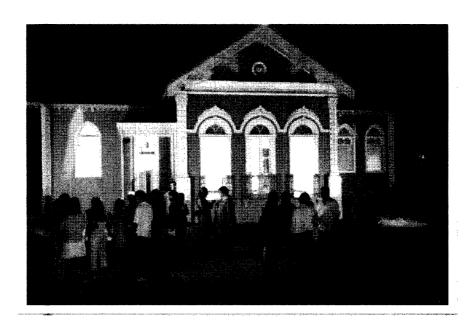
estratégica de uma cidade que ostenta há algumas décadas um polo de indústrias até mesmo de raízes internacionais, como a Miba Industrial Bearings Ltda. (ex-Zollern BHW) ou a Friatec do Brasil Indústria de Bombas e Válvulas.

A indústria "industriando" e o cinema começando: também indústria e comércio. Homero Cortes e Agenor de Barros financiando o sonho de Humberto Mauro e Pedro Comello. Homero remete a Jarbas, seu irmão, ambos sinônimos de Casa Carcacena, ícone derrubado e perdido na memória.

Na diagonal, era a casa de comércio de Antônio Henriques Felippe, que logo depois teria à sua esquerda A Nacional – das três, a única loja que ainda hoje resiste, mesmo que não mais em seu moderno prédio da Praça Rui Barbosa, mandado construir por Antônio Rodrigues Gomes nos anos 50, com projeto dos irmãos MMM Roberto. A indústria, o comércio e até mesmo a história e seus coronéis. Tudo sob o signo da modernidade. Bem Cataguases.



o coronel a chácara dona catarina



Erguida em 1888, a casa do Coronel João Duarte Ferreira – mais tarde conhecida como Chácara Dona Catarina – é um típico exemplar dos chalés românticos predominantes na arquitetura do último quartel do século XIX, comuns nas províncias fluminenses e mineiras que participaram do ciclo do café.

A moda era de sofisticados chalés livremente posicionados entre jardins, que respiravam elegância em meio à amplitude de seus espaços. Com o requintado entrelaçar de suas tramas ornamentais, os lambrequins rendilhados enriquecendo seus beirais, a casa do coronel resplandecia na Cataguases *fin de siècle* – à semelhança de suas similares onde residiam os barões do café.

O Coronel, Catarina e sua Chácara estão indissoluvelmente entrelaçados à história de Cataguases – tanto em termos econômicos como afetivos. A exemplo dos demais imigrantes da época, o português João Duarte Ferreira (1850-1924) veio para Cataguases como trabalhador da Estrada de Ferro Leopoldina, que aos poucos plantava seus dormentes pela Mata mineira afora.

Com grande queda para os negócios, o futuro coronel logo se sobressai como plantador de café e deixa entrever suas facetas de hábil comerciante – dono do Engenho Central de Cataguazes, onde processava café e arroz, e da grande Serraria Mechanica. Financista de sucesso, João Duarte cria no final do século XIX o Banco de Cataguazes, que funcionava no prédio depois ocupado pelo Grande Hotel Villas.

Percebendo as necessidades geradas pelo crescimento do município, em 1905 o coronel João Duarte junta-se a Norberto Custódio Ferreira e a José Monteiro Ribeiro Junqueira para fundar a Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina, viabilizando assim o suprimento de energia às indústrias que nasciam na cidade.

Na política, João Duarte Ferreira foi intendente da Junta nomeada pelo presidente de Minas Gerais, vereador de sucessivas legislaturas, presidente da Câmara e agente-executivo do Município por vários períodos entre 1911 e 1923. Cataguases cresceu junto com o coronel, que aqui viveu durante 50 anos e direcionou os destinos da cidade num período fundamental para a sua formação econômica.

Fronteiriça à Estação Ferroviária, no coração econômico da cidade, a localização de sua residência era mais do que estratégica – ali estava também o cinturão de seus interesses: o Engenho Central, a Serraria. E principalmente o Banco onde, corria a boca não muito pequena, o coronel negociava a *cash* grandes partidas de café. De sua chácara, ele dava intensidade aos seus interesses que eram também os interesses de todo o município. Ele dava vida à vida da cidade.

Numa de suas viagens à Europa, durante um período de graves turbulências conjugais, João Duarte conhece na Itália a jovem Catarina Zauza (1882-1961), com quem começa um romance que iria durar até o final de sua vida. Logo depois, o coronel traz Catarina para residir na Chácara que ela tornaria famosa em Cataguases.

Mulher elegante e viajada, mantinha-se em sintonia com as últimas novidades europeias. Católica, gostava de ouvir programas religiosos pelo rádio. Como também de crochê, de música e dos muitos animais que viviam em sua propriedade: gato, cachorro, coelho, pássaro. Mas Catarina Zauza, que depois iria incorporar o "Duarte" do coronel, gostava mesmo era de gente, da convivência cotidiana, de seu extenso círculo de amizades.

Nos tempos de Dona Catarina, a Chácara era um permanente open garden, com artistas, amigos e convidados num infindável vaivém em seus jardins e

dependências. Palco de festas e saraus, cenário de casamentos, chás e domingueiras dançantes – puro glamour. Exatamente como ela voltou a ser neste novo milênio – um toque de cultura e elegância em pleno coração de Cataguases: de início um museu, agora a Biblioteca Municipal Ascânio Lopes, um dos ases da revista *Verde* dos anos 1920 – que lançou o nome de Cataguases nos meios literários nacionais.



meninim mijão



Diz-que, aos seis anos, o duque Godofredo III fugiu do palácio paterno e saiu vagabundeando pelos velhos quarteirões de Bruxelas. O menininho – que, com moedas afanadas da governanta, bebera bastante "faro", a popular cerveja belga – só foi encontrado tempos depois, na esquina da rua de l'Etuve e rua du Chene. E vertia água copiosamente, naquela mesma pose e local onde ainda hoje se acha o *Manneken-Pis*, o famoso Manequinho de Bruxelas que, dizem, simboliza o feliz desfecho do episódio, ocorrido a poucos metros da Grand Place, no coração da cidade.

Como essa, muitas são as histórias em torno do *Manneken-Pis* – "menino mijando", no idioma flamenco. Há os que o tinham como obsceno, e corre que o papa Benoit XIV chegou a condená-lo a verter água eterna e ininterruptamente – o que nada mais era que a glória por ele almejada.

Construída em 1619 pelo escultor Jerôme Duquesnoy, a irreverente estatueta tornou-se ponto de atração turística, figura amada por toda Bruxelas, recebendo roupas de reis, presidentes e celebridades: há no Museu Colonial um armário guardando mais de 250 das peças de seu vestuário. A primeira delas surgiu em 1698, um manto azul à moda da Bavária, ofertada pelo soberano holandês.

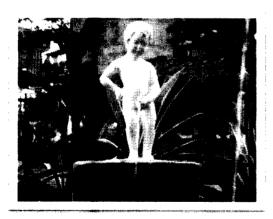
Luís XV presenteou-o com uma veste em brocados de ouro, que se completava com a espada de cavaleiro da ordem de São Luís. A cada horda que invadia a cidade, ganhava o Manequinho roupas ou ornamentos suplementares. Napoleão o promoveu a marquês no século XVIII; em 1816, a Casa de Orange lhe ofertou o uniforme do exército real; em 1830, ele portava a camisa azul que sucedeu à echarpe tricolor do novo Estado Belga.

Ao longo dos séculos, o *Manneken-Pis* transformou-se no "amigo do povo" e foi condecorado por reis e príncipes, coberto de honrarias e distinções civis e militares. E algumas vezes roubado e reposto. Como também roubado, nos anos 80, e depois reposto, foi o Manequinho carioca, cópia realizada em 1902 por Belmiro de Almeida e colocada na Praia de Botafogo, na então Capital Federal.

Em 1957, estreando no ataque do Botafogo de Futebol e Regatas, Mané Garrincha marcou um gol histórico e foi o artífice dos outros cinco da goleada de 6 a 2 contra o Fluminense. Na comemoração do título, num gesto que seria desde então tradicional, a torcida colocou a camisa do Botafogo no Manequinho, transformado em mascote-símbolo do clube. Agora em 2002, entre imóveis e monumentos, a estatueta foi um dos 54 bens tombados com a criação da Área de Proteção do Ambiente Cultural de Botafogo.

Bruxelas-Rio-Cataguases. Esta cópia do Manequinho belga guarda as características da cerâmica de Santo Antônio do Porto, que foram recorrentes no Brasil da segunda metade do século XIX. Vinda de Portugal, ela chegou a Cataguases provavelmente na virada do século passado, sob encomenda do Coronel João Duarte, para ornamentar os jardins da Chácara que estava erguendo – e há décadas era dada como perdida.

No ano 2000, quando do restauro desta propriedade, o Manequinho foi localizado no Almoxarifado Municipal, e entregue à guarda da Fundação Ormeo Junqueira Botelho. Sob orientação do Secretário Estadual de Cultura, Angelo



Oswaldo, contatou-se para restauração da estatueta o Instituto do Patrimônio Histórico de Minas Gerais - IEPHA-MG. Coordenado por Vânia Pereira, o trabalho de recuperação do Manequinho, que se encontrava extremamente danificado, durou cerca de dois anos. Hoje, ele retorna à Chácara com a incontinência de seu pipi centenário.

Inauguração do Museu Chácara Dona Catarina Cataguases, 2002

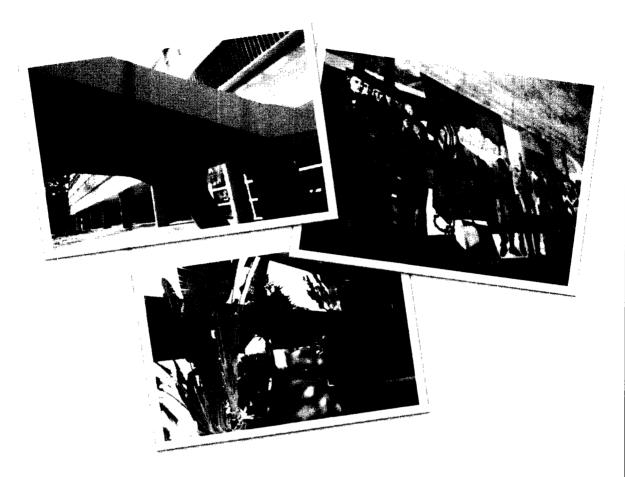
um bolonha ali um portinari aqui plasmando um sonho plástico

RW & Trajano Cortez



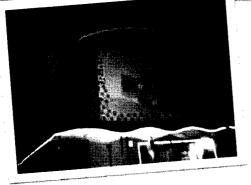
Clichê? Talvez, mas dizer que em Cataguases a tradição e a modernidade andam juntas é a mais pura expressão da verdade. Já ao ser fundada, em 1828, a localidade obedeceu a um plano traçado por Guido Marlière para o desenho urbano de ruas retilíneas, que abriu espaço para se instalar na virada do século XIX um conjunto de elegantes casarões e sobrados. Tão imponentes que vários deles ainda resistem ao tempo. Casarões e sobrados que convivem em harmonia com prédios de inspiração modernista que tomaram conta da cidade a partir dos anos 1940.

Em Cataguases pode-se encontrar as linhas suaves e harmônicas de construções neoclássicas, como o Paço Municipal; o Grande Hotel Villas – projeto de Bergamini; o prédio da Estação Ferroviária logo em frente – hoje, Centro Cultural Eva Nil, a primeira musa dos filmes de Humberto Mauro; o prédio sede da Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (hoje Energisa), contemporâneo da inteireza e sobriedade de linhas da antiga Fábrica de Fiação e Tecelagem M. Ignácio Peixoto e Filhos.



Ao lado deles, monumentos, painéis, esculturas, construções embebidas na estética moderna, um museu vivo do movimento modernista. Como se a cidade fosse moldada por mãos vanguardistas. De certa forma, foi o que ocorreu numa Cataguases que acabou por assimilar as posições pioneiras chegadas ainda na década de 1920 com o cinema de Humberto Mauro e a literatura da revista *Verde* – o braço mais importante do Modernismo de 22 no interior de Minas. E foi exatamente por meio de um dos integrantes do movimento *Verde*, o escritor e industrial Francisco Inácio Peixoto, e de suas ligações com o romancista Marques Rebelo – e a partir dele com os maiores nomes da arte que então se praticava no país –, que nos anos 40 o modernismo efetivamente aportou em Cataguases. Arquitetos, escultores, pintores, escritores, decoradores, paisagistas: a cidade virou quase que um tubo de ensaio do movimento, possivelmente sua mais importante vitrine em todo o interior do país.





Cataguases, Patrimônio Histórico Nacional. No Colégio, projeto de Niemeyer, mobiliário de Joaquim Tenreiro, paisagismo de Burle Marx, painel de Paulo Werneck, escultura de Jan Zach; no Hotel Cataguases, projeto de Aldary Toledo e Gilberto Lyra de Lemos, com escultura de Jan Zach, também mobília

de Joaquim Tenreiro e paisagismo de Burle Marx; no Educandário Dom Silvério, painel externo de Anísio Medeiros, com afresco de Emeric Marcier na capela; no Edgard Cine-Teatro, projeto de Aldary Toledo e Carlos Leão; no projeto de M.M.M. Roberto para o edifício de A Nacional; na Matriz de Santa Rita de Cássia: arrojado desenho de Edgard Guimarães do Valle, deixando a nave livre, com o vão central sem colunas. A destacar, o painel de azulejos de Djanira na face frontal da igreja, tendo Santa Rita como tema.

O modernismo nas ruas, ao ar livre: Monumento a José Ignácio Peixoto, projeto arquitetônico de Francisco Bolonha, com escultura *A Família*, de Bruno Giorgi e painel de azulejos *As Fiandeiras*, de Portinari. Nas casas e em suas fachadas, como no painel de Lazzarini, que se vê na residência de traços marcadamente modernos que se encontra na esquina das avenidas Astolfo Dutra e Humberto Mauro. Na residência de Francisco Inácio Peixoto: projeto de Oscar Niemeyer, paisagismo de Burle Marx, mobiliário de Joaquim Tenreiro, marco inicial do modernismo em Cataguases, junto com o prédio do Colégio.



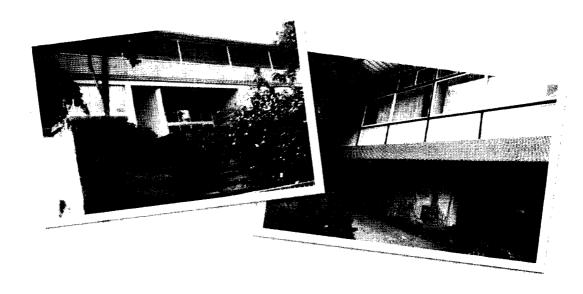


Ou no projeto de Aldary Toledo para a residência de Josélia Pacheco, com paisagismo de Francisco Bolonha, também responsável pelo paisagismo da casa ao lado, de Nélia

Peixoto, com projeto arquitetônico de Edgard Guimarães do Valle. Ainda na mesma avenida Astolfo Dutra, a residência da artista plástica Nanzita L. S. Alvim Gomes, projetada por Francisco Bolonha, com um

imenso painel de azulejos na fachada externa: *Feira Nordestina,* de Anísio Medeiros. Em seu interior, mobiliário original de Joaquim Tenreiro e um afresco de Emeric Marcier, *O rapto de Helena de Troia*.

Isso sem mencionar a simplicidade, a economia de traços de suas avenidas e praças, os bancos de pastilhas, retos, sem encosto, às vezes sugerindo suaves, discretíssimas sinuosidades, as linhas modernas de suas duas praças principais, a Santa Rita e a Rui Barbosa. Se modernismo e industrialização são fatos interdependentes, talvez Cataguases seja um dos raros exemplos no mundo onde a opção pelo progresso industrial veio acompanhada de uma forte preocupação com a qualidade estética de seu espaço urbano.



não sabes, não sei, ninguém compreenderá jamais o que desejas, o que serás

RW & Francisco Marcelo Cabral



Patápio Silva e Honorina Ventania

De repente, num povoado qualquer como qualquer outro, alguém trauteia uma canção guardada na memória, acrescenta um enfeite à fachada de sua casa, tricota uma cortina, faz um brinquedo de barro, diz umas besteiras rimadas, dança, modela flores de papel de seda, canta, imita bichos e personagens inventados, faz algo só pelo prazer de fazer, só por beleza, só por alegria, só por desfrute... e algo começa a mudar: a arte, com seu gratuito poder de transfigurar e emocionar, vai se infiltrando no cotidiano, como uma nova dimensão – acrescida ou mesmo estranha à sua função – das coisas fabricadas.

Não conhecemos a arte dos índios que ocupavam estas plagas, banhadas pelas águas do Pomba e seus afluentes, águas que iriam no futuro embeber, do simbolismo do tempo passante e irreversível, poemas e mais poemas de uns rapazes que iriam nascer e escrever por aqui. Com os colonizadores, vieram os bois e os bacharéis – uns (coitados!) pagando as contas dos outros, que souberam trazer para sua folgança e pândega tudo o que a arte de viver, a arte que lhes desbanalizava a vida, lhes podia proporcionar nos seus desmesurados momentos de ócio.

Salve! ó ninho de encantos!

Salve! Princesa da Mata!

Ouves de perto a sonata

cheia de magos quebrantos

Que o rio canta, tremente,

enaltecendo te as graças.

Tudo aqui vive contente...

Do cén ayul à aura olente,

as flores, as aves, aos cantos,

tudo te envia prolfaças.

Salve! Salve!

Princesa da mata.

A economia derrota a ecologia, mas não pode viver sem o amargo doce das coisas gratuitas da Arte, que falam da eternidade da morte e da transiência da vida, sobre a qual atua a suave aspereza do amor que, no momento em que você lê este texto – dá para perceber? – esvoeja sobre nossos corpos, ávidos do seu assédio. E pelas estradas por onde escoavam e chegavam as mercancias, começaram a vir livros e jornais, e bufões, malabaristas, canastrões, mambembes, cômicos e músicos, o circo e seu universo perturbador e demasiado, o vaudeville, o dramalhão, a missa cantada, as ladainhas e procissões, todas as belasartes e malasartes,

a grande sacanagem lírica e fecundante, a poesia tomando forma, a aragem fresca das artes urbanas afastando o cheiro acre da bosta dos currais e vias públicas e do suor suíno, na verdade a banha derretida das frituras entupidoras de ventres e artérias.

A tuba lírica do poeta

E eis que se ergue sobre a turba a tuba lírica do poeta de Piacatuba a compor o hino da cidade em formação, princesa e flor esplendente da mata derrubada, mal saída das epidemias de mau caráter, que a rede de esgotos e de água potável resgatou para o "constante progredir". Uma peça de hiperbólica laudação, delícia rebeldina e sonora. "De ti, quem pouco presume, mentindo ao próprio sentir, não vê que és filha de nume (para quem não sabe: nume é influxo divino... pois não é?) que teu fado se resume, teu futuro se desata num constante progredir. Salve! ó ninho de encantos! Salve! Princesa da Mata! Ouves de perto a sonata cheia de magos quebrantos, que o rio canta, fremente, enaltecendo-te as graças".

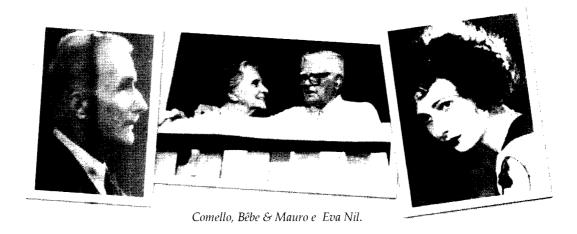


"Tudo aqui vive contente... do céu azul aureolente, as flores, as aves, aos cantos, tudo te envia prolfaças (sabiam?: significa parabéns. Mas todo mundo canta 'profalsas, profá-a-al-sas!!'). Vai longe o tempo nefário. Vão longe os dias de dor. Findo o teu triste fadário, sentes de novo o calor que, do peito de teus filhos, a redoirar os teus brilhos, transborda em estos de amor. És a Fênix rediviva! Desfeito o negro sudário, ressurge a face de Diva! (dá diiivá!!!)".

Aquele incrível "aureolente" não vem de auréola, porque então seria aureolante! O poeta era ousado, neologista, soberbo: aureolente, se significa alguma coisa, é "cheirando a ouro"... céu aureolente. E agora sabemos que esse deslumbrante aureolente é invenção da liberada memória infantil da Hora do Canto do Grupo Escolar Coronel Vieira – *circa* de 1935 ou 53, não importa – e que na verdade Rebeldino fala da aura olente, a brisa perfumada que soprava da Grécia idílica, enriquecida pelo bafo das olorosas magnólias e damas-da-noite cataguasenses.

Jovens urbanos e nacionais

Quem são esses que na cola de Rebeldino surgem no cinquentenário, e se chamam de *Verdes*? – jovens, ecológicos, rurais, mas já urbanos e nacionais – Ascânio, Francisco, Rosário, Guilhermino, Enrique, Antônio, Oswaldo. E esses italianos meio doidos, a mexer com luzes, câmeras, ação. Cadê Comello, cadê Eva, cadê Mauro, Bêbe? – o carro dourado de Febo a meia altura nos céus. No solitário céu onde, rápido cometa, passa Henrique Silveira – e logo quem brilha e fica são duas outras estrelas, Carminha e Celina Ferreira.



E agora quem vem, na nova cidade modernista, invadida de intelectuais amigos do grande Francisco I, Peixoto e único – surfando a água "exaurífera" do Meia-Pataca, opondo o dourado ao verde, aureolentes e imaturos? Lina, Francisco Cabral. E essa tribo de bárbaros barbudos, concretos, processantes, talentos a dar com o pau? Joaquim, Ronaldo, Pedro, Aquiles, Plínio Filho, Carlos Sérgio, Antônio Jaime, Adolfo Paulino, Carlos Moura, Paulo Martins. E as mais meninas, dicção que nos domina, diz-que são de Cataguases e melhor ainda que os rapazes. Diz-que sim: Márcia, Therezinha, Lecy.



Penca de poetas: Francisco Marcelo Cabral aponta para Lina Tâmega Peixoto, sob o olhar de Celina Ferreira (by Guignard). Embaixo, Lecy Delfim Vieira, em close, olha para a turma do Totem: Aquiles Branco, RW, Carlos Sérgio Bittencourt e Joaquim Branco.

Esse terremoto que ainda não cessou e ao qual se juntam outros abalos – os novos italianos Cagiano, Ruffato, e os outros, Marcos Vinicius, e os outros, os muitos outros – nesse circo incessante das artes e ofídios, dessa "cidade do exterior mineiro", como disse o alguém-Werneck, e "em que vivemos ou morremos", conforme o Resende-também.

Onde passeou o Anunciador na sua ousadia imperfeita e eruptiva, parte do eterno retorno da loucura que na memória tem por emblema a Taça da Morte, em que o intimorato Guido exercitava a nossa coragem de ver uma moto de luzes acesas na escuridão do circo, a evoluir dentro dos limites do risco e do imprevisível, uma sinuosa trajetória que tocava as bordas da hemisfera. Aquela emoção milimetrada do toureiro de que mais tarde, seco e lhano, falaria o outro poeta, também Cabral, em seu inexílio sevilhano. Uma tomada em sépia, com superexposição, de uma cena de cinema natural e Humberto Mauro.

Dobrados & cicios saltimbancos



Dona Lila Gonçalves piana-pianola seu olhar sobre a Banda de Rogério Teixeira.

E quem são esses que aí vêm, músicos, pintores, saltimbancos, seresteiros a enriquecer a cidade com seus cios, cicios, pascoais odaras, seus dobrados teixeiras, seus pierres bandeados de outroragora? Que vento levou a flauta, o patápio sopro? Que ventania divina, que soprano, que Honorina? Que melodia é essa em contracanto que se debruça harmônica dos oitis e piana-pianola-pianolenta no compasso do Lava-pés?

Quem a todos ensina, que música é essa, que ilha, quem paira entre a tarde e a via e todavia? Quem sol, quem sai de si para se dar, ali e lá? Lila. Ali o Ivo, lá o sax do Vadinho, Afonso e Afonsinho, violão & batera – os Vieira, pai & filho &

música pela vida inteira. Quem são essas vozes, quem essa egrégia grei: Lúcio Alves, Chicão, Olney? Quem elisas celestes, quem marias-meninas: Júlia, Alcina?



Lúcio, Afonso, Alcina: samba-jazz no fio das maravilhas.

Quem traça a trama?

Quem desenha essa geografia, quem plasma, traça a trama, o contorno dessas gentes, quem fascina, quem a cidade colorilumina? Ady, Altamir, França, Lopez, Slotti, Pury, Nanzita, quem a cada esquina? Que grupos, quem retraça, quem tinge? Artes, G-15? Que cena é essa onde tudo se passa? Linhagens antígonas, gregos falares, luz, luiz, a voz real e plena em seus linhares.

Que olimpo, que frade, que olintho, maracas, milenas, colombinas, colombianas. Quem no gólgota vicentino, que sagrado sachetto pregado no palco? Quem tout-court, quem bittencourt, que cassé, que simão-josé, que incêndio, quem acende-apaga os lampiões do proscênio? Quem sorri, periferia? Dasdô? Maculada? Quem Markim? Quem Maria Júlia? Quem os novos marcos pétreos, de boulevard e pastilha, quem se ergue? Quem todas as palavras numa palavra? Quem lavra-palavra? Gesamtkunstwerk.

E de repente um povoado qualquer não é como qualquer outro, pois nele alguém trauteia – com meia-pataca a mais de talento – uma canção guardada agora e sempre na memória. Só por prazer, só por beleza, só por alegria. E alguém ainda, e com tal importância, tem a sensibilidade para viabilizar o sonho.

Como, nos anos 20, a Phebo (leia-se: Agenor de Barros e Homero Cortes) viabilizou Humberto Mauro; nos anos 60, a Agedor (leia-se Francisco Marcelo Cabral) produziu O Anunciador & Paulo Martins; nos anos 70, a Fundação Francisco Inácio Peixoto (leia-se Simão José da Silva) possibilitou a retomada da cena

teatral. Como hoje, a Fundação Ormeo Junqueira Botelho (leia-se Mônica Botelho) e o Instituto Francisca de Souza Peixoto (leia-se Marcelo Peixoto) tornam realidade uma Cataguases que reencontra seu destino de polo cultural.

Informar para formar. Formar para transformar. As empresas geram fundações que por sua vez fundam um novo conceito de integração comunitária. Algo começa a mudar: a arte com seu gratuito poder de transfigurar passa a atuar como mecanismo mobilizador para a transformação de uma comunidade socialmente precária.

Rever para aprender. Aprender para renovar. Inquietude e peso útil de recordações (Salve, Ascânio!). Repetir para aprender, criar para renovar (Evoé, Mário Faustino!). Total desconfiança sobre coisas que não mudam bruscas. Essas não ficam eternas.





aguem os lampiões Teatro Vicentino Gesamtkunstwerk

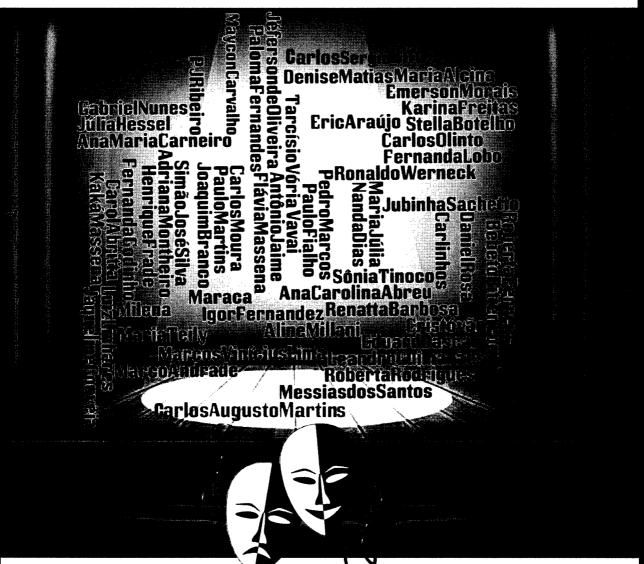
Quarta Parede Arrabal INCONFIDÊNCIA MINEIRA Kríc-Kroc

Illiat Munca sem poesia Camões a Florbela Espanca Becket

Fazedor de Labirintos Verdades & Mentinas Virgínia Woolf

Ulevard-Cavalo- Pastilhas BORGES

ca Teatro & Outras Coisas Artísticas Uma Odisseia Pós-Led



Quarto Canto dos Deuses Em algum lugar do presente Tavaleiro do Balde Oysters Introdução ao suicídio Itobaux Antigona Sobre as Horas Não há vagas Mestre-lonesco FIM DE JOGO DASPÔ E MACULADA meira Comunhão Yeats Sófocles Mais do Desejo do Coração Sorri periferia

ninguém reséste



A luz na praça, a alegria. Carros abertos, circulando com foliões. Os corsos, os préstitos, os clubes. Serpentinas, lança-perfumes, batalhas de confetes. Na praça, os ranchos, blocos, carros alegóricos, escolas. Na praça, os folguedos, caricatos, foliões, passistas. Na praça, o jovem Emílio de Souza, o "crisol das alegrias", com aquele rancho onde "moças brancas e mulatas/ e mesmo de cores pretas/ todas dizem em frases gratas/ viva o Modestas Violetas". Aquele mesmo Emílio do Mimosas Camélias, com suas cabrochas, seus pandeiros e vozes afinadinhas: "Boa noite, minha gente/ que vamos aplaudir./ Mimosas Camélias/ vem trazer alegria/ nesses três dias de folia".

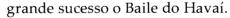


Leques, evoluções, salamaleques: na praça, balizas e porta-estandartes – Domiciano, Mário da Paixão, Didi, Haydée, Filhinha, Carmen, Ivete. Na praça, o brilho de mestres-salas e porta-bandeiras: Norberto, Wander, Tanica, Maria José. No coreto, o carnaval animado pelas bandas Lyra Cataguazense, do Rogério Teixeira, ou Sete de Setembro, do Pierre Theotônio. Na praça dos anos 20 – e "batuta na verdade" – o *Ninguém Reséste* "deslumbra toda cidade/ tem graça, tem chiste e ardor./ Não reséste tem entranhas/ até reséste ao calor/ que derrete nossas banhas". Na praça, a cidade. O povo na praça e em festa.





Fora da praça, e com salões inaugurados ainda nos anos 20, só mesmo o Mimosas Camélias do Seu Emílio, o Lorde Club do Rafael Manna e o Clube do Remo, que chega até nós com tradição secular – e como sempre animadíssimo. Por longo tempo, na margem direita do Meia-Pataca, houve o Rancho Alegre, do Mário da Paixão, "um clube para pretos", que também empolgava a multidão da Rui Barbosa. Como o Operário, o Flamenguinho, o Manufatora. Nos confins da cidade, e muito depois, o Clube Meca – que promoveria seu carnaval para brancos e até mesmo pretos nos anos 80/90 e ainda há pouco realizava com





Mas, até final dos anos 60, carnaval em Cataguases era mesmo sinônimo de praça Rui Barbosa, passarela dos desfiles e sede dos bailes mais famosos: no prédio do Cine-Theatro Recreio, o Commercial Club, onde despontava o jovem folião João Fabrino, e depois o Municipal. Do outro lado, o Comigo Ninguém Pode, o Coração de Ouro e várias agremiações décadas afora promovendo bailes populares nos "baixos" do Hotel





Brasil, depois Grande Hotel. Por ali passaram préstitos memoráveis como em 1946, no Carnaval da Vitória, com seus carros conduzindo palhaçosmalabaristas a equilibrar imensas bolas em seus pés – e logo um canhão de surpresas com suas balas explodindo confetes sobre a praça e o povo.

A praça era também o Clube Social, em cima do Cine-Teatro Cataguases, o atual Edgard. O Social e seus grandes bailes à fantasia, seus foliões com aquela animação Bossa Nova e JK, de quem pulava

50 anos em cinco noites. Aqueles anos de nunca mais carnavais como aqueles, como aquele de 1957. O Rachid rindo à toa, e pudera!, com o tilintar da caixa do Bar Elite. Bloco do Funil, Bloco do Bambu, Engole Ele Paletó – uh-uh-uh: Zulu! Jornais e revistas de fora e, pela primeira vez, até câmeras de televisão na cidade.

"O terceiro carnaval do Brasil", dizem ainda agora velhos foliões como o Chicão, com seu tarol e cinco décadas

de bloco do "eu-sozinho" – e com certeza assinaria embaixo o Ormeu Werneck, do alto de seu caminhão verde-amarelo, com seus foliões cheios de garra e barro e muito barro e mais "barrormeu" fuzarca. Ah, o carnaval de 57! Aquele fez da cidade um só cordão: Flamenguinho campeão! Mesmo porque houve a desistência do Operal, campeão local – mas aí já é um outro desfilar de máscaras ocultando as frestas da alegria.

E de repente é 1971 e já surgem os grandes blocos e as primeiras escolas que fazem de cada paralelepípedo da Astolfo Dutra um passista em evolução. Um carnaval vibrante e centenário como o de 1977: Portela, Luzu, Flor do Meu Bairro, Patropi, Pouso Alegre, a Mocidade Cataguasense levantando as arquibancadas e toda a avenida. E logo é a consa-



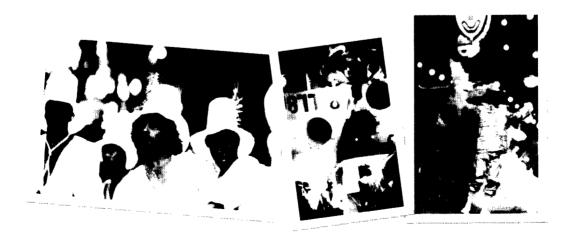
gração do sambista Expedito Liberato e aquele Guido Marlière que "fundou aqui um oásis/ que hoje é Cataguases".

E lá vem o Mexicano com os tricampeões Norberto de mestre-sala e a imbatível porta-bandeira Dalva, filha de Haydée, garbosa e bela – enciclopédica porta-estandarte do Mimosas Camélias. E olha lá o Chico Salgado, carnavalesco da Pouso Alegre e eterno caricato que alegrou as ruas por mais de quatro décadas. Caricato? Olhaí o Paulo Esquerdo dos Santos, o mais direito, o mais criativo dos sambistas: do Lorde Club ao doutor que é malvado pra chuchu, que resolveu acabar, e acabou, com a praça do Urubu.



E, súbito, as ruas tomadas pelo Sambulante, um nunca-se-viu-coisassim a explodir em luzes, cores e um som dos mais porretas, decibéis acima de qualquer crítica, um som-exportação que já em 1978, recém-fundado, seguia pro Rio para recepcionar, imaginem!, aquele Flamengo que chegava ao Aeroporto Internacional glorioso e campeão brasileiro. O Sambulante, um inimaginável e eletrônico flautista de Hamelin arrastando multidões a sambular pelas ruas de uma Cataguases de car-

navais de outrora que parecem ainda agora. Esse Carnaval 2000, paralelepípedos à parte, com a Liesca levando suas agremiações para o asfalto expedito e liberato da Meia-Pataca: Taquara Preta, Portela, Tradição. Ficou alguém pra trás? Então que venha, que chegue mais – ninguém reséste aos uais dos carnavais de Cataguáis.



o viajante e eu-sozinho na terça-feira gorda

18:30: cruzo com o Viajante na rua do Sobe e desce. Sisudo, como sisudo se pode ser dentro de bermuda e tênis. Leva o bigode e a tropical mulatice rumo à Praça Santa Rita. Na mão, a mala. Ou coisa parecida: um molambo qualquer. Chega o Viajante ou parte atarantado, na direção inversa à Rodoviária?

21:15: a Avenida ainda vazia enquanto aguardamos na arquibancada o desfile das campeãs do Carnaval cataguasense. E aguardamos, aguardamos. Só mesmo pipoca para mastigar a espera. E um picolé tropical. De abacaxi, é claro. Ou, agora, de amendoim. É escuro. No claro-escuro da Astolfo Dutra desfilam os tipos e as tipas. A fauna da folia na passarela. Picolés e picolés depois, ouve-se o som solitário de um tarol. Não acredito no que ouço, menos ainda no que vejo.







21:35: o inacreditável Chicão e seu bloco do Eu-Sozinho atravessa(m) a floresta de circunstantes carnavalescos que se espremem na calçada do Bar do Goiaba. E some na multidão de espectadores nada circunstantes que teimam em olhar pro vazio da Avenida quando o carnaval está bem ali, às suas costas. O bloco do Eu-Sozinho passa solitário e some melancólico lá pelas bandas do Bar do Boi, por entre cabeças de gado que parecem não ver/ouvir/ouver os seus 48 anos de resistência carnavalesca. Chicão é Cataguases em seus poros, a mais pura tradição de Carnaval.

22: 50: um quibe, um guaraná e outro picolé. Qualé, ô mané? Eu quero mesmo é me embriagar! Falar nisso, eis que ressurge como por encanto, manemolente, o nosso Viajante – com sua mala e, agora sim, sua "malamolência", seu mulatal gingado na cadência do som distante de uma bateria que vem lá do alto do Centro Espírita. Deixa a mala em meio aos distraídos paralelepípedos e ensaia um passo arrevesado. É aplaudidíssimo por todos nós, que aguardamos um Carnaval que parece não passar.

Quem passa é o Zé-Rã, que não se faz de rogado: ao ouvir os aplausos, dá também o seu gingado, faz uns volteios em torno da mala enquanto nosso Viajante reaparece com algumas latas vazias. Abre a mala e coloca suas latas, sem perder por um instante o compasso. Aplausos redobrados, agora redobrados pelo som mais forte de um surdo, e de cuícas e tamborins.



23: 15: "o Anjo Negro veio te buscar/pro cemitério vai te levar// a Pazinha veio te encantar/e com alegria vai te enterrar". Eis que se ouve agora o som que vinha sendo entoado desde as bandas do PLÁ, o Centro Espírita Paz, Luz, Amor. Coisa do astral. Com seus castiçais, suas velas, seus componentes de negro, seus caixões com "defuntos ao vivo", o bloco caricato da Pazinha é um avacalhador da morte, coisa de quem vive. Os mortos não estão nem aí. Ou estão, já que, plá-plá, o som surgiu dos lados de lá, quer dizer, do PLÁ.

00:30: já é quarta-feira quando se ouve "Valadião, o Cratera/ assim foi que Humberto Mauro entrou para tela". É a vice-campeã Portela homenageando nosso cineasta. O bailarino Lucas Amaro faz evoluções com sua máquina mauriana em cima de um tripé em constante movimento enquanto "filma" a bela comissão de frente, que porta o símbolo da Escola: suas águias, suas asas prateadas evoluindo pela avenida. Do alto de seu carro alegórico, o carnavalesco Júnior, glorioso, mostrava saber o samba na ponta da língua. Travestido de puxador ("cantor do samba

da Escola", diria o imortal Jamelão), o presidente Eduardo Santos, nosso aplaudidíssimo Pingulim, era uma alegria só. E pudera: Portela, Portela!

01:16: algumas representantes de família Mauro acabam de acenar para os espectadores do alto do último carro alegórico, como se saídas de um cineteatro, porque ao vivo. Aproveitamos a despedida da Portela e sambamos meio que forçados na rabeira da Escola, evoluindo no compasso de Humberto Mauro até chegar à Rua da AABB (como é mesmo o nome?), nos despedindo de vez do Carnaval de 2005.



Não ficamos pra ver a campeã Taquara Preta, vista na véspera, com os meninos de sua bateria produzindo um som supimpa, mais-que-perfeito. E o mesmo Júnior, no alto de outro carro alegórico, gracinha, o samba na ponta da língua: "Carmen Miranda, internacional/ E as frutas, mostrou na cabeça/ levou para o mundo inteiro/ Nossa ginga tropical".

01:21: de novo no Sobe e desce, ali nas proximidades da Praça do Urubu, hoje vetusto templo religioso, e parecendo vir do Centro Cultural Humberto Mauro (seria algum personagem do cineasta Paulo Cezar Saraceni, presidente da Confraria do Cinema do Cineport?), eis que ressurge das trevas o nosso Viajante com seu gingado, a manemolência de todos os manés. E o samba da Taquara na ponta da língua, páreo duro com o Júnior: "Me encantei pra te encantar/ me embalei pra te embalar/ vem chegando a verde branco/ a Taquara na avenida e o bicho vai pegar". Nosso Viajante parece estar certo: Carnaval é mesmo viagem de não mais se acabar. Mas há controvérsias.

Avenida Astolfo Dutra Cataguases, 13.02.2005

jardins onde meninas ariscas passeiam meia hora só antes do cinema



Dez de dezembro na rua do Sobe e desce. É 2000 e ainda desponta a elegância de Dona Lilia e Seu Tute rumo à Santa Rita. Com seus trajes de missa – vestido de florais em tom suave; terno de linho claro, bem cortado – eles passam e parecem flutuar na manhã deste domingo, como se valsassem no tempo. O século foi esperto e desperto – *smart* – e sumiu serelepe como um sonho. Passou assim, antes que se completasse o passeio pelo jardim. Bom dia, Dona Lilia! Bom dia, Seu Tute! O século se foi assim, como num domingo outro, no mesmo Largo de Santa Rita, então "parque da moda", como narrava em 1908 o cronista de *A Chiméra*, jornal das moças: em revista, as caras de nossas futilidades em flor.

"Tivemos um domingo lindo, claro e alegre. O firmamento permaneceu o dia todo coberto de um manto graciosamente azul, apenas maculado de suavíssimos punhados de nuvens alvas como flócos de neve. Veio por fim o crepusculo, e um pôr de sól bellissimo. A noite

foi de um luar meigo, romantico e sugestionador de sonhos e desvaneios aos espiritos inclinados ao idealismo. A concurrencia ao excellente jardim do Largo de Santa Rita foi extraordinaria e escolhidissima até pouco depois de 7 horas. Desse momento em diante despovoou-se muito...

"Vimos passeando, vestidas graciosamente de branco: Mlles. Honorina e Tita Ventania; de branco com elegante sombra azul claro: Carminha e Annita Santos, Néné Rocha; de branco com vistosas sombras cor de rosa: Dudú Ventania, Flor Cardoso, Flora Mares Guia; de azul claro: Theonilla Dutra, Leonor e Annita Carneiro; de cor de rosa: Cecilia Coelho, Estella e Nair Guimarães, Dedelia Drummond; de branco com salpicos encarnados: Mariquinhas Coelho; de amarelo claro, Luizinha

Taveira; de vermelho, Mariquinhas de Barros; de saia rubra com blusa clara, Leonorsinha Carneiro; de creme escuro, Gironda Guimarães; e muitíssimas outras.



"Vimos também diversas familias distinctissimas e notámos que lá estava toda a rapaziada elegante e *smart*, inclusive o simpatico pessoal da Usina. Excusado é referir a presença, sempre apreciada, da popular e querida *Sete*, que primou com o fulgor de sempre, executando magníficas peças de seu esplendido e apreciado repertorio. Honraram o jardim com sua presença os exmos. Srs. Drs. Norberto Ferreira, João Pedro dos Santos, Octavio Carneiro, Alfredo Paço e Astolpho Dutra, srs. Taveira Junior, Antonio Henriques Felippe e João D. Ferreira".

Delicioso intermédio

Era aí pelas vésperas do grande acontecimento da Cataguases do início do século: "Está sendo esperada com anciedade a grande festa que organisam para o dia da inauguração da luz electrica. Vae pelos ateliers das modistas da terra uma

tremenda azáfama! Todas as moças assistirão as bellas festas do dia 14 com ricas toilettes novas. As moças elegantes de nossa elevada e distincta élite estão se preparando para darem uma nota chic e up to date no que se refere a toilettes. Quasi todas tem mandado fazer vestidos brancos para o acto da inauguração e toilettes de cores vivas para a batalha de flores que talvez se realize.

"Comparecemos domingo último ao grandioso baile oferecido pelos amáveis e sympathicos moços da "Força e Luz" à culta sociedade cataguazense. O salão na ocasião que percorremol-o estava scintillantemente iluminado e lindamente repleto das mais gentis senhoritas e dos mais distinctos rapazes da *élite* cataguazense. Às 9 horas foi iniciada a animada *soirée*, cujas danças



correram animadíssimas até alta madrugada. Houve também delicioso intermédio

em que se fez ouvir com sua bela voz a formosa normalista Mlle. Honorina Ventania. Muitas meninas galantes cantaram esplendidas cançonetas, recebendo muitas palmas ao terminar.

E logo já era 14 de julho e *A Chiméra* noticiava na primeira página: "Dia delicioso e sublime o de 14 de julho... festas a valer, música em quantidade, luz a granel e povo em profusão... eis simplesmente o que houve. Extraordinária, pomposa e soberba a festa da inauguração da luz electrica nesta cidade. O programma de antemão confeccionado foi cumprido a risca. Às 4 horas da madrugada foi a população despertada por estrondosa salva de 21 tiros, seguindo-se a alvorada feita pelas bandas de música *Euterpe* e *Sete de Setembro*. Ao meio dia, procedeu-se a inauguração do motor da Fábrica de Tecidos. A *Euterpe* fez depois no Largo do Commercio uma esplendida retreta".

Honorina & o hymno

"Às 6 horas teve então logar a inauguração official da luz electrica, finda a qual realizou-se o grande concerto da *Harpa de David* auxiliada por alguns musicistas da *Sete*. O hymno cataguazense cantado pela senhorita Honorina Ventania e por muitas meninas causou immenso sucesso, sendo bisado enthusiasticamente pela enorme multidão que se acotovelava nas proximidades da "Distribuidora". Os amigos e admiradores do prestigioso e eminente político Dr. Norberto Ferreira aproveitando o ensejo offereceram-lhe então como prova da verdadeira estima que lhe tributavam, um rico apparelho para toilette. Orou o illustre tribuno deputado Dr. Heitor de Souza, respondendo extremamente commovido o Dr. Norberto Ferreira, que pronunciou um discurso despido de flôres de rethorica e cheio de idéas proficuas.



Poz termo as festas publicas uma grandiosa *marche aux flambeaux* composta unicamente da infancia de nossas escholas publicas".

No mesmo ano de 1908, em três edições consecutivas, *O Cataguazes* mostra-se indignado com o projeto de lei apresentado à Câmara Federal para a dissolução do matrimônio. "O projeto de divórcio, permitindo aos

cônjuges contrair novas núpcias, escandaliza a sociedade cristã cataguazense".

Não passa muito e o "parque da moda" transfere-se do Largo de Santa Rita para o Largo do Commercio, a atual Praça Rui Barbosa, por cujos passeios a elegância "cristã cataguasense" vai desfilar ao longo de quase todo o século. É ali o Cine-Theatro Recreio, com o Commercial Club em seu topo. No mesmo lugar onde nos anos 50 se ergueria a modernidade do Cine Cataguases – o Clube Social em seu topo, o *jet set* nas sacadas – ali no mesmo prédio do Edgard Cine-Teatro de agora.

Bicicletais donzelas



Mas estamos ainda num tempo de carris urbanos e num átimo de bicicletais donzelas e bucólicos passeios de barco pelo rio. O mesmo Pomba que já se vira palco de reluzentes regatas surgidas com o Clube do Remo logo ali, em 1927, em meio às verdes festas do cinquentenário. Epoca de fordecos e klaxons, tímidos buzinares de fanfarronices, bigodes, cigarros, chapeús e inocência perdida. Tempo de meias de seda, de sapatos Luiz XV, de finíssimos extratos estrangeiros, de cutex para as unhas e, claro!, do mais legítimo pó de arroz Coty.

Tudo prendas para as rainhas, quantas rainhas! Do Commercial, do Remo, do Mimosas Camélias, do Lorde Club, da Primavera, do Comércio, do Industrial F. C., do Flamenguinho e do Operário, do Tiro de Guerra, da Escola Normal e do Colégio Cataguases, do Clube Social, do Festival de Cinema, das Flores, do Lions, do Conservatório Lorenzo Fernandez, do Rancho Alegre, do Meca. E (de todos) Estudantes e Operários.



Quantas, quantas rainhas belas e verdadeiras que se chamam Galiléa Fourraux e Altina Ferreira; e Neuza Portilho; e Ednéa Peixoto; e Maria Auxiliadora Gonçalves; e Selena Valverde; e Maria do Carmo Pinto da Silva; e Hilda Melo Mourão; e Maria de Lourdes Iglésias; e Carmen Sílvia Silva; e Stelina Graciolli; e Maria Stella de Souza.

E ainda Alaíde Marciano; e Maria José Galo; e Olga América de Souza; e Regina Maria Cabral; e Helena Guimarães Peixoto; e Maria Ângela Fonseca; e Fernanda de Souza; e Maria Aparecida Cardoso; e Eny Conceição Guedes; e Márcia Peixoto Braga. Ah, a Márcia Braga com toda a realeza de suas pernas esplêndidas batendo dourado-esplendorosas no azul da piscina, em meio àquelas verde-cálidas colinas do Colégio!

Biquíni & atiradoros

É de uma delas, qual?, essas palavras que parecem confirmar décadas depois aquela nota do *Cataguazes* de 1908, ditas assim como quem desfila: "sou contra o divórcio e a pena de morte. O casamento perante Deus é sublime e somente o Senhor tem o privilégio de nos tirar a vida. Quanto ao biquíni, ele é um exagero da época". Exagero? Será que nossa rainha queria ver suas súditas desnudas e em decúbito pelas pérgolas das piscinas citadinas? Tempo de discursos flamantes: "*Atiradoros*. Aqui estou não somente para vossas festas mas



também para vossas lutas! Se amanhã nossa bandeira for ameaçada e ultrajada, oh Pátria Brasileira!, leva em tua defesa o Tiro de Guerra 77! E eu gritarei bem alto: *Atiradoros*! Levai também a vossa Rainha!".

E também um tempo de guerra, embora meio surrealista "Desde os tempos que com os

tempos se dirimiram até a edade contemporânea; desde a noite caliginosa que se debruça nos umbraes da lenda e da história, até o amanhecer do seculo que nos empolga, sobrepairaram, erguidos pelas mãos dos fados, os chefes e os guias, os dignitários e dominadores de povos e multidões".

"Numes tutelares dos impérios, reinos, legiões e clans, surgiram os reis e os principes, que formando a sua grei, fundando dinastias e castas, semearam tronos por todos os quadrantes da órbe. Foi assim que, no fulgor heráldico das realezas, na aureola das magestades, rolaram épocas de explendores e gloria, entre ouropeis e brazões".

"E hoje, então, por um mimetismo anímico, que o arremédo dos fatos arrebatou para a orla da ficção e do mito onde se tece na talagarça dos sonhos um mundo de quiméras, gravitando nos arraiaés da fantasia, até que nos encontramos e ...". Uma politicamente corretíssima rainha que descerra sua realeza e range e roça as raias de seu reino com o ronrom de sua raiva real.

Fútil fugidio footing

Mas olha que já dobramos os sambas-canções, o rock-tão-bossa nova dos anos 50, os sessenta já passam requebrando, retorcendo — oh, come on! Let's twist again! — e se endireitando de novo naquele fútil fugidio footing de antes da nova enovelada novela de antes das nove.



E já a cidade se descobre requintada e elegantésima, socialite que nem ela mesma se sabia, com it, com charme, no jet top, no top set, no jet set daqueles nomes-sobrenomes, daquele Meca dos anos 70 e de nunca mais: Emília Peixoto Lanna, Malena Fabrino, Ana Mirtes Goés Telles, Therezinha Nogueira Castro, Maria Cecília Peixoto de Castro, Helena Fonseca Mendonça, Maria José Carvalho, Maria Regina Junqueira Reis, Maria Lúcia de Sousa, Stella Perez Botelho, Célia Peixoto Lemos, Maria Auxiliadora Gonçalves de Sousa, Dirce Rodrigues Peixoto, Merice Salgado Carvalho, Ilka Fonseca Alves, Carmen Sílvia Mana, Leda Fonseca Peixoto, Nilma Caetano Rocha, Sônia Menta Ribeiro.

E de repente é primavera e nossas rainhas se fazem misses. A maior delas, Maria Juliana, I e única, nossa eterna Miss Brasil — que Miss nas Gerais também é Miss nos Brasil, né mermo?!! Mas antes e depois de Juliana misses tão altas também se elevaram — eflúvias, diáfanas: Ilma de Oliveira Silva, Terezinha do Carmo Fernandes, Maria Lúcia Sachetto, Carla Fajardo, Vânia Goretti. E ali Liliane — inocência que se desvela em sensualidade — de Paula Mendonça.



A cidade cresce, as cataguasenses também. Nunca debutantes tão altas e esbeltíssimas, essas meninas anos-dourados, essas Cristinas, Cláudias, Fernandas, Mônicas; essas Marias: de Fátima, Lúcia, Consuelo, Aparecida, Emília, Valéria, Judite; as Mírians, as Sandras as Rosas e as Ritas, todas essas santíssimas Ritas e seus ritos de sorrisos e mocidade que o tempo não leva e que desce ainda agora o Sobe e desce e se transmuta numa Cataguases de porte elegante e eternamente jovem que também se chama Dona Lilia.

padre nosso das moças



Namorados nossos que estaes na pindahiba, procurae ganhar a vida de qualquer modo, tanto em negocios serios como em espertezas, afim de que nós possamos casar, e depois tenhamos o pão de cada dia. Perdoae as nossas volubilidades assim como nós perdoamos aos moços voluveis, que nos desprezam. Não nos deixeis cahir em poder dos velhos, e livrai-nos do ról das tias. Amem...

"A Chiméra", Cataguazes, 1908

Amor e Namoro

O namoro é a falsificação do amor, ou antes é o amor completamente falsificado. O que no amor é realidade, no namoro é ficção; o que o amor sente o namoro finge; o que em

um é verdade no outro é mentira. O amor é espontâneo e o namoro insinua-se pelo hábito. O amor pode matar o corpo, mas o namoro estraga a alma. A mulher que passa a mocidade a namorar fica com o coração embotado e é incapaz de um sentimento digno.

O amor é casto. O namoro nunca é. O amor abre as portas do matrimônio e o namoro as fecha – por não a desejar. Enfim, não há maior inimigo de uma jovem que o namorado profissional... É fácil reconhecer um e outro: o namorado é audacioso, arrojado e insinuante, ao passo que o que ama com sinceridade é tímido, modesto e tristonho. Jovens: fugi do primeiro e adorae o segundo, salvae vosso coração e garanti vossa felicidade...

"A Chiméra", Cataguazes, 1908

breves notas esportivas



"Fortaleza": assim se chamava o "club de basketball" fundado em 1917 pelas alunas da Escola Normal, um dos primeiros da cidade. Nome estranho para um clube de moças, num tempo de gentilezas e "meus sais" & salamaleques. A crônica da época gravou: "o seu campo, que ficava no quintal da escola, era pequeno para acompanhar a enorme e selecta assistência que, em tardes domingueiras, ia assistir as partidas e aplaudir as gentis e graciosas *players*". Não teve muito fôlego, o nosso "Fortaleza".

Um *team* de alunas não se renova facilmente. Logo elas se formaram, ou abandonaram a Escola, e o "Fortaleza" desaparece em 1920 – ano em que surge o Flamengo Basketball Club, filiado ao Flamengo F. C. A "novel sociedade" tinha como *captain* Zilda Tostes e para a partida inaugural esperava-se como



adversário "um dos melhores conjuntos femininos da Zona da Mata". A notícia acaba aqui e nada se sabe da outra equipe ou de outras disputas das jovens flamenguistas. Mas fica o registro de um tempo de moças disputando seu lugar nas quadras, hoje raridade em Cataguases.

O basquete feminino, um campo de tênis inaugurado em 1925 na avenida Astolfo Dutra – quando os organizadores "daquele elegante desporto em nossa cidade, Srs. Vanor e Haroldo Junqueira, ofereceram um copo de cerveja", tintim! –



e vez ou outra as competições náuticas promovidas pelo Clube do Remo: futebol à parte, não eram muitas as opções oferecidas aos desportistas na Cataguases do início do século. Ressalte-se aqui a participação do futuro cineasta Humberto Mauro, que competia como um dos remadores do

Clube do Remo. Mauro foi um dos fundadores do Flamenguinho Futebol Clube. Não só fundador como também goleiro do time. Consta que foi à época o melhor *goal-keeper* da Zona da Mata.

Ruidosa alegria

Em 03.03.1949, o *Cataguazes* anunciava os resultados obtidos em menos de três meses pelo novo treinador de natação contratado pelo Colégio Cataguases, Moacir Vieira Barbosa: "na magnífica piscina do majestoso Colégio, e no curto espaço de três meses, garotos, meninas e 'jovens' de mais de 18 anos – o Sr. Raul Pessoa, por exemplo – que não tinham a menor noção de natação, 'fazem' sem o menor esforço de 500 a 1.000 metros num estilo capaz de satisfazer o mais exigente professor de natação. Há mais. Há ordem, respeito, organização e ruidosa alegria, tudo fruto do esforço de quem sabe ser enérgico sem ser descortês".

Esta seria a tônica de Moacir Barbosa: "enérgico, sem ser descortês" – e através dele o esporte no Colégio Cataguases viveria seus dias de glória. Ainda naquele início de 1949, o Colégio iniciava suas atividades esportivas recebendo a equipe do Ubá Tênis Club para uma empolgante partida de voleibol que ocorreu "dentro de um ambiente de disciplina e de franca camaradagem, com a merecida vitória da

guapa rapaziada de Cataguases. O six ubaense não conseguiu se impor aos bravos rapazes que souberam honrar o nome de Cataguases". Mais pitoresco ainda é o final da nota: "atuou como árbitro o professor José da Silva Gradim, que agradou pela sua imparcialidade".



pede demissão, meu filho!



Cataguases, anos 1980. Goleiro já demissionário, RW ao lado de suas "três mães".

"Modestamente", fui na juventude goleiro do juvenil do Operário Futebol Clube. Não tão coberto de glórias como meu ídolo Humberto Mauro, que não vi jogar. Apesar da estatura que sempre deixou a desejar, eu era um goleiro, vamos dizer, "razoável". Mas às vezes dava meus vexames, como se vê pela crônica que se segue.

Estávamos então novamente a postos, eu defendendo como sempre a cidadela do Juvenil do Operário, tendo à frente meus bravos, preclaros e eternamente jovens companheiros. De frente para a vitória, plenos de confiança, talento e velocidade contra o esquálido esquadrão de Dona Euzébia. Nem o famigerado escrete húngaro de 54, aquele do Puskas, Ghento e do Hidegutti, poderia nos deter. Não mais.

Isto posto, e bem-posto, malandra "mardita", a bola-bandida já rola há muito e muito bem: já estamos ganhando de um a zero e o jogo corre chocho que nem ele mesmo. O pessoal do time de Dona Euzébia não chuta, não telefona, não manda notícia. "Goleiro faz cinema", como disse um dia Ary Barroso (aliás, citado por Humberto Mauro). Mas é preciso que a bola venha para que ele possa dar o seu show.

Um goleiro, qualquer goleiro, só existe enquanto existe o ataque adversário. Tem hora que a gente reza pra que chutem, chutem muito, chutem sempre. É a única chance de assinar o seu ponto o infeliz que apesar de todos os entraves busca resguardar o sacrossanto espaço entre as traves. Mas Dona Euzébia, o time, parecia Dona Euzébia, a própria: gordo, lerdo, paradão que nem ela. E não tava nem aí, de qualquer maneira, oitava na peneira. Aliás, continua ali, lépida e batuta naquela curva antes de Astolfo Dutra. Mas chutar que é bom, neca. Atenção, bonecas, só tinha macho em campo! Isto é, assim era, se vos parece.

Três raras figuras

Em campo, porque lá bem no alto das arquibancadas, ali bem em cima do gol onde me encontro – sou surpreendido por três inesperadas figuras, tão raras quanto amadas e queridas e distantes como agora. Os fundos da casa do Seu Ben-

jamim, pai da Odaléa, primeira e única, dava pro campo do Operário, exatamente como uma perpendicular que descesse sobre as traves onde me encontrava sob.

As vezes durante os treinos, e quase sempre em todos os jogos, minha amada lá se postava encarapitada na amurada. Diga-se, a bem da verdade, que "minha amada" é força de expressão, pois "ela não sabia



Cataguases, 1958. O poderoso esquadrão do juvenil do Operário Futebol Clube posa para a posteridade.

que o era", se me permitem as palavras truncadas.

Nem é preciso dizer que eu tinha um olho no campo e outro acima da arquibancada. Acho mesmo que devo debitar na conta desses olhares os únicos e pouquíssimos gols que sofri em minha exemplar carreira. Bem, na verdade, não foi muito uma carreira, porque jogava parado, embora em constante movimento, coisa de goleiro, não sei se me entendem.

Quem não me entendia era eu mesmo naquele jogo, esse que vemos agora, aonde não vem sequer uma mísera bola. Nada chega à minha cidadela, fora os olhares ansiosos lá de cima. De quem? Sim, da Odaléa, claro, mas também, e pela

primeira vez vendo a atuação deste herói, de minha tia Carmem, a Cacai, que me acolchoava os calções, costurava as joelheiras e as meias, a Cacai que me dava amor e a maior força em minhas arremetidas nos gols desta vida. Estava lá Cacai, que guardava e acho que guarda ainda agora os voos impossíveis deste inacreditável goleiro que com amor buscava agarrar seus sonhos. Os meus e os dela. A terceira criatura era de todas a mais improvável, a mais impossível de ali estar.

Nem um misero chute

Dona Maria José Werneck Silva, Dona Zeca, *la mamma*, mamãe. Lá estava quem eu menos esperava, a mamãe que odiava só de pensar no seu rebento transformado num "desses vagabundos que viviam de bicho e bola". Bola, era bola mesmo, futebol. Bicho, aquele mimo, aquele dinheirinho passado pelos dirigentes após as vitórias. Séria, atenta entre Odaléa e Cacai, lá estava ela, a Dona Zeca: quem diria, quem eu mais temia.

E o atleta aqui suava frio e sem graça, mesmo porque a bola, essa danada, não vinha nem por nada. O time de Dona Euzébia, por quem, aliás, eu suspeitava, mamãe estava torcendo – não só para derrubar minha carreira, mas porque ela fora professora naqueles cafundós – onde, aliás, voltaria anos mais tarde para proferir um emocionado discurso quando recebeu o cobiçado título de cidadã honorária "doneuszebense", será isso mesmo? Pois é, vamos deixar de lengalenga e chegar ao que interessa: o time de Dona Euzébia não havia dado sequer um mísero chute a gol.

Eu parado, eu nervoso, eu inútil. Eu, Tarzan; você, Jane, Odaléa. Onde anda meu cipó, como fugir dessa grama, como escapar dessas traves, como sair dessa selva selvaggia? Eis que de repente, e não mais, o Paulete, nosso brioso meiocampista, calçou aquele rapaz. É, aquele mesmo, lá da defesa deles, aquele que bate agora a falta. Lá de tão longe, de mim distante, lá dos confins do campo adversário, ele chuta a grama e a bola vem vindo murcha e chocha, enquanto toda a minha defesa vira as costas, esperando que eu pegue a dita cuja e distribua pro ataque, num desses lances corriqueiros, desses que até o Taffarel sabe fazer. Bom, pelo menos eu acho, mas há controvérsias.

Murcha, baixa, chocha

Pois lá vinha ela, aquela bolinha safada, a meio-pano, a meia-altura, murcha, baixa, chocha, chocha. Eta bolinha, agora é minha vez, sô! Dei uma última olhada

com o rabo do olho lá pra cima, para aquelas que acreditava minhas fãs forever, e me preparei para "a defesa". Na verdade, não precisava de defesa nenhuma, a bolinha vinha boba e mansa, como se saísse dos pés de um moleque, rumo ao meio do gol, onde eu estava. Quer dizer, era só ali ficar, encaixar cômoda e tranquilamente no peito e distribuir pra frente. Não seria nem contra-ataque, já que não havia ataque, pois aquele chutinho suburbano não representava nenhum perigo. Ledo engano.

Não imaginavam os companheiros, não imaginavam os adversários, não imaginava a nobre torcida nem o trio de fãs o que arquitetava este nobre atleta. Aos poucos, meio de banda, fui dando uns passos pra fora do centro e do gol. Assim, quando a danada chegasse, e chegou, era só fingir um mergulho que era um mergulho mesmo, pois agora eu estava fora do centro, de mim, do campo, do gol e do mundo.

Foi um voo daqueles antológicos, uma ponte belíssima, daquelas "quero palmas", onde agarrei a menina-bola como se agarra e se domina o mundo quando jovem. Só que o impulso de meu salto foi demasiado e incontrolável. Fomos parar, eu e minha amada, no fundo das redes. Santa palhaçada! É quando, ainda no chão, preso à rede e ao vexame, ouço o grito inesquecível de mamãe:

- PEDE DEMISSÃO, MEU FILHO!

Jornal Olé, 1988



alcunhas desse lugar

Toda cidade tem seus tipos, lugares pitorescos, alcunhas, apelidos generalizados – que vão se cristalizando ao longo do tempo.

Cataguases não podia deixar de comparecer e atuar – muito bravamente – no rol desse inacreditável folclore que parece caracterizar o lado obscuro (há controvérsias) da Princesinha da Zona da Mata. Confiram.



Rua do Mete em pé

Nas proximidades da Matriz de Santa Rita, a rua M. R. Trindade, no trecho de descida pra avenida Astolfo Dutra, ficou conhecida ao longo da história como a do "Mete em pé". Era a rua mais escura do centro da cidade, portanto propícia a namoros de vários quilates (nada a ver com cães ladrando no cio). Foi num tempo em que a população praticamente se aglomerava no Centro de Cataguases, mesmo porque ainda não havia subúrbios nem "Suburbano", o campeonato de futebol que só surgiu décadas depois.

PLA

O Centro Espírita "Paz, Luz, Amor", na Avenida Astolfo Dutra, também conhecido por sua sigla "PLA", nome significativo, indicando local de um plá, um papo com o astral.

PDL

Pracinha do Dr. Lídio, nome que deveria ter o lugar, pois o de Sandoval Azevedo, bom político, não colou. É assim que a garotada hoje fala. "Vou na PDL". E Praça do Doutor Lídio ficou.



Praça do Urubu

Aquela "praça" imortalizada pelo compositor Paulo Esquerdo ("Seu Dotô é malvado/ É malvado pra chuchu/ Resolveu acabar e acabou/ Com a praça do Urubu"). Ali na rua do Sobe e desce, logo na esquina defronte do Banco do Brasil. Na verdade, nunca foi uma praça, mas o local de namoro preferido pelos pretos da época em que chamar preto de preto não era ética & politicamente incorreto. Não por acaso, o "Rancho Alegre" do Mário da Paixão, com toda sua "pretitude", tinha como slogan, estandarte e (porta) bandeira o lema "Um clube para pretos".

Então, os pretos, ou os negros ou – vá lá – os "afrodescendentes", sentavam ali com suas namoradas, naquele muro da casa de renomado advogado e político, para curtirem o enlevo das noites de sábado. Pois amanhã era sempre domingo e podiam acordar mais tarde os nossos pretos, trabalhadores que só eles – madrugadores de escol, à exceção do domingo, que ninguém é de ferro!

Como a mureta acompanhava o prumo de descida da rua, ali era o local preferido pra uma "sentada", com todo o respeito. Mas Seu Dotô, o advogado, enfurecido com toda aquela pretidão em seu muro mandou levantar o dito cujo, de forma que nem mesmo o nosso caro Pingulim, do alto de seus quase dois metros, conseguiria sentar. Quer dizer, "acabou com a Praça do Urubu, acabou". Era mesmo malvado o Seu Dotô.

Rua do Sobe e desce

O nome diz tudo. É a rua do Coronel Vieira, o próprio, o fundador de Cataguases como município. Subia da atual Praça Sandoval Azevedo (há controvérsias!) para a Praça do Commercio e daí, no prolongamento, desciasubia para o Largo da Matriz. Praça do Commercio é o antigo nome da Praça Rui Barbosa. A da Matriz, é claro, é a Praça Santa Rita. A Praça Sandoval Azevedo, como já foi devidamente demonstrado, virou Pracinha do Dr. Lídio.



Sinuca do João Tatu

O Porão. O famoso Porão do João Tatu (o nome diz tudo). A sinuca debaixo do Cinema do Seu Edgard (ou debaixo do Clube Social). Um antro de sofisticada malandragem, prenúncio (anos 1950) do que seria a Esquina do Pecado e a Boca Maldita. Ali brilharam astros do bilhar, e a cidade costumava descer pra ver as infindáveis pugnas protagonizados por Elton Santos e Aristides Braga. Ex-Loja Maçônica, parece que ali os tacos se cruzaram para sempre.

Esquina do Pecado

Na verdade, mais que uma mera esquina, um feixe de diagonais de alta vibração, e muita, muita falação, no cruzamento da rua Dr. Sobral com a Rebelo Horta. Perdurou até finais do século passado. Numa ponta, a Padaria Cabral – na diagonal com uma pequena mercearia; na outra, a Casa Sachetto, na diagonal de uma venda, daquelas vendinhas do interior, onde se achava de tudo um pouco, cerveja, feijão, linguiça, velas, verduras, torresmo, chouriço, Mineirinho, "o refrimaneirinho", e cachaça, e cachaça, e cachaça. Havia uma barbearia ao lado, e a turma ficava ali bestando. E tome fofoca, fofoca. O pessoal acabou fazendo "carteirinhas" pros "sócios". Coisa muito séria. Meu pai Hisbelo, o "garotinho", ostentava com orgulho a carteirinha número 1. A Esquina do Pecado acabou assim de repente, com o sucessivo fechamento dos quatro pontos de comércio. Sem purgar seus inocentes pecados, acabou assim, ó!

Boca Maldita

Espécie, em pequena escala, da famigerada esquina de Curitiba. Filial da Esquina do Pecado, da qual mantém os mesmos preceitos e paradigmas. "Se é pra falar, vamos falar mal". Sediada no entorno do antigo Bar Mulambo, no prédio do Grande Hotel, esquina do Calçadão, defronte do Banco Comércio e Indústria, depois Nacional, depois Unibanco, depois Itaú e hoje uma loja de calçados.

O Mulambo foi vendido pruns chineses de pastelaria (um vexame pra dignidade do botequim!). Eles, os chinas, fingem não entender/escutar as línguas ferinas que continuam a movimentar a Boca Maldita.

A Ilha

Ah, a Ilha de Santa Helena! Napoleão ali só não perdeu a guerra porque ali não chegou. Pois era lugar de paz e amor, a famigerada Zona da Princesinha da Zona... da Mata, que se metia (palavra certa) rio adentro. "A Neuza (ou Sueli, quem sabe?) é que é mulher", ouviu-se um dia da boca (maldita?) de um emérito frequentador.

"Cala a boca, Seu Fulano! Cala que aqui somos todas mulheres, inclusive as que não são". Aterraram a Ilha, as meteções e todas as ilusões da mocidade agora na terceira idade. Na Ilha, diziam, não se metia em pé, ora pois! Ali ninguém se metia a besta, que era lugar de um honesto trabalhar na horizontal.

Anita Malhada

Cláudio Murilo leal

Anita Malhada, pele pintalgada, multicolorida, musa temida e muito amada pelos inocentes estudantes daqueles tempos distantes. Colégio de Cataguases, Minas. Anita, em teu castelo ensinas o que fazer naquele harém, que era um santo prostíbulo também, sacrilegamente evocado na memória dos sonhos sensuais, das noites de glória. Sempre aos domingos eu voltava tonto de arrependimento ao bar do Ponto para, nos copos das ardentes águas, afogar arrependimentos e mágoas, que somente o rio Pomba, rio purificador do meu juvenil delírio, inspirava o padre que me absolvia com a penitência de uma ave-maria. Ave Maria cheia de graça... como rápido o tempo passa.

Ex-aluno do Colégio Cataguases nos anos 1950, o poeta carioca Cláudio Murilo Leal é também ensaísta e professor de literatura brasileira.

Casa Branca

Nosso centro de altas decisões politicamente secretas na estrada para Leopodina, que supria carências afetivas de toda a sorte. Nada a ver com a *White*

House (ou eram símiles suas "saliências"?). Era a Ilha pós-Ilha, mais "sofistiqué", se é que me explico bem, com damas de todas as faces & classes, umas difíceis, outras fáceis (evoé, Vinicius!). Metia-se bem, dizem, mesmo com as metidas a besta. Hoje ninguém mete mais, a não ser os bichos que ali se criam agora (Perus? Faisões? Cangurus? – que diabo de bichos ali existem agora?).

Casa Rosa

A Casa Branca ruborizada. Morreu de vergonha.



De branco e em pé, copo à mão e na ginga de um samba, Rachid comanda a farra de seus fiéis fregueses. O Bar Elite era gasolina pura e também caía no Carnaval.

Bar Elite

Na praça Rui Barbosa, no prédio da antiga Força e Luz (hoje a Energisa ocupa todo o edifício), o Elite sumiu pra sempre. Um dia, um sujeito de cara emburrada entrou, sentou-se numa das tradicionais mesinhas de mármore, daquelas que já não se fazem mais, e pediu solenemente um conhaque. De pronto o Rachid serviu o gajo e voltou pro seu lugar no Caixa. Voltou de novo e serviu de novo. E de novo. E de novo. Lá pelas tantas, o sujeito – que se mantinha

calado, taciturno – deu mais uma golada e gritou aos quatro ventos: "Oh, vida inzana!!!". Parou, refletiu, os cotovelos sobre o mármore, refletiu de novo, bebeu outra golada e mandou outra: "Eu não sei se é 'inzana' ou se é 'insana'. Só sei que sou um sacana". E de pronto meteu a mão no bolso do paletó, sacou de um revólver e atirou contra a própria cabeça. Acontece que, bêbado como estava, sua cabeça balançou antes e ele conseguiu a proeza de errar a própria. Lá de seu Caixa, ainda atônito com a cena toda, o bravo Rachid foi premiado com um tiro no antebraço. O sujeito era mesmo um sacana, oh vida "inzana"! Acontece. Quer dizer, só acontece mesmo, ou acontecia, no Bar Elite, quando Bar Elite havia – e quando o romancista Rosário Fusco me contava casos inacreditáveis como esse.

uma cidade do exterior mineiro: maioridade?



pressinto
cabreiro
com horror
que estou
numa cidade do exterior
mineiro

Rodoviária de Cataguases, quarta-feira, 2 de setembro, meio-dia exato. Minha filha Ulla acabou de me ligar do Rio. Está vindo no sábado, pede que eu compre passagem de volta. O menino do guichê olha curioso para meus suspensórios enquanto responde: "Pro dia 7 só tem uma, a 44... lá no fundo". – Ok, vou querer.

Ele começa a tirar a passagem, enquanto me diz: "O senhor só quer uma mesmo, né?" – Claro, você não falou que só tem uma? "É, mas é que se o senhor quisesse duas, aí eu não podia tirar, pois só tem uma". Corte rápido. Restaurante cataguasense, um ano atrás. Fome franciscana, peço que me tragam logo pão francês, antes mesmo do filé. "Tem não senhor", diz sério o menino-garçom, "só tem pão de *Cataguáis*".

São coisas assim, essas frases tresloucadas, essas pequenas "tiradas" do cotidiano de Cataguases, são coisas como essas que saem assim espontâneas desses meninos do interior e me pegam de surpresa – e me enternecem profundamente. São coisas assim, como o mesmo garçom, na mesma noite, no mesmo jantar,

fechando com chave de ouro sua performance. Pergunto se tem sobremesa. "Tem não senhor, só tem doce". Oh cidade, oh mocidade, oh santa ingenuidade a desses meninos a me lembrarem o menino anterior que eu fui e sou.

Pausa para parênteses. Anos depois, jantando com o dramaturgo Alcione Araújo no Canto Mineiro, outro restaurante que eu frequentava, o jovem garçom nos saúda com um "Pacificusne est ingressus tuus?", para espanto de meu amigo: "Nossa, em Cataguases até os garçons falam latim!". Na verdade, eu lhe ensinara de brincadeira os versos de Virgílio que se encontram na Ponte Velha. Conto então para o Alcione a história do pão "de Cataguáis" e agora quem se espanta sou eu: o garçom olha pra mim e diz sorrindo: "aquele menino era eu". E solta um súbito "Revertere ad me suscipiam te" enquanto sai para comandar nossos pedidos.

Cataguases completa 121 anos nesta segunda-feira, dia 7. Quer dizer, sua maioridade pós-centenária. Mas completamente sem juízo, a exemplo de seus meninos. Se não, não teria a mínima graça, não é? Uma graça de cidade-menina, que às vezes desafina, mas absolutamente sem maldade: verde e virgem. Talvez a única coisa a resistir verde e virgem em si mesma. Virgem em si mesma? Nossa! Tão fantástica, tão surrealista, tão science-fiction nesse virar de milênio... como de resto o foi em todo o século que se (es)vai.

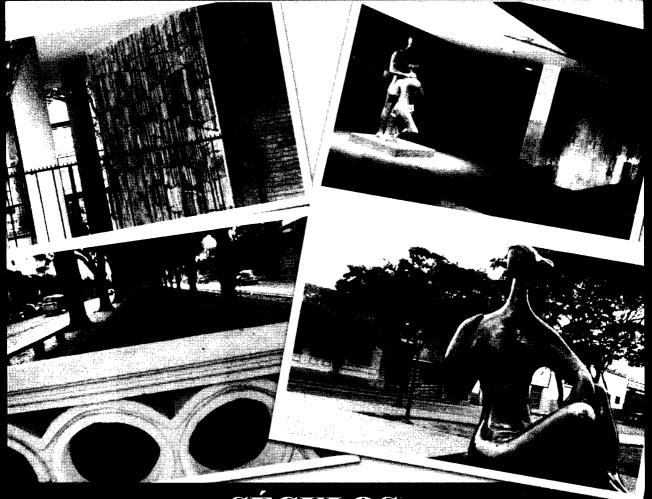
Ela continua sendo "uma cidade do exterior mineiro", como escrevi em *Pomba Poema*, na época do seu centenário. Salve, ó linda Princesa! – como cantávamos na infância e redobrados e rebeldinos cantamos ainda agora no famigerado Hino Cataguasense de Rebeldino Batista, o poeta cotuba de Piacatuba. Ó Princesinha da Zona da Mata! Da mata que acabou. Quer dizer, Princesinha da Zona. Maldade minha, oh minha cidadinha! Que os corações arrebata. Salve! Salve! Salve-se quem puder.



Cada minuto é um século XX Cassiano Ricardo

No princípio era o verbo, já dizia o Evangelho de João.

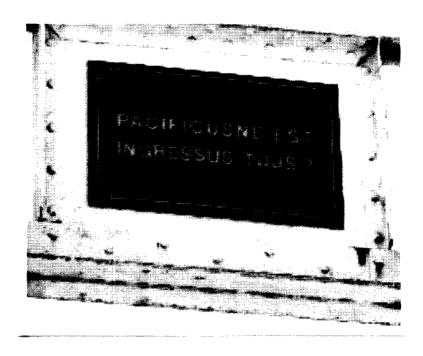
Mas a Cataguases dos séculos XX e XXI viu o dito de João virar de ponta-cabeça. Aqui, na verdade, no princípio era a imagem: Landóes, Pedro e Eva Comello, Humberto e Zequinha Mauro, Henrique Frade, Iannini, Mário Simões, Paulo Martins, Pedro Marcos. O verbo veio depois, como se vê na seção a seguir. E com grande força: Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar, Ascânio Lopes, Lina Tâmega Peixoto, Francisco Marcelo Cabral, Joaquim Branco, Luiz Ruffato, Ronaldo Cagiano, Antônio Jaime Soares. E ainda com direito a Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava.



SÉCULOS XX & XXI



revertere ad me cataguases de braços abertos



Aprazível província antenada no futuro, com irresistível vocação moderna, em Cataguases aquilo que o século XX chamou de vanguarda convive com o modernismo que se solidificou ao longo do tempo. A partir de 1925, os filmes de Humberto Mauro tornaram a cidade pioneira do cinema nacional. Na mesma década, em 1927, os rapazes da revista *Verde* a projetaram em todo o país e até mesmo no exterior – ao produzirem em Minas uma publicação famosa também por trazer colaborações inéditas dos maiores ases do movimento modernista que eclodira na capital de São Paulo em 1922.

Nos anos 1940, aporta na cidade a arquitetura moderna com suas construções de traços arrojados: praças, painéis, casas, monumentos. Marco do modernismo no interior mineiro, Cataguases conserva ainda o encanto, o frescor, a simplicidade da província que nunca quis ser mais do que isso. Daí o seu irresistível fascínio.

O traçado geométrico

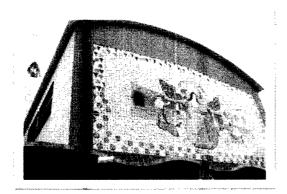
Não que os turistas saiam tropeçando em monumentos modernistas, com rima e tudo. Mas eles só não tropeçam se não quiserem. Cataguases e o geométrico traçado de suas praças, ruas e avenidas, a limpidez de seu desenho, a ausência de volutas e arabescos da grande maioria de suas casas, o despojamento de suas construções, não importa o porte. Tudo em Cataguases parece somar para que ela seja a localidade com aspectos arquitetônicos mais marcadamente modernos de todo o interior brasileiro. Não foi por mero acaso que, a partir de 1994, grande parte das construções do centro urbano de Cataguases e de seu entorno foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. Este é o diferencial, os muitos diferenciais desta cidade já em si bem diferente de outras praças do interior. "Uma cidade do exterior mineiro" – no dizer de um dos muitos poetas cataguasenses, por acaso este (presti)digitador.



Monumentos, painéis, esculturas, construções: a estética moderna surge em cada esquina de Cataguases, como se de repente. Como se de repente nos transportássemos para um museu vivo do movimento modernista. Como se a cidade fosse aos poucos moldada por mãos vanguardistas. De certa forma, foi o que ocorreu numa Cataguases que acabou por assimilar as posições pioneiras chegadas ainda na década de 20 com o cinema de Humberto Mauro e com a literatura da revista *Verde*, o braço mais importante do Modernismo de 22 em Minas Gerais.

E foi graças a um dos integrantes da Verde, o escritor e industrial Francisco Inácio Peixoto – de suas ligações com o romancista Marques Rebelo e, por meio dele, com os maiores nomes do que então se praticava em arquitetura e artes em geral no país –, que a partir dos anos 1940 o modernismo efetivamente aportou na cidade. Arquitetos, escultores, pintores, escritores, decoradores, paisagistas: Cataguases virou quase que um tubo de ensaio do movimento, possivelmente sua mais importante vitrine em todo o interior brasileiro.

Modernismo & Patrimônio Histórico





Vitrine: museu vivo do modernismo. Cataguases, Patrimônio Histórico Nacional. No Colégio, com projeto de Oscar Niemeyer, mobiliário de Joaquim Tenreiro, paisagismo de Burle Marx, painel de Paulo Werneck, escultura de Jan Zach; no Hotel Cataguases – projeto de Aldary Toledo e Gilberto Lemos, com escultura de Jan Zach e paisa-

gismo de Carlos Perry; no Educandário Dom Silvério – painel externo de Anísio Medeiros, com afresco de Emeric Marcier na capela; no Edgard Cine-Teatro – projeto de Aldary Toledo e Gilberto Lira de Lemos; no projeto de M.M.M. Roberto para o Edifício de A Nacional; na Matriz de Santa Rita de Cássia – arrojado desenho de Edgard Guimarães do Valle, que deixa a nave livre,

com o vão central sem nenhuma coluna – com destaque para o painel de azulejos de Djanira na face frontal do Santuário, tendo Santa Rita como tema.

O modernismo nas ruas, ao ar livre. Monumento a José Ignácio Peixoto – projeto arquitetônico de Francisco Bolonha, com escultura *A Família*, de Bruno Giorgi e painel de azulejos *As Fiandeiras*, de Portinari. Nas casas e em suas fachadas, como no painel de Lazzarini, que se vê na residência de traços marcadamente modernos na esquina das avenidas Astolfo Dutra e Humberto Mauro. Ou no projeto de Oscar Niemeyer para a residência de Francisco Inácio Peixoto, com paisagismo de Burle Marx, marco inicial do modernismo em Cataguases, junto com o prédio do Colégio. Ou no projeto de Aldary Toledo para a residência de Josélia Pacheco, com paisagismo de Francisco Bolonha, ou ainda no paisagismo de Burle Marx para a casa ao lado, de Nélia Peixoto, com projeto arquitetônico de Edgard Guimarães do Vale.

Um pouco mais adiante, e na mesma Avenida Astolfo Dutra, a residência da artista plástica Nanzita L. S. Alvim Gomes, projetada por Francisco Bolonha, com

um imenso painel de azulejos na fachada externa: *Feira Nordestina*, de Anísio Medeiros. Em seu interior, mobiliário original de Joaquim Tenreiro e um afresco de Emeric Marcier, *O rapto de Helena de Troia*. Isso sem mencionar a simplicidade, a economia de traços de suas avenidas e praças, os bancos de pastilhas, retos, sem encosto, às vezes sugerindo suaves, discretíssimas sinuosidades – as linhas modernas de suas duas praças principais, a Santa Rita e a Rui Barbosa, esta com o coreto projetado por Bolonha. Santa Rita, porque padroeira da cidade. Rui Barbosa porque no Brasil não existe cidade sem uma igreja, uma prefeitura e uma praça Rui Barbosa. Cataguases é moderna, sim, e muito, mas não renega a tradição. Agora, praça Rui Barbosa assim – arrojada e moderna como a de Cataguases – os turistas dificilmente verão em qualquer outra cidade.



Pacificusne est ingressus tuus?

Mas, antes que nossos turistas tropecem atônitos, eis que outras construções chegam para aliviar um pouco a "pressão" modernista. E seus olhos podem contemplar com tranquilidade as linhas suaves e harmônicas de construções neoclássicas do início do século, como o Paço Municipal, o prédio sede da Cia. Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (hoje Energisa), o Grande Hotel Villas (projeto de Bergamini), o prédio da Estação Ferroviária logo em frente (hoje,

Centro Cultural Eva Nil, a musa dos primeiros filmes de Humberto Mauro), que se abre para a pracinha onde se encontra o Museu Chácara Dona Catarina, que hoje abriga a Secretaria de Cultura e a Biblioteca Municipal Ascânio Lopes.

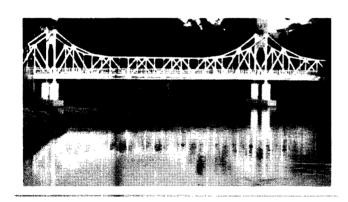
Logo depois, na diagonal da Chácara, a inteireza e sobriedade de linhas da antiga Fábrica de Fiação e Tecelagem M. Ignácio Peixoto e



Filhos, cuja frente dá para uma pracinha com um belo jardim, coreto e tudo o mais, um espaço como que deslocado no tempo. Hoje a enorme edificação da Fábrica – que já abrigou o Instituto Francisca de Souza Peixoto, com seus vários núcleos de produção cultural – deu lugar a um supermercado. Aqui, Cataguases também não é exceção: destino inglório da cultura, igrejas e supermercados acabam tomando aos poucos o espaço de alguns cinemas, teatros e centros culturais.

Mas ainda resistem belas construções de outrora, como a que sedia o centenário Grupo Escolar Coronel Vieira, na Avenida Astolfo Dutra. Ou ainda – last, but not least – a também centenária Ponte Metálica sobre o rio Pomba. Ah, a Ponte Metálica! "Pacificusne est ingressus tuus? Revertere ad me suscipiam te" – lê-se na inscrição latina colocada no alto dos dois pórticos de chegada/saída, imagem icônica de Cataguases, pelo menos até que aqui aportasse a nova escultura de Amilcar de Castro colocada no início deste século na Avenida Humberto Mauro, em homenagem ao cineasta. "Você vem com fins pacíficos?", diz o latim da Ponte, na verdade, um verso da "Eneida", de Virgílio – eta gente sabida, sô! – "Então volte a mim que eu o receberei".

O nome Cataguases vem – pelo menos, até provas em contrário, pois muitas são as controvérsias nessa cidade em permanente questionamento – pois é, o nome Cataguases parece que vem de uma tribo de índios que habitava a região, os



"Catu-auás". Pois é, dizem que o nome catu-auá significa em tupi-guarani "terra de gente boa". Dizem. Pois é, vinde a mim que eu o receberei. E Cataguases sabe receber muito bem. Quem bebe da água do rio Pomba nunca deixa de voltar. Dizem.

Cachoeira, cinema, literatura

"Cinema é cachoeira", dizia o cineasta Humberto Mauro em sua célebre definição do cinematógrafo. Através de Mauro e das produções da Phebo Brasil Film, Cataguases virou sinônimo de cinema; portanto, de cachoeira: Cataguases é (também) cachoeira, como as da Fazenda Santa Rita, a do Sereninho ou a da Usina Maurício, todas em suas proximidades. E verde, sim, muito verde além da revista

Verde, é claro. Na profusão de árvores do centro urbano, nos oitis, nos fícus centenários de suas praças. Na reserva ecológica de seu Horto Florestal, um sítio a ser urgentemente descoberto pelos turistas.



Cachoeira e cinema, cinema e literatura, literatura e verde: Cataguases é corpo e alma. O pioneirismo de Humberto Mauro na década de 1920 teve continuidade nos anos 1960 com a realização do longa-metragem *O Anunciador - O Homem das Tormentas*, de Paulo Bastos Martins. E o Edgard Cine-Teatro (erguido no espaço onde era o Cine-Theatro Recreio, cinema que exibiu os primeiros filmes de Humberto Mauro), é hoje propriedade da Prefeitura Municipal, e encontra-se à espera de uma grande reforma. O Edgard foi desde sua inauguração em 1953 uma das peças de resistência entre as salas de exibição de todo o interior do país, com capacidade para 900 pessoas, dois azeitadíssimos projetores Simplex SL de 1948, *made in* Chicago, em perfeito funcionamento e uma moderníssima aparelhagem de som stereo, equipada com fototransistor. Um cinema como poucos, capaz de competir com salas de qualquer capital do país.

Memorial & Cineport

Mas no momento a hora é do teatro e sala de projeções instalado no Centro Cultural Humberto Mauro, inaugurado em 2002 na mesma praça Rui Barbosa e em diagonal ao Edgard. Sem palavras: imagens de um novo século que se iniciou em permanente movimento. No segundo pavimento do prédio encontra-se o Memorial Humberto Mauro, aberto ao público desde 2007 pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho, um dos braços da Energisa. O Memorial é um dos atuais *musts* da cidade, projetando em som e imagem a trajetória do cineasta mineiro.



Cataguases, 2005, I Cineport: O ex-presidente de Portugal, Mário Soares, a presidente do Festival, Mônica Botelho, e o presidente da Câmara de Lagos (Algarve, Portugal).

Em 2005, o Centro
Cultural Humberto Mauro
foi palco também do
Cineport, o Festival de
Cinema dos Países de
Língua Portuguesa, que
traria a Cataguases inúmeros artistas, críticos e
cineastas dos países integrantes da CPLP, a
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa. Realizado pela Fundação Ormeo,

o Cineport seria levado em 2006 à cidade de Lagos, em Portugal, e depois passou a ser sediado em João Pessoa, na Paraíba. Criado três anos antes, em 2002, o Polo Audiovisual da Zona da Mata – uma iniciativa da Fundação Ormeo Junqueira Botelho e do Instituto Cidade de Cataguases – abriria caminho para uma série de produções cinematográficas, fazendo com que Cataguases vivesse e viva ainda agora, em tempo de cinema. Cidade-set, cidade-locação, como que num revival da Phebo e de Humberto Mauro.

Cidade de artistas

Por sua vez, a literatura da revista *Verde* teve continuidade nas décadas posteriores, com a revista *Meia-Pataca*, na década de 40 (leia-se os poetas Francisco Marcelo Cabral e Lina Tâmega Peixoto) e, nos anos 60, com os jornais *SLD* e *Totem* (leia-se, entre outros, os poetas Joaquim e Aquiles Branco, P. J. Ribeiro e Ronaldo Werneck). Ainda hoje surgem em Cataguases publicações esporádicas e o lança-

mento de inúmeros livros de poemas (atenção, menina: há um poeta em cada esquina!). A produção literária acabou desaguando nas artes plásticas – muitos dos poemas da década de 60 e posteriores eram de características visuais, ligados ao concretismo e ao movimento do poema processo – e na formação de grupos de artistas plásticos.

A "Cataguases musical" é terra de Lúcio Alves, de Maria Alcina, do baterista Afonso Vieira e onde viveu por um tempo o flautista Patápio Silva. Embora não traga mais a tradição dos dobrados das bandas dos maestros Rogério Teixeira e Pierre Theotônio da Silva, a cidade resiste ainda com a Escola de Música Lila Carneiro Gonçalves. Hoje, jovens músicos e compositores se apresentam em bares e restaurantes e nos shows de finais de semana. E há também o teatro, as encenações anuais realizadas com seus alunos de várias idades pelo professor, dramaturgo, ator e diretor Carlos Sérgio Bittencourt.

Há ainda no campo cultural o Projeto Feliz é quem Toca, criado em 1997, comandado atualmente pelo percussionista Rogério Tumati. O Projeto beneficia diretamente alunos em situação de vulnerabilidade social e tem hoje o patrocínio do Grupo Bauminas. O Feliz é Quem Toca oferece aulas gratuitas de Percussão, Dança, Teatro, Capoeira e Audiovisual e é um projeto surpreendente por sua qualidade e longos anos de existência.

Suscipiam te

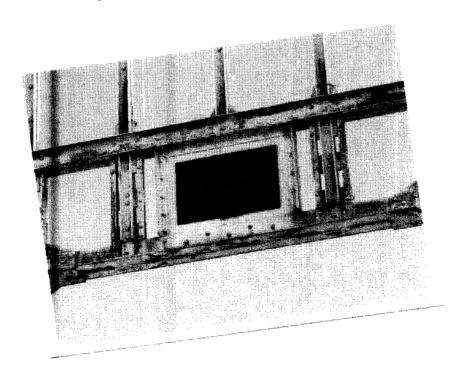


"Nem Belo Horizonte, colcha de retalhos iguais,/ cidade europeia de ruas retas, árvores certas,/ casas simétricas,/ crepúsculos bonitos, sempre bonitos/ (...)

Não! Cataguases... Há coisa mais bela e serena oculta nos teus flancos./ Nas tuas ruas brinca a inconsciência das cidades/ que nunca foram, que não cuidam ser./ Não sabes, não sei, ninguém compreenderá, jamais, o que desejas, o que serás./ Não és do futuro, não és do passado; não tens idade./ Só sei que és/a mais mineira cidade de Minas Gerais"(...)

(...) "Há em ti a delícia da vida que passa porque vale a pena passar,/ que passa sem dar por isso, sem supor que se vai transformando./ Em ti se dorme tranquilo, sem guardas-noturnos./ Mas com o cricri dos grilos,/ o ram-ram dos sapos./ O sono é tranquilo como o de uma criança de colo./ Vale a pena viver em ti./ Nem inquietude./ Nem peso inútil de recordações,/ mas a confiança que nasce das coisas que não mudam bruscas,/ nem ficam eternas".

Era assim que o poeta Ascânio Lopes, um dos maiores talentos da revista *Verde*, descrevia a cidade em um de seus mais belos poemas, intitulado naturalmente *Cataguases*. O poema é de 1927. Quase um século depois, a cidade mudou, e muito; cresceu, e muito; modernizou-se, e inesperadamente muito. Mas o cricri dos grilos continua, o ram-ram dos sapos também. Não muito, mas é possível ouvi-los, pelo menos com os ouvidos da memória. *Suscipiam te*. Volta a mim, que eu te receberei. Sempre.



a cidade partida

Esse é tempo de partido, tempo de homens partidos. Carlos Drummond de Andrade

Papai era "pedrista". Também muitos de meus amigos e conhecidos de vários quilates: Joaquim e os Branco; Carlos Sérgio e os Bittencourt; o maestro Rogério Teixeira; meu padrinho Geraldo Kneip; o Beto e os Condé; o Izidro "Jacaré" e o pessoal do Hotel Villas. Outros já eram "peixotistas", acredito mesmo que até o pessoal da Padaria Cabral, à frente o patriarca Pedro Álvares – alguém ainda duvida que o Brasil foi descoberto por seu Pedro, que morava ali na minha rua?



E entre o pessoal da padaria incluo o poeta Francisco Marcelo, meu futuro guru Chiquinho Cabral, que devia ser "peixotista" por sua grande admiração pelo escritor Francisco Inácio Peixoto, o "Francisco I". E único.

Parece que esse negócio de "polaridade", palavra da moda nos últimos tempos,





já era o novelhíssimo normal na Cataguases dos anos 1950. A cidade partida em dois polos políticos. Também eu, menino ainda, acabei "pedrista" convicto, adepto do grande advogado e deputado federal Pedro Dutra (Cataguases, 1893 – 1965), o *Torpedo*. De tanto Doutor Pedro, Doutor Pedro, Doutor Pedro, acabou mesmo *Torpedo*, corruptela perfeita para o explosivo líder do antigo PSD (Partido Social Democrático) em Cataguases. Filho do também deputado federal Astolfo Dutra Nicácio (1864-1920) – que foi por seis mandatos presidente da Câmara no então Distrito Federal – e bisneto do Major Vieira, Pedro Dutra trazia a política na veia e acabou sendo um dos ídolos de minha infância, de tanto que ouvia seu nome em nossa casa da rua Dr. Sobral.

Do "outro lado", havia os Peixoto e seu representante maior, o grande industrial e deputado federal pela UDN (União Democrática Nacional) Manoel Inácio Peixoto, mais conhecido como "Manoel Careca" – e não me perguntem por quê. Era o outro polo da polarização. Menineu, e "pedrista" ferrenho, não me lembro dele, de ter visto alguma vez o "Manoel Careca" pelas ruas da cidade. Mais tarde, já nos anos 1960, minha irmã Rosa acabaria secretária de seu filho na Companhia Mineira de Papéis – o industrial e herdeiro político do clã, Emanoel Peixoto (Cataguases, 1923-1988).

Só depois soube que o "Manoel Careca" era irmão do também industrial e escritor Francisco Inácio Peixoto, o Chico Peixoto. Mundo pequeno no universo da grande Cataguases: mais tarde, a literatura me faria amigo do Chico Peixoto e de sua família. Do Chico Filho, do Zé Maria, da Maria Inês, da Bárbara. E principalmente de outras duas de suas filhas, Maria Cristina e Maria Isabel, que foram minhas colegas no Colégio onde o pai era diretor e às vezes nos dava aulas de espanhol.





Pois bem, Cataguases não é Firenze, muito menos Verona, mas nel mezzo del cammin di nostra vita (quer dizer, da vida deles) Dedé, a primogênita de Chico Peixoto, acaba se encantando por Astolfinho, o também primogênito de Pedro Dutra, e os dois se enlaçam num matrimônio tardio. Cataguases também já foi palco shakespeariano: "pedristas", "peixotistas"? Quem diria, Romeu e Julieta acabou encenado às margens do Pomba. E literalmente: a casa do Chico Peixoto, onde os enamorados se encontravam, está ali ainda hoje, na rua do Pomba e às margens do rio.

Entre minhas amigas "peixotistas" não posso me esquecer de Lina Tâmega Peixoto, saudosa poeta, e poeta das grandes, cujo pai, João Peixoto – irmão do "Careca" e do Chico – foi prefeito de Cataguases. João Peixoto era mesmo uma figuraça que gostava de se aventurar com o bicheiro Chico Bagno nas apostas mais estapafúrdias,

como tentar adivinhar quantos ladrilhos havia entre os 30, 50 metros que separavam o coreto da praça e o Bar Elite; ou quantos palitos se encontravam em determinada caixa de fósforos. De físico e barriga avantajados, João fiscalizava as obras municipais em um velho jipe reconhecido de longe por ser meio tombado para a esquerda, envergado no lado do motorista pelo peso do nobre alcaide. O jipe do João era mesmo uma coisa, uma aparição a ser aplaudida.

Mas, olha que, mesmo amigo dessas "peixotais" figuras, continuei "pedrista" forever. Pois é, aquele negócio de "uma vez Flamengo...". "Cataguasense, o nosso candidato/ é o amigo, deputado, Pedro Dutra!". Esse jingle ficou famoso entre a população de Cataguases, que elegeu por várias vezes o Torpedo. Lembro que quase sempre, ao terminar as aulas do curso primário no Grupo Escolar Coronel Vieira, passava por seu escritório na rua do Sobe e desce, nos fundos do prédio da Rádio Cataguases, para "tomar a bênção". Ou que outra coisa fazia eu ali, eu-menino, eu esperando uns trocados? Trocados em miúdos que sempre me esperavam saídos das mãos do Torpedo, devidamente trocados em balas e sorvetes na praça Rui Barbosa, caminho de casa. O Torpedo e seus trocados era o que de melhor havia naquelas tardes da infância.



Ah, mas havia também a esposa do Dr. Pedro, dona Flávia Fernandes Dutra, que fora professora da mamãe, e as duas acabaram ficando amigas para a vida inteira. Anos depois, 1976, quando lancei meu primeiro livro, *Selva Selvaggia*, dona Flávia ligou do Rio para a mamãe: soubera do lançamento e queria comprar meu livro. Mas que eu o levasse ao seu apartamento na Praia de Botafogo, pois queria um autógrafo "ao vivo". Dito e feito, e lembro ainda hoje daquela bela senhora ao me receber com chás, biscoitos e gentilezas afins. Mais "pedrista" fiquei ainda. E quem não? Educadora, culta, falando um francês fluido e um inglês *comme il faut*, adorada por

mamãe, Dona Flávia foi a primeira vereadora eleita em Cataguases, com mandato entre 1959 e 1962. Uma gentil senhora, dama afável, dona de beleza ancestral, que me cativou para sempre.

Meu lado "pedrista" me fez "ser do PSD", o que me levou a torcer veemente pela candidatura do Marechal Lott à presidência em 1960, em oposição a Jânio Quadros, que era apoiado pela UDN. Somente torcer, mesmo que com veemência, pois votar que é bom ainda não podia do alto de meus 17 anos. Acontece que em meados do ano de 1960 Lott veio a Cataguases para um comício e duas inaugurações: a nova e moderna praça Rui Barbosa, com seu estilo *clean*, seus bancos sinuosos e ousados, e o Grupo Escolar Flávia Dutra, criado por

Decreto do então presidente Juscelino Kubitschek, atendendo ao pedido do marido de Dona Flávia, o *Torpedo*.

Acontece (será que aconteceu mesmo?) que, logo após o discurso de Pedro Dutra, o Marechal sacou de seu dólmã o discurso que trouxera. Eram dois os discursos, mas ele acabou trocando as bolas e as letras e, impávido, inaugurou o Grupo Flávia Dutra ali mesmo, na praça Rui Barbosa, sem sequer perceber o *imbróglio*. Meninos, eu vi. Será que vi mesmo? Sei que a cada palavra de exaltação a Flávia Dutra eu abaixava a cabeça e pausava meus olhos vexados por sobre as pastilhas então reluzentes dos bancos da Rui Barbosa. Não sei, nem quis saber, o que aconteceu na inauguração do Grupo. Será que o Marechal inaugurou a praça por lá? Também em Cataguases, onde tudo parece acontecer, acontece.



Cataguases, 1960. Pedro Dutra discursa e Lott se prepara para inaugurar o Grupo na Praça.

&



Os pedristas



Os peixotistas

portulano do porto dos diamantes

Rosário Fusco

Portulano é informe sobre portos. No caso, de um porto: Porto dos Diamantes. Para quem chega, porto de todos os anos. Porto de noventa e um anos. Assim, portulano vem a ser – no dicionário e fora dele – a crônica do porto, de cuja palavra deriva. Ancorar, aportar, parar... é fixar-se: num ponto do porto. No Porto dos Diamantes, diamantes não houve. Mas, ouro. Meia-Pataca de ouro branco, não tão reluzente quanto a pedra perseguida, mas ouro.

Da atração do ouro, que a terra prometia, prometeu e sonegou, homens e mulheres arrivistas, agrupados à beira-rio ou à beira-corgo, conseguiram erguer a trintena de fogos pioneiros. Debaixo dos tetos, geraram filhos que, mais tarde, brilhariam mais do que a pedra e mais do que o metal, ainda brilham no suceder das gerações de quase um século.

Coro – Com diamantes no espírito e ouro nos corações.

Locutor - Catuauá Catuauá.

- *C* Cataguases terra-boa. Cataguases gente-boa.
- L A vinte e seis de maio de mil oitocentos e vinte e oito, a certidão de nascimento do arraial de Santa Rita do Meia-Pataca foi solenemente assinada pelo seu padrinho: Coronel Comandante das Divisões Militares do Rio Doce, Diretor-Geral dos Índios e Inspetor-Geral da Estrada de Minas aos Campos de Goitacazes.
 - *C* Que que esse homem é? Que que ele quer?
 - L Guido Tomaz Marlière.

Não quer, queria. Primeiro, à sua mulher, Maria. Depois, só verde da terra digna de ver-se e amar. Terramullher. Terramaria.

- L-Amar?
- C Amar.
- *L* − Assim, no princípio, foi o verde! não o verbo.
- C Catu-auá Catu-auá.
- L O verde das matas, o verde das hortas, o verde dos quintais, o verde das almas: frementes de esperança.

Texto de Guilhermino Cesar

O conquistador chegou cansado/ e batizou com o ouro da cobiça/ a terra que lhe prometia/ um punhado de coisas tentadoras:/ Meia-Pataca.// Olhando o rio esquecido/ eu penso no ouro que sumiu/ e no ouro que ficou pra sempre/ no coração da minha gente.

- L Depois vieram os negros, os brancos, portugas, italianos... todos se chegando aos Coroados, Coropós e Puris, natos senhores e posseiros do que havia.
 - C. − E o que havia?
- L Maria. As inumeráveis Marias que gerariam, como geraram, sobrenomes e tipos singulares: de mães/ de pais/ de filhos/ de educadores/ de industriais/ de artistas/ de cantoras/ de artesãos.
- L Depois, vieram os coronéis. Meu Deus, quantos coronéis. E os tenentes. E os alferes. E os majores... da Guarda Nacional ou não: tarados por fruta-pão.
- C Major Vieira/ Coronel Vieira/ Tenente Vieira/ Capitão Severino de Resende...

todos os Rodrigues/ todos os Nicácios/ todos os Silva Pinto/ todos os Costa Cruz/ todos os Borges/ todos os Reis/ todos os Carvalhos/ todos os Dutras/ todos os Sobrais/ todos os Abreus/ todos os Santos/ todos os Tostes/ todos os Silveiras/ todos os Wernecks/ todos os Lacerdas/ todos os Soares/ todos os Teixeiras/ todos os Fabrinos/ todos os Peixotos.

L - E os Silvas musicais?

C – Patápio Silva. Pierre Silva.

Texto de Ascânio Lopes

Nem Belo Horizonte, colcha de retalhos iguais,/ cidade europeia de ruas certas.../ crepúsculos bonitos, sempre bonitos./ Nem Juiz de Fora.../ Nem Ouro Preto, cidade morta... Nem Sabará, cidade relíquia.../ Nem Estrela do Sul, a sonhar com tesouros.../ N-Ã-O, Cataguases: há coisa mais bela e serena oculta nos teus flancos.

- L − E o padre João Crisóstomo Campos?
- Mulher decotada é mulher safada.

Ao Cármino Mainenti, sacristão:

- Barra a entrada dela na igreja.
- C Ora veja.
- L E os tipos populares?

João Gostoso/ Tião Dengoso/ Chinelinho/ Sebastião Galinha/ Maria Bolinha/ Sebastiana Pisa-Bem/ Alice do Vai-e-vem/ Cabedal/ Maria Tostão/ Maria Fuleira/ Neco Besteira/ Formosa/ Otavio Ceboleiro/ Carlos Chuva/ João Arara/ Laura do Cavalo...

Texto de Enrique de Resende

Ontem, quando a cidadezinha era uma vila,/ um simples lugarejo,/ havia por aqui três ruazinhas/ e um largo./ E havia a igreja./ E dois sobrados altaneiros — que eram os dois orgulhos da minha vila.// E, em meio ao casario pobre, a quando e quando,/ uns ranchos de sapé — os ranchos dos tropeiros —/ fincados na fralda do morro./ Hoje, o largo é uma grande praça/ e há nas fraldas do morro, uma avenida.

- 1 Fonseca é fundador de bares.
- Freguês meu tem um trato comigo. Bebeu aqui, ficou de porre aqui, brigue na porta: pra fazer propaganda da casa. E... vira um sanduíche de pernil da Etelvina.
 - 1 Chico Rossi
 - Quando teremos água, Chico Rossi?
 - Limpa ou suja?
 - Limpa.
 - Limpa, quando Deus quiser. Suja, toda vez que chover. (ler *chovér*)

Texto de José Américo de Almeida (aos rapazes da Verde) Vocês só são grandes porque são de Cataguases.

Texto de Carlos Drummond de Andrade

... e a Verde entrou para a história literária do Brasil.

Texto de Blaise Cendrars, poeta famoso, internacionalmente conhecido, abrindo seu último livro: "Le monde entier" (O mundo inteiro).

Au jeunes gens de Catacazes

Tango vient de tanguer/ Et jazz vient de jaser/ Qui importe l'étymologie,/ Si ce petit klaxon m'amuse? (Aos jovens de Cataguases/ Tango vem de tangar/ E jazz vem de jazar/ Que me importa a etimologia,/ Se esta pequena buzina me diverte e agrada?)

2 – Texto de um poema de Mário e Oswald de Andrade, pioneiros do modernismo estético brasileiro

Tarsila não pinta mais/ com verde Paris/ pinta com Verde, Cataguases

Brecheret/ não esculpe mais/ com plastilina/ modela o Brasil/ com barro Verde, Cataguases

Villa-Lobos não compõe mais/ com dissonâncias de Stravinski/

Ele é a mina Verde, Cataguases/

Todos nós/ Somos rapazes muito capazes/de ir ver de/

forde verde os/ ases de Cataguases.

- C Não vieram.
- 3 O amor resgata a lembrança
- L-E as memórias do coração/ vão/ e vêm/ como a lembrança.
- C Sem ordem.
- L Livres.
- *C* Sem hierarquias.
- L Livres.
- C Sem discriminações.
- L Livres.
- C Por amor.
- L Do amor.
- *C* Diamantes que o porto deu...
- L ... e não esqueceu:
- ... e os que se foram para ficar na memória dos que esperam a vez de ir, no cumprimento da eterna Lei:
 - *C* Nascer, morrer, renascer.
 - L ... dos tipos populares aos populares para todos os tipos da comunidade.

Patápio Silva, flautista/ Ascânio Lopes, poeta/ Astolfo Dutra, político/ Astolfo e Afonso de Resende, juristas/ Renato Braga, pianista/ Lindolfo Gomes, filósofo/ João Duarte Ferreira, homem de negócios.

- Ausente.

Fulano de Tal

- Ausente

e etc.

- 3 C Senhores: parafraseando Machado de Assis...
- *L* − ... Este elenco de nomes são nossa glória.
- C Nossa honra.
- L Nosso consolo.
- C Nossa permanência.
- L Nossa memória.
- *C* Honra, consolo e glória do Porto de homens padrões. Que ficaram fiéis à terra. Todos de diamantes e ouro feitos.

Jornal Cataguases, 7 de agosto de 1977

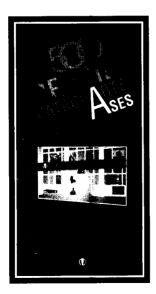


matizes de cataguases nos 500 anos do brasil

No país do futebol, 11 é um número significativo – mas isso são outros 500. Este é também um novo mundo que "caminha" entre acasos e achamentos. Vale a rima e o escrito: esses 11 artistas adentram o gramado atendendo a convocação específica: retraçar/homenagear cromática e imageticamente os 500 anos da trajetória de muitos matizes do país que é este e também aquele e muitas vezes aqueloutro. Não se deram por achado os novos ases de Cataguases – cujo talento aqui explode na pluralidade de formas e volumes e traços e sutilezas e contundências (in)esperadas.

Nomear esse, aquele ou aqueloutro desses hábeis artistas-navegadores é quebrar a força de atuação do conjunto. Este é um time que sabe jogar – e de forma magnífica – com todas as cores e significados de sua camisa. Um time que distribui com perfeição a bola imantada de luz que surge e incide nessas paletas inundadas de cores tropicais que teimam em (re)descobrir o sol – ou sua ausência. Este é também um país de cinzas e encobrimentos.





Os 11 dos 500

Ataliba

Cataguases, 1964. Autodidata, tem como tema recorrente o universo das locomotivas inseridas no contexto da paisagem urbana e rural. Um primitivo que trafega seguro pelos trilhos do hiper-realismo.

Altamir Soares de Araújo

Cataguases, 1955. Formação em São Paulo: artes plásticas na Faculdade de Belas Artes e aprimoramento em pintura e gravura no MAM.

Bené Devêza

Cataguasense, escultor autodidata e engenheiro mecânico. Artífice que sabe de volumes e anatomia, sutil e contundente.

Carlos Alberto Bittencourt

Cataguasense. Aprendizado com Adyr Resende e, mais tarde, com Marilene Garjar e na Escola Antônio Parrenas.

De Paula

Cataguasense, autodidata. Antenado em Kandinsky, Paul Klee, Mondrian. Ligação direta com a Pop Art de Jasper Johns, David Hockney e Warhol.

Luiz Lopez

Cataguases, 1959. Artista plástico e escritor. No Rio de Janeiro, fez cursos de pintura no Parque Lage e de gravura no Sesc-Tijuca.

Nanzita

Cataguasense, pintora e ilustradora. Inicia carreira em 1940. Estudos com Jan Zach, Abelardo Zaluar e Frank Schaeffer.

Paulo Fialho

Natural de Cataguarino. Artista plástico, figurinista, cenógrafo e professor das técnicas de origami e *papier mâché*.

Pury

Cataguasense. Artista plástico, fotógrafo e professor de artes na Secretaria Municipal de Saúde de Juiz de Fora. Abstrato, utiliza aqui um referencial de emblemas e signos, até mesmo zodiacais, para demarcar a fogo e sangue a história dos 500 anos.

Sérgio França

Cataguasense, autodidata. Irreverente e surrealista, subverte o real através de cortes, fusões, interferências.

Silva Costa

Cataguasense, autodidata. Figurativo, suas obras apresentam massa cromática de nuances impressionistas, com luminosidade que remete ao pontilhismo.

permanência da pintura

Em Cataguases, viver é conviver com arte. E, pelo menos a partir dos anos 40 do século passado, de preferência arte moderna. Causa assim certa estranheza o fato de seus artistas plásticos só despontarem bem depois da segunda metade do século XX – e somente nos últimos dez anos, se tanto, terem aparecido em sua plenitude. Entre o Pomba e a Ponte parece pairar permanente interrogação: não teriam esses artistas se intimidado com o modernismo que se assentou nas praças da cidade?

Neste início de século, Cataguases já apresenta uma correção de rumo na "usina" de produtos visuais, agora agregando oferta e qualidade. Prova disto é a mostra "6 x Pinturas", que reuniu seis dos mais representativos pintores da cidade. Interessante notar que Altamir, Bonin, Luiz Lopez, Sérgio França, Silva Costa e Slotti, artistas aparentemente tão únicos em suas inquietações, assumem aqui a pintura em toda a sua potencialidade.

Nada de interferências, assemblages, ready-mades, colagens & outros modismos que tomaram de assalto o universo das artes plásticas ao longo do século XX. Esses artistas não se esquivam e se cobrem de tinta e transpiram criatividade nessa mais que saudável retomada da pintura em sua essência primeira.

Na importa a tendência, não importa a que escola aludam esses quadros, não importa se surrealistas, primitivos, impressionistas, geométricos, expressionistas. Acrílica ou a óleo, a tinta é aqui assinatura, expressão primeira de permanência, de sensibilidade que se fixa nesses quadros como se fixou na história das artes plásticas ao longo dos séculos. E se faz figura, esboço, simulacro. Arte que se pinta e se cobre do inesperado, pincel que se empunha – devoção, escritura, epifania.

Exposição 6 x Pinturas Museu Chácara Dona Catarina Cataguases, 2003

6 x Pinturas: os artistas



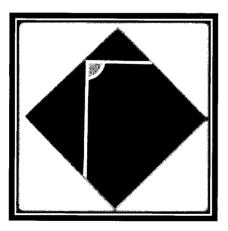
Altamir: a expressão

Primeiro o esboço ao acaso: papel, lápis de cor. A forma, a tonalidade, a expressão. Na tela, o esboço toma outro rumo. O pincel já traz em si um gestual diferente e transborda a precisão do lápis. À medida que a tela vai ganhando tinta, a cor se sobrepõe à forma. No início, uma a cada vez. Logo, muitas. As figuras foram aparecendo da memória das ruas. De impressões do cotidiano, agora texturas, cor que se expressa.



Bonin: a tristeza

Tem um quê impressionista a luz flagrada em seu ateliê de Boa Sorte, na zona rural. Autodidata, intuitivo, sua arte é contexto e textura, camadas de tinta que se sobrepõem após sucessivas raspagens na tela. Pálidas palavras para traduzir sua técnica. A natureza morta, o camponês no fogão a lenha, o autorretrato entrevisto pela porta entreaberta. Há um muito de melancolia nessas cenas, música em surdina, pincel que roça feixes de tristeza.



Luiz Lopez: o vazio

O losango-bandeira e suas cores. O risco, a geometria. O Brasil desconhece o (risco) Brasil. O risco do Brasil e o infinito do estádio templário. Catarse. O grande círculo, o canto de área, o corner em close. Bolsões de silêncio e incomunicabilidade. Rigor de cortes cinematográficos. Desconstrução das linhas retas a apontar o vazio. Na contramão de Mondrian. Nada mais perto do geométrico silêncio dos enquadramentos finais de "O Eclipse". Puro Antonioni.



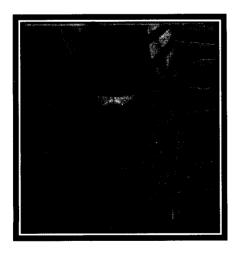
Sérgio França: a transgressão

"Noite de homens-damas de *lingerie* e *scarpins* comendo másculas bichas na madrugadinha safada e holográfica", lê-se num fundo verdeamarel semiescondido pela exposta agressividade de vísceras e pulmões. Tremula irreverente nessas pinturas a bandeira "udigrudi" do cineasta Rogério Sganzerla: "Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha". Leitura crítica do mundo, o lenço desvela paisagens drapeadas em suas dobraduras, autenticando o surrealismo.



Silva Costa: a luminosidade

A claridade, os tons, as impressões do mundo iluminado pela infância. Na aparente simplicidade dessas telas há uma pureza que não se esgota. Roça, lavoura, pequenos povoados. Aqui e ali, tanto nos grandes planos como em seus recortes, a figura humana se dilui na paisagem como se paisagem fosse. Como se ali estivesse desde sempre, desenho de luz e engenhosidade.



Slotti: a plasticidade

Há aqui um halo de intensa beleza e sensualidade visível no cromatismo e na sofisticada anatomia dessas figuras, em seus cortes de cinema: pintura pura. Na memória do artista figuras captadas no Xingu dos anos 1970 pela fotógrafa inglesa Maureen Bisilliat. Recriadas com mão de mestre, elas perdem um pouco do seu caráter etnográfico – mas as intervenções gráficas lhes dão força, encantamento, plasticidade.

permanência de nuvens errantes



Pelas auroras imobilizadas/... / Pela vida a pulsar dentro de tudo/ Pelas nuvens errantes; pelos montes/.../ Na sucessão de imagens. O cinema/ É o que não se vê, é o que não é/ Mas resulta: a indizível dimensão. Vinicius de Moraes, in Tríptico na Morte de Sergei Eisenstein

Com negativos cuidadosamente conservados há mais de meio século, essas fotografias surgem de leves cintilações de luz – luz de Minas, natural e única. Instantâneos de rara suavidade, são momentos da mata essas imagens, revelações da roça: bucólicas e belas. Contemplá-las é ver, mesmo em sua aparente ausência, o variar do verde que vaza da claridade para demarcar as zonas de sombra. Há em todas um discreto halo de delicadeza – fruto de certa "empatia", de uma cúmplice contemplação – que lhes dá uma aura de transcendente simplicidade.

Sob um céu sempre ponteado de nuvens, a natureza parece num à vontade de quem foi surpreendida no dia a dia. Há um quê de profundidade de campo, de *long-shot*, de *still*, de fotos de cena. Não à toa, têm um quê de cinema essas imagens. Como a do plano geral de Humberto Mauro de costas, aos pés da árvore gigantesca, fitando o campo vasto e parado – foto (1956) de Zequinha Mauro (José de Almeida Mauro), *still* extraído da abertura do documentário *Engenhos e Usinas*, e considerado por Glauber Rocha como "a raiz do enquadramento brasileiro".



Na plenitude dos 80 anos, Zequinha (José Almeida Mauro, Cataguases, 22.03.1921) é ainda hoje referência para os maiores fotógrafos do cinema brasileiro. Mestre do preto-e-branco – o verdadeiro, permeado por nuances de cinza, aquele "p&b tão rico em detalhes quanto o colorido", como ele diz – Zequinha é o elo entre os desbravadores dos anos 30/40, com quem trabalhou, e a geração cinemanovista pós anos 60. Todos iniciaram seu aprendizado com a imagem

fixa antes de passar ao cinema. Zequinha, não. Seu caminho vai se definindo na medida em que começa a extrair da experiência com o cinema seus perfeitos enquadramentos fotográficos.

Fotografia e cinema são extratos de luz, escrituras luminosas. A diferença é o movimento, pois ambas as técnicas utilizam os cristais de prata, fotossensíveis, existentes na emulsão do filme. Como perceberam seus inventores, os irmãos Lumière, a novidade do mecanismo do cinematógrafo é possibilitar o aparecimento de uma imagem antes que a anterior se apague na retina. O espectador é iludido pela projeção de fotogramas fixos, diferentes entre si, que passam a sensação de movimento. Fotogramas e movimento à parte, a essência é basicamente a mesma – e é comum vermos um profissional de fotografia transformar-se em fotógrafo de cinema.



O incomum é acontecer um "movimento" às avessas. A partir dos anos 40, Zequinha assina a fotografia e a montagem da maioria dos documentários dirigidos por Humberto Mauro para o INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo), além de seu último longa-metragem, O Canto da Saudade. Tem ainda grande destaque em A Velha a Fiar – um dos clássicos da filmografia do pai, primorosa aula de decupagem onde Zequinha se desdobra na fotografia, montagem, sincroni-

zação e na trucagem. Ao longo de mais de 50 anos, as filmagens realizadas para o

INCE foram um exercício para o seu reencontro com a fotografia, arte que lhe dá maior prazer e onde se descobre mestre.



Do cinema à fotografia extática: eis a trajetória inusitada de Zequinha, o primogênito e um dos mais assíduos parceiros de Mauro. De pai para filho, para filhos; e para irmão, irmãos; e mulher e nora e genro e neta e sobrinhos-netos: o conceito de família sempre foi tão arraigado nos Mauro que extrapola para o universo cinematográfico – a força por excelência de todo o clã. Um plano-sequência em família, como num grande set em constante atividade. Ao partir para a fotografia, Zequinha

de certa forma se "liberta" do pai, da constante parceria – e passa a ser o criador por excelência de suas próprias imagens.

Ele transforma-se então no meticuloso construtor dessas nuvens errantes que delimitam permanentemente os céus de seus primorosos enquadramentos. Nuvens acentuadas por uma filtragem que remete à arte maior de Gabriel Figueroa, com suas nuvens fantásticas filtradas sobre os céus do México. Sim, pela filtragem, por barrarem a luz mais azul que vaza do céu, realçando o branco, essas nuvens lembram Figueroa. Mas só na perfeita assimilação da técnica, pois essas nuvens – do Zequinha! – delimitam um espaço onde nada está solto: marcas do poder de um enquadramento que nasceu clássico, perpetuado por exemplar inventividade.

Texto do folder da exposição "Zequinha Mauro", distribuído na inauguração do Centro Cultural Humberto Mauro e da Galeria Zequinha Mauro. Cataguases, 30 de abril de 2002

Esta homenagem a Zequinha Mauro chegou pouco antes de sua passagem definitiva para a posteridade: o grande fotógrafo morreria no Natal daquele ano no Rio de Janeiro.



o artista aguça a brincadeira

Ensaios de luz que nascem de um ensaio de dança, esses trabalhos trazem a marcassinatura do artista *portugataguás* Henrique Frade – seu constante poder de invenção, o permanente reencontro com o inesperado. Aliás, um paradoxo que bem lhe cabe, porque dele o inesperado é, no mínimo, o que se espera. Ele continua sempre "fazendo arte", como aquele pequeno português que aportou em Cataguases nos idos não voltantes de 1960.

O menino arteiro continuou pela vida afora a caminhar na contramão da arte acadêmica, de tudo que acadêmico fosse. Não à toa, esse moleque cinquentão tira sempre do fundo do seu inesperado embornal a palavra "brincadeira".

Está a toda hora a dizer coisas como "aqui eu quis fazer uma brincadeira com o registro de luz, ali uma brincadeira com a textura", uma brincadeira com isso ou aquilo. E, destarte, desta arte se destaca o seu trabalho – de brincadeira em brincadeira – pela "criatividade", palavra batida, quase "acadêmica", que absolutamente não lhe faz jus. Mas não vejo agora outra que melhor lhe caiba. Que melhor transmita, perdão, o seu poder de "inventividade".

Aqui o Henrique-fotógrafo junta-se ao Frade-artista plástico e os dois voltam a ser um – *fotogrartista* – e transgride(m) todos os códigos numa grande e, vá lá, "criativa *brincadeira*". São fotografias feitas pelo processo comum, com máquina não-digital, sem flash, onde HFrade (como o artista assina ultimamente, escamoteando o "Dom" Henrique) opera com registro de luz normal. Fotografia é obviamente luz. Mas não é só isso, é óbvio, sob pena de ficar obviamente óbvia.

Mirem-vejam esses trabalhos. Agora voltem a olhar. Vejam esses tons retomados por processo digital, por filtros que mudam o registro das cores, essas texturas que se esgarçam, quase a desaparecer.

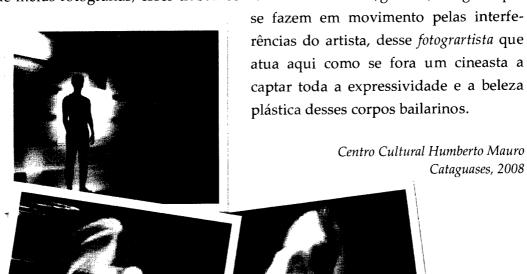
Olhem, se detenham, voltem-se sobre eles, com um olhar de captar detalhes, com olhar de ver nas tramas desses quadros, na força de suas angulações, de suas interferências cromáticas, a arte de HFrade pulsar entre o que era só fotografia (e continua a ser) e possibilidade de intervenção plástica, de aguçamento, de total saturação das cores.

Às vezes, essas "manchas" aparentes têm alguma coisa de "tachismo", pela espontaneidade de sua execução, pela livre utilização de formas plásticas como os pontos e as próprias manchas cromáticas.

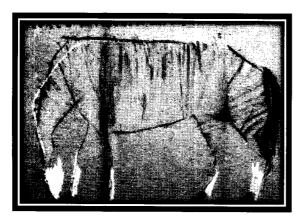
Mas o tachismo já está a fazer 50 anos, quase a idade de HFrade, e essa brincadeira de tentar situá-lo no tempo e nos movimentos é certamente inócua, pois quando pensamos o artista aqui, o nosso portugataguás já está lá, rápido como um telefonema.

Se difícil é enquadrá-lo "no tempo" e nos movimentos da história da arte, mais certo é colocá-lo nas proximidades da própria palavra "movimento". Tudo em seu trabalho gira em torno de movimento, como se o próprio movimento (da Terra, de todos, de tudo) não girasse permanentemente em torno de si-em-busca-de-espaço. HFrade está sempre a girar, em constante movimento de ideias e ideais. É isso que esses quadros estão a nos propor.

Não por acaso, sua matéria-prima já é, em si, cinética: bailarinos da Cia. Ormeo Teatro-Dança em pleno ensaio no Centro das Tradições Mineiras. Mais que meras fotografias, esses trabalhos de HFrade são foto/gramas, imagens que



cavalo/bulevar/pastilha



Verde. Verde-mato, riacho, solchuva-sol, terra, terra-ocre-amarela, prata, queda d'água, cinza-imbaúba, cinzazul nos longes, mar-de-morros e os cavalos. Os cavalos-cáqui recortados da memória, cavalos aqui plantados no pasto de papel. Esses cavalos-esboços, esses cavalos que ferem a folha, esses cavalos a traços toscos trotam no tempo: silêncio denso. Esses cavalos remetem

à Fazenda Nyagara, onde Pedro Marcos auxiliou por dois anos o proprietário, Ormeo Junqueira Botelho, nas obras da sede e na captação de águas. Funcionário da Cia. Força e Luz, o artista trabalhou por longo tempo no meio rural. Daí seu ar, seu andar de peão: rude-sofisticado.

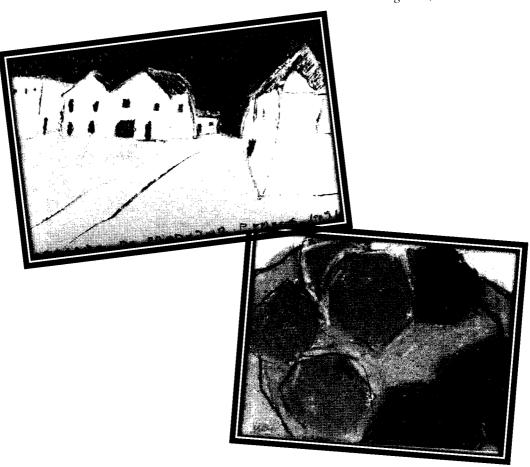
Amarelo. Amarelo-sol sugerido pelos desenhos-quase-gravuras da velha sede da Usina Maurício, restaurada pelo artista, que hoje coordena seu museu. Amarelo-Arles-Van Gogh. Os estudos que compõem esta mostra, esses desenhos seriais exasperados, essas formas e volumes cuja arquitetura é revista a cada retomada, impressionam pela busca de perfeição traduzida na economia das linhas, pelo esmaecer dos traços ao longo das séries, por sua concisão.

Do campo à cidade, ao casarão do Museu da Eletricidade em Cataguases, o artista desenha o que vive e o que vê. Papel-cartão e lápis nos bolsos, Pedro perambula por praças de pastilhas e avenidas-alamedas: pelo prazer de errar por aí, como o poeta-*flâneur* Baudelaire deambulava pelos bulevares da Paris do século XIX.

Olhar com olhos de contemplar. Debruçar-se sobre a cidade, olhar para (re)produzir com rara precisão a geografia urbana que transparece nesses desenhos-de-bolso. O entrevisto casarão do Grande Hotel, os velhos sobrados na diagonal da Rua da Estação, em angulações que lembram "story-boards" dos enquadramentos expressionistas do também fotógrafo Pedro Marcos. Na rua, cavalos, bulevares, pastilhas. Dentro, ventiladores, cadeiras, móveis e utensílios, trabalho-casa.

Respiram Cézanne essas fruteiras, essas cenas domésticas: jarros, pequenos frascos como esse da Maison Breguet-Paris, cuja composição vai sendo saturada ao extremo. Esboços, riscados de risco assumido, como num velho-novo improviso jazzístico, a linha interrompida e retomada. All that's jazz, nesses desenhos de Pedro Marcos, que remetem àquela pureza de Picasso: "Levamos muito tempo para nos tornarmos jovens. Quando vejo pinturas de crianças, dou-me conta de que só agora posso iniciar meu trabalho de juventude. Quando tinha a idade delas, era capaz de desenhar como Rafael. Mas levei anos para aprender a desenhar como criança".

Pedro Marcos – Desenhos Museu Chácara Dona Catarina Cataguases, setembro 2001



FOJB 30 anos: amor à cultura



"Eu tive uma sensação como nunca havia tido antes" – confessou-me Cleonice Berardinelli. Era agosto de 1992, eu colhia depoimentos para um vídeo sobre o CCBB, o Centro Cultural Banco do Brasil – e a hoje centenária Dona Cleo, a professora universitária agora membro da Academia Brasileira de Letras, acabara de proferir palestra sobre Fernando Pessoa. "Dou aulas há 47 anos, estou acostumada a dar conferências no Brasil e no exterior, mas o que eu nunca vi foi essa insistência em estar, em ficar. Ninguém saiu, ninguém se levantou. Esta atitude cultural que este Centro está criando é uma coisa que eu nunca vi no Brasil. Isso me causa uma satisfação quase enternecedora".

Lembrei ainda agora desse episódio, ao iniciar este texto sobre os trinta anos da Fundação Ormeo Junqueira Botelho, que me foi solicitado por sua presidente, Mônica Botelho. Essas anotações sobre minha participação, minha memória dos anos em que trabalhamos juntos na FOJB. As palavras de Dona Cleo sobre o CCBB cabem como luva no universo, nas atividades culturais a que tive oportunidade de presenciar nas várias dependências formadoras do complexo da Fundação – e que sempre me causaram "uma satisfação quase enternecedora".



Literatura, cinema, arquitetura: a cidade é modernista por vocação, pro/vocações de Cataguases. Oitenta anos após a vanguarda da revista *Verde* e o pioneirismo do cinema de Humberto Mauro nos anos 1920, sessenta anos depois da chegada do modernismo às suas ruas nos anos 1940, a vocação cultural de Cataguases foi retomada pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho em finais dos novecentos – e principalmente no virar deste século.

Aprazível província antenada no futuro, com irresistível vocação moderna, em Cataguases o que o século passado chamou de

vanguarda convive ainda hoje com a perenidade do poema de Ascânio Lopes: Há em ti a delícia da vida que passa porque vale a pena passar, que passa sem dar por isso, sem supor que se vai transformando. Arquitetos, escultores, pintores, paisagistas: nos anos 1940, trazida pelo escritor e industrial Francisco Inácio Peixoto, a nova estética moderna surgia em cada esquina de Cataguases, como se a cidade fosse aos poucos moldada por mãos vanguardistas. Este é o diferencial, os muitos diferenciais desta cidade já em si bem diferente de outras cidades do interior. "Uma cidade do exterior mineiro" – no dizer de um de seus poetas, por acaso este presti/digitador.

Seis décadas depois, já no raiar do século XXI, impulsionada pelo empenho visionário de Mônica Botelho, Cataguases retoma sua vocação cultural e volta a se vestir moderna, a novamente se conectar com o futuro por meio de construções, esculturas, monumentos – a arte torna a reluzir a céu aberto. No dizer abalizado do atual secretário de Estado da Cultura, Angelo Oswaldo, "Cataguases é a cidadesíntese do século XX em Minas Gerais por sua persistência na construção da modernidade". Marco do modernismo no interior do Brasil, não há dúvida. Mas a cidade conserva o encanto, o frescor, a simplicidade da província que nunca quis ser mais do que isso. Daí o seu fascínio.

Após mais de 30 anos de Rio de Janeiro, eu retornei a Cataguases em 1998, trazendo na bagagem um histórico de inúmeros textos voltados em sua maioria para a literatura, o cinema, o teatro, a música, as artes plásticas. Muitos deles

produzidos para o CCBB, onde eu atuara como Assessor de Comunicação e Editor de Textos. Com perdão da palavra, foi essa *expertise* que me levou, em finais do século passado, a ser convocado por minha amiga Mônica Botelho – que também retornara do Rio e acabara de assumir a presidência da FOJB – para ocupar na Fundação funções semelhantes às do CCBB.

Semelhantes, em termos – ao contrário do CCCB, que concentra todos os segmentos num só local, a Fundação abarca um largo espectro de atividades que se espraiam por vários espaços, não só em sua sede de Cataguases, como nas Usinas Culturais que seriam logo a seguir criadas. Enquanto o CCBB conquista seu público por contiguidade, ao oferecer arte-cultura num só e atraente espaço, a FOJB já ensaiava outra dinâmica desde seu início, expandindo-se por vários locais em Cataguases e localidades outras. Foi a percepção desse espraiamento geográfico que me atraiu, pois a FOJB se multiplicava como se fosse vários CCBBs – um desafio que eu tinha pela frente.

Meu primeiro texto para a Fundação está inédito até hoje. No dia 7 de novembro de 1998, a FOJB inaugurou em Cataguases o Café do Museu, ao lado do casarão onde se encontrava o Museu Energisa. E no dia seguinte o Anfiteatro Ivan Müller Botelho, um marco na história da Fundação, que iria atrair grande público para as memoráveis apresentações musicais nele realizadas. Na ocasião, foi lançado o livro *Papagaio Gaio*, de Celina Ferreira. A pedido da Mônica, eu preparei um texto sobre a Celina, minha amiga de longa data. Uma fala que não houve, dadas as muitas manifestações daquela noite.

Difícil listar o extenso rol dos textos institucionais que escrevi a partir de então, em sua maioria estampados no "Usina Cultural", publicação graficamente luxuosa, em policromia, que eu editava tendo a Mônica como designer gráfica.

Focalizando o calendário de atividades das várias "usinas culturais" da Fundação, o jornal amparava-se em farto material fotográfico, selecionado e diagramado por Henrique Frade. Está ali a história, a trajetória dos muitos feitos dos vários segmentos da FOJB ao longo dos 30 anos de sua existência. De certa forma, está ali também a minha história nessas três últimas décadas.





Entre os acontecimentos mais marcantes que presenciei, os projetos de maior destaque sobre os quais escrevi, encontram-se a restauração da Chácara Dona Catarina – que funcionou como museu e vitrine de grandes exposições até pouco tempo – e a abertura da praça em seu entorno. E também a criação do CTM, o Centro das Tradições Mineiras, onde se desenvolveu o Projeto Café com

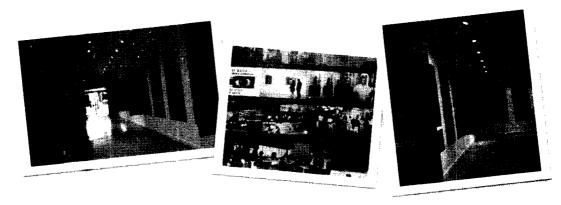
Pão Arte ConFusão, um dos mais bem-sucedidos planos educacionais da FOJB, com suas oficinas de artes plásticas, dança contemporânea, dança de rua e dança folclórica, aulas de percussão e capoeira, artesanato e teatro.

Logo a seguir, o Centro Cultural Humberto Mauro e suas marcantes mostras fotográficas, palco de apresentações teatrais, de música e dança contemporânea. E, no segundo pavimento, o belo espaço multimídia que abriga o Memorial Humberto Mauro. Os longos anos de pesquisa sobre a vida e obra do cineasta para o Memorial levaram à realização de meu livro sobre Mauro, *Kiriyrí Rendáua Toribóca Opé*, lançado em 2009. Mas, antes, há que se registrar um dos mais importantes projetos da FOJB.

"A luz, a língua, o cinema" – escrevia eu em artigo publicado pela revista de bordo da TAP em 2006: "Motores do Cineport, o Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa que movimentou as ruas de Cataguases e da Zona da Mata em sua primeira edição ocorrida em junho de 2005". O Festival repercutiu em vários pontos do Estado de Minas, e também em todas as oito nações que formam a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). A equipe da Fundação voava para Lisboa e dali para a cidade de Lagos, no Algarve, onde se realizaria com grande êxito a segunda edição do Cineport (sigla óbvia, criada por mim, mas que acabou colando). Nos anos seguintes, as quatro outras edições do Festival foram realizadas em João Pessoa, na Paraíba, área de concessão da Energisa.

A partir de 2008, surge o Festival Ver e Fazer Filmes, já em sua 5ª edição, que busca promover uma vivência prática, inovadora na criação e produção audiovisual. No ano seguinte, com sede em Cataguases, é criado o Polo Audiovisual da Zona da Mata, iniciativa da FOJB e do Instituto Cidade de Cataguases. O Polo encontrou na Energisa uma parceira estratégica interessada no desenvolvimento

econômico e cultural da região, disposta a realizar investimentos de longo prazo para concretizar seus objetivos. Na sequência, várias produções foram e vêm sendo trazidas e desenvolvidas em Cataguases, como se a cidade assumisse de vez sua vocação, seu destino de "Catawood", cidade-locação, preconizado por Adhemar Gonzaga em carta a Humberto Mauro nos anos 1920.



De novo agosto de 1992. Irmão de Nelson Rodrigues, o artista pernambucano Augusto Rodrigues, criador da Escolinha de Arte do Brasil, falava pausadamente enquanto fumava e eu o filmava, um ano antes de sua morte: "O CCBB abre perspectivas infinitas para a cultura, para manter a imagem viva do Brasil com grandes eventos. Sua equipe mobiliza e traz para o centro do Rio o que há de significativo na cultura brasileira. Uma qualidade excepcional, a mostrar o que pode o povo realizar se conscientizado da importância da cultura".

Ele dá longa tragada e olha fixo para a câmera: "Eu perguntei a alguém daqui porque trabalhava tanto fora de horário, com enorme esforço. 'É cachaça mesmo', me falou. Eu diria que não, é amor mesmo. Amor ao trabalho, amor a criar uma atmosfera propícia para que a criatividade seja algo significativo no contexto cultural". Foi esse mesmo esforço coletivo para levar cultura a um grande público que eu voltei a encontrar anos depois na equipe formadora da Fundação Ormeo Junqueira Botelho. Amor ao trabalho, amor à cultura. Amor mesmo. E que sempre me proporcionou "uma satisfação quase enternecedora".

Exposição 30 anos da FOJB Centro Cultural Humberto Mauro Cataguases, outubro/2017

cataguArte centenária



Ao lado da primeira-dama Ednéa, o prefeito Milton Peixoto comemora: palmas para o centenário de Cataguases.

Em 7 de setembro de 1977, quando do centenário de Cataguases, a cidade em festa foi "civicamente" saudada por seus cidadãos e, terra de poetas e dramaturgos, deles recebeu justa homenagem, como não poderia deixar de ser. A data marcava também o cinquentenário do surgimento da revista *Verde* e Cataguases havia perdido, a menos de um mês das chamadas "efemérides", um dos principais nomes daquela publicação ligada ao movimento modernista, o romancista Rosário Fusco, que voltara a residir na cidade pouco mais de 10 anos antes e falecera em 17 de agosto.

A peça *Apaguem os lampiões*, encenada no palco do Colégio Cataguases, emocionou a cidade e a todos os visitantes que vieram para os festejos. Morto recente, Rosário Fusco não pode evidentemente comparecer, mas foi devidamente representado por sua viúva, Annie Fusco. Na plateia, em meio a quase toda a cidade, o escritor Francisco Inácio Peixoto, que assistiu duas vezes. Produzida por Simão José Silva, escrita e dirigida por Carlos Sérgio Bittencourt, exibindo um audiovisual com fragmentos do livro *Pomba Poema* de Ronaldo Werneck, *Apaguem os lampiões* contava em seu elenco principal com Adriana Montheiro, Antônio Jaime Soares e Synval Filho.

"Que cidade era aquela de antena ligada no ar, captando o novo? Que tipo de gente incentivava a aventura do cinematógrafo empreendida pelo jovem Mauro? Por que Eva Nil renunciou ao cinema? Ilhados no interior mineiro, sem maiores informações, como os rapazes da *Verde* sacaram essa de fazer literatura?". Essas algumas das perguntas que a publicidade da peça trazia. Perguntas de certa forma respondidas pelo poeta Francisco Marcelo Cabral em texto primoroso e apaixonado pela peça, a seguir reproduzido.

APAGUEM OS LAMPIÕES



A peça emocionará os cataguasenses de qualquer cepa. Porque, quase por milagre, faz surgir no palco, não o transitório que ela narra, mas o perene que as palavras não capturam e que delas escapa para a plateia, cuja vivência e memória, afeição e emotividade é um dado necessário do espetáculo.

Tecnicamente, ela é uma estrutura aberta. Carlos Sérgio conseguiu algo muito especial: coerente com sua geração, preocupada com o esqueleto da comunicação artística, criou um teatro-processo. E antes que o Joaquim Branco, o Aquiles, o Pedro e o Ronaldo protestem, eu explico o roubo da expressão.

Apaguem os lampiões é uma varredura aleatória da memória (e aqui eu estou usando um conceito cibernético, uma gíria de computador).

Os episódios evocados poderiam ser substituídos por outros, retirados da mesma fonte histórica, que a peça subsistiria em sua emoção básica.

Porque não é a crônica de Cataguases que está sendo contada no palco. A proposta da peça é muito mais rica. Ela "coisifica" (Ave, Mário Faustino) o espírito da cidade, que pousa principalmente na personagem vivida com comovente sinceridade por Adriana Montheiro, mas esvoeja molequemente sobre os ombros do Camareiro e do Autor e, sobretudo, paira – homogêneo e, no entanto, diverso — sobre a legião dos fantasmas convocados à cena, gente que aqui vive sua condição humana e fez história... sem querer.

Apaguem os lampiões, que dão intimidade, mas fecham a lente de análise, particularizando e empobrecendo a visão. E acendam o sol ou todas as luzes altas, gerais, abrangentes, para que se possa enxergar o nexo misterioso que entreliga os mortos, coronéis e artistas, maestros e vereadores, poetas e raizeiros, nossos heróis, nossos loucos e nossos sacanas.

Eu confesso que estou tocado às lágrimas, numa golfada de civismo babaca e provinciano, de saudade e bairrismo, quando o pano se abre e a grande pergunta formulada por Carlos Sérgio Bittencourt começa a ser passada da Moça-Adriana para o Autor-Antônio Jaime via Camareiro-Vavai (Synval Filho, Arlequim descontraído e flexível) e vai ganhando corpo e intensidade.

A pergunta pungente e sem resposta que, terminado o espetáculo, sairá do teatro para as ruas e será queimada junto com os fogos de artifício que o burgomestre Milton Peixoto fará voar pelos ares da noite centenária, num desafio às estrelas essas, sim, eternas, que assistem divertidas a outra peça sem fim, que é a vida em Cataguases.

E que pergunta será essa, para merecer tanto "suspense"?

"Qual o sentido de tudo isso?" Não é assim que saímos da infância, não é tal a matéria inesgotável sobre qual trabalhamos a vida inteira?

Apaguem os lampiões da mesmice municipal, da chatura cotidiana e mesquinha, apaguem-nos para ver as luzes de Cataguases, sua inteligência sempre renovada, sua arte jamais afeita aos clichês, a criatividade e o trabalho de seu povo, a dar personalidade própria a esta cidadezinha qualquer.

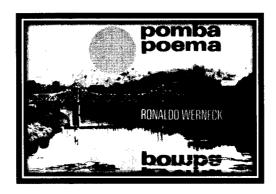
Apaguem os lampiões, para ver brilhar o talento de Carlos Sérgio Bittencourt, a que deram voz e corpo Adriana Montheiro, Antônio Jaime e Synval Filho e toda essa garotada legal que, uma vez no palco, estará para sempre inoculada do vírus mágico e incurável do teatro.



Pomba & Inexílio

O centenário foi ainda marcado pela publicação de dois poemas-livros, o *Pomba Poema* (1977), de Ronaldo Werneck, e *Inexílio*, de Francisco Marcelo Cabral, lançado no ano seguinte, de certa forma "nas águas do *Pomba Poema*", segundo as palavras de seu autor. O centenário parecia para sempre. E foi. A seguir, fragmentos dos dois poemas.

POMBA POEMA/Fragmento Ronaldo Werneck



nesgas neblina

manhã ainda agora

O CHEIRO DA MAÇÃ EVOCANDO A METRÓPOLE O MUNDO EXTERIOR EXTRAÍDO

A CADA ODOR & DENTADA

O MUNDO ALÉM DA RETA DA SAUDADE

ANTES DAS INDÚSTRIAS O MUNDO

ATOLADO

NA PONTE DO SABIÁ

HÁ? NÃO HÁ?

NÃO SABÍAMOS

NÃO SABEMOS

NÃO SOUBEMOS

NUNCA JAMAIS

ESTAVA ALI O MUNDO ANTES DO TEMPO E DA PONTE

NUM REPENTE

NA GIRÂNDOLA DO TEMPO

MANGA

JABUTICABA

ABIU

EXPLODINDO NO DENTE

o pombaquário

arrebata

dados como petecas

lançados

sugados ao rio

como patacas

na memória

correndo corroendo

um século em cada minuto afogado em flores alvas

netrodorea pubescens

laranjeira da mata

limo

limoeiro dos campos

dos palcos gerais

ktá apenas

cata

cena

seus atletas

seus patetas

seus poetas

que passo é esse apressado?

que luz é essa amarela?

quando quem o quê como por quê?

de quem são esses olhos?

quem por trás da janela?

aguado

maneiro

resta ainda o café deslocado no tempo outrora agora

fora do tempo do urânio
dos tratados
contratos de ricos
conchavos de risco

movida a carro de boi e gerânios

girando

como pião matreiro fora dentro fora no exterior mineiro

cata ktá catanga catuauás cartazes catuauases itacatuauases cataguases

> catarte catarse

catavento em close na memória

aqui ali
frag´alimentada
parte por parte
catanada água argila
desesperada
cataguases
arte por arte
ainda cintila
cataguarte

Rio/Cataguases, 1977



INEXÍLIO/Fragmento Francisco Marcelo Cabral

NADA, Cataguases, em teu rio pobre Pomba sem vida, mudo e sujo

NADA, nem Francisco Inácio Peixoto se acostumando a perder amores, amizades e ambições, nem a morte de Rosário, ai de nós, ai de ti,

merda de morte igual a todas inesperada colhedora do tigre e do joio

NADA, nem a completa destruição da paisagem da minha infância

NADA, Cataguases, nem a tua indiferença ou desprezo pelos teus poetas e teus loucos (1), únicos que te conferem a glória de não seres como outra qualquer um simples mercado mas uma cidade, oh sim, uma cidade com valores não conversíveis à moeda aguada que os ricos represam e que os corrompe como os vermes cujos ovos estão crescendo nos seus futuros cadáveres

NADA ME FAZ

lembrar um porto de diamantes (que fossem topázios, ametistas, crisólitas, opalas, turmalinas!) nem mesmo saber – só agora – que no cascalho do leito do Meia-Pataca ainda repousa o ouro não minerado

NADA ME FAZ

TE AMAR

Berço, seio, colo, braço, calor e umidade é um ato simples como nadar, anulando-se, na corrente limpa do rio

AMAR MENOS

é morrer como o rio sendo freado pela areia como tirar os óculos, desligar o telefone, guardar a máquina de escrever e sair de casa para nada

MENOS

que nada é o pó do poema que aqui sobrenada sobre tudo (que nada!)

NADA ME FAZ TE AMAR MENOS

(1) enquanto os rapazes da *Verde* não faziam versos e contavam poemas-piadas de que ninguém ria (é deles que todos riam) soavam flautas em cavatinas nas salas endomingadas e o Fusco usava gravata plastrom, Francisco Inácio se apertava num fato de elegante talho carioca, Enrique suspirava seus símbolos, ancestrais, Guilhermino ensaiava o concreto em sua arte sutil pedra porosa de Antares e Ascânio morria de riqueza interior e tísica, bravos rapazes, de uma cidade que valsava ou ia ao cinema ver os *movietones* e Eva Nihil — rápida supernova e puro mito; Lina ainda não tinha nascido, nem eu, nem Celina e quando os descobrimos

o rádio tocava alto e sabíamos
bastante francês para ler e cantar
e fazíamos de novo versos
enquanto os domingos se enchiam de samba-canção
e ninguém nos lia;
quando a televisão chegou, visual, sincrônica, não conceitual
Joaquim Branco acordou, Ronaldo, Plínio, Pedro, Aquiles acordaram
Paulo Martins despertou, o Moura abriu o olho,
tocaram rock nos festivais
reinventaram Dada
e cuidaram de montar o poema como um carro, um eletrodoméstico
para ser consumito
(enquanto a cidade viajava para fora a fazer turismo
e pouco se importava, outra vez, com todos nós).

Rio, 1978

humberto mauro: plano geral & poesia



No dia 5 de novembro de 1983 morria em Volta Grande o cineasta Humberto Mauro, que captou a luz de Minas em grandes e poéticos planos – e fez em Cataguases os melhores filmes da fase pioneira de nosso cinema.

Além Paraíba, Minas Gerais, outubro de 1983. O velho cineasta acorda num hospital, a família em volta: "Ué, eu já morri?". Como todos os iluminados pela inteligência, o cineasta mineiro Humberto Mauro (Volta Grande, 1897-1983) era muitíssimo bem-humorado, um eterno curioso, atento ao mundo à sua volta. Foi o que o levou a fazer cinema. Primeiro, atraído pela técnica; logo, senhor dela, criando com seu grande talento uma linguagem própria e sempre inovadora.

É numa Cataguases com menos de dez mil habitantes que a família do imigrante italiano Caetano Mauro chega em 1910. É ali que seu filho, o jovem Humberto Mauro, vai viver até o início da década de 1930. Viver e iniciar o universo de inquietações que o faria sucessivamente goleiro de futebol, remador, jogador de xadrez, de sinuca, fotógrafo, eletricista, radioamador, músico, dramaturgo, ator, autor, roteirista, montador, diretor e arauto do cinema.

A paixão pelo cinema surgiu da fotografia. Nos tempos de sua mocidade, Humberto Mauro trocou sua valiosa coleção de selos por uma máquina fotográfica, como ele mesmo narra: "Dona Lucília Taveira tinha uma Kodak que já me emprestara e eu fiquei doido por aquela máquina. Perguntei-lhe se não queria trocar por minha coleção de selos e ela aceitou. Foi assim que consegui minha primeira máquina fotográfica, que me ligou a vários fotógrafos, um deles o Seu Pedro Comello. A coleção de selos foi o princípio de tudo, a causa do meu começo no cinema lá em Cataguases".

A Pathé & os ABCs



Esse "Seu Pedro Comello" era um imigrante italiano (Novara, 1874-Cataguases, 1954), "pintor talentoso, retratista por excelência, dotado de grande habilidade artesanal", como descreve Paulo Emílio Salles Gomes in *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. Mauro junta-se então a Comello e – com uma Pathé-Baby 9,5 mm, pequena câmera utilizada à época para registro dos chamados "ABCs" (Aniversários, Batizados, Casamentos) – já se inicia no cinema como autor. Ao invés de filmarem as famílias, eles partem logo para uma fita de ficção.

Valadião, o Cratera, curta-metragem de 1925, foi um filme-piloto que atraiu o comerciante Homero Cortes para "esse negócio de fazer cinema". Conquistado, Homero vai ao Rio com Mauro e voltam de lá com uma Ernemann 35 mm, câmera profissional. Logo, junta-se a eles outro comerciante, Agenor de Barros, e fundam uma produtora, a Phebo Sul America Film. Com Pedro Comello na câmera, o cineasta inicia ainda em 1925 seu primeiro longa-metragem, Na Primavera da Vida, que estreia em Cataguases em 1926. Como protagonistas, Francisco Mauro, irmão

de Humberto (que atua com o nome de Bruno Mauro) e Eva Comello (a heroína do filme anterior, que adota o nome de Eva Nil). Mocinha dessas duas fitas, Eva fica mais conhecida pelas fotos estampadas em várias revistas da época, que a transformaram na "estrelinha de Cataguases" – perenizada pela câmera do pai, Pedro Comello.

Dona Bêbe & o Thesouro

"Humberto? ele era *dernier-cri*" – disse um dia Maria Vilela de Almeida, moça de uma "beleza extremamente fina", a dona Bêbe, que nunca se esqueceu da primeira vez que o viu, "passeando a cavalo, a camisa de lã grossa com bolsos pregueados". Moço da moda, popular, querido, Humberto Mauro se destacava na cidade.



O casamento dos dois realizou-se em 1920, e durou a vida inteira. Aos olhos sentimentais da cidade, Humberto e Bêbe apareciam como o Romeu e Julieta de Cataguases: era o casal mais belo da região da Mata. Em 1926, com a saída de Eva Nil, que resolve não mais filmar com a Phebo,

Mauro tem que providenciar às pressas outra estrela. Com o nome artístico de Lola Lys, Bêbe é a mocinha de *Thesouro Perdido*, sua nova realização.

Das centenas de filmes que iria realizar, este ficou como o seu predileto. Não só por contar com vários familiares, como por ser a fita também uma prova do bom emprego de algumas técnicas absorvidas do contato no Rio com o cinéfilo Adhemar Gonzaga, editor de Cinearte, prestigiada revista de cinema. Gonzaga criticara o excesso de letreiros da fita anterior de Mauro, que a partir daí passa a "falar por imagens", essência da linguagem cinematográfica – e como o cinema mudo se fazia entender.

Mauro já demonstrava rara inventividade: na sequência de uma tempestade, feita com chuva de regador, os raios são riscados na película. Nas cenas de um galope, o close das patas dos cavalos é feito com uma lata de farinha pintada de preto. Duas lentes, uma de foco longo, outra comum. E Mauro inventa assim uma

espécie de teleobjetiva. Impulsionado pelo frescor da iniciação, *Thesouro Perdido* já é verdadeiramente uma fita de cinema – e recebe o Troféu Cinearte como Melhor Filme Brasileiro de 1927. Humberto Mauro passa a ficar falado como homem de cinema. Por enquanto, do cinema mudo.

Braza & Sangue

Em meados de 1927, a Phebo Sul America abre-se a acionistas, passa a denominar-se Phebo Brasil Film, e elege seu presidente Agenor Cortes de Barros, tendo como secretário Homero Cortes Domingues. O diretor técnico é Humberto Mauro, o único assalariado – e pri-



meiro cineasta a ter carteira assinada no Brasil.

Terceira produção do Ciclo de Cataguases, *Braza Dormida* já representa um princípio de profissionalização. São contratados no Rio não só o fotógrafo – Edgar Brasil, que logo seria o melhor iluminador do cinema brasileiro – como o casal protagonista, Nita Ney e Luiz Soroa. "De qualquer maneira precisas apresentar agora um *film* mais bilheteria. Não são beijos nem farras, mas um sensualismo elegante. Todo *film* deve ter uma boa dose pelo menos de mocidade", dizia Adhemar Gonzaga em 1929, quando Mauro começava a elaborar seu novo roteiro.

Quarta e última produção da Phebo, com externas realizadas no Rio e em Belo Horizonte, *Sangue Mineiro* já mostra um Humberto Mauro senhor de si – e sua evolução de um filme para outro é precisa, rápida, surpreendente. A fita foi viabilizada pela participação de Carmen Santos – como protagonista e principalmente coprodutora.

Esta foi a estreia de Carmen Santos como estrela: apesar de ter feito outros três filmes no Rio, seus fãs – como os de Eva Nil – só a conheciam de fotografia. Sua entrada na Phebo significou prestígio e injeção de capital, mas não o suficiente para a produtora continuar em atividade. A atriz portuguesa vai ter grande importância na trajetória de Humberto Mauro em sua fase carioca.

Cinédia & Vita Filmes



No alto, Mauro entrevista Adhemar Gonzaga nos estúdios da Cinédia. Abaixo, a atriz e produtora Carmen Santos

Com o fim da Phebo, Mauro vai para o Rio a convite de Gonzaga, que acabara de fundar sua produtora, a Cinédia. Com pouco mais de 30 anos, e revelando-se nas várias funções assumidas dentro e fora do *set* de filmagens, Mauro era quem mais entendia de cinema no Brasil dos anos 30. Na Cinédia, realiza *Lábios sem Beijos, Ganga Bruta, Voz do Carnaval*.

Ele trabalha depois na Brazil Vita Filmes, produtora de Carmen Santos, onde dirige Favella dos Meus Amores, Cidade Mulher e Argila. Em 1937, realiza O Descobrimento do Brasil, produção do Instituto do Cacau da Bahia. No ano anterior, a convite de Edgard Roquette-Pinto, inicia seus trabalhos no Ince (Instituto Nacional de Cinema Educativo), onde irá dirigir cerca de 300 documentários (grande parte com fotografia primorosa de seu filho, Zequinha Mauro) até se aposentar, em 1967. Retornando à sua cidade natal, Volta Grande, faz seu último longa-metragem, O Canto da Saudade (1952), e uma pequena obra-prima, o curta A Velha a Fiar (1964).

"A poesia do cinema está nos *long shots*, nos grandes planos gerais. A roda d'água, por exemplo, é de uma fotogenia extraordinária. Aquele rodar lento, os musgos, a água batendo contra o sol (...) Pega um carro de bois no topo de um morro, contra o sol, o candeeiro, o carroceiro em cima do cabeçalho – é de uma beleza incrível!"

Falando como se filmasse

Relendo essas palavras de Humberto Mauro, extraídas da gravação de uma das muitas conversas que tivemos em 1975, relembro agora como o cinema – força tamanha – estava entranhado em sua dicção. Como se nela fluísse num navegar contínuo, sem cortes, na plenitude de um plano-sequência.

Melhor: revendo essas palavras, suas palavras-imagens, percebo como o cinema estava nele como se dele nascido, de tal modo que Mauro acabava sempre falando como se filmasse. E, falando, filmasse como gostava de filmar, extraindo beleza daqueles *long shots*, daqueles *contra-plongés* que eram sua marca e assinatura: o carro



de bois, o candeeiro, o carroceiro, a câmera baixa apontada contra o sol no alto do morro – paisagem por ele perenizada.

Hospital de Volta Grande. Sábado, 5 de novembro de 1983. Noite. Ao despertar, descobre-se de novo internado. Há uma semana, mas não sabia. A brincadeira do "já morri" não tem mais graça: agora está sozinho. Levanta-se ainda tonto: quer ir para casa.

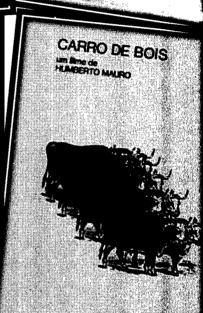
É só atravessar a rua: mora ali em frente, na avenida com o seu nome: Cineasta Humberto Mauro. Mas não dá um passo e cai, fulminado, ali mesmo, sem ver pela última vez a luz da Mata Mineira em sua plenitude – foco de sua paixão, paisagem enquadrada a vida inteira. Minas na memória. Exterior. Dia. Para sempre.







A FIAR









roteiro 97

a Humberto Mauro, em seu centenário

cidade

INTERIOR/DIA

morro poeira contra-plongée carro de bois bostalgia

mocidade

ANTERIOR/NOITE

sépia

cachoeira
panorâmica
plano gerais
soldade

maurianas

no princípio

a imagem

as nuvens

o vento

tudo o que se fixa no mover do tempo

vem depois o verbo

em cachoeira

e-vai-e-vem

e escorre pelas mãos

imagem-imaginação

sob a árvore

sobre o campo imenso

sentado

o olho-câmera

gira em plano geral

e se abre

sobre o mundo

parado-em-movimento

fruto que cai com o vento

que vai-que-nem

invento de menino

mato

luz

sol

morro

manhã de ponta-cabeça

de cima pra baixo

de baixo pra cima

luz

luz

luz da mata

o dia

aquele dia de pular porteiras aquele dia e seu alento

o mover do barco o lento andar do rio parado tudo parado no movimento

aquele dia sem pensar no pensamento

pedra

redemoinho

rolar de cachoeiras

o sol nos olhos

carro de bois

bolas

bambolês

sons da mata

gerais

girando girando

gerando o pedal da velha

o fogo a água a roca a roça o olho

o gato e seu pulo

o cão que acorda o pé

os pés do menino que se soltam

mãos que movem a roda

o engenho

o girar do mundo o sol e seu desenho

no princípio o fim de tudo

fita que se move e fica na retina

pra sempre presa

à menina dos olhos que nos comove

a roda da infância o chiar do carro nuvens de bois em movimento

mato morro sol cana canga saga bruta
e pura
e pura e pura
fio de vida
que se desprende
e se fixa

maurianamente





retratos de eva

Nada como fãs fiéis e, se possível, famosos. Nascida no Cairo em 25.06.1909, o falecimento de Eva Comello no dia 05.08.1990, em Cataguases – onde chegou em 1914 e viveu por toda a vida – teria passado em brancas nuvens não fora a perpetuação de seu nome artístico, Eva Nil, na memória de seus inúmeros admiradores: do Brasil, de Portugal, do Egito e até mesmo dos Estados Unidos. Ou pelo menos na lembrança do jornalista Roberto Marinho, da Rede Globo, fã confesso da "estrellinha de Cataguazes".

No mesmo ano de 1990, o desaparecimento de Eliana Macedo – a namoradinha que o Brasil dos anos 50 conheceu através das chanchadas da Atlântida e que por acaso, ou não, também tinha seu *link* com Cataguases, onde fez curso para normalista – perdeu-se na letra miúda dos obituários e passou praticamente desapercebida. A morte de Eva, pelo contrário, mereceu o devido destaque na coluna social do Globo e foi ungida por uma aura de visibilidade com abrangência, no mínimo, nacional.

Estrela máxima dos dois primeiros filmes produzidos na cidade pela Phebo Sul America Film (o curta-metragem *Valadião*, o *Cratera*, de 1925, e o longa *Na Primavera da Vida*, de 1926 – ambos dirigidos por Humberto Mauro e fotografados por seu pai, Pedro Comello) e de *Senhorita Agora Mesmo* (curta dirigido em 1928 por Comello para a sua "novel empreza", a Atlas-Film de Cataguazes), Eva Nil só participaria de mais um filme, um pequeno papel em *Barro Humano* (Rio, 1929, direção de Adhemar Gonzaga), produzido pelo grupo de *Cinearte*, revista carioca editada por Gonzaga e pelo crítico Pedro Lima – emblemático semanário que na segunda metade dos anos 1920 tornou-se no Brasil a principal referência do mundo do cinema, nacional e internacional.

Fora fotogramas esparsos e preciosos, nenhum desses filmes existe mais. E, na verdade, nem foram mostrados comercialmente. Portanto, sequer existiram na memória cinematográfica dos fãs de Eva Nil, que nunca os viram no *écran*. Exibições

privés à parte, as fitas de Eva foram passadas somente em Cataguases e em algumas telas de cidades vizinhas. Senhorita Agora Mesmo – que teve sua estreia em 25 de janeiro de 1928 no Cine-Theatro Recreio – chegou a ser exibido no Cine Glória do Rio de Janeiro, da poderosa cadeia do circuito Serrador. Mas a glória não durou mais que três dias – como se confirmasse o ditado italiano: nessuna meraviglia dura più di tre giorni – e Eva evanesceu das telas, Eva "Nihil", obscurecida por um lento fade-in.

Mito que resplandece

Eva Nil <u>é</u> essas fotos. A egípcia filha de italianos ganhara na juventude uma suave beleza de inconfundível tonalidade brasileira, um corpo de extrema delicadeza mas dotado de grande carga de vitalidade. Forte-frágil, enérgica senhorita agora mesmo sabedora de si e de *per se* resolvida, capaz de rompantes de grande personalidade. O mito está todo aqui, e resplandece na iluminação perfeita dessas imagens de estúdio que ainda uma vez contemplamos, nessas fotografias posadas, surgidas como se de novo e diretamente do ateliê mantido por seu pai na antiga rua do Sobe e desce. Não à toa ela viu sua foto estampada na capa de *Cinearte* por duas vezes num só ano. Nos longes de sua mocidade Eva já possuía uma visão de marketing *avant la lettre*, uma noção de estratégia de mídia antes da própria mídia se impor como tal no mundo moderno.

Eva Comello tinha a vantagem de poder produzir o portfólio de Eva Nil no ateliê do pai, Pedro Comello. A estrela já se lançava com a vantagem de ser realmente "dona de seu nariz-mais-que-perfeito", i.e., do próprio estúdio e laboratório de revelação. Laboratório que, levados os ventos aventureiros do cinematógrapho – a imagem de Eva Nil já completamente *flou* e para sempre sépia –, ela assumiria por completo mais tarde, já retornada à sua dimensão provinciana.

Como ainda hoje muitas pessoas em Cataguases, também eu me lembro de uma Eva Comello muito recatada, de uma beleza esguia, mármore-marfim, as mãos muito finas deixando entrever unhas manchadas de marrom (sépia!), marcadas pela emulsão do nitrato de prata usado no escurinho do laboratório de revelação do seu ateliê na rua Marechal Deodoro – que ela efetivamente assumira após a morte do pai, em 19.08.1954.

memorial mauro

No dia 15 de dezembro de 2007 a Fundação Ormeo Junqueira Botelho inaugurou o Memorial Humberto Mauro em Cataguases, no segundo pavimento do Centro Cultural Humberto Mauro.

Espaço multimídia dedicado à memória do grande pioneiro do cinema nacional, o Memorial é uma iniciativa de Mônica Botelho, presidente da Fundação Ormeo, que adquiriu, em 2002, todo o acervo do cineasta. Com design do arquiteto André Scarlazzari, assessorado pela historiadora Manuelina Duarte, a realização do Memorial Humberto Mauro demandou cerca de cinco anos de pesquisas realizadas por mim e pelo cineasta Júlio Mauro, sobrinho-neto de HM, em arquivos públicos e particulares do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ao lado de ampla iconografia e de textos que traçam a trajetória do cineasta, o Memorial conta com dez pequenos filmes que dirigi e editei junto com Alessandro Arbex. Esses filmes encontram-se disponíveis em monitores distribuídos por seus espaços.

Ele respirava cinema

Do curta ficcional *Valadião*, *o Cratera*, feito com uma câmera francesa Pathé-Baby 9,5mm aos quatro longas que se seguiram, com a equipe da produtora cataguasense Phebo Brasil Filme já operando com uma câmera Ernemann 35mm, Humberto Mauro (Volta Grande, MG, 1897-1983), que chegara a Cataguases ainda menino, em 1910, mostrou-se desde o início capaz de atuar com raro talento em vários setores da arte cinematográfica.

Mauro respirava cinema. Ao final da década de 1920, ao encerrar-se o Ciclo de Cataguases, ninguém mais duvidava de suas habilidades. Um homem de cinema por excelência, atuando à frente e atrás das câmeras com grande eficácia: ator, roteirista, fotógrafo, montador, diretor. No início dos anos 1930, ao trocar Cataguases pelo Rio de Janeiro, contratado pela Cinédia, a nova produtora carioca de Adhemar Gonzaga, Humberto Mauro tornara-se a mais bem acabada tradução

do que se pudesse entender por cineasta no Brasil. Com pouco mais de trinta anos, já era o nome mais respeitado do cinema brasileiro.

O Memorial

Mauro projetou o nome de Cataguases, ao fazer uma arte com características de exportação, ampliando os horizontes municipais. Nada mais justo que se projetasse na cidade o seu nome, e com todas as honrarias. Concebido pelo arquiteto museográfico André Scarlazzari, o Memorial é formado por uma grande exposição multimídia que proporciona um passeio afetivo pela vida e obra do cineasta.

Ali está o mundo de Mauro: a Phebo e seus produtores, Homero Cortes Domingues e Agenor de Barros, a atriz Eva Nil e o fotógrafo Pedro Comello, seu pai. O fotógrafo Edgard Brasil e a estrelíssima Carmen Santos. Os tempos da Cinédia, com Adhemar Gonzaga, e os do Ince, com Roquette-Pinto. A família, a grande família Mauro e suas inúmeras parcerias com Humberto: Bêbe, sua mulher, no papel de Lola Lys; o irmão Chiquinho, que atuava como nome de Bruno Mauro; os filhos fotógrafos Luiz e Zequinha, câmeras em punho sob as ordens e criatividade do pai.

O Memorial proporciona ao visitante uma movimentada panorâmica pelo mundo de Mauro e sua história, que é a própria história dos primórdios do cinema brasileiro. Patrocinado pela Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (atual Energisa), Eletrobrás e Usiminas, por meio das Leis Estadual e Federal de Incentivo à Cultura, o novo espaço encontra-se inserido nas instalações do Centro Cultural Humberto Mauro, um complexo que abriga galeria de exposições e um cineteatro com 280 lugares.



uma cidade de escritores

Luiz Ruffato

Há uma cidade na região da Zona da Mata de Minas chamada Cataguases, com cerca de 70 mil habitantes, que nos desconcerta pela quantidade de escritores que produz. Fundada em 1877, já possuía em 1908 energia elétrica e fábricas de tecido, base, até hoje, da economia local. No fim da década de 1920, um grupo de adolescentes, capitaneado por um engenheiro mais velho, poeta parnasiano e pai de família contaminado por ideias extravagantes, chamado Henrique de Resende (depois, ele abandonaria o "H"), inventou de fundar uma revista modernista, a *Verde*. Paralelamente, por um desses estranhos desígnios, na mesma cidade, mas independentemente, um eletricista e jogador de futebol, Humberto Mauro, dava os primeiros passos para a criação do cinema brasileiro.

Em 1927, Verde era a única revista de divulgação do novo ideário em circulação no país, o que carreou para suas páginas textos dos mais importantes escritores modernistas em ação naquele momento. No correio, chegavam pacotes e pacotes de livros, revistas e jornais, inclusive do exterior, consumidos com avidez pelo grupo. Cataguases, de uma hora para outra, ganhava espaço entre a intelectualidade brasileira.

Dos que assinaram o Manifesto Verde, um precioso documento de ingênua rebeldia que acompanhou o terceiro número da revista, alguns inscreveram seus nomes em definitivo na história da literatura nacional: o poeta Ascânio Lopes, morto prematuramente, com menos de 23 anos; o contista Camilo Soares, que ainda aguarda que alguém lhe reúna a obra dispersa; o poeta, romancista, historiador e crítico literário Guilhermino Cesar (que a partir da década de 1930 adotou o Rio Grande do Sul como pátria); o romancista Rosário Fusco, autor dos cultuados "O Agressor" e "Carta à Noiva"; e o contista Francisco Inácio Peixoto, filho de industriais, ele mesmo industrial, responsável pela introdução da arquitetura modernista que marca e diferencia Cataguases como patrimônio cultural brasileiro – onde Oscar Niemeyer e discípulos desenharam uma espécie de rascunho do que seria mais tarde Brasília.

De lá para cá, a cidade tem se esmerado em manter a tradição literária. No fim da década de 1930, o solitário Henrique Silveira publicou seus textos em jornais

locais – seu livro, "Poemas Desta Guerra", só seria editado na década de 1970. No fim da década de 1940, acompanhando a tendência de reação aos excessos do modernismo, Cataguases viu nascer a revista "Meia-Pataca", revelando os poetas Francisco Marcelo Cabral e Lina Tâmega, que iriam desenvolver suas carreiras no Rio, o primeiro, em Brasília, a segunda. Pouco depois, surgem duas poetas, de igual sensibilidade e importância no cenário nacional, Celina Ferreira e Maria do Carmo Ferreira.

Na década de 1960, inicialmente influenciados pelo movimento concretista, os irmãos Branco (Joaquim e Aquiles e P.J. Ribeiro) e Ronaldo Werneck fundam um suplemento literário, "SLD", mais tarde desdobrado no jornal "Totem", que se tornou um dos mais importantes órgãos de divulgação da poesia de vanguarda brasileira, ampliando seus interesses para além do concretismo. Ao longo de toda a década de 1970, por suas páginas de diagramação vertiginosa desfilaram autores brasileiros e estrangeiros comprometidos com as mais radicais tendências da experimentação da linguagem poética, como o poema-processo, e do suporte material, como a arte-postal. Do núcleo inicial, além dos já citados poetas Joaquim Branco, Aquiles Branco e Ronaldo Werneck e o contista P. J. Ribeiro, sobressaíram a poeta e ficcionista Marcia Carrano e o poeta Fernando Abritta.

Cataguases sempre espelhou os movimentos que ocorriam em nível nacional: modernismo, neoparnasianismo, vanguarda. Na década de 1970, ao lado da experimentação formal do grupo ligado ao "Totem", apareceram os poetas marginais com seus jornais mimeografados, com destaque para dois títulos principais, "Lodo" e "Nexo", que serviram de laboratório para a geração seguinte, curiosamente dedicada, em contraposição às anteriores, mais à prosa de ficção que à poesia.

Assim, temos os romancistas Fernando Cesário ("Os Olhos Vesgos de Maquiavel") e Marcos Vinicius Ferreira de Oliveira ("E Se Estivesse Escuro?"), os contistas Ronaldo Cagiano ("O Sol nas Feridas") e Eltania André ("Manhãs Adiadas"), e o mais conhecido de todos, Marcos Bagno, que, além de ser uma das maiores autoridades em linguística do Brasil – seu "Preconceito Linguístico" alcança a inacreditável marca de 55 edições em pouco mais de dez anos – e consagrado autor de livros infantis e juvenis, é também poeta, contista e romancista – seu livro "As Memórias de Eugênia" foi finalista neste ano do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria estreante. Cabe aqui lembrar ainda os nomes de José Santos e Tadeu Costa, que se dedicam à literatura infantil e juvenil, e do poeta Marcelo Benini.

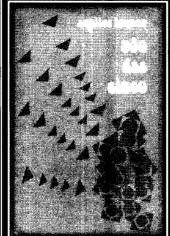
Bom, também eu nasci em Cataguases. Filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira, passei a infância brincando de pique em torno de uma pracinha, que ostenta um painel de Portinari e uma escultura de Bruno Giorgi. Carregava trouxas de roupa lavada e passada, equilibrando-as na garupeira de uma bicicleta, para casas de arquitetura modernista das avenidas Humberto Mauro e Astolfo Dutra. Acompanhava minha mãe às missas na Igreja de Santa Rita com seu painel de Djanira, passeava na praça Rui Barbosa com o coreto projetado por Francisco Bolonha, frequentava as matinês do Cine-Teatro Edgard, projeto de Carlos Leão e Aldary Toledo, visitava meus amigos no Bairro-Jardim, conjunto de casas operárias desenhadas por Francisco Bolonha (na minha época, estranhamente, o lugar era conhecido como Favela...).

Eu não sabia de nada disso, evidentemente. Para mim eram casas, pinturas, árvores... Nem sabia também que o suplemento que vinha encartado no jornal oficial da cidade era o "Totem" e que eu, ignorante, começava consumindo a literatura de vanguarda sem ter visitado nenhuma outra anteriormente... Exponho tudo isso para me inserir no quadro da tradição de Cataguases... Exponho tudo isso, na verdade, para confessar uma enorme frustração. Se eu tivesse nascido alguns quilômetros depois, ou antes, de Cataguases, digamos, em Ubá ou Laranjal, talvez hoje pudesse me orgulhar de ser o escritor mais conhecido de minha cidade — e, por falta de concorrência, quem sabe, até o melhor. Nascido em Cataguases, só me resta lamentar e me enfileirar atrás dos grandes. Mas, pensando bem, se não houvesse nascido em Cataguases, muito provavelmente eu nem seria escritor...

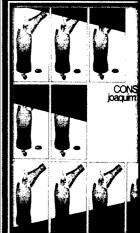
São Paulo, 2013

Autor, entre outros títulos, de *Eles Eram Muitos Cavalos e Estive em Lisboa e Lembrei de Você*, o escritor Luiz Ruffato nasceu em Cataguases e mora em São Paulo.

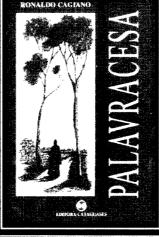
























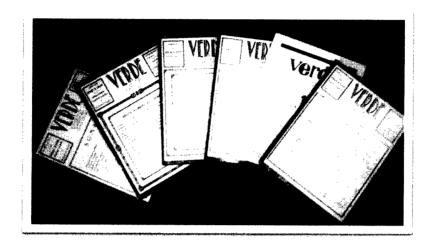








cataguases que te quiero verde



"- Cataguases é o meio do mundo". - "Se duvidar, meça!" Dito por um menino para outro, o futuro poeta maior da Verde, Ascânio Lopes - citação feita por ele em artigo publicado no Diário de Minas, de 17.09.1927.

Após a eclosão do movimento modernista alavancado pela Semana de 1922, surgem as revistas *Klaxon* (São Paulo, 1922-23), *Estética* (Rio, 1924-25), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-26), *Terra Roxa* (São Paulo, 1926). Logo em seguida, aparece em Cataguases a revista *Verde* (1927-29), ponta de lança do modernismo e única publicação de importância do movimento no interior do país, lançada numa cidade com pouco mais de 16 mil habitantes na época. Depois iriam aparecer a *Revista de Antropofagia* (São Paulo, 1928-29) e *Festa* (Rio, 1927-28; 1934-35).

Verde tirou sete edições, as cinco primeiras em 1927, uma em 1928 e a última em 1929, toda dedicada a Ascânio Lopes, que acabara de falecer, aos 22 anos. O primeiro número publicava apenas escritores mineiros – Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura etc. – e entre eles os rapazes da cidade, núcleo de resistência de Verde e fundadores da Revista: Ascânio Lopes, Cristóphoro Fonte-Boa, Camilo Soares, Enrique de Resende (o mais velho, então com 28 anos), Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar, Martins Mendes, Oswaldo Abritta e Rosário Fusco.

"Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais, e venho trazer a notícia de que eu e Henrique (*mais tarde ele suprimiria o H*) de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita" – escrevia o rapazote Rosário Fusco (17 anos recém-completados) a Mário de Andrade. E pedia colaboração, acrescentando que acabara de "dar uma facada no Alcântara e no Oswald". O primeiro contato do petulante Fusco foi com Antônio de Alcântara Machado, que daria os endereços dos outros modernistas (corre que Fusco teria "ordenado" a um deles: "Mande colaboração, seu bosta!").

Tribuna livre

E todos acabaram mandando textos e poemas, inclusive os dois Andrades, que no número 4 assinariam em conjunto, "Marioswald de Andrade", o poema "Homenagem aos homens que agem", que terminava com a estrofe que ficou famosa: "Todos nós/ Somos rapazes/ Muito capazes/ De ir ver de/ Forde verde/ Os ases/ De Cataguases". Nunca foram, é bem verdade, mas tornaram-se assíduos na revista. Inclusive, *Verde* publicou em primeira mão capítulo inédito do *Macunaíma* de Mário. E logo, além de Minas e São Paulo, surgem colaborações de várias partes do país e até mesmo do exterior – encomendadas por Rosário Fusco via Mário de Andrade, um dos grandes entusiastas da revista. Nacional e internacionalmente, a revista *Verde* acaba se transformando numa tribuna livre "a todos os novos do Brasil e do mundo".

Em carta a Rosário Fusco, de 08.11.1927, escrevia Mário de Andrade: "Principiar é trabalho leviano que qualquer ombro de piá carrega. Porém em seguida a gente percebe que não pode ficar nessa de ir além e sobretudo ir mais profundo e que-dê estudo, que-dê base, que-dê treino e fôlego para isso?". Entretanto, ao escrever sobre o livro *Poemas Cronológicos* – de Ascânio Lopes, Enrique de Resende e Rosário Fusco (Verde Editora, Cataguases, 1928) –, Tristão de Athayde contrapõe: "Os poetas de Cataguases não serão talvez grandes poetas, mas possuem sem dúvida um feitio próprio que não se explica apenas pela grande influência que o Sr. Mário de Andrade exerceu sobre eles. Têm mais alguma coisa – e esse mais alguma coisa é essa 'alma de Minas', que é das coisas mais preciosas que temos de contar para as grandes descaracterizações do amanhã".

Como registra Ivan Marques in *Modernismo em Revista* (Editora Casa da Palavra, 2013), "nos últimos meses de 1927, o modernismo se transferiu em peso

para Cataguases". E acrescenta: "Espantoso, foi o adjetivo usado mais de uma vez por Mário de Andrade para se referir ao grupo, ao qual depois se juntariam outros qualificativos — milagre, fenômeno de Cataguases, proeza, milagre verde etc. — todos pertencentes ao campo semântico da exceção e da anormalidade".

O mesmo Mário que, em carta a Rosário Fusco, diria: "também quero ser *verdinho* que nem vocês". E depois, dada a expansão de *Verde* e do movimento pelo interior do país, Mário antevia uma "cultura nacional", que "exigiu da inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguases".

"*Verde* é milagre"

Mas a cidade, que hoje se orgulha de ter sido berço de *Verde*, fingia não ver, ou até mesmo rejeitava, a aventura de seus rapazes. Diria ainda Mário de Andrade para os rapazes e o olhar avesso com que eram vistos por parte da cidade, exatamente: "a *cidadinha* à qual haviam dado realidade *geográfica*". E também José Américo de Almeida: "Eu sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguases e Cataguases dando as costas a vocês".

"Verde é milagre, e milagre/ não se explica, nem se inventa", diria Enrique de Resende em poema de 1967, ao saudar os 40 anos da revista. Na verdade, Verde durou pouco, mas ficou para sempre. Não só a revista como a editora com o mesmo nome, que fez de Cataguases a primeira cidade em que foram publicados livros modernistas. Em 1928, Poemas Cronológicos, de Ascânio Lopes, Enrique de Resende e Rosário Fusco; e Meia-Pataca, de Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar; em 1929, Fruta do Conde, de Rosário Fusco e 13 Poemas, de Martins Mendes. Somente em 1930 é que aparecem as primeiras obras modernistas de Belo Horizonte, como Ingenuidade, de Emílio Moura; Brasil Errado, de Martins de Almeida; e Alguma Poesia, de Carlos Drummond de Andrade. Drummond, inclusive, publicou vários poemas inéditos na revista Verde.

Mais tarde, no profético texto "Cataguases 1937", dizia Marques Rebelo: "O que a cidade não sabe é que Cataguases só existiu quando havia a *Verde* e o cinema de Humberto Mauro. Só será lembrada como uma realidade quando nos tratados de literatura se falar em certo interessantíssimo período da nossa cultura, que chamou o movimento modernista". Em seu livro *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases-MG 1927-1929* (Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, 2009) – talvez o mais completo e bem acabado estudo sobre a revista e a Verde Editora – diz a autora Rivânia Maria Trotta Sant'Anna: "Uma das coisas que mais chamaram

a atenção ao pesquisar o contexto em que o movimento *Verde* se desenvolveu, a partir de consulta ao jornal *Cataguases*, foi o fato de ter percebido que a literatura tinha, também para Cataguases, grande importância, e os literatos, um certo status, mesmo sua obra não sendo bem compreendida. Talvez, pelo grande contingente de analfabetos existente no país, o fato de ser letrado e, mais ainda, literato, conferisse certa aura a essas pessoas".

Rosário Fusco – em entrevista concedida a mim e ao poeta Joaquim Branco, publicada pelo *Pasquim* em 1976 – já autenticava de certa forma o dizer de Rivânia Trotta: "A *Verde* é folclore, e os seus representantes um episódico (embora, pra Cataguases, um lisonjeiro mas não identificado) equívoco. Na inconsciência do verdor de um elenco de rapazes, aspirantes à afirmação de seus variados pendores – digamos, artísticos – Cataguases simplesmente cumpriu sua missão didática na época. Como, aliás, inúmeras outras cidades da província, acionadas por puro espírito de imitação. Premiar Cataguases, a propósito, com dois ou três adjetivos, em mais de uma linha impressa, só pode, a meu ver 'unfanar' sua linha de professoras de grupo aposentadas. Mestras episódicas dos gênios municipais, hoje – quarenta anos depois da aventura – desencantados escribas na faixa do enfarte".

Poemas dos rapazes da Verde

Abre esta seleta de alguns poemas dos "Verdes" o *Serão do Menino Pobre* (1924), de Ascânio Lopes, "homenageado" por seu amigo Rosário Fusco, em 1925, com *Serão Interior*, que se encontra a seguir. Há um mesmo clima nos dois poemas. E, de certa forma – mesmo passando-se em ambiente requintado –, há também uma certa parecença no poema *A Sala* (1928), de Enrique de Resende.

Em 1930, outro grande amigo de Ascânio, o não menos Carlos Drummond de Andrade, publica em seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, o poema *Infância*, que se inicia com a estrofe "Meu pai montava a cavalo, ia para o campo./ Minha mãe ficava sentada, cosendo./ Meu irmão pequeno dormia./ Eu sozinho menino entre mangueiras/ lia a história de Robinson Crusoé./ Comprida história que não acaba mais". *Infâcia* lembra, e muito, o *Serão do Menino Pobre* de Ascânio.

Interessante ainda atentarmos para *Os Mortos de Sobrecasaca* (in *Sentimento do Mundo*, 1935-1940), onde Drummond abre seu poema com "Havia no canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,/ alto de muitos metros e velho de muitos minutos", que remete ao poema *A Sala*, de Enrique. Coincidência? Coincidências?



ASCÂNIO LOPES (1906-1929)

Serão do Menino Pobre

Na sala pobre da casa da roça Papai lia os jornais atrasados. Mamãe cerzia minhas meias rasgadas. A luz fraca do lampião iluminava a mesa e deixava nas paredes um bordado de sombras.

Eu ficava a ler um livro de histórias impossíveis

- desde criança fascinou-me o maravilhoso.

Às vezes mamãe parava de costurar

– a vista estava cansada, a luz era fraca,

e passava de leve a mão pelos meus cabelos,

numa carícia muda e silenciosa.

Quando Mamãe morreu

o serão ficou triste, a sala vazia.

Papai já não lia os jornais

e ficava a olhar-nos silencioso.

A luz do lampião ficou mais fraca

e havia muito mais sombra pelas paredes.

E dentro em nós uma sombra infinitamente maior...

"Poemas Cronológicos" (Verde Editora, 1928)



ROSÁRIO FUSCO (1910-1977)

Serão Interior

O silêncio pesava sobre a descor das paredes comprimidas Eu sozinho – entre livros de estudos – Lia as viagens de Sindbad. Mamãe chamava pro café das oito...

Depois eu voltava de novo pro quarto, pros livros

e praquela vontade danada de ser grande pra correr mundo também... Hoje o silêncio inda pesa sobre a descor das mesmas paredes comprimidas...

Já sou homem quasi

e sozinho – entre livros de estudo –

fico pensando na ingenuidade boa do meu tempo de viagens maravilhosas...

Depois paro um pouquinho mas não ouço mais a voz de mamã chamando pro café, e tenho uma vontade doida de ser criança outra vez pra não ficar pensando nessas coisas feias que gente grande gosta de pensar...

"Poemas Cronológicos" (Verde Editora, 1928)



ENRIQUE DE RESENDE (1889-1973)

A Sala

Na sala da fazenda, a mais ampla e a mais severa, oleografias antigas, trabalhadas no estrangeiro, pendem das paredes brancas.

A um canto, o grande sofá de palha e de cabiúna lavrada,

e, além, as suas doze cadeiras pesadonas, espalhadas em grupos.

E os consolos antigos, com jarrões antigos;

e o piano Pleyel data de meio século;

e, no alto, o vasto espelho circular com molduras douradas;

e o lustre rodeado de candelabros;

e o busto em gesso do avô fundador da fazenda;

– tudo isso dá à sobriedade e à descrição da sala

um ar angustioso de recordações...

É que todos aqueles que estão suspensos nas paredes, e hoje não são mais que simples oleografias trabalhadas no estrangeiro, já estiveram ali, no centro da sala, debaixo do lustre,

cercados de velas acesas e parentes chorosos,

imóveis nos seus esquifes improvisados.

E relembrando, levanto os olhos comovido,

para uma oleografia – a mais recente – pendurada na parede:

– o último sorriso que ficou na velha sala da fazenda

e 110 abandono da minha orfandade...

"Poemas Cronológicos" (Verde Editora, 1928)



GUILHERMINO CESAR (1908-1993)

Meia-Pataca

O conquistador chegou cansado e batizou com o ouro da cobiça a terra que lhe prometia um punhado de coisas tentadoras

MEIA-PATACA!
Vieram mais gentes
porém não havia mais ouro
no rio de águas feias.
Vieram outras gentes.
Cataguases... a cidade cresceu.
O Pomba tem barcos de nome estrangeiro
brincando no dorso barrento.
O Meia-Pataca ficou desdeixado
pobre riozinho que se esconde
e passa de longe medroso.
— Olhando o rio esquecido
eu penso no ouro que sumiu
e no ouro que ficou pra sempre
no coração da minha gente.

"Meia-Pataca" (Verde Editora, 1928)



FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO (1909-1986)

Pedreira

Dependurados no espaço
eles ficam ali o dia inteiro
arrancando faíscas
furando buracos na pedreira enorme

que reflete como um espelho as suas sombras primitivas.
À tarde ouve-se um estrondo e o eco repete a gargalhada das pedras que vieram rolando da montanha.
Os homens de pele tostada descem então dos seus esconderijos

e caminham pras suas casas vagarosamente decepcionados segurando nas mãos cheias de calos as ferramentas com que procuram há uma porção de anos o segredo que lhes dê uma revelação de vida...

"Meia-Pataca" (Verde Editora, 1928)



MARTINS MENDES (1903-1980)

Epigrama nº 1

Envolve-me na carícia de teu olhar

- gaze de luz branda, morna e doce...

Deixa que eu aperte as tuas mãos frias, finas e pequeninas,

onde o Destino pôs o meu destino...
Deixa que eu fique ao teu lado
envolto na gaze de teu olhar,
preso em tuas mãos frias,
esquecido da vida...
(preso ao teu lado
sou o mais feliz dos homens).

"Treze Poemas" (Verde Editora, 1929)



OSWALDO ABRITTA (1908-1947)

Soneto Algébrico O teu olhar confuso é uma equação que em vão procuro, às vezes, resolver. Por muito fácil que ela possa ser

ainda não lhe achei a solução.

Se fácil é, não a pude compreender, por mais que lhe buscasse a compreensão; nem é qualquer Pitágoras, ó, não! a incógnita capaz de conhecer... Matemático não há, isto garanto! Que ache para esse olhar cheio de encanto o motivo de sua confusão. Este é o X intrincado do problema... Quem achar o seu valor nesta equação tem do algebrista vocação suprema!

Cataguases, 1927



CHRISTÓFORO FONTE-BOA (1906-1993)

Sonia

A noite caía lenta e lenta como um enorme pano de boca, fechando o palco do dia... E o meu quarto ficou cheio de tristeza

de tua ausência.

De tua longa ausência
que desenrolou na minha vida
o silêncio pesado dos homens lyricos...

(No meu quarto
a lâmpada, há pouco acesa
e agora apagada,
era a lágrima de oiro suspensa
no vazio.)
O silêncio é um beijo longo, mole, silencioso...

"Revista Verde" (Verde Editora, nº 1, setembro de 1927)



CAMILO SOARES (1909-1982)

Pedromalazarte A minha professora magra magrinha gostava muito de mim.

E eu era o pedromalazarte da classe. Um dia na hora do recreio eu vi a minha professora magra magrinha
tossir
tossir
tossir
e tingir o seu lencinho branco
de vermelho.
Hoje Deus levou a minha professora
e eu sinto um remorso danado
de ter sido
o pedromalazarte da minha classe.

"Revista Verde" (*Verde Editora, nº* 3, outubro de 1927)

São Paulo, 1945. Primeiro Congresso de Escritores. Francisco Inácio Peixoto encontra-se com Oswald de Andrade: "Oswald, eu não compreendo o interesse" – aliás, eu já escrevi até a respeito disso – "que vocês acharam na Verde". Resposta de Oswald: "Vocês nem calculam o quanto representou para nós a Verde, de entusiasmo, de vontade de criar".

> Cataguases, 1929. Os Verdes em visita aos estúdios da Phebo. Em pé: Guilhermino Cesar, o pianista Renato Gama e Martins Mendes. Apoiado na escada cenográfica: Humberto Mauro. Sentados: Enrique de Resende, Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto. Foto atribuída a Edgar Brasil.



cataguases 1937

Marques Rebelo



Marques Rebelo por José Maria Dias da Cruz

Quando VERDE não saiu mais, quando os meninos se espalharam – Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto foram para Belo Horizonte estudar Direito, Ascânio Lopes foi para um sanatório e daí para o céu. Rosário Fusco foi ser católico no Rio, uns para ali, outros para acolá e alguns para tão longe que nunca mais ninguém ouviu falar deles – quando tudo isto se deu, o correio de Cataguases teve o seu movimento diminuído de cinquenta por cento e não duvido que em virtude de tal baixa o diretor regional tenha mandado fazer sindicâncias e inquéritos.

Da esfolada carteira do grupo escolar, o menino Rosário, que já fazia os seus poemas sucessivamente parecidos com os de Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Omar Khayyam etc., escrevia a Paulo Prado em termos tão livres e íntimos que deixava o circunspecto escritor um tanto alarmado, chegando mesmo um dia a reclamar ao Antônio de Alcântara Machado um certo "mande colaboração, seu burro", que ele achava um tanto desrespeitoso. Escrevia ao Mário que foi o mestre da turminha, escrevia ao Oswald de Andrade que gostaria de ser o mestre, e ao Antônio Alcântara, Sérgio Milliet, Prudente de Morais Neto, Couto de Barros, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, ligava-se ao norte e ao sul, ao Pará, Ceará, Bahia, comunicava-se com a França – Blaise Cendrars, Paul Morand, Max Jacob – com a Argentina, onde tinha uma namorada de nome Maria Clemência que lhe manda linólios e desenhos, com o Uruguai, o Peru, o Chile.

Chico Peixoto, proprietário duma Buick verde, tinha amores epistolares com poetisas da Bolívia. La Paz! La Paz! e os sinos de Cataguases feriam o coração do poetinha, e as chuvas de Cataguases enchiam o poetinha, preso em casa, de fartas melancolias, que Rosário costumava ilustrar depois de postas em versos. E chegavam cartas, jornais, revistas, relatórios, manifestos, livros, desenhos, listas, originais, artigos, ensaios, muita poesia, do Equador, do Paraguai, de Portugal, Espanha,

Cuba, Venezuela, Costa Rica, os colecionadores de selos farejavam a agência, procuravam subornar os carteiros... mas era impossível.

O grupo "Verde" não esperava carteiro em casa, presenciava a abertura das malas. Pegava no enorme maço e ia para o café repartir os troféus. Guilhermino era elogiadíssimo na Colômbia. A poetisa boliviana mandava cartas em branco com

a marca dos lábios em ruge, e Peixotinho chorava comovido: Antoniquinho Mendes estava com um prestígio enorme no Peru. Rosário lia alto coisas que não estavam nas cartas, segredos, intimidades com os grandes homens que não moravam em Cataguases. Despertava invejas. E tinha tardes melancólicas: ... – " hoje só recebi doze cartas... Maria Clemência só me mandou vinte desenhos esta semana ... Prudentinho há três dias que não me escreve ...".

E tudo era mocidade que é mais que beleza. E tudo era graça, inteligência nova, corações ardentes, entusiasmo, sangue, alegria. Mas a cidade não levava a sério os seus meninos, ingrata cidade que ignorava onde mora a beleza, o que é a beleza. Talvez não zombasse abertamente deles, porque os pulsos dos rapazes tinham bastante energia para não suportar zombarias, mas se riam em casa, às escondidas. O que dá quase na mesma.



Marques Rebelo por Portinari

O que a cidade não sabe é que Cataguases só existiu quando havia a "Verde" e o cinema de Humberto Mauro. Só será lembrada como uma realidade quando nos tratados de literatura se falar em certo interessantíssimo período da nossa cultura, que chamou o movimento modernista, ou quando se falar nos primórdios de filmagens no Brasil. No mais não existe, apesar de seu riso. É uma cidade como tantas cidades, à beira dum rio como tantos rios, com uma ponte metálica como tantas outras pontes metálicas feitas pela bem pouca imaginosa engenharia estadual. (*)

(*) Pequena "escorregada" da língua ferina de Marques: a ponte metálica veio da Alemanha, e o Brasil nem possuía siderúrgica na época.

in Cenas da Vida Brasileira, Rio, 1951

lembrando ascânio lopes

Carlos Drummond de Andrade

A passagem de Ascânio Lopes pela rua da Bahia é o único capítulo de sua vida que eu conheço, e esse capítulo me enche de saudade. Uma noite, Martins de Almeida contou-me que descobrira um poeta na pensão onde morava: era de Cataguases e escrevera um poema excelente sobre sua terra natal. Logo depois, Emílio Moura levava o poema ao "Diário de Minas", publicando-o com palavras de admiração.

Foi esta a primeira coisa de Ascânio Lopes que se estampou (6 de março de 1927) e é das melhores que há nos *Poemas Cronológicos* (Verde Editora, Cataguases, 1928).

Apresentado a Ascânio, ele sorriu para mim com timidez, disse duas ou três palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma conversa (e daí, para que uma longa conversa?), mas em quem eu enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito das almas; julgo, porém, ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca cheguei a abrir. Desse modo, distante, mas realmente bem perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos.

Tinha 23 anos e não poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou seu minuto apressado sobre a terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida o que ela consente em noticiar – muito pouco –, outro pouco de que se tem intuição, e nada mais. Salvo quando o indivíduo é poeta, caso de Ascânio Lopes e dos que, como ele, conheceram a vida sem terem tido tempo de vivê-la: dos que adivinharam. Os versos ascanianos dos *Poemas Cronológicos* são adivinhações, ou por outra, prêmios de loteria que o autor ganhou sem nunca ter comprado bilhete.

Era ainda naquele tempo (bom tempo) em que se tomava cerveja e café com leite na Confeitaria Estrela. Entre dez e onze horas, o pessoal aparecendo e distribuindo-se pelas mesinhas de mármore. Discutia-se política e literatura, contavam-se histórias pornográficas e diziam-se as besteiras, angelicamente, até se fechar a última porta (você se lembra, Emílio Moura? Almeida? Nava?). Ascânio chegou quando o Estrela já entrara em decadência, e nas melancólicas mesinhas o mosquito

comia o açúcar derramado sobre as últimas caricaturas de Pedro Nava. Cada vez se bebia menos cerveja, e diziam-se pouquíssimas besteiras sinceras.

Não chegou a conhecer alguns dos tipos mais curiosos da fauna desse café histórico; como por exemplo o sargento João Carlos, gordo, poeta caqui, colaborador assíduo do "Trabalho" de Espírito Santo do Pinhal, que não podia compreender por que motivo eu nunca lhe dera boa noite (nós nunca fomos apresentados um ao outro, meu caro sargento). Conheceu apenas os últimos "abencerragens!", e como não era homem de grande comércio verbal, nem sempre participou dessas farras ingênuas. O que não quer dizer que não fosse boêmio, e soube depois que era muito. Passara tempo sem vê-lo. Era esquivo e infiltrava-se entre as árvores da rua. Dizem que ótimo trabalhador.

Na Secretaria do Interior, 6ª seção, fala-se muito bem do funcionário Ascânio Lopes. "Deve ser computado para aposentadoria o tempo em que a professora serviu como interna ou provisória", concluía ele, numa informação que o chefe achou útil publicar, porque bem feita e esclarecedora do assunto. Na Inspetoria da Instrução há a caneta com que ele escrevia, papéis que guardam sua letra, recordações diversas de Ascânio, funcionário que deixava a poesia no cabide, com o chapéu, ao contrário de outros que só deixam o chapéu, e fazem poesias na hora do expediente.

Dizem também que mau estudante, ou por outra, estudante displicente, mas isso só serve para aumentá-lo na minha estima. A nossa Escola de Direito não é melhor nem pior do que o comum das escolas, de direito ou não, que não dão gosto nenhum de serem frequentadas. Mesmo assim Ascânio teve pachorra (ou malícia) bastante para imaginar uma tese, "O direito da família sobre o cadáver", cujo título suspeito dá ideia antes de uma blague jurídico-literária, um pouco fúnebre.

Bom funcionário, mau estudante, bom poeta... A rua da Bahia não conheceu bem Ascânio Lopes, que passou por ela como um automóvel. Eu mesmo já tive ocasião de dizer, há anos, num poema que provocou indignação, apesar de ser perfeitamente insignificante: há os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascânio desceu com o farol apagado, sem buzinar, e desceu para sempre.

Numa sala da Secretaria do Interior há uma mesa, e debruçado sobre essa mesa um jovem moreno e baixo trabalha: é secretário do Conselho Superior de Instrução; depois o jovem levanta-se, põe o chapéu, desce, toma o bonde, é o poeta Ascânio Lopes. A noite desce sobre a casa de pensão da rua Rio Grande do Norte

em que ele escreve seus últimos, os seus penúltimos versos; a noite desceu de todo, já não há mais versos para escrever, vida quotidiana para viver, tarefa nenhuma para levar a cabo. Discreto até o fim, Ascânio Lopes foi morrer em Cataguases: "De repente percebi que estava diminuindo, diminuindo, até que ficara apenas uma rodilha de dores", como diz ele nas admiráveis "Sete trombetas misteriosas".

in Anuário Brasileiro de Literatura Irmãos Pongetti, 1942 Republicado in Confissões de Minas, 1944



Cemitério de Cataguases, década de 1930. Francisco Inácio Peixoto e um amigo em visita ao túmulo de Ascânio Lopes.

ascânio lopes para principiantes



Ascânio Lopes Quatorzevoltas nasceu em Ubá em 11.05.1906 e morreu em Cataguases, no dia 10.01.1929. Um dos grandes nomes da revista Verde, Ascânio é o poeta maior de Cataguases: "Vale a pena viver em ti./ Nem inquietude. / Nem peso inútil de recordações,/ mas a confiança que nasce das coisas que não mudam bruscas,/ nem ficam eternas".

Juntando-se a um grupo de jovens escritores e amigos, Ascânio Lopes cria na Cataguases de 1927 a revista *Verde* – principal vertente do movimento modernista de 1922 em Minas Gerais. Nascido em Ubá, ele vem para Cataguases com apenas cinco meses, sendo criado pelos pais adotivos, o tabelião Cornélio Vieira de Freitas e Dulcelina Cruz de Freitas. De 1922 a 1924, estuda no Ginásio Municipal disciplinas diversificadas: de coreografia a cosmogonia, do francês ao latim.

Em junho de 1923, publica seus primeiros escritos no jornalzinho *O Eco*, editado por João Luís de Almeida. Aos 19 anos, em 1925, presta exame final no Colégio Mineiro de Belo Horizonte e no mesmo ano entra para a Faculdade de Direito. Nesse período, Ascânio estuda e trabalha na Secretaria do Interior, em Belo Horizonte. Em 1927, publica num dos jornais da capital do Estado o seu poema *Cataguases*, um canto de amor à cidade adotiva.

Tuberculoso, Ascânio Lopes tem a carreira precocemente interrompida e é internado no Sanatório Cavalcanti, em Belo Horizonte: "Estes olhos angustiados que me rodeiam/ – olhos de pai, de mãe, de irmão,/ estão cansados da vigília noturna/ e anseiam pela manhã que tarde.../ pela manhã que tarda como o milagre/ que eles esperam, mas não virá...".

Em 1928, em parceria com Enrique de Resende e Rosário Fusco, Ascânio publica *Poemas Cronológicos*, o primeiro lançamento da "Verde", a nova editora criada em Cataguases. É também em maio desse ano que volta muito doente para Cataguases, para o sítio de seus pais adotivos: "Neste quarto morreu minha avó, neste outro casou-se minha irmã. Até as goteiras são conhecidas. Quebraste teus próprios ídolos e choraras agora ante o silêncio vazio. O teu pranto é inútil: a morte é surda está muito alta a curva do céu desabitado".

Poeta pleno e visionário, antecipador de "coisas que não mudam bruscas", o mais maduro e sofrido dos meninos da *Verde* morre em 10 de janeiro de 1929. Em maio daquele ano, a revista *Verde* sairia pela última vez: um número especial em sua homenagem, com uma tarja preta na capa. Ali, o poeta Carlos Drummond de Andrade, seu grande amigo dos tempos de Belo Horizonte, registra sua perda:

"Discreto até o fim, Ascânio Lopes foi morrer em Cataguases... distante, mas realmente perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos... a Rua da Bahia não conheceu bem Ascânio Lopes, que passou por ela como um automóvel. Há os que sobem e há os que descem a outrora famosa via pública. Os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascânio desceu com o farol apagado, sem buzinar, e desceu para sempre".

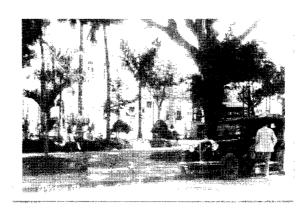


Rio, 2013. Gravação do vídeo "Cataguases-Ascânio": Joaquim Branco lê o poema de Ascânio sob os olhares atentos de Lina Tâmega Peixoto, RW e Francisco Marcelo Cabral.

cataguases 1927

Ascânio Lopes

a Carlos Drummond de Andrade



Nem Belo Horizonte, colcha de retalhos iguais, cidade europeia de ruas retas, árvores certas, casas simétricas, crepúsculos bonitos, sempre bonitos; nem Juiz de Fora: ruído. Rumor. Apitos. Klaxons. Cidade inglesa de céu esfumaçado, cheio de chaminés negras: nem Ouro Preto, cidade morta, Bruges sem Rodenbach, onde estudantes passadistas continuam a tradição das coisas que já esquecemos; nem Sabará, cidade relíquia, onde não se pode tocar para não desmanchar o passado arrumadinho; nem Estrela do Sul, a sonhar com tesouros, tesouros nos cascalhos extintos de seu rio barrento; nem Uberaba, nem, nem, cidades arrivistas, de gente que pretende ficar;

Não! Cataguases... Há coisa mais bela e serena oculta nos teus flancos. Nas tuas ruas brinca a inconsciência das cidades que nunca foram, que não cuidam ser. Não sabes, não sei, ninguém compreenderá, jamais, o que desejas, o que serás. Não és do futuro, não és do passado; não tens idade.

Só sei que és

a mais mineira cidade de Minas Gerais.

Nem geometria, nem estilo europeu, nem invasão americana de platibandas, nem bangalôs dernier-cri.

Tuas casas são largas casas mineiras feitas na previsão de muitos hóspedes.

Não há em ti o terror das cidades plantadas na mata virgem

nem o ramerrão dos bondes atrasados cheios de gente apressada.

Nem os dísticos de "aqui esteve", "aqui aconteceu".

Nem o tintim áspero dos padeiros.

Nem a buzina incômoda dos tintureiros.

Teus leiteiros ainda levam o leite em burricos.

Os padeiros deixam o pão às janelas (cidade mineira).

Teu amanhecer é suave.

Que alegria de só ter gente conhecida, faz teu habitante voltar-se para cumprimentar todos que passam.

Delícia de não encontrar estrangeiros de olhar agudo,

esperto, mau, a suspeitar riquezas nas terras.

Alegria dos fordes, brincando (são dois) na praça.

(Depois vão dormir juntinhos numa só garagem).

Iacaré!

João Arara!

João Gostoso!

Teus tipos populares.

A criançada atira-lhes pedras e eles se voltam imprecando.

Rondas alegres de meninas nas ruas, às tardes, sem perigo de veículos.

Papagaios que se embaraçam nos fios de luz, balões que sobem,

foguetes obrigatórios nas festas da chegada do chefe político.

Jardins onde meninas ariscas passeiam meia hora só antes do cinema.

Ar morno e sensual de voluptuosidade gostosa que vibra

nas tuas tardes chuvosas, quando as goteiras pingam nos passantes e batem isócronas nos passeios furados. Há em ti a delícia da vida que passa porque vale a pena passar, que passa sem dar por isso, sem supor que se vai transformando. Em ti se dorme tranquilo, sem guardas-noturnos. Mas com o cricri dos grilos, o ranram dos sapos.

O sono é tranquilo como o de uma criança de colo.

Vale a pena viver em ti.

Nem inquietude.

Nem peso inútil de recordações, mas a confiança que nasce das coisas que não mudam bruscas, nem ficam eternas.

Ascânio Lopes (1907-1929) era mineiro de Ubá, mas se tornou cataguasense com poucos meses de idade. Integrante da revista *Verde*, foi um de seus maiores nomes. A ilustração é uma intervenção do artista plástico Dounê Spínola sobre foto do poeta e da antiga Cataguases. "Licença poética", Dounê "modernizou" o Ford 27 de Ascânio, trocando-o por um Chevrolet 49.



ascânio em 4X3 (*)

E, dentro em nós, uma sombra infinitamente maior Ascânio Lopes, Serão do Menino Pobre

> ressurge ascânio estranho e triste suspiro, sombras de um serão antigo-atávico: de antanho

vinte e três verdes voos vãos o sol em volta, solidário sobrado só, sol de subúrbio

pálido sol, quatorzevoltas que em si assomam, sanatório sereno – sol sombrio e seco

som que ressoa triste-estranho escarro-toss-toss-escansão ascaniascaniascaniascânio

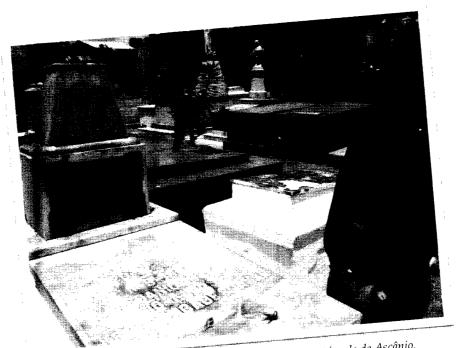
(*) ASCÂNIO LOPES QUATORZEVOLTAS voltou pela última vez a Cataguases aos 22 anos, para morrer no dia 10.01.1929. Vinha de uma temporada de tosse e sangue no inferno (Dante-Rimbaud) de um sanatório de subúrbio em Belo Horizonte, aonde fora estudar Direito e acabou tuberculoso. Rosário Fusco dizia que a maior virtude do poeta era a sinceridade: "Sinceridade, coitadinho, até no sofrimento". Também Oswaldo Abritta, outro de seus companheiros na aventura da revista *Verde*, ressaltava a "sinceridade de sua arte", acentuando ainda sua extrema serenidade. Em artigo para o *Cataguases*, de 03.02.29, arriscava um epitáfio perfeito: "Aqui jaz o Poeta Ascânio Lopes e a sua serenidade".

Suspiro, sombras, serão, sanatório, sol-sombrio: mais que meras aliterações, essas palavras tão sintomáticas no universo de Ascânio, surgem aqui como a própria ossatura do meu poema – forma & fundo. Este *Ascânio em 4x3* surgiu/ressurgiu durante várias caminhadas pela areia de Copacabana após uma releitura de *Ascânio Lopes - Vida e Obra* (1967), ótima pesquisa de Delson Gonçalves Ferreira. Prática inaugurada pelo poeta Francisco Marcelo Cabral in *Inexílio*, este "poema-com pé de página" vai assim para Ascânio Lopes, em

homenagem aos 90 anos de seu nascimento (1906-1929). São quatro tercetos num clima mais para João Cabral que para Dante, mesmo porque octossílabos e sem a *terza rima*.

Em *Confissões de Minas*, Carlos Drummond de Andrade registrava a perda de Ascânio e a amizade entre os dois poetas nos tempos de Belo Horizonte: "... Discreto até o fim, Ascânio Lopes foi morrer em Cataguases... distante, mas realmente bem perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos... A Rua da Bahia não conheceu bem Ascânio Lopes, que passou por ela como um automóvel. Há os que sobem e há os que descem a outrora famosa via pública. Os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascânio desceu com o farol apagado, sem buzinar, e desceu para sempre".

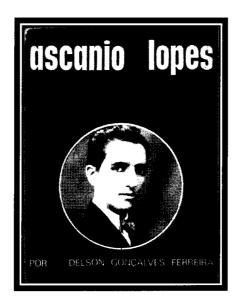
RW/Rio, 1996



Cemitério de Cataguases, anos 1990. RW revisita o túmulo de Ascânio.

ascânio lopes quatorzevoltas: a profunda penetração da poesia

Pedro Nava



Quando foi publicado um poema do novíssimo Ascânio Lopes, o Mílton (*Campos*) pensou que fosse um personagem de ficção e interpelou o Emílio (*Moura*) – que está bem, Ascânio e por cima Lopes, tudo certo mas o que quero saber é se o poema é seu ou do Carlos (*Drummond*). Nada disso, Mílton, trata-se de um novo, de Cataguases – Ascânio Lopes Quatorzevoltas. Vá lá pelas quatorze voltas mas o que quero saber afinal, uma vez por todas, é se o poema é seu ou do Carlos. Ora, essa perplexidade do Mílton, essa dúvida – é um dos melhores elogios espontâneos que conheço à poesia de Ascânio Lopes.

(...) Ainda neste 1925 nossa roda seria enriquecida pela presença dum poeta jovem. Fizera vestibular na Faculdade de Direito um moço chamado Ascânio Lopes Quatorzevoltas – nascido em Ubá a 11 de maio de 1906. Era filho legítimo de Antônio Lopes Quatorzevoltas e de D. Maria Inês Quatorzevoltas mas tinha sido levado com cinco meses para Cataguases, onde o criaram seus padrinhos, o Tabelião Cornélio Vieira de Freitas e D. Dulcelina Cruz.

Vai-te embora! Vai-te embora rapaz morto!
(...)
Minhas lágrimas caem sobre ti e és como um Sol quebrado!
Mário de Andrade, Improviso do Rapaz Morto

Lembro Ascânio Lopes e pergunto o que teria? Esse moço – para impressionar como impressionou tão fundamente seus companheiros de Cataguases e Belo Horizonte durante o pouco tempo que durou sua vida. O que é que o Ascânio tinha. Tinha inteligência. Tinha. Vivacidade. Tinha. E mais o que dizem os que escreveram sobre ele. Qualidades de sensibilidade, serenidade, mansidão, sinceridade sinceridade sinceridade. Tinha. Humildade, modéstia, a profunda penetração da poesia... Mas esse sofredor de pequena biografía havia de ter mais alguma coisa de imponderável, talvez o halo que não se vê mas se pressente – o campo magnético que aureola os *avertis*. Ou a tenuidade dos que estão em desmaterialização. Ou uma tristeza permanente de plano posterior. Dúvidas. Alguma certeza, talvez. O sentimento quem sabe? das fissuras que vão quebrar o sol e apagá-lo no nada.

Alguma coisa assim porque ele não inspirava simples simpatia, nem apenas amizade. Também não era amor fraterno. Era maior porque todos nós nos impregnávamos – nós quase de sua idade! – de uma espécie de sentimento paterno como a adivinhar em torno dele o perigo, a querer protegê-lo e ampará-lo contra a obscurameaça ... Olhos muito grandes de comissura externa mais baixa que a interna, o que, com o corte amargo da boca, acentuava a tristeza do seu riso. (...) Lábios finos. Sua aparência era gentil. Não separo sua lembrança da do (nosso encontro no) Teatro Municipal e vejo-o parado um instante à sua esquina, falando e se despedindo rindo. Por quê? Naquele preciso instante senti que devia gravar esse nosso encontro entre tantos outros que se esbatem ou que não vejo. Como teria sido? Sua infância. Ele próprio deixa adivinhar alguma coisa porque a evocação desse período ou a presença de meninos e meninas é quase constante em sua poesia. Não terá sido muito alegre.

Não tive essa infância moderníssima de matinês de cinema e partidas de futebol. Eu fui a criança remelenta que as mamães acariciam que diverte as visitas com seus modos de homem sensato. Terá sido mesmo triste.

Na minha infância vivi exilado da vida.

Dentro desse exílio – a inveja dos quebradores de vidraças dos vizinhos, dos meninos ousados do futebol, seu ímpeto de se revoltar logo contido pela ameaça do castigo que gerava "a covardia e a submissão". Ele suspeitava a vida como não sendo apenas "as aulas cruéis" e "as ladainhas intermináveis à hora de adormecer". Não. Tinha de ser outra coisa – "desde criança fascinou-me sempre o maravilhoso". E ele começava a descobrir a poesia dos moleques abrindo porteiras, das rondas alegres das garotas, dos soluços baixos – como êxtase, do cotidiano, das salas escuras, das casas velhas. Teria ele sofrido? Com sua situação de adotado. É certo. Mas só por essa situação. Porque aos adotivos chama "papai" e "mamãe" nos seus poemas e tem-se do Tabelião Cornélio e de D. Dulcelina uma grande impressão de doçura. Não terá sido um menino solitário, parece que tinha irmãos – não sei se de sangue, não sei se de criação, pois assim deixa entender certo plural do poema em que mencionou o desaparecimento da que o teve como filho.

(...) Papai lia o jornal atrasado

Mamãe cerzia minhas meias rasgadas

(...)

Às vezes Mamãe parava de costurar

– a vista estava cansada a luz era fraca

E passava de leve a mão pelos meus cabelos (...)

(...)

Ouando Mamãe morreu

O serão ficou triste a sala vazia.

Papai já não lia os jornais

E ficava a olhar-nos silencioso.

A luz do lampião ficou mais fraca

E havia muito mais sombra nas paredes.

E dentro em nós uma sombra infinitamente maior...

A ambiência infantil de Ascânio não terá sido alegre apesar de seus papagaios e "peões zunidores". Há muita sala pobre de roça, muita meia rasgada, vidraças molhadas, revistas velhas, quadros de santos, retratos descorados, cadeiras mancas, palhinhas furadas, teias de aranha, mato de terreiro e "um bordado de sombras na parede" – nos seus poemas. Esse meio interior tristonho e projetado num sertão mineiro cujo desconsolo avulta comparado ao que nele não havia de trigais maduros, riso de vindimeiras, de ceifeiras cantando ao sol poente. Nada dessa alegria do campo lusitano. Desolação pesada de chão de ferro com engenhocas de pau, monjolos, aboios tristes, bois lerdos, negrada bebendo pinga, homens cansados, em fila, seguindo sem conversar. Mas ele amava entre as cidades – Cataguases sua eterna representação lúdica e infantil.

Nas tuas ruas brinca a inconsciência das cidades Que nunca foram, que não cuidam de ser.

Entretanto Cataguases seria. Ele, os outros meninos da Verde e Humberto Mauro fizeram da cidade uma pioneira artística de Minas, como a Belo Horizonte do Grupo do Estrela e de A Revista, como a Juiz de Fora de Edmundo Lys. Foi na cidade do seu coração que Ascânio Lopes fez onze preparatórios. Terminaria seu curso secundário no Colégio Mineiro de Belo Horizonte onde a 11 de março de 1925 faz seu exame de inglês. Essa data é importante porque nos dá a época da chegada do poeta à capital de Minas. Provavelmente fins de fevereiro. Aquela nossa Belo Horizonte dos vinte deve ter sido um deslumbramento para Ascânio cuja geografia, como se vê no poema Cataguases era assaz reduzida. Ele fala em Estrela do Sul, Sabará, Ouro Preto, Juiz de Fora e Belo Horizonte. Não dá palavra sobre São Paulo ou Rio. Terá tido? Tempo de ter visto as duas últimas. A propósito de Juiz de Fora ele lembra ruídos, rumores, apitos, klaxons de "cidade inglesa de céu enfumaçado, cheio de chaminés negras". Cidade inglesa... Certo pelo cognome que tem de "Manchester Mineira" (...) A Belo Horizonte chama de europeia e na balada do estudante diz-se "perdido na grande cidade entre gente indiferente". Isso deve ter sido a impressão do início porque no meio de nós ele teve um curto período de felicidade: o da pensão do Lima - encerrado no da doença declarada. Felicidade e convivência. Naquela casa de morada ele encontrou Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, logo amigos e foi ser companheiro de quarto de José Figueiredo Silva,

logo irmão. Estes, num átimo, rastrearam seus versos escondidos e o poeta foi desmascarado e publicado por Emílio Moura no *Diário de Minas*.

(...) Na Faculdade de Direito ele ia encontrar João Alphonsus, logo do peito. Foram esses amigos que o lançaram, levaram-no ao grupo de que ele se tornou inseparável. Creio que nosso aplauso e nossa companhia é que deram a esse poeta delicado, esquivo e tímido a segurança com que ele participaria do Movimento Renovador da *Verde* de Cataguases (de que foi colaborador constante) e do lançamento dos *Poemas Cronológicos* com Enrique de Resende e Rosário Fusco. De segunda época em segunda época ele vai levando seu curso até a quarta série em 1928. Nesse ano ele cai doente e é internado no Sanatório Cavalcanti (...).

No Sanatório ficou pouco tempo e dele fugiu, aterrado com a visão noturna que surpreendera de doente só e se esvaindo numa hemoptise. Pira para Cataguases. Morrer entre os seus. Em paz. Da curta permanência hospitalizado ficou o testemunho do inferno que deve ter sido o fim de sua vida, num poema admirável e lancinante. Chama-se justamente "Sanatório" e há dele várias versões. Adoto e transcrevo aqui a parte que João Alphonsus de Guimaraens teve como melhor e que põe no romance *Rola-Moça*.

Logo, quando os corredores ficarem vazios E todo o Sanatório adormecer,
A febre dos tísicos entrará no meu quarto Trazida de manso pela mão da noite.
Então minha testa começará a arder,
Todo meu corpo magro sofrerá.
E eu rolarei ansiado no leito,
Com o peito opresso e a garganta seca.
Lá fora haverá um vento mau
E as árvores sacudidas darão medo.
Oh! os meus olhos brilharão procurando
A morte que quer entrar no meu quarto.
Os meus olhos brilharão como os da fera
Que defende a entrada de seu fojo.

Entrou no dia 10 de janeiro de 1929 – a Morte Triunfante – e o menino cerrou mansamente os olhos como em seio materno reachado. "Ascânio" – diz seu biógrafo

Délson Gonçalves Ferreira – "morreu com 23 anos incompletos. Pouco mais velho que Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu e pouco mais novo que Castro Alves". Como os desses outros tuberculosos seus versos viverão porque são inseparáveis do movimento da *Verde* e esta pertence à História do Modernismo no Brasil. Está sepultado em Cataguases junto com o moço Alfeu Cruz – irmão da *mamãe* Dulcelina.

in Beira-Mar Ateliê Editorial, 2003 p. 194, 260-265



Cataguases, anos 1920: o sorriso juvenil de Ascânio ao lado de seus companheiros da Verde, Guilhermino e Chico Peixoto (de óculos escuros).

chico peixoto para principiantes



Chico Peixoto por Portinari

Francisco Inácio Peixoto, industrial e escritor, nascido a 05.04.1909, em Cataguases. Um dos fundadores da revista Verde, em 1927, foi também o grande incentivador da implantação da arquitetura modernista na cidade.

Morreu em Cataguases, em 08.01.1986.

O escritor Francisco Inácio Peixoto é um dos marcos da história do município – o principal responsável pelo reconhecimento do nome "Cataguases" em todo o país e até no exterior. Ainda não completara 20 anos e seu nome já aparecia como um dos fundadores da revista *Verde*. Ainda não chegara aos 40 e já era o grande incentivador da introdução da arquitetura modernista na cidade.

Ele sempre acreditou na reformulação artística e arquitetônica como um poderoso instrumento de transformação da sociedade. Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, retorna a Cataguases e, em 1939, assume a diretoria da Indústrias Irmãos Peixoto, empresa da família. Na década de 1940 – e com o fundamental apoio de seu amigo, o escritor carioca Marques Rebelo, de grande influência nos meios intelectuais da então capital federal – Francisco Peixoto passa a articular a renovação da cidade, a dar margem ao surgimento de uma faceta modernista nas construções que começavam a ser levantadas.

De início, encomenda a Oscar Niemeyer o projeto de sua residência e, pouco depois, o do Colégio Cataguases. Filho de família de muitas posses, em 1942 Francisco Peixoto adquirira com seus irmãos o antigo Ginásio e logo começa a erguer o novo Colégio, do qual será professor (de espanhol) e diretor. Para ele, o Colégio não era apenas um projeto arquitetônico moderno, em termos físicos, mas também um espaço cuja ambiência pedagógica proporcionaria aos alunos uma formação em consonância com a contemporaneidade. Graças a ele, Cataguases foi aos poucos formando um notável acervo arquitetônico e artístico: Niemeyer, Portinari, Burle Marx, Jan Zach, Bruno Giorgi.

Poeta e contista, Francisco Inácio Peixoto publicou em 1928 o livro *Meia-Pataca*, junto com Guilhermino Cesar; em 1940, *Dona Flor*, contos; em 1960, *Passaporte Proibido*, livro de viagem; em 1966, traduz o romance *Oblomov*, de I.A. Gontcharov; em 1967, *A Janela*, contos; em 1981, *Erótica*, poemas; em 1982, reúne seus contos no volume *Chamada Geral*.

Chico Peixoto, como os amigos o tratavam, era um escritor sensível e sofisticado e talvez não gostasse muito dessas palavras, ele que não tinha lá os adjetivos em grande conta. Em grande conta, apesar de tudo, ele tinha mesmo era a cidade de Cataguases. Como nessa *Dedicatória*, quase nênia:

"Se te prefiro como era antigamente, quero-me como hoje sou: comedido, embora rude, no meu jeito de bem-querer. Por exemplo, aborrece-me esse ar meio fátuo, meio arrivista de que te pavoneias. Ouve e perdoa o reparo inoportuno, pois aqui estou só para louvar-te e agradecer aquilo que me deste: um pouco da terra onde nasci e um pouco do céu onde me perdi".



A face límpida do criador vence as mesquinhas contingências do tempo.

um nome: o que diz

Carlos Drummond de Andrade

Francisco Inácio Peixoto?
este nome acende em redor um clarão verde,
do tempo em que o verde não era cor política,
cheia de caras fechadas e interjeições iracundas.
Era só verde-alegria, verde-vinte anos,
verde-festa, verde-algazarra, verde pau no lombo dos passadistas,
verde-charanga altissonante em devoção de Oswald,
e Tarsila e Mário e Guilherme e Ronald e Manuel
– nossos ídolos bem nossos!

Francisco Inácio Peixoto...

Nome que lembra índio, os novos audazes cataguás! invadindo o sono de Meia-Pataca para a conquista de outra espécie de poder: o poder estético.

Deram duro, brigaram com alta e bela ingenuidade. Marcaram um minuto mineiro, tão descontraído, tão macunaíma, que a gente não esquece mais o cauim dessa bebedeira.

Francisco, eu disse, Francisco Inácio Peixoto!

Agora o nome abre-se no vasto pátio de um colégio
por sua vez aberto ao vento do mundo, e no centro o painel sangrento
de Portinari grita liberdade aos quatro cantos da Terra.

Podem tirá-lo dali: que importa?

A chama continua, sob as cinzas,
no destino de chama.

E o nome expande-se em museu moderno de arte,
museu que poderia ter sido e que não foi.

Francisco Inácio, usina pessoal de sonhos que se tornam realidade para voltar depois ao reino escuro de antes do sonho.

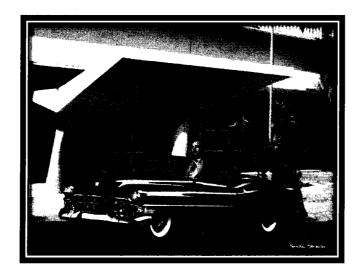
Ainda uma vez, que importa?

Na água-espelho dos setent'anos

A face límpida do criador vence
as mesquinhas contingências do tempo.

Rio, 1979

cachimbo e cadillac



Francisco Inácio Peixoto completaria 100 anos neste cinco de abril de 2009, ele que fizera 70 em abril de 1979 - claro, se a matemática do Colégio não me obscurece. Pois, e bota pois nisso, naquele 5 de abril de 1979 foi lançado um suplemento especial do jornal Cataguases, editado por mim e pelo Joaquim Branco, num jantar de aniversário em sua casa da rua do Pomba (by Niemeyer), com direito a presença e colaborações de vários de seus muitos amigos – até mesmo Carlos Drummond de Andrade. Que marcou presença não no jantar cataguasense, mas no jornal, por meio de um poema que consegui por acaso ("Um nome: o que diz?") – eu, que pedira a Drummond mera colaboração, "algumas linhas sobre o Chico Peixoto". Mas o nome de Francisco Inácio Peixoto dizia mais e era mesmo maior que apenas poucas linhas. Trinta anos depois, transcrevo trechos do texto que publiquei naquele jornal, que fica aqui com o meu abraço e minhas centenárias homenagens para meu saudoso amigo Chico Peixoto.

Impávido, o Cadillac levanta poeira e adentra a mata com a autoridade de um transatlântico. Colossal como o veem os olhos do menino. Só não apita porque seu comandante é extremamente discreto. É uma Cataguases aí pelos confins dos anos 1950 e o Cadillac é muito preto e reluzente – e soberano sobe o morro que dá

na mata que dá no Colégio que dá num tempo perto-distante que só para na padaria onde o Martins faz pães de matinal frescor.



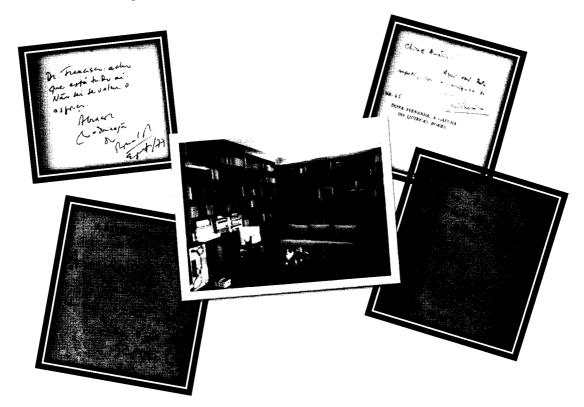
Sim, o tempo para. Pelo menos nas *madeleines* da memória – e sempre! –, para o pão cotidiano. Sobe o morro o Cadillac, o morro que era o mundo que dava num prédio imenso com um painel que não entendíamos, que a cidade nunca entendeu. E, por isso mesmo, o perdeu: o prédio atônito sem seu pedaço mais caro, seu painel perdido entre perdas tantas. Era por aí num tempo onde "havia jardins, havia manhãs" – como dizia o comandante do Cadillac, citando Drummond do alto de uma britânica cachimbada: um

quê de cacau, sabedoria e nonchalance.

O bigode elegantemente aparado, os cabelos já bem grisalhos, o bem talhadíssimo "fato de veludo" (como dizia seu amigo Marques Rebelo), aquele negócio assim de cachimbar fumaça azulada e uma recente viagem aos países do Leste Europeu – *Gala dança/ na noite branca de Leningrado* –, tudo nele deixava literalmente atônitos os olhos daqueles ginasianos do interior. Era o senhor diretor, às vezes o professor de espanhol, o amigo de Portinari e de seu painel, do Niemeyer que projetara o Colégio e sua própria casa, do Marques – que ainda não conhecíamos –, do Vinicius, que lá chegou um dia (uma verdadeira aparição – então, poeta era aquilo?), com sua camisa vermelha, mocassins do Moreyra, para visitar o diretor e o menino que pra lá mandou (*Filhos: Filhos melhor não tê-los!*), o seu Pedrinho – que, claro, comia gilete, bebia xampu e fumava todas as nossas bingas: "dá as *vinte* aí, sô!".



Era aí por volta dos 50 e para nós quem subia-descia o morro em seu Cadillac faiscante era o Doutor Francisco Inácio Peixoto, que às vezes nos honrava com caronas onde nos pavoneávamos, privilegiados e soberanos. O Doutor Francisco, cuja casa frequentávamos em antevésperas de provas e datas quetais, estudando com suas filhas Mabel e Maria Cristina, enquanto ele se consumia em seus afazeres da fábrica de tecidos. Ali mergulhávamos no "livraral" com autógrafos que descobríamos deslumbrados. A casa e a perspectiva, o mundo que se abria no interior da biblioteca, que dava para a varanda, que dava para o jardim de Burle Marx, que dava para o rio Pomba: o mundo refletido naquela casa-Cataguases em que ele "vivia fora de Cataguases", como nos disse um dia.



Já no Rio, final dos anos 60, o Dr. Francisco Peixoto passava por mim e meu Gordini, que passava por ele, passava por Chico Filho e Bárbara, passava por Mabel e Quico e Ladeirinha, passava por Maria Cristina, Maria Inês e Zé Maria – "Xicão! Xiquim!... Dona Melinha!". Sem o Cadillac, movido também a mocassins do Moreyra, Chico Inácio passava por mim e meu Gordini, muito, muito mais lento que seus passos precursores de um Cooper inédito e vespertino pela Avenida Copacabana.

Foi por aí por esse tempo afora que já ensaiávamos uma amizade por meio do nosso amigo maior, o Doutor Rosário Fusco de Souza Guerra. E a gente já se permitia intimidades tipo "Chico, mas o Drummond, o Murilo; Chico, mas o Machado, o Guimarães & o não sei das quantas etc. etc." – estimulados por um bravíssimo gin tônica e pelo lusco-fusco matinal do escritório-biblioteca do Doutor Rosárr. Já no final dos 60, graças a nosso poeta & guru Francisco Marcelo Cabral ("o Chico é a figura mais importante de Cataguases"), a gente se dava conta de que era mesmo Chico Peixoto quem melhor traduzia o "diferencial" (nada a ver com o Cadillac) da cidade.

Já em meados dos 70, ficou a *remembrança* (evoé, Chico Peixoto!) de uma tarde-noite em que, aí por volta do terceiro uísque no Brazão – ali na esquina que desce pra Ponte Velha, pro Pomba e pro mundão solto pelas pirambeiras dessas margens-vida –, no terceiro-quarto-quase-quinto uísque, nos cumprimentamos enquanto ele passava, de mãos dadas com Mabel e Cristina, entrecortado por uma réstia de sol oblíquo a se derramar pelas modernosas Matriz & Praça Santa Rita (essas matreirices que ele olhava, sempre!, meio arrevesado) e por um enquadramento meio Humberto Mauro, meio em *contra-plongée*, do velho prédio da Prefeitura – o Paço de que ele gostava e todos nós, em atávicos nós atados.

Então, é aí por volta dos anos 70. E às vezes a gente ainda passa pela rua do



Pomba e vê Chico Peixoto, apesar de tudo – painel, colégio, fumaça de cachimbo –, a bater prosa longa com a filha Dedé, cadeiras na calçada, ainda agora o elegante e jovial mocassim carioca e sem meias do Moreyra. E, de repente, Cadillac, mocassim, cachimbo, fumaça se evolando *azul y exquisita*, como aprendêramos em suas aulas de espanhol – os anos 50, os 60, os 70, tudo, tudo subitamente atemporal. Como se ainda agora mocassim, Cadillac, cachimbo – e agora e ainda e sempre.

Rio, abril de 1979

passaporte para proesia-peixoto





Passaporte Proibido (Org. Simões, Rio, 1960) é na verdade um livro aberto, um passaporte para a prosa poética, a proesia de seu autor – a entrada por excelência para a escrita de fino trato, para a maturidade de Francisco Inácio Peixoto. Prosa a palo seco, arguta, incisiva, mas muitas vezes eivada de doçura.

Lembrei-me subitamente desse livro quando eu deixava Argel em 1979, rumo a Roma. Na volta da viagem à URSS, novamente de passagem pela Tcheco-Eslováquia, Peixoto finaliza seu relato, suas "crônicas de viagem", como no subtítulo do livro, com a despedida dos amigos que fizera em Praga, 1955: "Da janela do trem que nos levaria a Viena, vamos vendo, cada vez mais embaciados, os vultos de Jitika, de Frantisek, de Gabriel, que nos acenam da plataforma. Uma curva súbita e os três desaparecem. Para sempre".

Camiss & Tipasa

Foi desse "para sempre" – essa pancada assim seca e para nunca mais – que me lembrei naquela manhã de setembro de 1979 no aeroporto de Argel. O avião levantava voo e pela janela eu via lá embaixo, cada vez menor, o vulto de meu amigo Mohammed, o motorista de nossa delegação nos 40 dias que passamos na Argélia, representando a Cacex na Feira Internacional de Argel. Além de nos conduzir do hotel para a Feira, e viceversa, Mohammed apresentou-me uma Argel cotidiana, com a dignidade de seu povo, argelinos sempre de mãos dadas, argelinas sempre apressadas, escondidas sob as tendas

inexpugnáveis de suas sóbrias, vetustas vestes. A Casbah, o mar mediterrâneo, a Mesquita de Niemeyer, os *moutons*, esses carneiros enfileirados zanzando pelas ruas – e o petróleo a impulsionar o país.

Sabendo que eu admirava Albert Camus (que ele, como os demais argelinos, pronunciava *Camiss*, acentuando os "esses" do "nôtre Nobel" – como ele dizia, não sem uma justificada ponta de orgulho)), Mohammed levou-me uma tarde a Tipasa, a alguns quilômetros de Argel. Isso porque eu havia dito que estava relendo *Noces à Tipasa* ("Bodas em Tipasa"). Aquela tarde iria resultar no meu poema *L'après-midi à Tipasa*, cujo fecho ficou assim, exatamente *comme-ça*: "lá-bas/ tipasa/ s'en va/ pour toujours/ la mer aussi/ só o mar e sobras de sol/ só o mar e ruínas/ romanas e belas/ tâmaras tantas/ o céu chove/ sobre plátanos que comovem".

Mohammed, gentilíssimo, não só levou-me ao aeroporto como me trouxe algumas *roses au sable*, aquelas flores do deserto de que eu tanto gostara quando as vi da primeira vez. "Pour sa femme", ele me diz, sempre afável, sem atinar para o trambolho que era carregar até o Brasil aquelas pesadas pedras em flor do Sahara (acabaram ficando em Roma). Assim, lentamente, como os amigos tchecos de Peixoto na plataforma de Praga, meu amigo argelino também sumia, embaciado, lá embaixo, enquanto levantávamos voo. Uma nuvem súbita e seu vulto e o de Argel desapareciam. Para sempre.

Na Toscana e no Vale do Loire

Antes de passarmos a alguns dos marcantes momentos de *Passaporte Proibido*, que coloco a seguir, uma inesperada coincidência. Buscando por fotos para ilustrar a mais que merecida passagem de Francisco Inácio Peixoto por este livro, fui há poucos dias à sua casa aqui em Cataguases. Gentilíssima, sua filha Maria Isabel, minha colega nos tempos do Colégio, não só abriu as portas da icônica e modernista residência (um dos primeiros projetos da carreira de Niemeyer, ainda de 1940), como me disponibilizou uma raridade: o álbum de fotos da família, inclusive aquelas de seus pais na viagem que deu origem a *Passaporte Proibido*.

Em 1955, na volta do Leste Europeu, depois de passar por Viena, o casal fez o tradicional circuito Londres, Madri, Paris, Roma, Veneza, passou pela Alemanha, Bélgica (a Bruges que acabei não indo até hoje), Dinamarca, Finlândia, Holanda, Suécia, Suíça e também visitou familiares no interior de Portugal, num périplo por Coimbra, Guimarães, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Caldas da Rainha, Barcouço.

Mas não ficou por aí. Tanto na Itália como na França, os Peixoto andaram pela Toscana e pelo Vale do Loire.



No alto de San Gimignano, 1955, Chico Peixoto volta-se para a paisagem. Também ali, em 2018, RW mira a imensidão da Toscana.

E estiveram nas mesmas cidades que visitei durante recentes viagens à Itália (1918) e França (1919). Confesso ter ficado emocionado ao ver as fotos de Chico Peixoto na Toscana (Siena, Piza, Firenze, San Gimignano) e no Vale do Loire (Blois, Amboise), os mesmos locais por onde passei. Só senti falta de Vinci, a terra de Leonardo e de Tours, a de Balzac, onde estive, mas os Peixoto não. Mas não vamos fazer ilações – logo eu, pobre de mim, que jamais fui sequer ao Leste Europeu, nem sequer a Chartres, que os Peixoto amaram.



Na amurada de Firenze, debruçados sobre o rio Arno, parece que RW (2018) e Chico Peixoto (1955) se entreolham enquanto dão as costas para a Ponte Vecchio ao fundo.

Dois meses pela Cortina de Ferro

"Às duas e meia da tarde, na primavera (europeia) de 1955, Peixoto e sua mulher Amelinha desembarcaram no aeroporto de Praga, na então Tcheco-Eslováquia – anota Luiz Ruffato no livro Francisco Inácio Peixoto em prosa e verso,

por ele organizado – iniciando uma viagem rara, não só para brasileiros, mas para qualquer cidadão morador do lado oeste da imaginária Cortina de Ferro, que separava o mundo entre 'capitalistas' e 'comunistas', ou, de outra forma, entre os países sob influência dos Estados Unidos e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – destino final do casal. *Passaporte Proibido* é o relato dessa jornada, um documento que se quer ao mesmo tempo técnico e humano, na busca de, superando ideias preconcebidas, abrir-se à compreensão do mundo".



Na praça Svêrdlov, em Moscou.

Vinte e quatro anos depois, Peixoto assim se referia à viagem: "Transformei aquilo numa viagem turística, evidentemente. E foi a melhor coisa que me aconteceu. (...) Sob todos os aspectos. Passeios que dei... estive dois meses transitando pela Cortina de Ferro. Não me chatearam em nada. Pelo contrário. Vi coisas fabulosas, museus... Nós andávamos como cachorros doidos. Às sete horas, já tinha

um automóvel lá no hotel, à nossa espera. Nós andávamos... a teatros, a balés, tudo, tudo, tudo...".

Vamos então a alguns momentos selecionados de *Passaporte Proibido*, mostras de suas agudas observações, *exhibits* de sua proesia.

MOCBA!

Inesperadamente a aeromoça se aproximou e disse uma palavra curta e estranha, ela, que se conservara o tempo todo silenciosa e distante. Repetiu-a e tornou a repeti-la. Encaramo-la, aflitos, e ela olhou para a janela do avião e nos apontou no alto do prédio que se avizinhava, a palavra enigmática: "MOCBA". Estávamos em Moscou!

Matinal

(...) Tornamos à rua. Passam militares, passam mulheres, passam crianças, passam homens. Nos grandes edifícios da praça, já se veem decorações para a festa de 1º de Maio: dísticos, vermelhas flâmulas pendentes das alturas, retrato imensos de Lenin, de Stalin e dos que são hoje os supremos mentores da URSS. Todos em rigorosa ordem hierárquica. Do jardim, surgem mais crianças e a menorzinha quer

que lhe tiremos um retrato. Fazemos um grupo. A máquina dispara, e o anjo que acabara de instilar em nós ternuras incríveis, agradece:

- Spacibo!

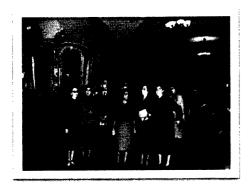
O retrato está conosco. Não reproduz a agitação da cidade, no fundo. Grava, apenas, sorrisos infantis e, com eles, somente rimaria a doçura daquele jardim moscovita.

Na rua

Havia uma semana que estávamos em Moscou, num "à vontade" de colegiais em férias. Às vezes desacompanhados de nossos intérpretes, íamos à toa pelas ruas. Desapontava-nos o fato de não estarmos sendo seguidos (tanto pode a contra-propaganda sistemática!). Era, pois, sempre com uma ligeira emoção de *outlaws*, de quem se lançou em perigosa aventura, que saíamos para esses passeios solitários. E se nos sorvetêssemos de um momento para outro, raptados pelos ferozes organismos da polícia soviética, suspeitosos de nosso caderninho de notas e de nossa curiosidade peripatética?

Mas não houve espiões nas manhãs e nas tardes moscovitas. O povo, esse, se mostrava pacato e sempre que com ele nos pusemos em contato, hospitaleiro e acolhedor. Sozinhos andamos e sozinhos chegamos a comprar (milagre da mais pura mímica!) uma canção que nos enlevara, um par de meias e um colorido gorro do Uzbequistão.

O menino no Museu



No Arsenal do Kremlin, em Moscou.

O pequeno ucraniano tinha seus doze anos e, de gorro na mão, o casaco curto, calças sem vinco, caindo nas botinas de grosso solado, e só, numa das salas do Museu Lenin, parecia um animalzinho sem dono.

Não compreenderia, talvez, por que tantas fotografias nas paredes, tanto livro aberto nas vitrinas, tantas folhas de papel escritas, algumas já amarelecidas pelo tempo,

ali eram exibidas. Aqueles quadros reproduzindo lutas de homens; aquele homem que se identificava em tudo que lá se achava: nos móveis, nos objetos, nas roupas de uma severa simplicidade; aquela maquete da casa, com o falso poço d'água ao lado, mostrando, em corte transversal, como por ele se atingia, no subsolo, a tipografia clandestina que multiplicava pelo mundo da Rússia a palavra do mesmo homem e a palavra dos companheiros desse homem. Tudo isso, que significaria para o menino solitário? No documentário que exibiram para nós no cinema do Museu, lá estava o homem outra vez, em mil atitudes, vivo, vibrante, mas, também, em certos momentos, deixando transparecer fadiga no rosto quase mongólico.

É possível que o pequeno ucraniano conhecesse a história de Lenin, como, nas escolas, outros meninos aprendem a vida e a lutas de outros homens, os gestos e os feitos de outros heróis: um decorar mecânico e mais ou menos inconsequente. É possível também que a nossa suposição fosse leviana e que, nele, se encontrasse um sentido prematuro e exato do que representou para si e seus irmãos a luta de Vladimir Ilitch. Mas, naquele instante, era apenas uma criança que nos acompanhava por todos os lados, curioso, em silêncio, sem tirar de nós os olhos de cachorrinho humilde.

Visitação ao túmulo de Lenin e Stalin

Nada mais que vermelho e preto. Apenas vermelho e preto. E os cubos de mármore erguem-se, superpostos, na ampla praça, fundindo-se na calma da tarde moscovita. A longa fila, processional e expectante caminha a passos lentos. Caminha e para e torna a caminhar. E penetra, afinal, no bojo tumular, onde dois homens dormem, incomunicáveis. Num, o silêncio súbito e inapelável paralisou o gesto da mão que ainda guarda, entrecerrada, a força que lhe transmitia o verbo de fogo; noutro, não há sequer um mínimo sinal do movimento que a morte cortou: as mãos descem ao longo do corpo e acentuam a certeza de um destino cumprido.

E, se naquele a fisionomia ainda mostra a inconformação do que foi colhido como um fruto prematuro, neste, o rosto nobre e rude aceita o sono como contingência inalienável, como quem se dá, inteiro, ao descanso, depois da luta. E que luta terrível lutaram ambos! Formaram um mundo e, nesse mundo, novos conceitos de vida, novos caminhos que poderão ser impraticáveis para os nossos pés estrangeiros, mas nunca trancados àqueles que, como nós, buscam, apenas, vê-los como metas de convergência para a fraternidade universal.

(...) Parece-nos, pelo menos, que está é a verdade que habita no coração do povo soviético, no qual surpreendemos sempre um desejo instante de paz. E o seu civismo sem par, jamais sentido por nós, em outras terras, com tanta impetuosidade, não o afasta de nós, por intocável ou suficiente. Torna-o, antes, admirável no

seu justificado orgulho e na hospitalidade com que nos recebe, na qual há um toque da mais profunda simpatia humana.

(Anotação entre parênteses, onde se percebe o extremo cuidado de Francisco Inácio Peixoto com tudo o que escrevia: "Palavras infladas, em vez de sóbrias e enxutas. Fiquem, porém, como estão. No mesmo tom discursivo, algo patético, com que foram pronunciadas na Rádio Moscou. Bem ou mal, traduzem sentimentos legítimos. Por que trocá-las?)

Tbilise



Passeio por Tbilise.

Fomos espiralando pela estrada até o Parque de Cultura e Repouso "Stalin". Dali avistamos Tbilise (1), que parece imersa em névoa. Ruas e casas e árvores, tudo se esfuma e forma um conglomerado de cubos acinzentados, de contornos imprecisos, enquanto cá em cima, no monte que o funicular sobe, brusco, o ar é translúcido.

Longas e esguias colunas brancas formam um pálio para o edifício que pousa à beira da encosta. Deixamos o velho dormitando na varanda, o restaurante vazio, os moços jogando sinuca em silêncio, pulamos a amurada para colher a florzinha amarela e galgamos a escadaria que nos leva mais para o alto, margeando cipreste e bancos de madeira.

(...) Perdemo-nos em mil pensamentos na formosa Tbilise... Na esquina, abrindo-se em grande quadrilátero, uma espécie de feira-livre com seu comércio vário. À beira do oásis de verdura, o monumento a Rustaveli. A avenida margeando o Kura, as ruínas da fortaleza, a avenida Lenin, a avenida Maiakóvski, a avenida Rustaveli (quem foi Rustaveli?) (2), tanto verde na primavera da Georgia! À margem do parque, pomo-nos a aguardar o trenzinho de ferro, mais do que um brinquedo, que as crianças movimentam, mantêm e administram.

Noturno para Leningrado

(...) e já o trem andava a quilômetros de Moscou (*rumo a Leningrado*) quando fomos dormir. Mas não dormimos logo, que é sempre triste a partida, mesmo sem termos de quem nos despedir, e a noite é fermento para cismas doidas. Quando essas crescem, assim, em terra estranha, mais triste é o contraponto das rodas rodando nos trilhos e mais pungente o apito da locomotiva. Apagamos a luz do abajur e só ficou o rádio tocando baixinho, no escuro, uma perdida canção.

Acordamos com um hino, quando já era madrugada lá fora, nas bétulas e nos pinheirais, nas estepes regadas de orvalho. Que riacho é este? Duas mulheres apanham água na bica, uma cerca ao fundo, um homem olhando o trem passar, três casinhas na estrada tortuosa, três crianças, o cachorro latindo, a estação vazia. Por que esta paisagem incaracterística, e não outra, permanece indelével na memória?

Vista de Leningrado

Levamos o dia rodando. Leningrado não precisa ser chamada de "Veneza do Norte", para que se exprima o seu jeito de ser bela. Aqui, os caminhos que o Neva abre não são como os canais que o Adriático forma na cidade ducal. Esta se entrega toda ao mar, que escorre pelos contornos de seu arquipélago, mansamente, como uma água que se derramasse; aqui, não: o rio rasga, sem a violência da posse, mas com o ímpeto, apenas, de romper uma passagem para o mar. Naquela, as águas unem e, nesta dividem. Há, é verdade, o Moika, riozinho mais tranquilo, que às vezes finge de canal veneziano. Mas quem vê o Neva, soberbo, carregando seus barcos e seus navios, sente que ele não se detém e é como um rolo d'àgua que se desata.

O "Cruzador Aurora", ancorado para sempre em suas margens, descansa de seu feito histórico e virou museu. Na praça ribeirinha, a casa tosca, de madeira, que Pedro habitava quando construía a sua cidade. Ele também está ali, dominador, no seu cavalo empinado, contemplando o Neva à distância.

Regresso

Na alfândega, nenhuma formalidade. Não nos foi exigida declaração alguma, não revistaram nossa bagagem, não fizeram qualquer pergunta: deixamos Moscou da mesma maneira que entramos. Certamente, um tratamento de exceção.

Um bando de chineses também partia. É preciso aprender essa calma, esse comedimento, esse jeito reverente, mas sem servilismo. Íamos por caminhos opostos: eles, de regresso a casa; nós, de retorno a Praga. Partiram e, na saleta, se instalou, definitiva, uma atmosfera de velório. Pousado na pista do aeroporto quase deserto, o avião nos espera e parece um enorme bicho morto. Nele viajaremos, já então impermeáveis, pois esta nostalgia quem nos traz é mesmo a luz neutra da madrugada, que não consegue diluir a noite. Ou era esta que ainda persistia em nós?

União dos Escritores Tchecos

(...) Alguém sugere que exibamos o nosso "curriculum vitae". Entre um salgado, um doce e um copo de vinho, apresentamo-nos assim aos nossos anfitriões. Invenção boba e, para nós, altamente constrangedora. Cada um vai dizendo o que é e o que fez. Mas, que diremos nós, e que fizemos nós, senão nascer e viver em Cataguases? Afinal, somos, apenas,



Na Associação de Escritores Tchecos.

municipais, e a autobiografia, além de magra, sai espremida e encabulada.

Lembrança de Praga

De muitas cidades construiríamos a nossa cidade, se fosse possível a alguém construir a sua – lugar ideal onde, pelo menos em pensamento, vivemos. De Praga, roubaríamos a Ponte de Carlos e, claro o Moldau; anexaríamos Hradcany, Malá Strana, todas as ruas da Cidade Velha, os imensos pátios empedrados, a que a nomenclatura urbana denomina, impropriamente, praças. Destas, se obrigados a escolher, ficaríamos com a Waldstejnská, sombria e sempre solitária, carregada de mistério dos casarões que a limitam. Praças vazias até mesmo de árvores, apenas bosques de solidão.

Despedida e regresso

(...) No dia seguinte partimos. Da janela do trem que nos levaria a Viena, vamos vendo, cada vez mais embaciados, os vultos de Jitika, de Frantisek, de Gabriel, que nos acenam da plataforma. Uma curva súbita e os três desaparecem. Para sempre.

Um palácio e uma canção

Em Leningrado, no Palácio de Cultura Gorki, (...) estralaram palmas. Depois das palmas, música de novo. E o que prevíamos – já situados dentro de uma encabulação irredutível – aconteceu: a luta para recusarmos a contradança às moças gentis que nos puxavam para o meio do salão. Vencemos a insistência, brutos que

somos. Nós que preferiríamos sair vencidos por aqueles dois braços e por aquele sorriso. Mas não sabíamos dançar... Abriu-se a última porta. Era o piano que tocava Dvorak e eram moças e rapazes em trajes de ensaio, se exercitando na "Dança Eslavônica".

(...) Não pudemos ver Ulanova (3), mas vimos Gala dançar. E a arte experiente daquela não nos traria emoção mais forte. Por isso e porque a poetas bissextos devem-se tolerar oportunismos e versos de ocasião, aqui fica esta: *Cançãozinha para Gala Edelman*.

O belo poema de Peixoto merece o devido destaque e surge a seguir.

Cataguases, março de 2021

- (1) Capital e a maior cidade da Geórgia. Hoje, a grafia adotada em português é "Tiblíssi".
- (2) Aqui, Peixoto possivelmente faz um chiste (?): dada sua cultura é quase certo que sabia quem era Chotá Rustavéli, poeta georgiano do século XII, considerado por muitos um dos maiores representantes da literatura medieval. Rustavéli é autor do trabalho literário "O Cavaleiro na Pele de Pantera" (*Vepkhis Tq'aosani*, em georgiano), poema épico nacional da Geórgia.
- (3) Galina Sergeyevna Ulanova, bailarina russa, conhecida como "a deusa da dança". Ela é frequentemente citada como uma das maiores bailarinas do século XX. Nascida em Leningrado, Ulanova não foi apenas uma grande dançarina, mas também uma grande atriz trágica, talvez a de maior destaque na história do balé. Não encontrei fotos de Gala Edelman, mas sim de Galina Ulanova, que vão a seguir.



cançãozinha para gala edelman

Francisco Inácio Peixoto

Gala dança dança e sorri na noite branca de Leningrado.

Que fazes, Gala do teu corpo infante na noite branca de Leningrado?

Tu o atiras pela rosa-dos-ventos: um pouco ao norte (Norte, Estrela!) um pouco ao sul.

O resto roubou-os, que pertencem a mim. (Tão pura és, tão linda, tão clara que não distribuis desejos mas esperanças).

Fico com as mãos que estas, sim, espalham messes.

Fico com os olhos que tingem de azul (de branco, de branco!) tudo que é áspero.

Fico com a graça de Gala em flor a quem elejo do norte, pomba Estrela da Paz.

Leningrado, 1955 in Passaporte Proibido, 1960

GALA

PAIX

PACEM

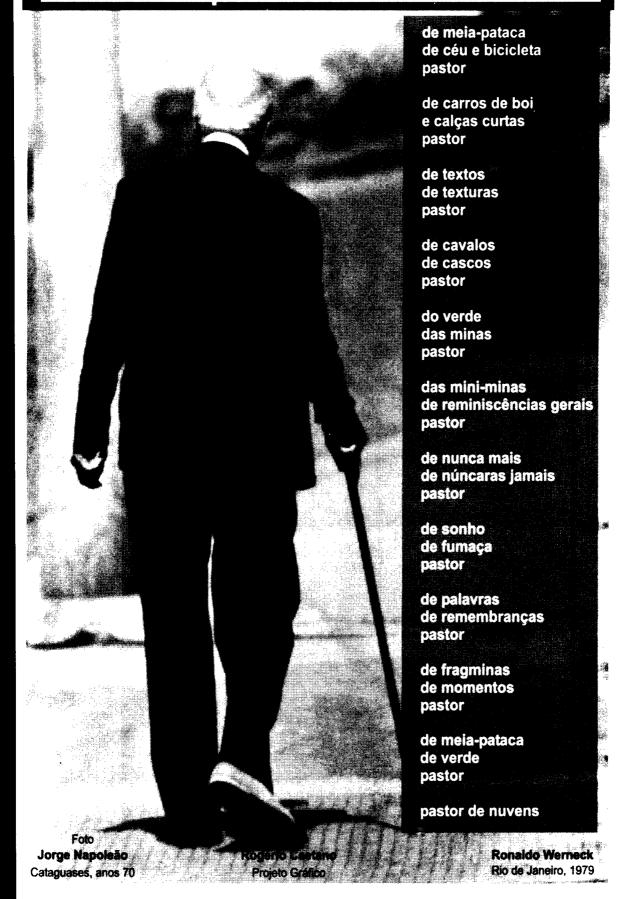
```
gal ga
            al
                   en
    in
             gr
              ol
   ad
        paz
        pomb
  eni
                 ngr
       adapazp
 ado
                    gala
leni
       ombadap
                    grad
ogal
       pazpomb
                    gala
leni
       adapaz
                 ngra
        pom gala
  do
   le
         ga nin
     gradogalale
     ningradoga
       leningradog
       alaleningra
        dogalaleni
        ngradogal
        aleningra
        dogalalen
         ingradog
       laleningradog
     alaleningradogalal
   eningradogalaleningra
      dogalaleningrad
        ogalaleningr
          adogalal
          eningra
          dogalal
           eningr
           adogal
            alen
            ing
            rad
           ogal
          alening
          radoga
            la
```

PEACE

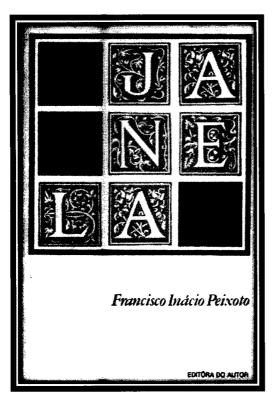
PAZ

Aquiles Branco

Balada pro Chico Peixoto



viver com dentaduras integrais é muito perigoso



Lançado há quase trinta anos – o livro é de 1967 e a Editora do Autor, na verdade do Rubem Braga e do Fernando Sabino, nem existe mais –, "A Janela" já confirmava, na época, a escrita de *fina estampa*, o texto culto, irônico e elegante de Francisco Inácio Peixoto. Nem poderia ser de outra forma. Chico Peixoto foi um homem gentil, elegante, culto, e por isso mesmo mordaz: um cavalheiro de fina estampa meio deslocado na fantasmagórica cidade de seu interior – uma Cataguases sempre de outrora que se julgava de agora. Mas, no fundo, uma província irremediavelmente de outrora. Como agora.

São seis histórias, "poucas e curtas", como ele mesmo diz em sua apresentação,

por si só um texto pleno de ironia, que de certa forma nos remete ao Machado de Assis de "Brás Cubas": "No caso, houve só a necessidade, quase física, de livrar-se de coisas que andavam desconchavadas e, assim, tornavam-se incômodas. Dá-se-lhes com isso mortalha, e cova única". Dessas, só "A Janela", que dava título ao volume, era inédita na época.

Não vou falar aqui sobre "Bapo", que fecha o livro, pois o Francisco Marcelo Cabral me disse estar escrevendo exatamente sobre ele, "o peixinho de cauda em véu ondulante". Então, deixo pro Chico Cabral comentar o poder de síntese dessa história onde a morte é tratada de forma extremamente banal. O menino, Bapo e – ploc! – a descida para o fundo do tanque, para a morte, "lentamente, lentamente, como um esquifezinho".

O fantástico Dr. Sófocles

Dois dos outros cinco textos nos levam para os *ilimites* do fantástico. Na verdade, tanto "A Janela" quanto "Chiquitá" enquadram-se perfeitamente na literatura gótica, daí nos lembrarem, e muito, aquele tipo de conto em que Hoffmann era mestre. Sombra e luz que escapa pelas frinchas da janela, iluminando ("um bico de gás") de forma tênue o ambiente: "a luz veio azul e mortiça". Os móveis, "esbatidos na escuridão", evocam os fantasmas envoltos em penumbra e maus presságios: "Senti que a noite acabara de cair, súbita, violenta e espessa".

Ao visitar uma estranha cliente – num Rio de Janeiro tomado por bondes e trotes ingênuos, possivelmente antes dos meados do século –, o jovem Dr. Sófocles, "com curso de direito feito cômoda e desonestamente na Rua do Catete", percebe que "estava preso num cubo de luz" e passa por estranha aventura numa casa "enodoada de manchas escuras" na velha e, na época, ainda aristocrática Rua Paissandu. A linguagem de "A Janela" é um perfeito somatório de jargão jurídico e palavras pomposas que habitam o quase sempre estreito mundo dos jovens bacharéis.

O Dr. Sófocles não era de economizar repertório, por isso mesmo tome de *peremptória, regougava, deliquescência, chancas, cabal, arrazoado, engrolar, ação demolitória, histerismos latentes* e frases como "solapar as forças primárias da conservação da espécie". Pois é, o Dr. Sófocles já era, em si, um espanto. Na verdade, a Rua do Catete lhe dera uma formação gótica e o fantástico estava de tal forma entranhado em sua vida como um fruto em sua casca. Nós somos linguagem – e nada mais.

Morrer & Concórdia

Mais econômica, a história de "Chiquitá" gira entre o catecismo e o exorcismo, com direito a um rápido e nebuloso ato de levitação. Fantasia? Alucinações do universo infantil? Qual a cota do sonho, qual a da realidade? "Aquela esfera, então, se desprendeu de suas mãos e a outra, a de dentro, a da garganta, num impulso, arrebentou-se, em estilhaços, nos ouvidos. Sem poder dominar as mãos que a asfixiavam, explodiu num grito terrível, que morreu sem ressonância na escuridão do quarto". Morrer era uma imensa incógnita no mundo de Chiquitá. "O sol poente acendia nuvens vermelhas e os sinos batiam e era a morte anunciando. Morrer. Como é que era morrer? Por que é que a gente morria? Chiquitá nem ninguém sabia".



No lançamento de "A Janela", autógrafo para a poeta Lina Tamega Peixoto.

Também a morte e a morte (do amor) em sentido figurado estão presentes em "Embaixada da concórdia" e "Diálogo de amor com Gicelda". São duas histórias exemplares que lembram, e muito, o Aníbal Machado de "A Morte da Porta-Estandarte" e de "Viagem aos Seios de Duília". Como o também mineiro Aníbal, Chico Peixoto nunca foi tão carioca como nesse "Embaixada da concórdia", entremeado de gírias de

época, onde ele, como o seu personagem Bidunga, "deixa correr o marfim" num delicioso jargão que oscila entre o morro e a malandragem da sinuca.

Uma linguagem que às vezes faz *chiquê*, "caindo na noite suburbana que a viração noturna refrescava", ou tragada pela "massa ondulante e policroma do povo se esbaldando acima de todos os preconceitos". Mas que procura se manter *macha*: "Tira a mão do meu ombro, duvidoso!". Perdido no meio do bloco que "seguia movendo-se como uma cauda, homogêneo e inconsútil no meio da multidão de curiosos", Bidunga atravessa o centro de um Rio antigo, de "bondes apinhados, ônibus incandescentes", ainda tomado pelo humor ingênuo dos velhos camelôs anunciando reloginhos para crianças ("a criança anda e o relógio anda").

Já a história de Gicelda, enriquecida por uma ilustração de Tarsila (a própria) do Amaral, tem um quê de Duília, de impossível retomada do amor ingênuo da infância que se transforma na decepção/recalque do adulto. A menina Gicelda que se "evolara para aparecer-lhe incômoda e velha". Uma Gicelda deslocada no tempo, capaz de breguices irremediáveis do tipo "meu bem, você abusa do direito de ser encantador". Aqui, como nunca, Chico Peixoto mostra sua extrema habilidade no tratamento dos diálogos: sólida estrutura interna e matriz de toda a narrativa.

Filosófico & bucal



Dinamarca, junho 1955. Um sorridente Chico Peixoto alimenta os pombos de Copenhague.

Mas é em "A Dentadura" que vejo o melhor Chico Peixoto. Irônico, mordaz, ele passeia à vontade sobre o universo filosóficobucal do Dr. Clemente Pé-Frio, um dentista dos diabos, um tipo irresistível: "Não acha que devemos colocar sempre a evidência sobre a personalidade exterior?" Já estavam aqui os termos empolados do Dr. Sófocles, pois também o Dr. Clemente se perdera nos desvarios da linguagem. Um tipo serôdio, segundo seus próprios termos, completamente antiquado, "escarafunchando cáries" em meio a "gorgolejos", servindo de cobaia para sua "dentadura super-anatômica". Um achado, uma

figura o Dr. Clemente Pé-Frio, capaz de afirmar com toda a conviçção: "Nós caminhamos para a conquista da dentadura integral".

Uma curiosidade. "A Janela" traz como epígrafe o fragmento de uma frase de *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf: ... *she always had the feeling that it was very, very dangerous to live even one day*. Na apresentação, Chico Peixoto diz não ter a epígrafe muito a ver com as histórias do livro, sendo apenas "uma simples inscrição que o autor guarda de cor há longos anos e informa também o sentimento que lhe ficou dos muitos que viveu". Por meio de Clarissa Dalloway, Virginia Woolf dizia que "sim, viver é muito, muito perigoso".

No "Grande Sertão: veredas", Guimarães Rosa enfatiza a cada momento, via Riobaldo, quão perigoso é viver. "Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Viver - não é — é muito perigoso. Por que ainda não se sabe, porque aprender-a-viver é que é viver, mesmo".

Êta mundo pequeno, sô!

Rio, Novembro de 1995 in Cataguarte Especial Chico Peixoto - 1996

guilhermino para principiantes



Guilhermino Cesar, poeta, jornalista, professor, nascido em Eugenópolis, MG, em 15.05.1908. Um dos principais integrantes da revista Verde, Guilhermino Cesar firmou também seu nome no Sul e em todo o país como professor universitário. Morreu em Porto Alegre, em 07.12.1993.

Guilhermino Cesar vem para Cataguases aos 12 anos, em 1920, e começa sua vida de estudante no Ginásio Municipal. Faz amizade com seu futuro companheiro da revista *Verde*, Francisco Inácio Peixoto, com quem editaria em 1928 o livro de poemas *Meia-Pataca*. Ainda no Ginásio – onde publica seus primeiros artigos n'*O Estudante* – o jovem Guilhermino demonstra grande interesse por todos os assuntos debatidos no Grêmio Literário Machado de Assis, por ele denominados de "Caldeirão Literário".

Na época, já colaborava com o jornal *Cataguases*. Logo passa a editar *O Mercúrio*, órgão da Associação Comercial. Em 1927, com apenas 19 anos, vamos encontrá-lo como um dos mais ativos participantes da revista *Verde*, que marcou história como uma das mais importantes vertentes do movimento modernista de 1922 em Minas Gerais.

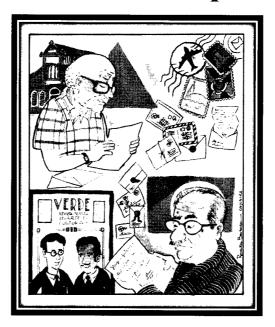
Estudante em Belo Horizonte – de início, medicina, curso que abandona pelo direito – Guilhermino inicia intensa atividade jornalística e literária. Um dos fundadores da revista *Leite Criôlo*, foi contemporâneo e amigo de Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava e outros intelectuais. Guilhermino trabalhou como jornalista em vários veículos da capital mineira: Estado de Minas, A Tribuna, Folha de Minas, Diário de Minas e no jornal Minas Gerais.

Ainda em Belo Horizonte torna-se professor universitário – lecionando Literatura Brasileira, História Moderna, Estética e História do Brasil – e é um dos fundadores da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Minas Gerais, da qual foi também diretor de 1941 a 1943, quando se transfere para Porto Alegre. Ali assume em 1945 o cargo de Ministro do Tribunal de Contas do Estado e, em 1953, torna-se secretário da Fazenda do Rio Grande do Sul.

Mas, ao lado de suas funções públicas, o professor Guilhermino jamais abandonou a cátedra. Na década de 1960, passa três anos em Portugal, lecionando na Universidade de Coimbra, onde recebe o título de doutor "honoris causa". Radicado no Rio Grande do Sul por mais de meio século, a partir de Porto Alegre o nome de Guilhermino Cesar cresceu nacionalmente como poeta, escritor, jornalista, advogado e respeitadíssimo professor universitário. Em sua vasta obra, destaques para o romance *Sul*, de 1939; *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, de 1976; *Cantos do Canto Chorado*, 1990.

Em 1965, quando da temporada europeia, Guilhermino publica *Lira Coimbrã e Portulano de Lisboa*, livro de poemas que deita raízes em Portugal, sem que o poeta se esquecesse de sua terra: *O destino? Cataguases./ Quero depressa chegar./ O motivo da viagem/ Não é segredo nenhum, / Virá nas folhas de cá:/ – Embarco pra Cataguases;/ Que lá vão me enterrar.*

cartas de amizade: encontros de guilhermino cesar e francisco inácio peixoto



Lina Tâmega Peixoto

... o seu velho amigo, que nenhuma força conseguirá separar o amigo nº 1 que é você.

(GC. BH. 16.07.36) (*)

... acho que ninguém é mais teu amigo do que eu. Nem te compreende melhor.

(FIP. Catgs. 18.05.27)

Peixoto, meu melhor amigo

(GC. BH. 26.04.27)

Guilhermino, meu querido amigo (FIP. RJ. 05.05.28)

A ortografia foi atualizada, sem qualquer preocupação de ordem gramatical ou estilística.

[•] As datas foram uniformizadas em algarismo arábico para facilitar a leitura.

Abreviaram-se: Guilhermino Cesar – Guilhermino ou GC; Francisco Inácio Peixoto – Peixoto ou FIP.; Cataguases – Catgs.; Porto Alegre – PA.; Belo Horizonte – BH.; Rio de Janeiro – RJ.; Coimbra – C, a fim de dar maior leveza aos textos.

Estas são as dimensões da amizade que escrevem as cartas de Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto, na margem do tempo compreendida entre a década de vinte e a de oitenta. A amizade tinha uma luminosidade tão consistente e intensa que pôde acompanhar o amadurecimento intelectual e o aprendizado literário dos amigos, em sua luta para conseguir espaço para publicações de suas obras; no convívio com os escritores da época; nas sugestões e críticas no ofício da criação; no conhecimento de novas linguagens estéticas; na cobrança da ausência e do silêncio, fechando um círculo que abrange a inquietação da adolescência, o equilíbrio da maturidade e a perplexidade da velhice.

Assim considerada, a amizade configura-se como núcleo gerador de múltiplos aspectos e acontecimentos que se fundem e se misturam ao longo da vida familiar, social e literária dos autores. Isto se projeta com tanto relevo que obedecer à ordem temporal das cartas se torna indicação inútil.

Esta visão sincrônica de interpretar momentos tão especiais das efervescências criadoras revela de que modo Peixoto e Guilhermino foram participantes da história literária de Minas Gerais e, em trilhas abertas nas montanhas, alcançaram São Paulo, Rio de Janeiro e, prolongando-se no contexto histórico da literatura, outros cantos do país.

Esta abordagem fica devendo explicações na interpretação de outros aspectos contidos nas cartas, porque a leitura que delas se fez selecionou aqueles que melhor serviam à finalidade e ao intento determinados.



Definir o código que se esconde nas palavras dos amigos é um exercício de participação, interrogações, fascínio. Principalmente, é um exercício de amor com o qual busquei as projeções dos desejos e decepções que elaboraram as funções da poesia e do discurso narrativo. Por ter conhecido em vida os autores, precisei abrir rupturas no meu lado amoroso, para que a leitura fosse uma travessia de natureza crítica e objetiva, mas sem excluir, nesta ação, a minha amizade por eles. E pude, deste modo, acompanhar e conhecer os desfibramentos do prazer, a superação do desânimo e da melancolia, a frustração do ato criador, a solidão, a admiração e o

encantamento, o erguer-se do espírito, as reticências como indefinição e malícia, as sombras das doenças e da morte.

Que perfil daremos aos leitores que não conheceram estes dois amigos?

Uma frase de Peixoto deixa entrever, mesmo com certa névoa, a natureza de seu temperamento, que será melhor definida em outros trechos. Diz ele: "sou (sempre fui) agressivo e você, complacente." (Catgs. 9.10.80).

O tom pendular determina a linguagem própria e peculiar com que expressam conceitos, ideias, pensamentos, emoções. Em nenhum outro espaço físico, exceto o das cartas, poderiam dizer das lentas e graduais transformações, cultural e literária, por que passaram. Ele indica o que cada um se tornou e como buscaram escrever a memória do passado, estabelecendo diálogos com o seu tempo. Este sentido opositivo, colocando os autores em universos diferentes, não se contradiz, antes, se apoia em campos firmes ou alagados: um, racional e de visão objetiva; o outro, mais intimista, procurando uma imaginada plenitude.

O suporte da amizade na realização literária



Um verbo define Guilhermino Cesar: "AGIR, AGIR, AGIR. Mesmo que seja para nada, agir..." (s/d, provavelmente de 1929 pela referência ao anteprojeto da *Verde*, 2ª fase). As sucessivas reiterações do verbo adquirem uma valorização superlativa, uma intensidade da ação elevada ao seu mais alto grau e mostram a estonteante capacidade

de Guilhermino de viver a vida – intensa e vibrante, criativa e investigadora.

Para traçar a figura de Francisco Inácio Peixoto, um trecho de carta: "Quando estive em Coimbra, no ano passado, cheguei a subir os degraus do consultório do Miguel Torga, emocionado. Como um adolescente, ante a perspectiva de conhecer o homem. Mas me contive e desci as escadas." (Catgs. 25.4.62). Nele se fez a delicadeza do gesto para não invadir a imagem que tinha do homem e resguardar, assim, a realidade da vida que, transformada em signos poéticos, deveria permanecer oculta em ritos de evocação e mistério.

De modo insistente, tons de desamparo e pessimismo acompanham Peixoto: "Não sei porque, eu ando num desânimo desgraçado. Estou quase desistindo da ideia de publicar um livro." (Catgs. 1.7.27) e Guilhermino o acode com palavras de ânimo e esperança: "Me contrariou bem o desânimo que eu descobri na carta... Qual o quê, seu Peixoto, que desânimo é esse? ... Vamos ver essa coragem. Eu estou animado. Como sempre. Embora reconheça o ponto fraco da gente." (BH. 3.2.29).



Esta polaridade de sentir a vida se estende por toda a correspondência, mas não impede um crescente jogo estético no julgamento de originais de poemas ou textos em prosa que produziam e enviavam um ao outro, para sugestões ou apreciação de caráter literário. Cresce como uma substância, alimentada de amor e confiança esta troca de sensibilidade, tão forte e fecunda, que cada um reflete um particular e único sistema de linguagem que os une na mesma história literária.

Guilhermino, às voltas com seu romance contava que "... estava de todo entregue ao *Sul*, que ora lhe mando... leia o livro com atenção e com espírito crítico, para mandar, depois, opinião franca ao autor sobre o tema, os personagens, a moldura, o estudo (hélas!) e mais coisas que julgar dignas de exame. Faço questão de ter sua opinião por escrito." (BH. 9.2.38). Relata ainda nesta carta que mudou o título *Ouro* por *Bomserá*, depois *Caminhos do Sul* e finalmente *Sul*. Não consegui localizar, no enorme acervo de cartas de Peixoto, a que responderia ao pedido do amigo, mas

Guilhermino acusa ter recebido "... sua carta e gostei – sinceramente – das observações que me enviou, acerca do meu *Sul*. V. citou precisamente os pontos que eu reputo fracos." (BH. 6.4.38)⁽¹⁾.

¹ Sul. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

Preocupado em reunir os contos que enfeixam o livro Dona Flor⁽²⁾, Peixoto se apressa em contar: "Ando dando a última demão ao último conto. Quero ver se até dia 15 do mês que vem mando tudo pª você." (Catgs. 25.4.38). E recebe a resposta: "Seu livro está admirável. Os dois primeiros contos estão ótimos... A coisa melhor que está aqui nestas histórias é a "Fuga", que me parece mesmo excepcional na safra dos novos contistas... Você pôs o que tinha de melhor no livro, principalmente a sua ternura humana que é grande, num estilo doce e sem decaídas." (Barra do Piraí, ao amanhecer, a caminho do Rio, 23.6.38).



A troca de poemas e textos em prosa é uma viagem constante em um arquipélago de ilhas chamadas Cataguases, Porto Alegre e Coimbra, em Portugal.

E para o habitante da primeira ilha, Guilhermino comenta: "Vamos agora ao mais importante: seu poema. Gostei muito. Já o li centena de vezes... Como disse, em sua última carta, que o modificou bastante, gostaria de conhecer a nova versão. Está sóbrio, tenso, digno. Se valesse a pena fazer uma restrição, eu diria que só não me convence a última palavra. Aquela onomatopeia – El.....zaaaa – é desnecessária como representação gráfica. Ficaria melhor sem o vinco sonoro." (PA. 1.73, digo 74). A resposta chega em seguida: "Se gostou, de fato, do poema ao Marques,



pode publicá-lo, me enviando, se possível, 2 exemplares da publicação. Segue cópia definitiva do mesmo. Quando botei aquele final foi imitando o próprio Marques, quando no *Trapicheiro*, fala das cigarras que gritavam Luí...zaa. Acabei eliminando a onomatopeia, que me pareceu, e a outros também, meio gaiata e anedótica. Tornei mais sóbria e enxuta a coisa." (Catgs. 14.1.74)⁽³⁾.

Não se percebe nas cartas de Guilhermino a Peixoto nenhuma orientação que denuncie o professor de Literatura que ele, magistralmente, foi. Não há conceituações teóricas tanto da função poética como da narrativa literária, mas

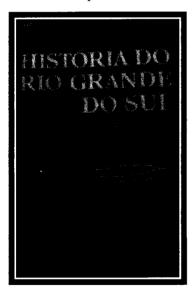
sim a inteligência sensível que a tudo comanda. Assim, sugere ao amigo: "Deixei

² Dona Flor. Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1940.

³ Rebelo, Marques – *O trapicheiro*. Primeiro tomo da trilogia *O espelho partido*. Rio de Janeiro, Livraria Martins Editora, 1959.

para o fim o mais importante: seu poema "Sesta". Acho-o muito bom. Só faço uma restrição: em lugar de <u>pascem</u> (5º verso), seria melhor um verbo mais forte. Como <u>rasgar</u> ou qualquer outro que dê ideia de que o contemplador, fascinado, rasga, come, fere com os olhos aquelas <u>leiras</u>, como um arado fere a terra fértil..." (PA. 12.3.73).

Apesar de se sentir uma "máquina enferrujada", Peixoto conta que "... no setor de poesia, ando projetando uns versos fesceninos (amostra anexa)... Não me esculhambe muito. Cheguei a um verdadeiro estado de sublimação em matéria de sexo e lastimarei bastante se não conseguir traduzi-la, sem que me venham acoimar de imoral e licencioso" (Catgs. 26.4.66). E escuta a voz do amigo que lhe fala: "... a amostra que me mandou dos fesceninos está excelente... Versos desse tipo, só podem ser feitos com uma larga experiência da vida, e isso parece que vossimecê já adquiriu. As nossas verdolenguices de 28 precisam se lavar em água mais pura do que a do Meia-Pataca." (PA. 25.5.66)⁽⁴⁾. Mais tarde, volta a comentar os poemas: "Mergulhei fundo nos *Poemas Eróticos...* Gosto de todos. Só um a meu ver, merecia revisão: "Lembrança de Belo Horizonte". O título devia ser tirado do último verso. Assim: *Outrora Belo Horizonte*, de modo que se integraria ao fluxo poemático. E então o poema terminaria assim:/ que ela me dizia/ e complacente me



beijava...../ Na Rua Guaicurus. Ora, o título que proponho e o fim seco – Na Rua Guaicurus – dariam uma condensação admirável. Como está, o título parece desligado do contexto." (PA. 13.10.80)⁽⁵⁾.

Vamos acompanhando os pedidos, às vezes, quase súplicas, de Guilhermino, que, preocupado com a "imobilidade criadora" de Peixoto, o instiga e o anima a buscar na paisagem e no exercício diário de escrever a volta ao fazer literário. "Aí em Cataguases, nessa paz virgiliana, V. podia escrever muito. Por que não passa a escrever todas as manhãs, na sua fazenda?" e mais adiante enfatiza "... o principal é que faça. Que vença a preguiça... É um crime

⁴ Ribeirão que banha Cataguases. Meia-Pataca era o primitivo nome da cidade (na época, um arraial) e deu título ao livro de poemas *Meia-Pataca*, publicado a quatro mãos, de autoria de Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar. Cataguases, Verde Editora, 1928.

Poemas eróticos foi publicado sob o título Erótica, desenhos de Aldary Toledo. Rio de Janeiro, Imprinta Editora, 1981.

que meu caro Chico perpetra (vai o verbo por conta do Enrique), mergulhado aí nas doces sombras das mangueiras, à margem do Pomba. Pois escreva sobre isso mesmo; sua fábrica, seus filhos, suas ambições, seus amores, seu "exílio". Desse barro é que se faz a literatura." (PA. 13.5.73)⁽⁶⁾.

Pergunto se seria este o panorama que os olhos de Peixoto gostariam de ver para incitá-lo à criação literária: a paz virgiliana, as doces sombras das mangueiras à margem do rio Pomba, fábrica, família. Os estímulos que Guilhermino propõe me parecem ineficazes (com ressalva para o "exílio") porque constroem uma neorrealidade, envolta em ares bucólicos e harmoniosos.

Penso que, se Peixoto tivesse trabalhado, poeticamente, suas frustrações, desânimos, depressões, a vida em Cataguases, que limitava os sonhos – tudo oposto à atmosfera de paz e tranquilidade que lhe recomendava o amigo – e mergulhasse em seu mundo de ocultação e perplexidade, compreendendo que ele era parte de seu eu-poético, certamente encontraria a matéria de seu canto. E sua produção literária seria mais extensa, com mais e mais expressivas obras.

Ele não conseguiu transformar a angústia e a desordem de conteúdos simbólicos para fabricar a linguagem de sua vivência poética. E por que não o fez? Porque tinha "medo", porque temia "a responsabilidade de mais um livro", porque sentia "um resto de vergonha e autocrítica".

Palavras devastadoras, castradoras que revelam a desconfiança sobre o valor de sua expressão estética e o enfraquecimento da vontade para trabalhar os significados de sentido poético. Não converteu os traços negativos em qualquer claridade, mesmo que fosse a do céu escuro.

"E não termina este suor ameno de sua agitação que produz inúmeros trabalhos de fundamental importância para a cultura riograndense, como a *História do Rio Grande do Sul, de* que, em 1979, revê a 2ª ed. Há tanta "coisa na gaveta".

Há projetos a serem realizados, mas o tempo lhe prepara emboscadas, é um demônio que encurta o mundo, apesar do impulso criador de Guilhermino em dilatá-lo em mil horas. "Acordo muito cedo, antes das 5, às vezes mais cedo ainda, e trabuco nesta máquina até 12:30. De tarde e de noite, idem." (PA. 12.3.73).

⁶ Enrique de Resende. Já era poeta com prestígio quando aderiu ao grupo da *Verde*. Dele disse Peixoto: "... foi ele o primeiro agente catalisador de nossos pruridos poéticos". Cf. nota 11

Prisão e obsessão

Para Peixoto o horizonte é curto e muito perto. E não ousaríamos explicar por que sempre abrevia o que se expande de seus sentimentos e da eficácia de seu poder de criar. Ele mesmo o fará em carta ao amigo, quando lhe comunica sua mudança para Cataguases "Foi a única Pasárgada que encontrei. Ou melhor, com a solução Cataguases perco, definitivamente a minha Pasárgada. Aceito tudo, entretanto, como uma fatalidade". (RJ. 6.11.35). Toma-se este texto, sem rígido limite, como referência primeira ao sentimento do "exílio". Ele se prolongou até aos últimos anos de vida de Peixoto e refletiu, com gravidade e relevo, na sua atividade intelectual que se fez, portanto, em passos vagarosos e incertos.

E ficamos a tornear frases para esconder a tristeza com que acompanhamos a lenta e sofrida sombra da alma, confinada em um corpo alquebrado, porque lemos sua viuvez da vida "Nada faço, se não ficar sentado o dia todo, imaginando sozinho. Já me habituei a esta solidão. É verdade que às vezes tenho alegrias inesperadas. A última foi a visita de filhos ausentes." (Catgs. 13.9.82).

Sente-se um contemplador dos acontecimentos e a paisagem que se mostra em Cataguases é a imagem de seu deserto. Quando festas e homenagens marcaram seus setenta anos, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema para o amigo, e alguns versos que desenhavam Peixoto: "a face límpida do criador vence as mesquinhas contingências/ do tempo.", ficaram gravados na placa de bronze, de autoria do escultor Alfredo Ceschiati, colocada no hall de entrada do Colégio



Equipe do Totem entrevista Chico Peixoto - Cataguases, 1979.

Estadual Manoel Peixoto – obra levantada por Peixoto, no alto da Granjaria, entre árvores e sonhos.

Em depoimento ao grupo do *Totem*⁽⁷⁾ alcança a dualidade de seu alheamento da vida "... tudo que tentei fazer aqui fracassou, não? Eu hoje sou um sujeito que vive em Cataguases, fora de Cataguases". Apesar de se sentir um emigrado dentro de si mesmo, era um fazedor de ideias, com capacidade

⁷ Totem nº 12. Suplemento do jornal Cataguases, 5 de abril, 1979. Este suplemento literário, pelo seu movimento de vanguarda, marcou profundamente a vida cultural de Cataguases, (década de 70 a 80). Equipe editora: Joaquim Branco, P.J. Ribeiro, Aquiles Branco, Márcia Carrano e, posteriormente, Ronaldo Werneck.

de torná-las reais. Tinha a medida certa na motivação e no sentido que o levaram a transmudar e a interpretar a sua cidade; buscava o rigor da frase bem modulada, com seus distintos níveis de encadeamento verbal; era um homem que exigia de si próprio o sacrifício da ambição literária, como forma de uma linguagem humana, em seus atributos de grandeza.

Enfraquecido pela doença, lança sua perspectiva de futuro "Projetava um despretensioso livro quase de memórias. Desisti, antes mesmo de começá-lo. Se já tinha fôlego curto, mais curto ficou depois que adoeci. Tenho agora uma única obsessão: ir aos Açores, em busca das origens." (Catgs. 8.4.80).

Escrever, telefonar se tornam meios escassos para alcançar Guilherme ("prefiro Guilherme pois assim te batizei há anos" (Catgs. 9.10.80). Porto Alegre tem demasiados meandros no caminho até Cataguases; do Rio de Janeiro, com boas passadas do pensamento, se chega logo. E o isolamento e o desconsolo pedem ao amigo que chegue mais perto. "Em que pé está o seu projeto de ir para o Rio? Seria a única oportunidade de tê-lo perto de mim. Como sinto a sua falta!" (Catgs. 17.11.73). Mas Guilhermino não pretende mudar a sua casa. Comenta o carinho com que foi recebido em Porto Alegre, em 1943, e que pretende "plantar ossos aqui no sul". Nunca um mineiro foi tão gaúcho, a ponto de ser recriminado por Peixoto: "Só me causa ciúme esse seu vezo de se proclamar gaúcho. Mas reconheço tudo o que você ficou devendo aos pagos e sei como essa gente é." (Catgs. 1.2.80). Já, antes, escrevera: "... V. não deve estar se dando mal em P. Alegre. O povo é acolhedor e simpático. Já estive aí 3 ou 4 dias e guardo de minha visita a melhor impressão..." (Catgs. 27.11.43).



Guilhermino suspira "Ah! quem me dera esse ar de Minas; garanto que não ficaria inativo um só dia." (C. 4.7.70). Minas é o mapa que norteia sua chegada e sua partida. Cataguases se transforma em elemento alegórico. Sob seu nome se substantiva a memória – território obscuro e de luz intensa. Ele estabelece uma fronteira, aparente e delgada, e sobrevive em dois reinos. Em Bachelard vamos entender como permaneceu em Guilhermino a raiz da infância e da juventude (passada em uma pequena cidade da Zona da Mata) viva e oculta,

"disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação – ou seja, nos instantes de sua existência poética." (8).

E é de surpreendente doçura ler as cartas em que se deixa seduzir por este passado. "Tirei o dia de hoje para ter saudades, em edição extra, da velha Meia-Pataca, Sereno e adjacências. Ao me levantar, comecei a reler livros, jornais, cartas – coisas daí que me acompanham como a sombra ao corpo." (PA. 15.7.58)⁽⁹⁾. E diz ao amigo que "... o que vale é a lembrança de umas certas coisas que não morrem: a adolescência que ficou aí, à margem do Meia-Pataca; a minha e a sua adolescência." (BH. 4.11.42).

A amizade fabrica versos e, numa linguagem de sabor mineiro, Guilhermino manda o recado a Peixoto: "Cacei jeito, nessa aflição, de terminar um poeminha de 30 páginas... sobre caraminholas mineiras que tinha na cabeça o menino de Cataguases, Tebas, Azedo e outros lugares nenhuns – lugares que já foram. Pois é dedicado a um sujeito convictamente cataguasense, um tal de Chico Peixoto pela fama. " (PA. 10.6.75)⁽¹⁰⁾. E volta novamente ao poema: "Estimo muitíssimo que tenha aprovado a dedicatória de <u>A Mata e o Nome</u> ... este poema poderia ter ficado melhor, sobretudo como <u>atmosfera</u> da Mata. Mas não quis estender-me. Há partes mais novas que estou reunindo ao esboço inicial do *Verde Morto*, um voluminho em que recrio nossa juventude cataguasense. " (PA. 26.12.75). "Escrevi o *Verde Morto*... dedicado ao Chico Peixoto, no qual a presença de Cataguases se tornou obsessão. " (C. 11.1.64). E termino este ciclo da memória com as palavras que o despertam para o devaneio: "... pois tudo quanto cheira a Cataguases me põe assim bastante sentimental." (PA. 22.9.80).

Marcas da Verde

Na leitura das cartas destaco os aspectos que, de certo modo, se mostram aderentes à história da *Verde*, isto é, aqueles que explicam os autores em seu desejo de refletir sobre esta particular experiência literária. Assim, não vamos nos deter sobre o relevante papel que ela teve no panorama do movimento modernista brasileiro. Há publicações suficientes e importantes para se entender o "fenômeno" *Verde*.⁽¹¹⁾

⁸ Bachelard, Gaston. A poética do devaneio. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2006, p. 94.

⁹ Sereno é distrito do município de Cataguases.

Tebas é distrito do município de Leopoldina, Minas Gerais. Quanto a Azedo não se conseguiu nenhuma informação.

Branco, Joaquim. *Passagem para a modernidade – transgressões e experimentos na poesia de Cataguases* (*década de 20*), 1ª ed., Cataguases, Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

Nas considerações de Guilhermino e Peixoto sobre o passado da revista e a tentativa de ressuscitá-la, lê-se que ela cristalizou a percepção histórica de sua importância pelo reconhecimento das origens criadoras; tentou reconstruir uma nova expressão poética pela lembrança dos sentimentos compartilhados; procurou retomar o contato com o mundo fecundado pela vivência literária e projetou uma imagem onírica que reunisse os fragmentos dispersos pela vida intelectual.

Em Guilhermino, podemos verificar o estado de liberdade interior que renova sua linguagem e o induz a encontrar a tensão necessária para escrever. "Oh! Chico, como estou perto daquele ano de 1928, em que você, Fusco, Ascânio, Henrique e eu possuímos o Brasil e ameaçávamos a estética universal"... Você talvez não me compreenda bem, mas o fato é que eu me sinto hoje muito mais *Verde* do que naquela época." (BH. 20.8.36)⁽¹²⁾.

Houve um projeto para a 3ª fase da *Verde*. Sabemos pela reclamação de Peixoto ao amigo: "Me admirei de V. não haver recebido carta minha com resposta sobre seu projeto para o lançamento de *Verde* (Catgs. 25.9.40). Mais tarde, confirma o registro de *Verde* e espera que se dê "... o 1º nº da 3ª fase em janeiro" (Catgs. 15.10.40). E estranhamente, um ano depois, Peixoto volta ao assunto e diz ao amigo: "Como ofensa, basta esse seu longo silêncio para o qual não encontro justificativa de *modo algum*, qualquer justificativa. E não sei mesmo como interpretá-lo, depois da comunicação que lhe fiz do registro de *Verde* e ao que havíamos combinado sobre o ressurgimento da dita." (Catgs. 13.11.41).



Não sabemos como ligar as pontas da linha partida pelo tempo, nem como preencher o longo intervalo. Não encontramos indícios que nos induzam a uma justificativa de esmorecimento ou desistência, apesar de percebermos a distensão do desejo e da esperança em ressurgir a revista: e mais nos confunde ler Guilhermino,

Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, na época, grafado com "H". Fundadores da revista *Verde*. Nas fotos, Peixoto, Fusco, Enrique e Guilhermino.

até então recolhido ao silêncio: "É melhor que façamos o fabuloso nº comemorativo de *Verde* ..." (PA. 14.3.45).

Se não houve a 3ª fase, deu-se a reedição fac-similada da revista, sob o patrocínio da Metal Leve S.A., em 1978, com apresentação primorosa de Guilhermino Cesar que responde à interpretação e ao registro histórico e literário de *Verde*.

Considero de suma importância abrir um espaço no diálogo dos dois amigos para transcrever um trecho de carta que Peixoto me enviou: "Digo hoje que me arrependo de não haver aceito a incumbência de apresentar a *Verde* fac-similada. Por intermédio de Chico Barbosa, recebi o convite do Mindlin e sugeri que o passasse ao Guilherme. Na ocasião, tinha uma espécie de bloqueio. Hoje me arrependo. Sempre desejei comunicar certas coisas. Foi aproveitado um pequenino trecho do que propunha escrever. Mas o principal não cheguei a escrever. Seria, como me incriminou o Guilherme, a voz da negação? De modo algum." (Catgs. 21.7.80).

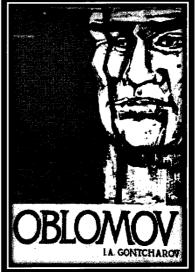
A partir de 1983, a amizade não mais se comunica por palavras escritas, mas por vozes. Em 1986, a voz de Peixoto se cala para sempre.

Outros olhares

As reticências, tão a gosto dos dois amigos, poderiam finalizar o texto, porque é indeterminado o "tamanho" da amizade entre Guilhermino e Peixoto. Esforcei-me em dar às escolhas feitas nas cartas as necessárias disciplinas da razão e da sensibilidade, que ordenaram valores e significados.

Por tudo do que participei da leitura de suas vidas, devo a Francisco Inácio Peixoto e a Guilhermino Cesar algumas respostas.

Volto-me para Peixoto e o passado arrasta sentimentos e admiração que convidam a entender como refletia sobre a poesia e o fazer da poesia; a perceber as nervuras de sua expressão literária; a buscar a lucidez com que maravilhava o sentido, às vezes quebradiço e ambíguo, dos textos que lhe davam os escritores iniciantes, na espera de palavras com que apontava o acerto, a carência ou a imprecisão da linguagem.



E mais se alcança na lembrança: a figura do professor de espanhol que lançava nas aulas, num gesto de lirismo reencontrado, Lorca e Gabriela Mistral, cujos versos provocavam nos alunos estados de intensa fruição estética.

E seu trabalho de tradutor que lhe rendeu vivos elogios quando da publicação de *Oblomov* de Ivan A. Gontcharov, considerada a obra-prima do escritor russo.⁽¹³⁾

Peixoto estruturou com sua literatura um conteúdo de infinitos sentidos e memória. Uma pele de pessimismo lhe vedava o julgamento crítico e o fazia duvidar de sua própria força criadora. Agora, relendo *Chamada geral* (14), reunião dos contos de *Dona Flor, A janela*, e inéditos, encontro a mesma densidade lírica de antes, com a qual descreve as relações humanas dos personagens e as experiências da vida e da morte – e também as que contam os bichos – num estilo contido e exaustivamente trabalhado para que cada palavra exerça o poder de nutrir a vida das imagens e decifrar o lastro de encantamento a que se submete a original sintaxe narrativa.

Além de ter criado a linguagem de seu espírito, ele "criou" uma cidade, repe-



tindo a frase do poeta Francisco Marcelo Cabral. E criar foi restituir à sua cidade o vislumbre e as reminiscências de amor e grandeza com que ele mesmo se construiu, em repouso ou em movimento, de onde germinaram casas, jardins, museus, pinturas, esculturas, novas linguagens estéticas, a atmosfera de pátria-cataguasense que estimula e provoca ninhos de criação literária, inexplicáveis e perturbadores.

Tudo que existiu e existe em Cataguases, em termos de arte e cultura, são ecos, largos e duradouros, do brilho e do devaneio de Francisco Inácio Peixoto.

Como prender Guilhermino Cesar em umas poucas palavras? Ele que precisava do mundo para cumprir os horários de trabalho – de manhã, de tarde

e de noite! Lembro-me de ter lido, na casa de Peixoto, alguns "Caderno de Sábado", suplemento do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e que, mesmo com atrasos de data, me deixavam abismada pela plurivalência de temas e motivos com que

Gontcharov, I. A. Oblomov. Tradução de Francisco Inácio Peixoto. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1966.

¹⁴ *Chamada geral.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília/INL, 1982.

abarcava os séculos. E, ao conhecer o maravilhamento da loucura e da santidade de *Qorpo Santo*, compreendi, esteticamente, a lógica e a racionalidade das relações mágicas, ambíguas e nebulosas⁽¹⁵⁾.

E acompanhar sua sedutora capacidade de esmiuçar o ilegível, o intrincado, o difícil nos estudos de conteúdo cultural, para dar aos sentidos o prazer da descoberta, como o fez na biblioteca de D. Carolina Michaëlis, em Coimbra, quando do encontro com o 4º volume de Sismonde de Sismondi, que traduziu na parte relativa ao Brasil⁽¹⁶⁾.

O silêncio do tempo esconde o romance *A chave do abismo*. Talvez os originais estejam aquietados à espera da total maturação e possam brotar, algum dia, da montanha de papéis de Guilhermino. Sabemos de sua existência pela pergunta de Peixoto "Chave do Abismo, concluído?" (Catgs. 13.11.41) e pela resposta dada: "Meu romance – se é isto que lhe interessa – vai andando. Chama-se *A Chave do Abismo* e espero concluí-lo este ano." (BH. 4.11.42).

Respondo a Guilhermino Cesar com o testemunho de um seu aluno, José Santiago Naud, poeta, professor da Universidade de Brasília, autor de uma vasta e importante obra, no campo cultural e no da poesia, gaúcho e meu amigo. Para ele e para os de sua geração, a presença do professor Guilhermino Cesar ensinava, com rara inteligência no pensar e no refletir, que o objeto da literatura era a visão estética. Nada devia interferir nesta relação. A literatura, assim concebida, levaria à descoberta da personalidade do leitor, em contato com a obra literária que ele indaga e com a qual forma uma única unidade poética, paradoxalmente distinta e independente.

E mais destacou Santiago Naud no aprendizado em Porto Alegre: a vinculação entre literatura e vida que Guilhermino estabelecia, de acordo com o princípio estético proposto pela revista *Presença* de José Régio, se vê confirmada e configurada na original obra literária deste singular escritor mineiro-gaúcho, que entendia ser a comoção estética, o único valor necessário à obra de arte (17).

Para melhor entendimento do que representou o movimento da *Presença*, transcrevo palavras de Hernâni Cidade: "Em Março de 1927, foi publicado em

Qorpo Santo: as relações naturais e outras comédias. Fixação do texto, estudo crítico e notas por Guilhermino Cesar. Porto Alegre, Editora Movimento, Instituto Estadual do Livro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.

¹⁶ Sismonde de Sismondi e a literatura brasileira. Tradução e prefácio, Porto Alegre, Lima, 1968.

¹⁷ Citam-se: *Lira coimbrã e portulano de Lisboa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1965; *Arte de matar*. Porto Alegre, Edições Galaad, 1969; *Sistema do imperfeito e outros poemas*. Porto Alegre, Editora Globo, 1977.

Coimbra o primeiro número de *Presença*, folha de arte e crítica. Assinava o artigo de fundo José Régio e nele, sob o título *Literatura viva*, se desenvolvia esta tese: "Em Arte é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima da personalidade artística. A Arte, pois, vale fundamentalmente como *documento humano*, sentido e expresso de modo que ponha em vibração a emotividade estética." (18).

É oportuno lembrar que alguns intelectuais, presentes à conferência de Guilhermino sobre "A poesia de 22 até hoje", realizada em São Paulo, em 1982, o criticaram, duramente, por ele não ter relacionado esquemas políticos ao movimento modernista brasileiro. Para ele "... o modernismo sempre foi para todos nós uma tentativa de reforma estética." (PA. 21.8.82).

E junto com Guilhermino lemos Barthes: "... o que a vanguarda contesta é o burguês na arte, na moral, é, como nos belos tempos do romantismo, o merceeiro, o filisteu; mas, quanto a uma contestação política, nenhuma." (19).

Em 1965, Guilhermino pensa em atravessar a ponte sobre o Mondego e seguir para o lugar de sua vida:

"O destino? Cataguases
Quero depressa chegar.
O motivo da viagem
não é segredo nenhum,
virá nas folhas de cá:
– Embarco pra Cataguases,
que lá me vão enterrar.

. . .

"Depois me larguem, me olvidem. Que eu seja bem digerido pelo chão de Cataguases, Reino de Minas, Brasil."⁽²⁰⁾

¹⁸ Cidade, Hernâni. O conceito de poesia como expressão de cultura. Coimbra, Armênio Amado-editor, 1945, p. 299.

¹⁹ Barthes, Roland. *Mitologias*. Tradução e prefácio de José Augusto Seabra. Lisboa, Edições 70, 1972, p. 280. Em *Ensaios críticos*, no capítulo "Na vanguarda de que teatro?", comenta, também, o sentido cultural do termo *vanguarda*.

²⁰ "Viagem" em *Lira coimbrã e portulano de Lisboa*, p. 103.

Guilhermino Cesar, desde 1993, repousa para sempre em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Agradecimentos:

À Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira pelo acesso ao acervo de Francisco Inácio Peixoto; ao Instituto Estadual do Livro da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul, sediado em Porto Alegre, pelo acesso ao acervo literário de Guilhermino Cesar.

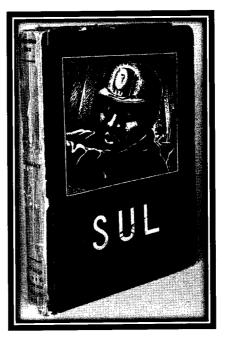
À família de Francisco Inácio Peixoto e à de Guilhermino Cesar pelo apoio recebido.

À professora Maria do Carmo Campos pelo empenho e interesse na realização deste trabalho, um especial agradecer.

Brasília, julho de 2007

Cataguasense, a poeta Lina Tâmega Peixoto (1931-2020) residiu longos anos em Brasília. Em 1948, junto com o poeta Francisco Marcelo Cabral, fundou em Cataguases a revista Meia-Pataca.





guilhermo tal pro chico cabral



Franschico cabral, mar cello ensemble: só pra dizer que isto é um teste que este é um texto-teste que via fax vai e volta eu espero só pra dizer na volta desta via que é também fax-forma de dizer que o joaquincas white anda perguntando por nossos textos sobre o bravo guilhermino o bill menino mais maduro das verdes matas de outroragora o guilhermo tal que relembro agora neste seu dele poema mais que perfeito:

A FALTA

Guilhermino Cesar

Por isso não serve por isso não acerta

Falta uma nuvem na claridade molesta. Sobra a música do anapesto. Falta o verso de Homero, de Drummond e de Horácio?

Falta um verso por ninguém decifrado. Pois é claro: só o miserável do verso nos daria o impresso na face do escuro.

Fora com os lógicos e os compassos de medir poesia. Chega de intenções floridas. Isto precisa de um verso mandado pelo enigma.

O raio que Mallarmé gostaria de decifrar, antes, gostaria particulièrement de ser. Um clarão além de Kafka e dos cafres, o mago que desvendasse os curdos e o Acre, a estrela no poço, a vaca no muro Berlim berrando dores revessas, antes de Nietzsche e de Eva.

Um clarão sulfúreo nas barbas do enfado.

Um belo e maduro poema do verde-velho cesar com ressonâncias de Maiakóvski que vai e espero que aí chegue via fax exatamente junto com o fax-abraço Ronaldo



Fax para o poeta Francisco Marcelo Cabral Rio/9.7.95

nas barbas do enfado

Refaço os pés no chão, a fazenda de Minas, goiabas, pitangas, mas uma coisa e outra se perdem no zumbido do elevador que me suspende Guilhermino Cesar

ave gui

ave alivia

ave a dor

elevado

azul no ar

obsoleto

de minas

guilher

niño

(me)

desguiava

(me)

espaventava

ave

guilher

menino minas

guilher

mino alva ave

salva

de pés de palmas

salve

cesar ave

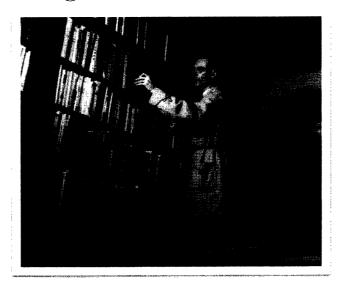
guilhermenino

guilherminas

clarão sulfúreo nas barbas do enfado

Cataguases, 2003

AVE guilhermino CESAR!



Meu primeiro contato com Guilhermino Cesar foi em setembro de 1967, no Clube Social Cataguases: rápido e superficial. Era a festa dos 90 anos da cidade e naquela noite foi encenada uma peça e houve o lançamento de um Suplemento do jornal *Cataguases* que Joaquim Branco e eu organizamos, com textos e poemas que mostravam a trajetória artística da cidade, de *Verde* à nossa geração – que começava a despontar naqueles meados dos anos 60.

Rosário Fusco fora, porque "em plena crise hemorroidária" – como nos dizia em bilhete enviado de Friburgo –, estavam ali, mais que maduros, todos os *verdes* remanescentes: o lépido Guilhermino, o Francisco/Chico com sua "peixotal" figura, o "doutor" Martins Mendes, o Enrique de todos os Resendes. No improvisado palco, apresentávamos *Carta aos Ases*, primeira e única peça que Joaquim e eu escrevemos, dirigida por Simão José Silva: um poema feito a quatro mãos mais uma colagem de textos extraídos do Suplemento que, por sua vez, fora extraído da mina (que na época ainda parecia inesgotável) de palavras preci(o)sas produzidas em Cataguases, dos anos 20 à década de 60.

Todo mundo no Clube Social, com direito até a Humberto Mauro e Marques Rebelo. O papo com Guilhermino foi nada mais que formal e não chegou a se aprofundar nem mesmo quando, mais tarde, fomos quase todos para a casa do Chico Peixoto. Ali, apoiado em sua elegante piteira e displicentemente estendido

numa *chaise-longue*, Marques Rebelo era a estrela solitária a subir e brilhar no firmamento de tiradas ferinas que ribombavam no rio e na rua do Pomba. Vários espelhos partidos depois, saímos eclipsados pelas *boutades* do Marques e nos perdemos no pó, no tempo e no espaço: eu voltei pro Rio, o Guilhermino



Cataguases, 1967. Em pé, Milton Peixoto, Marques Rebelo, Chico Peixoto, Enrique de Resende, Guilhermino e HMauro. Sentados, a partir da esquerda: Acir Vassalo, Ivan Rocha, Simão Silva, Joaquim Branco, RW, Carlos Sérgio Bittencourt, Aurora Novarino, Messias dos Santos. No chão: Carlos Alberto Bittencourt e Carlos Vasconcelos.

pra Porto Alegre, e passamos doze anos sem nos ver.

Nesse meio tempo, tinha notícias esparsas dele através do Rosário Fusco, do Chico Peixoto, do Joaquim Branco e do Francisco Marcelo Cabral, que estava produzindo um filme do Paulo Martins sobre a *Verde* (nunca vi sequer um dos fotogramas, nem sei se o copião ainda existe, mas Chico Cabral sempre me afirmou que a entrevista do Guilhermino estava ótima). Muitas vezes as notícias vinham por matérias de

jornal que anunciavam sua redescoberta de Qorpo Santo, ou se detinham em sua fantástica biblioteca.

E confesso que era às vezes assomado por súbito orgulho provinciano quando via Guilhermino despontando entre os mais conceituados professores universitários do país. Mas o que batia mais fundo era mesmo a força de seus poemas: "Abram a porta,/ ela precisa entrar/ para ser tratada./ Sim, parece nada,/ mas, na linguagem, toda ferida/ é grave/.../ Vejam bem. Feriu-se de noite,/ na ultrapassagem do som?/ Ou foi, no claro, sem ver/ o perigo? O muito claro/ não lhe serve nunca/ se a linguagem pretende/ chegar à poesia./ Cuidem bem dela;/ tenham paciência./ A linguagem se aviva/ com poucas palavras./ As precisas".

Nos vimos pela segunda e última vez em 1978, quando do relançamento da revista *Verde* em Belo Horizonte. A coleção de *Verde* que possuo, devidamente autografada, foi presente do José Mindlin, da Metal Leve, que acabara de republicar todos os exemplares da revista em cuidadosa edição fac-similada. Além de Mindlin e de vários escritores mineiros, o relançamento de *Verde* no Palácio das Artes contou com a presença de três dos participantes do movimento: Camilo

Soares, Christóforo Fonte-Boa e Guilhermino Cesar, que fizera um emocionado e já histórico prefácio sobre *Verde* & seus velhos companheiros na aventura, encartado em um fictício número extra da revista, junto com os fac-símiles. Rosário Fusco morrera há cerca de um ano e Chico Peixoto ficara em Cataguases, adoentado.

Convidado pela prefeitura de Belo Horizonte, acabei hospedado no mesmo hotel dos *Verdes*. Lembro-me de longos papos com Guilhermino no saguão do hotel e de um jantar com os cineastas Ricardo (*Tostão, a Fera de Ouro*) Gomes Leite e Paulo Augusto (Os *Verdes Anos*) Gomes. Foi quando um convite inusitado fez crescer minha admiração pelo "jovem" Guilhermino. Estava havendo em



Belo Horizonte um ciclo sobre Nicholas Ray e fomos chamados para um debate após a exibição de *Rebel Whitout a Cause*, o filme-ícone de James Dean e da juventude transviada dos anos 50, dirigido por Ray.

Não acreditava que Guilhermino aceitasse o convite: cinema, James Dean & Nicholas Ray não pareciam fazer parte das preocupações fundamentais do poeta. Ledo e inacreditável engano. Sentado a seu lado durante a projeção, às vezes entreolhava Guilhermino, pensando que o filme o estivesse aborrecendo. Qual o quê! Após a sessão – e para surpresa geral – ele participou ativamente dos debates, demonstrando um inesperado conhecimento sobre a obra de Ray, sobre o mito James Dean e principalmente sobre cinema, para espanto dos jovens cineastas presentes. Na véspera, ele me autografara a *Verde* escrevendo qualquer coisa como "Para o Ronaldo, poeta e amigo, do <u>velho</u> Guilhermino". Bobagem: ele nunca foi tão jovem como naqueles dias em BH.

Um ano antes de nosso reencontro, Cataguases e o acaso nos reuniriam na mesma página do Suplemento Ideias, do *Jornal do Brasil*, em matéria que abordava o recente lançamento dos livros de "dois poetas cataguasenses": o meu *Pomba Poema* e o *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, do Guilhermino, que a bem da verdade nasceu em Eugenópolis. Foi quando me surpreendi com a (re)descoberta de seus poemas de rara dicção/erudição, um poeta senhor de si e

de seu instrumento de trabalho, maduro e devidamente distante dos *verdes* rompantes dos longínquos anos 1920.



Poemas onde a poesia explode em fragmentos como "Os mares foram homeros lagos/ antes de St.-John Perse?/ Ou são/ agora, outra vez, os mitos/ depois de St.-John Perse?/ .../ Perse! St.-John Perse na trapaça:/ a coisa é simples como uma preá, uma vaca/ pastando as flores do cemitério". Ou, ainda, "Muito antes da manhã, o poeta,/ animal astuto,/ pula da placenta para ver o mundo./ .../ Animal astuto, o poeta./ Oculta no espaço/ a ignorância de si mesmo".

Sistema do Imperfeito revelava um Guilhermino capaz de um ritmo de sutis ondulações, mescla de alexandrinos binários ascendentes, de perfeita cesura,

com decassílabos biternários, coisa de maestro orquestrando suas palavras-instrumentos, como neste *Trabalho*: "São três e quinze da manhã e faço versos/ à espera do nascimento da barata,/ digo antes, da rosa na errata/ de um velho poema com rimas de apoio./ Fiz esses versos antes de Manuel/ Bandeira, muito antes de Homero/ .../ Faço versos com os alexandrinos (o incerto/ ritmo do Egito), debaixo de obuses e cruzes/ de treponema pálido./ Mas não há remédio?/ *Hay*./ Faço versos até anoitecer em Praga/ faço versos até endoidecer aqui/ .../ para esperar a ressurreição da poesia/ a pobre desesperada/ no Lixo".

"Gente é pra brilhar", já dizia Maiakóvski. Tessitura de vida que remete de novo ao poeta Guilhermino. "Mergulhar? Mergulho/ onde quer que surja/ uma nesga de gente/ – gente é que me tenta./ Na paisagem? Não,/ mergulho nas tripas/ de Luzia, Cássia, Andréia, Joel/ – tripas ainda quentes;/ é o que me tenta./ No lábio?/ Sim, no lábio/ mergulho no escuro/ do verso não dito/ no escuro-e-alvo/ do mito".

Último dos cinco grandes "rapazes" da *Verde* (ao lado de Ascânio Lopes, Francisco Inácio Peixoto, Enrique de Resende e Rosário Fusco) Guilhermino Cesar partiu há exatos 10 anos, em 1993. Como se diz, para sempre. "Província do mundo em decadência", no dizer do poeta Francisco Marcelo Cabral, Cataguases ficou ainda mais pobre. Sobra a poesia, as palavras do poeta: "Foges? Eu fico./ Não desistirei da tua, da minha explicação,/ agora e no fim do entrudo,/ enquanto houver a fonte, o fogo, a sorte,/ enquanto o último homem/ tiver aberta a sua chaga".

Mas o poeta se nutre de poesia como "O escuro se nutre de alvas/ o claro de escuridões./ Poemas, de que se nutrem?/ De poesia algumas vezes/ como o Diabo se nutre/ de Deus, quando Deus existe". Depois, que diabo!, "Doente de poesia/ não tem alívio nem cura/ a menos que se interne/ sozinho/no espaço incriado./ No diamante não serve; é/ demasiado claro./ Convém-lhe o resguardo/ dos recémnascidos: olhos no escuro/ vômito contido./ O mais é deixá-lo/ gemer à vontade"

A poesia de Guilhermino Cesar permanece, impávida: "Ora bolas, rapaz. De que tonel/ beberemos agora? Já não quero ser rei./ Ora bolas, rapaz. Tudo se acaba um dia,/ aqui ou no Arco-deVal-deVez./ O Czar soube disso. A rosa é que não sabe ainda;/ nasce cada manhã num verso que o poeta estragou./ Ora bolas, rapaz. Não me diga o que pensa/ ou não pensou fazer./ Deixe-se afogar em coisa alguma,/ e acabou-se".

Natal sem bicicleta





Levaremos Guilhermino para livrarias/ que não existem mais,/ cinemas, bailes estudantis, piqueniques serranos,/ que não existem mais,/ detalhes flamívomos, cambalhotas de vanguarda/ que não existem mais,/ tudo que não existe mais e continua,/ anulado, existindo. Assim falava Carlos Drummond de Andrade em 1978, no poema *Sequestro de Guilhermino Cesar*, em homenagem ao setent'anos do poeta da revista *Verde*, seu grande amigo desde os tempos em que ambos foram jornalistas em Belo Horizonte.

No Natal de seus oito anos, o Guilher/menino pediu uma bicicleta ao pai, farmacêutico em Eugenópolis: "às dez horas da noite, eu ouvi o trote da mula em que meu pai viajava entre a cidade e a fazenda. Dentro de mim brotou a bicicleta e

uma aflição enorme. Ele chegou, cumprimentou a todos e a mim, mas em lugar da bicicleta me trouxe as poesias infantis de Olavo Bilac e uma história natural de Josafá Bello. Foram livros que me alimentaram a vida toda", diria o poeta no fim da vida. Mas as bicicletas povoaram para sempre os sonhos de Guilhermino,

Lembro-me de um texto de Guilhermino falando de seu grande amigo Francisco Inácio Peixoto e de suas vistosas pedaladas pelas ruas de Cataguases, "o Chico e sua bicicletal figura". O sonho da infância ficou para sempre. Drummond cita o episódio do Natal sem bicicleta no emocionado fecho de *Sequestro de Guilhermino Cesar*: "Refloresceremos todos. O tempo, acidente./ Outro, mudanças. Guilhermino/ acaba de chegar de Cataguases,/ estudante de medicina e ritmo,/ nosso mais moço companheiro para sempre./ Nunca sairá daqui, não sairemos./ Ninguém fará de nós os septuagenários que somos,/ dispersos, divididos no mapa das circunstâncias./ Este, o nosso eterno, etéreo território./ Aqui assistimos, somos. O resto, aparência./ Este mesmo escrito: aparência,/ não à realidade que se refere./ No único país real encontramo-nos em Guilhermino,/ o que, menino, pediu ao pai uma bicicleta/ e o velho deu-lhe as poesias de Bilac."

Cataguases, 2003 in Guilhermino Cesar – Memória e Horizonte Editora UFRGS - Porto Alegre, 2010

rosário fusco para principiantes



Rosário Fusco de Souza Guerra, escritor e advogado, nascido em São Geraldo MG, em 19.07.1910. Enfant terrible e talento maior da revista Verde, correu mundo como embaixador (involuntário) de Cataguases, para onde voltou... e para sempre: 17.08.1977.

"Lá se foi o velho Rosário Fusco" – escrevia o cronista José Carlos Oliveira no *Jornal do Brasil* de 21 de agosto de 1977, quatro dias após a morte do romancista em Cataguases: "um gigante voraz, andarilho infatigável que viveu (vivenciou, se preferirem) a aventura antropofágica proposta pelos modernistas. Cosmopolita, para onde quer que fosse levava um coração provinciano. Teria que terminar em Cataguases, misteriosa cidade com vocação de radioamador – dentro das casas, nos bares, na praça, na modorra da roça é apenas uma prevenção de forasteiro; na verdade, Cataguases está em febril contato com o mundo, é pioneira em cinema, em literatura, em arquitetura".

"Um mágico, Rosário Fusco; poderoso inventor de modas" – escrevia também Otto Lara Resende em texto publicado no *Globo*, de 23.08.1977, seis dias após a morte do escritor. "Romancista, dramaturgo, poeta, ensaísta, crítico, sabia especular: esfolava a cabeça inquieta na surda e muda pedra do mistério. Com tumultuada base bibliográfica, mais atento às vozes interiores do que às externas, repensou a estética; levava consigo, para qualquer tarefa, o empurrão da originalidade. Era ele e mais ninguém. (...) Fusco precisava da imaginação, dela vivia; nela se alegrava, criança e artista; seu prenome rimava com o imaginário. (...) Rosário garimpava no cotidiano; tirava gemas do lodo, da lama extraía diamantes. Ria aberto, franco, agressor".

"Não tinha carro – continuava Otto – porque, como Jorge de Lima, todos os táxis eram seus. (...) E todavia era mineiro, ainda que cataguás. (...) quis ser deputado ("Não fique confuso, fique com Fusco", era seu slogan). Minas, madrasta, negou-lhe o mandato. Talvez não quisesse ser deputado, queria amar Cataguases federalmente. Não ficou amuado, nem ressentido; deu à cidade seus ossos, seu último suspiro, seu câncer. (...) Não sei se gostava da vida e sobretudo da vida que levou; sei que a vida gostava dele".

A "Cataguases pioneira em literatura" deve muito a Rosário Fusco – ainda um menino de 17 anos e já fazendo com outros rapazes uma revista que daria o que falar na capital de Minas, na de São Paulo, em várias outras capitais do Brasil e até no exterior. Fusco foi o motor da revista *Verde*, um vulcão que escrevia, ilustrava, diagramava, mandava (e recebia) cartas pra todo mundo, mas principalmente para o modernista Mário de Andrade, descoberta e aprendizado.

Com um mês de idade e órfão de pai, Rosário Fusco de Souza Guerra chega a Cataguases com a mãe, lavadeira. Estuda na Escola Maternal Nossa Senhora do Carmo, conclui o primário no Grupo Escolar Coronel Vieira e faz o secundário no Ginásio Municipal. Duro início de vida: aprendiz de latoeiro, servente de pedreiro, pintor de tabuletas, prático de farmácia, professor de desenho, bedel no Ginásio.

Aos 15 anos, já colaborava no "Mercúrio", jornal dirigido por Guilhermino Cesar, futuro companheiro na *Verde*, e logo em dois outros jornaizinhos, "Boina" e "Jazz Band". Com José Spindola Santos, edita "Itinerário" – e juntos fundam a livraria-editora Spindola & Fusco. Aos 17, é um dos criadores da *Verde* e, aos 18, publica "Poemas Cronológicos", parceria com Enrique de Resende e Ascânio Lopes, Verde Editora, 1928. Em 1932, muda-se para o Rio de Janeiro, onde forma-se em Direito em 1937.

Romancista, funcionário federal, dramaturgo, poeta, jornalista, publicitário, radialista, crítico literário, ensaísta, secretário da Universidade do Distrito Federal e procurador do Estado do Rio de Janeiro. Muitos cargos para um homem só, mesmo um mulato enorme e da melhor qualidade como Rosário Fusco. Melhor dizer, simplesmente, profissão: escritor. Mesmo porque ele foi o primeiro escritor brasileiro a ser reconhecido como tal pelo antigo INPS. Em meados dos anos 60, ele volta para Cataguases.



De 1928 a 1969 – quando a Editora

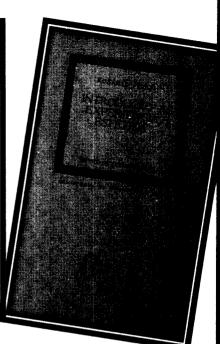
Mondadori lançou na Itália seu romance "L'Agressore", editado em 1943, no Rio, pela José Olympio – Fusco publica inúmeros títulos em vários gêneros: "Fruta de Conde", poesia, 1929; "Amiel", ensaio, 1940; "O Livro de João", 1944, "Carta à Noiva", 1954, "Dia do Juízo", 1961, romances; "Vida Literária", crítica, 1940; "Introdução à Experiência Estética", ensaio, 1949; "Anel de Saturno" e "O Viúvo", de 1949, teatro; e "Auto da Noiva", farsa, 1961.

Que coisa é Rosário Fusco? Um escritor e basicamente um romancista, com toda a sua danação e glória: "Tenho perdido ônibus, bondes, empregos, amizades. Nunca perdi a vontade de escrever... Não sei, em verdade, porque escrevo, se todos escrevem, se há tantas coisas na vida menos melancólicas e mais eficientes... Vivo – quem não vive? – sob o signo do imprevisto, que manda chuva e manda guerra, protestos de títulos e cobradores à porta, falta de manteiga e falta de afeição, aumento do preço do cinema ou dores de cabeça, irremovíveis... Vivo num mundo onde poucos penetram e, se penetram, faço tudo para não deixá-los sair... Escrever é um mal, é um bem, é um erro? É tudo isso e não é nada disso: é uma fatalidade, para encurtar palavras".

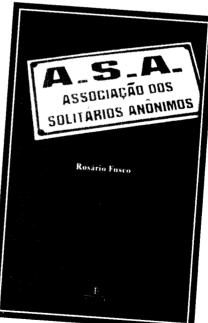
Na crônica citada, Carlinhos Oliveira brinda à vida e faz de suas palavras a melhor das elegias para Rosário Fusco: "Curiosamente, não recebo com tristeza a notícia de sua morte. Ele viveu intensamente, não desprezou nada, comeu e bebeu e estudou a vida com furor implacável. Não provou do veneno dos românticos, mergulhou de cabeça na festa, e cada minuto de sua vida foi sem dúvida uma vitória contra a insidiosa inimiga".











a tênue densidade dos corpos

rosário fusco o que foi físsil rosário fósforo foi-se de fato fora do rastro do que já foi sim porque nunca foi rito rosto rateio ritmo rumo ruminação relíquia



Ainda hoje é comum os americanos se indagarem sobre o que faziam no dia em que John Kennedy foi assassinado. Foi um novembro inesquecível, aquele novembro de 63, aquele dia de frente para a morte. Na noite em que Rosário Fusco morreu, falei com Ziraldo pelo telefone e combinamos que eu faria um artigo pro *Pasquim*. Desliguei o telefone ainda chorando e ainda chorando tranquei-me no escritório: um maço de Minister, um litro de Cutty Sark e a velha e às vezes infalível Lettera 22.

Estamos em agosto de 1977, na virada de 17 pra 18, dia em que Rosário Fusco será enterrado em Cataguases. Eu acabara de chegar do exterior, onde estivera a trabalho durante longo período – se é que podemos chamar *Asunción del Paraguay* de "exterior". De qualquer forma, estava isolado do país e há mais de três meses não via ou tinha qualquer notícia de Rosário Fusco.

Movido a lágrima e uísque a caubói, exatamente como com ele tantas vezes bebi, só consegui sair do escritório no "cu da aurora" (*d'aprés* R. F.), trazendo nas mãos um texto emocionado que o *Pasquim* publicaria na semana seguinte. Não consegui viajar pro funeral: sem condições. No ano anterior, março de 1976, o *Pasquim* publicava a entrevista que eu e Joaquim Branco fizemos com Fusco. Deu um bode dos diabos.



No mesmo dia em que saiu a entrevista, 19.03.76, um Rosário Fusco puto da vida – e sob a chancela "Reservadíssimo" – mandava-me carta de Cataguases: "... o que v. chamou de montagem de textos e o Pasquim divulgou como entrevista é furo jorna-lístico de foca provinciano". E por aí seguia o velho e ferino Fusco, ameaçador: "... Mas pode ter consequências, pelas quais o responsabilizarei no momento oportuno, se for o caso". A entrevista mencionava vários medalhões literários de forma inédita e bem-humorada, entre eles Lawrence Durrel e... Grace Kelly, a própria. Fusco temia inacreditáveis represálias sobre o que havia dito (e dito várias vezes), como se os dois, a "princesa" e "o autor internacional" fossem algum dia ler o Pasquim.

Apesar de outros envolvidos no, vamos dizer, quiproquó (o próprio Ziraldo, o Jaguar, o Joaquim, a Adriana, que fizera as fotos), ele não livrava minha cara: "Tirei o Joaquim Branco da jogada porque o estilo dos comentários – inconfundível pelos cacoetes – tenho certeza de que são seus". O velho bruxo da Granjaria estava realmente puto da vida. Por absoluto mistério do correio cataguasense, a carta só chegou às minhas mãos em abril. Devolvi de bate-pronto, numa longa resposta onde mostrava meu espanto com sua reação em cima de coisas já sovadas de tão ditas e repetidas para o fechadíssimo círculo que frequentava sua casa da Granjaria. E sobre as quais nunca se pediu segredo.

O dito & o escrito



Cataguases, 1975: RW, Joaquim Branco e Fusco.

Ele mesmo chegara a ver grande parte do texto que fora publicado: "Foca provinciano – eu dizia em minha resposta – é no mínimo muito engraçado. 'Foi uma das melhores entrevistas do Pasquim' (Ziraldo), a única que mereceu seis páginas e todo aquele aparato fotográfico. Certamente (e falando sério) pelo talento & fotogenia do (suposto?) entrevistado. Mas se o 'foca provinciano' que editou a matéria ('com seus comen-

tários inconfundíveis pelos cacoetes') não tivesse as fotos de primeira qualidade da Adriana Montheiro, algumas perguntas (respondidas por escrito) do Joaquim Branco ou os fragmentos (já publicados) das cartas de RF para Laís Correia de Araújo, a entrevista possivelmente ficaria esquecida na gaveta de algum pasquim provinciano. O que teria sido melhor: para RF, para RW... A imaginação do romancista (maior) pode – isso sim – ter sido por demais fértil".

Era na verdade uma briga de amor onde eu terminava dizendo que "o Ronaldo manda um abraço pro Fusco (como normalmente nos chamávamos) e pra tribo inteira, como de hábito (isso porque, na carta, ele me chamava de 'Ronaldo Werneck" e assinava 'Rosário Fusco', procurando manter total distanciamento). Em maio daquele ano não pude ir a Cataguases, tomado pelo nascimento de meu filho Pablo e de *Selva Selvaggia*, meu primeiro livro. No início de junho, recebo carta, agora sim, de meu velho amigo, que merece transcrição:

"Ronaldo: nada de ressentimentos, tanto mais que o dito ficou dito e, o falado, escrito. Velho aposentado não dispõe de tempo pra cartear, pois que o elenco de doenças que carrega lhe consome o tempo: entende? Vai entender, daqui a trinta anos. Parabéns (extensivos à Adriana) pelo duplo parto: do filho de papel e do filho do amor. Ambos são válidos e, às vezes, até se confundem nas nuvens do sonho igual. Você me cita no prefácio do livro do Quincas (Joaquim Branco) e o Cabral (Francisco Marcelo) me cita no prefácio de seu livro. Isso dá a impressão de que existe uma igrejinha cataguasense, mais nordestina do que mineira — o que não é bom. Creio que seu amigo Ezra Pound, na conjuntura, lhe proporia a seguinte charada inconsequente que psicografo por estranha força do astral: 'eu te cito/

você me cita/ na área do consumito/ você apita/ se eu apito/ no mesmo apito/ nada comum/ pois que o dito/ só clama aflito/ o pobre mito/ de cada um'. Abraços do Rosário (02.06.76)

"Ronaldo: veja, por favor, se descobre o endereço do famoso Dr. Ruper(?), considerado o maior urologista das três Américas... estou projetando um artigo comprido sobre sua poesia: mandarei. Não convém que a turma do Pasquim apareça. Pelo menos, por enquanto. Assim que eu melhorar de, ao menos, uma de minhas mazelas (acho que todas já se instalaram em mim pra ficar até o dia do Juízo) avisarei. Annie se junta a mim para abraçar o, agora, quarteto Werneck. Do velho, Rosário (18.08.76).



Não me perguntem como, mas devo ter achado o endereço do "famoso Dr. Ruper", pois em 30.09.76 ele me agradecia em meio ao intenso sofrimento físico e a comentários sobre uma revista que lhe enviara. Prometia também terminar um artigo sobre meu livro *Selva Selvaggia*, que nunca vi:

"De pleno acordo com você quanto à paginação da revista (<u>Iosé</u>): limpa e fria, monótona como uma viagem de trem no escuro. Também a matéria não rima com o formato nem com a indicação pomposa da tríplice especialidade: 'literatura, crítica e arte'... Doente outra vez — ou como sempre — mas, desta feita, obrigado a uma viagem diária a J. de Fora (aplicações de raio x nas mamas), ando sem ânimo pra cuidar das coisas que mais gosto: ler, escrever e, até, ...beber. Não acabei o artigo sobre Selva: mas quero publicá-lo

até o fim do mês: antes, submeterei o trololó à sua apreciação, ou ao seu entendimento, como diria o mulato Machado".

Que coisa é Rosário Fusco?

Era o velho Fusco que voltava à toda e me fascinava como sempre, como na primeira vez em que o vi, absolutamente só (Annie ficara em Friburgo, enquanto ele construía a casa no bairro da Granjaria) numa sala nas proximidades do campo de futebol do Colégio Cataguases, lá pelos meados dos anos 60. A cabeça surgindo imensa e se destacando no cipoal de garrafas sobre a mesa, a cabeçorra de Rosário Fusco que emergia por entre o mar de martinis e gin, muito gin, imaginem. Remexo na memória, num velho envelope escrito "R. F.", que trouxe do Rio.



Onde anda Rosário Fusco? Onde andam o vozeirão, a velha e rombuda Parker 51, o imponderável bigode mexicano, a larga risada, o humor, as lágrimas, o uísque, o cigarro, a imensa caixa de fósforos marca *olho*, a panela com água fazendo de cinzeiro (magnífica invenção!), a lustradíssima bota do menino Rosário sobre a mesa do escritório, como a de Van Gogh, o mesmo daquele autorretrato ali no fundo, primorosa reprodução feita pela Annie. Mas que coisa é Rosário Fusco? Que coisa entre coisas, entre todas as coisas é R. F.?

"Jamais descobri porque, aos 17 anos, fiquei sofrendo do peito, por solidariedade a Manuel Bandeira

(que deve possuir uma carta minha a respeito)".

"Tenho perdido ônibus, bondes, empregos, amizades. Nunca perdi a vontade de escrever".

"Amor é doença, como escrever. Não sei, em verdade, porque escrevo, se todos escrevem, se há tantas coisas na vida menos melancólicas e mais eficientes".

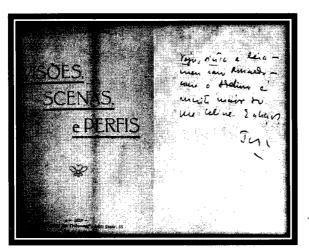
"Vivo – quem não vive? – sob o signo do imprevisto, que manda chuva e manda guerra, protesto de títulos e cobradores à porta, falta de manteiga e falta de afeição, aumento do preço do cinema ou dores de cabeça irremovíveis".

"Vivo num mundo onde poucos penetram e, se penetram, faço tudo para não deixá-los sair".

"Escrever é um mal, é um bem, é um erro? É tudo isso e não é nada disso: é uma fatalidade, para encurtar palavras".

Começo a futucar essas coisas "fuscais", esses velhos papéis que me ofuscam e quase planam na memória, não fora a irreversível "densidade dos corpos" que ele gostava sempre de lembrar. E remexo com a hierática postura que ele me ensinou um dia – solene, entre uma tragada e uma talagada: "Meu caro poeta, para ler, mas ler mesmo, comme il faut, aproveitando o que se lê, aprendendo, é preciso apreender, é preciso estar com os cotovelos sobre a mesa, a cabeça apoiada em uma das mãos, a caneta na outra, anotando o 'anotável', digerindo o 'digerível', ou o dirigível, como queira". É o que eu hoje chamo de 'leitura cotovelar' – a que fica e nos justifica.

Então, "cotovelemos" juntos com as palavras de Rosário Fusco:



Veja, sinta e leia – meu caro Ronaldo – como o Adelino é muito maior do que Celine. E abraços Fusco

"Ronaldo: Lamento sinceramente não me ter encontrado com você. Com um febrão danado (39,5 à sombra), até o sagrado mijo eu o mictava na cama (num 'compadre', claro). Obrigado pela trazida do Processo (?): ainda não o abri, nem o abrirei tão cedo, com o rabo ruim e a alma pior. Reli seus poemas: acho que v. já tem idade para editar-se. Não falemos da entrevista nem de O Anunciador (Longa-metragem realizado em Cataguases, lançado em 1970, dirigido por Paulo Bastos Martins). Gostaria que v. me mandasse:

1 quilo de bacalhau 'Neptun's (dinamarquês, em pacote).

6 garrafas de 'Merlot' (Granja União).

6 garrafas de 'Cabernet' (idem).

Se tiver tipo 'Medoc', pode meter 6 também. Pagarei aqui, ou aí, como quiser.

Abraços apressados e hemorroidários do R." (26.08.70).

As mamas do Finnicius

Era assim, totalmente imprevisto, misturando tudo, poemas, bacalhau e vinho, muito vinho, de uma só cambulhada, como gostava de dizer. Foi mais ou menos por aí, meados de 72, que ele esteve no Rio, rumo a Paris. Passou um mês no APA Hotel, em Copacabana, junto com Annie, a francesa com quem se casou cinco vezes e que o acompanhou sempre e o acompanha ainda agora e para sempre lá no alto daquele morro. Annie que lhe deu François, o Rosário François Petitjean Fusco de Souza Guerra, então um menino de pouco mais de dez anos.

Fusco passou um mês absolutamente de porre, não querendo embarcar por absoluta paúra de voar, até mesmo de elevador: hospedou-se no 2º andar e só transitava pelas escadas, sempre para o hall onde bebíamos, e bebíamos, e bebíamos. Ele dava generosas gorjetas aos empregados do APA para levarem François ao circo, ao Tívoli Parque, aos cambaus infantojuvenis. Nós nos víamos quase todos os dias noite adentro. Annie me pedia, aflita, para convencer o

"Rosárr" a pegar o avião logo, pois o dinheiro que haviam trazido para a temporada europeia estava indo embora entre garrafas & gorjetas.

Pouco antes de finalmente embarcada para Paris a tribo Fusco, eu e meu amigo fomos ao tradicional almoço das sextas-feiras na Livraria José Olympio. Rosário queria rever amigos e lá fomos nós, devidamente calibrados, a pé pela praia de Botafogo, após deixarmos Annie e François na Sears. Duas figuras de almanaque: Fusco muito alto, de terno escuro, sem gravata e... sem sapatos (os pés inchados há muito não permitiam essa "modernidade"). Eu muito baixo perto daquele mulato gigantesco – trôpego, possivelmente tropeçando em minhas próprias barbas.

Ainda não dera meio-dia e já bebêramos "todas" segundo o jargão de hoje. Fusco brilhou, ofuscou a todos no almoço coalhado de literatos de vários calibres. Lá pelas tantas, Zé Olympio me chamou em seu escritório. Queria saber, em particular, sobre as mamas de Rosário, que estavam muito inchadas. Sua preocupação não era infundada: as mamas inchadas já eram um indício do início do fim ou do reinício de tudo, do "finnicius" do, segundo ele, "sovado Joyce". Mas, antes, vamos a Paris:



"... Já voltamos da Bretagne. Pra Annie e François, uma festa. Pra mim, uma bosta. Quinze dias sem comer. Uísque (baratíssimo): um litro por 24 horas... Abraços de tribo pra tribo. Rosário" (Paris, 18.07.72).

Corta pra alguns anos depois, talvez 75. Eu estava em Cataguases e minha mulher foi internada por causa de uma desidratação. Nada sério. Relia alguns contos de Machado no quarto do hospital e engraçado que pensara no Fusco, pois o "mulato" era uma de suas admirações, do "rol das confessáveis" (as outras: Van Gogh, Dostoiévski, Beethoven, não necessariamente nessa ordem). Saí para fumar no corredor e dei com uma enfermeira que me conhecia (eu não me lembrava) e fez a maior festa, pegando-me pela mão, prometendo uma surpresa inacreditável.

Era mesmo. Ao abrir a porta de um dos quartos, a madrugada em meio, deparamos com a seguinte cena: um enfermeiro, duas enfermeiras, uma garrafa, duas garrafas, várias garrafas, muita fumaça e baforadas e um alegre Rosário Fusco regendo o porre hospitalar. Ele subornara todos & todas. Abriu nova garrafa pra

comemorar minha chegada e... "mergulhamos de vez no materialismo histórico", como ele gostava de dizer, citando Oswald de Andrade.

O Livro de João



Numa noite dos anos 70 em sua biblioteca da Granjaria, entre tragadas & talagadas de uísque a caubói, um Rosário Fusco visivelmente emocionado começou a ler para mim trechos de seu romance "O Livro de João" ("Ainda hoje, é o livro de que mais gosto. Eu mal completara vinte anos quando escrevi isso."):

"Nos livros, as descrições dos sentimentos pertencem, noventa por cento, ao poder, à força da sensibilidade de quem lê. A imaginação monta e desmonta cenas, que as palavras ajudam a construir, para que as assistamos numa sucessão de imagens que se propõem, vivas, ao nosso espírito. Por instantes,

a alucinação da coisa descrita se apossa de nós, e nos domina, despótica e voluntariosa. Mas a verdade é que só podemos rever o já visto, sentir o já sentido. Narrai a mais delicada história de amor a quem nunca amou e rir-se-á de vós.

 (\ldots)

"Bem sei que muitos, lendo estas páginas (inclusive vários que ainda vivem) me alijarão do rol dos *colegas*. Estou, porém, velho demais para ofender-me com isso. Minha vaidade é infinita: assim como seria insensato, para um contemporâneo, preocupar-se com o que poderia pensar dele os caldeus, a minha tortura é saber se *durarei*, se cuidarão de mim os que me sucederem. Quero *durar*, *existir*, e, não, apenas *viver*. Digamos que, em breve, serei repolho. Mas repolho digno da boca de uma Carmélia inacessível por mim, atingível por mim, criada por mim, mãe da minha agonia, filha da minha inquietação, verbo e carne meus, problema e solução dos meus dias: na terra, no mar e no ar.

"Outros, folheando este livro, não me reconhecerão. Na verdade, poucos são aqueles que separam as ações dos homens de seus nomes.

 (\ldots)

"Este livro, porém, é meu só. Meu nome é João e não outro. À hora da prestação de contas, não me confundirão posto que tenho a minha *marca* especial. Eu mesmo errei, e não outro. Mas a condenação que terei e a absolvição que aspiro não virão de

outra vossa parte, mas de outra Parte. Não me atireis pedra. Agachando-vos, para apanhá-las, podereis levar um pontapé. E, de coração, não vos desejo isso.

"(...)

"Deixai-me em paz. O tempo urge: abrimos a boca, bocejando, e um século passa. Não indagueis mais. No vale de Josafá nos veremos. E, a quem interessar possa, advirto desde já: trarei um livro na mão contando o que fiz, mas sem dizer o que a mim fizeram. E aquele volume será meu, como o de receitas foi de Carmélia e este livro é de João, que é o meu nome. O nome que levarei da vida até a *segunda* morte. Amém".

Creme de Pérolas



Foi também aí, meados dos anos 70, que Fusco me mostrou alguns poemas de um volume inédito sobre a Lapa. Praticamente impublicável na época, o livro (*Creme de Pérolas*, que ótimo título!) está inédito até hoje. Tenho aqui, à minha frente, um de seus poemas, o de que mais gosto, ainda impublicável em jornal, ditado por ele e datilografado por mim numa manhã etílica da Granjaria. Transcrevo alguns trechos, dos publicáveis. O título é "Edital de demissão e ponto" e foi manuscrito pelo próprio com a velha Parker 51:

"Meu caro poeta:/ meta/ a lira no cu./ (mesmo que doa)/e vê se te aquieta./ O mundo mudou tanto que/ amanhã/ a lua será lixeira à toa,/ privada e refúgio da terra/ emudecida,/ seu Orfeu./ Erra,/ quem pensa que as palavras valem/ hoje em dia/ — pois a palavra é poesia/ e a poesia morreu./ São cibernéticos os contatos/ dos homens com os homens/ e dos homens com as coisas./ Números./ .../ Nada vale nada com algemas,/ e os filhos das pílulas,/ feitos ou desfeitos pelas ditas,/ são tão filhos da puta que/ dispensam/ o pai/ a mãe/ .../ sobretudo/ o teu gorjeio inútil,/ de inusitados sons concretos,/ montagens de ruídos antissemânticos./ .../ Não é possível mais cantar:/ o canto entope,/ engasga e sufoca./ Radar./ A poesia do cosmo chega em vibrações secretas/ do telstar:/ omite/ e/ demite poetas".

Ora, pra quem se acreditava "somente" romancista ("Sempre fui um desprezível poeta – mamãe dizia que versos não enchem barriga"), este é um poema que nos chega com a força do grande poeta. Creme de Pérolas pede urgente publicação, principalmente por se tratar de uma faceta desconhecida de Rosário Fusco. Meu

amigo era também um crítico arguto de poesia, como se vê pelos trechos desta carta, a última que me enviou, em 19.05.77:

"Seu poema não precisa de apresentação (ele falava de uma versão inicial que lhe havia enviado de meu livro "Pomba Poema", homenagem ao centenário de Cataguases, que seria lançado em setembro de 1977). Ele se apresenta em tons de 'martelo' (nordestino) e 'carretilha' (mineiro). No que se refere ao ritmo. Quanto à forma é uma explosão subconsciente (supra-realista) dominada, dirigida, como faziam os primeiros modernistas (Mário, principalmente) e, hoje, até o Chico Anísio nos seus poedramas (da TV) sincronizados, acentuando as rimas...

"No formato pretendido por v. não há economia de papel, custo etc.: duas páginas de sua paginação se reduzem a uma, no formato tradicional. Lembre-se da disposição gráfica do Coup de dés. Não siga o conselho de seu amigo (o designer cataguasense Dounê, que fez a programação visual): a estatística só funciona no campo da ciência. O número é restrição, corte de asas. E você está voando, meu poeta. Eu tenho uma edição de Mallarmé que poderá orientá-lo tipograficamente. É de 914 e repete o poema do homem como foi composto e publicado originariamente, em vida do poeta. Não posso me estender mais, com dores tremendas — e sincopadas — em todo o esqueleto: ossoporose (sic: Fusco grafou e grifou 'osteoporose' errado). Venha conversar comigo, ou telefone. Seu velho, quadrado e anti-modernista Rosário".

Ah, sim: no dia em que John Kennedy morreu eu viajava de ônibus do Rio para Cataguases. Soube em Além Paraíba. Traguei forte meu Luiz XV sem filtro e soltei a fumaça em espiral sobre o rio Paraíba. Tinha exatamente vinte anos e um mês e a vida parecia maior que a morte, até mesmo a de Kennedy. Não era.



duas décadas déjà

fulgor fugaz que se partiu rosa rio rosário duas décadas déjà

prosário proa prosário prumo prosário ritmo prosário rumo

rosário físsil rosário fusca rosário fosco duas décadas déjà

rosário fiat rosário faísca rosário fósforo ROSÁRIO FUSCO

Cataguases, 1997

prestes pula do painel

Abre a cena com foco de luz sobre telão no fundo do palco. Black Out. Som de tarol. Telão ilumina-se e nele surge desfile noturno pelo exterior do Colégio Cataguases. Rapazes e moças cantam o Hino do Colégio (by Ary Barroso & Tostes Maia), com o uniforme tradicional, portando tochas acesas que iluminam num grande plano-sequência o Painel Tiradentes, de Portinari; a efígie de Francisco Inácio Peixoto esculpida por Alfredo Ceschiati; o mural de Paulo Werneck; o prédio de Niemeyer. Câmera fecha sobre a escultura de Jan Zach (o professorpensador Antônio Amaro). Fade-out. Fade-in. Volta para desfile fantasmagórico, à luz de tochas: começa nos jardins de Burle Marx, desce para a piscina, passa pelas quadras de esporte, pelo campo de futebol e sobe de volta por entre as árvores. Câmera percorre exterior do prédio, saguão, salão nobre, teatro, palco e some coxia adentro. Black Out.

Rufar de bateria. Canhão de luz no proscênio: apresentador de *smoking*, mas com o colete vermelho do Colégio Cataguases por cima do paletó. Está supermaquiado, rosto coberto com máscara branca à la teatro kabuki. Solta a voz: "Ladies and gentlemen... *Kreeec Kruuuuc Kriiiic Garr Grr Kruc*" (grunhidos incompreensíveis, ao fundo som da Orquestra de Ray Connif: *Besame Mucho*). Novo B.O. Rufo de bateria. Luz sobre Moça que fala apressada, entrando em cena: "Como um ente querido. Um menino-egrégio. Um colega. Um colégio. Que se apresenta: esquivo, sem bossa. A quem interessar possa".

Era assim o início de uma peça que escrevi sob encomenda da Prefeitura de Cataguases, em 1990, junto com meu amigo Miklós Palluch – um dramaturgo húngaro que nunca estudou no Colégio, mas que adora Cataguases – e que seria codirigida pelos atores Luiz Linhares e Hélber Rangel (este, um ex-aluno). Era para comemorar os 80 anos do Colégio, e nossa proposta incluía também um dia inteiro de atividades, uma grande festa. Pela manhã, aulas simuladas de história e geografia, uma linha do tempo situando a trajetória do Ginásio de Antônio Amaro até o Colégio de Francisco Inácio Peixoto. À tarde, churrasco e competições esportivas: basquete, vôlei, natação, inclusive uma partida de futebol entre ex-alunos e o Politheama, o time do Chico Buarque. À noite, seria encenada a peça ("Um Colégio chamado Cataguarte") e logo depois grande baile com a Rio Jazz Orchestra.

Tudo deu em nada. E foi (ou não?) uma perda de tempo a série de reuniões em meu apartamento no Rio, com a presença do Miklós, do Luiz, do Hélber. Hoje, aliás, Luiz e Hélber estão mortos – exatamente como nosso projeto. Chega agora o Centenário do Colégio e não se sabe ao certo o que haverá – como não se sabia da peça que não houve há vinte anos. Desacreditado, o Colégio está de dar dó. Soube de uma verba estadual a ser liberada para obras estruturais. *Meno male*. Mas falta ainda a grana para recuperar o mural de Paulo Werneck, a escultura de Jan Zach, os jardins de Burle Marx. Falta vontade e sonho.

Falta o delírio do cineasta Lima Barreto nos anos 1950, quando veio a Cataguases filmar o Painel de Portinari. Uma noite o professor Gradim (soube disso pelo próprio) viu luzes no salão, foi lá e encontrou o cineasta transtornado, dizendo que o Tiradentes pulara do Painel e lhe dera uma ideia genial para enquadramento de seu filme. "Deixa disso, Lima, vamos dormir", disse Gradim. Mas deveria ter dito: "Fica aí, Lima, que eu vou dormir. O Tiradentes pode pular de novo e, quem sabe, dar outras ideias fantásticas para seu filme". Entre a inércia do sono e o mover do sonho – que é também cinema – acredito ser a segunda a melhor opção.

Há alguns anos, levei Luiz Carlos Prestes Filho (do próprio) para uma visita ao Colégio Cataguases. Mostrei a reprodução do Painel e disse do boato (?) de que Portinari se inspirara na figura de Prestes para fazer o seu Tiradentes e das caras de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende para os Inconfidentes. Luiz Carlos olhou atentamente e disse: "É, parece mesmo o Velho!". À



semelhança do *imbróglio* Tiradentes-Lima Barreto, quem sabe um dia o Velho Prestes, o Cavaleiro da Esperança, não pula do Painel para nos dar uma luz sobre os destinos do Colégio Cataguases?

Centenário do Colégio Cataguases, 2010

2 mestres incontestes

Entre os grandes professores que passaram pelo Colégio Cataguases nos anos 1950/60, destacaram-se o de português, José Silva Gradim, e o de história, Manuel das Neves, que foi também um de seus diretores. Dois mestres incontestes.

Gradim: em débito com o mestre



Ele nos ensinou a amar Camões, apesar das temíveis análises sintáticas. A compreender a mecânica das violentas ordens inversas, a pinçar sujeitos, predicados e complementos perdidos muito além da Taprobana. Nos fez ver a grandeza do poeta por trás dos artifícios da linguagem. Através dele, descobrimos aos poucos que Camões era alguma coisa maior do que aquele cara chato que fizera *Os Lusíadas* só para reprovar os alunos de Português.

Camões ficou como um marco da presença do professor José Silva Gradim em nossas vidas. Para muitos de seus alunos a

literatura começou a bater forte a partir daquelas manhãs passadas no Colégio Cataguases. Camões, para não falar de Eça, e, claro, de Machado – Gradim sempre os tratou com intimidade, uma intimidade-quase-respeito. Com admiração, que é também sinônimo de amor.

Gradim sempre me lembrou a imagem daquele poema de Drummond (que ele gostava de chamar de "Carlos"): "Feroz a um breve contato/ à segunda vista, seco/ à terceira vista, lhano/ dir-se-ia que ele tem medo/ de ser, fatalmente, humano". Através do seu amor, ele nos fez fruir o prazer da leitura, nos fez amar os textos que merecem ser amados.

O semissorriso que quase sempre entrecortava sua fala às vezes passava um ar de ironia, quando na verdade significava profunda timidez. A suposta ironia tentava camuflar o perfeito domínio da língua e da linguagem. Navegava como poucos e audazes em meio ao temporal de silepses, sinédoques, anacolutos, elipses, metáforas, paronomásias. Todas as figuras de linguagem que temíamos com um pavor quase pânico nas vésperas de prova final, mas que por meio dele aprendemos a entender e, logo, por meio delas, a amar textos e poemas nunca dantes imaginados.

Gradim brilhou como poucos no corpo de professores que deram fama ao Colégio Cataguases, principalmente em seu período de efervescência, ali por volta dos anos 50 e meados da década de 60. A partir daí, o Colégio já não era o mesmo, mas Gradim resistiu praticamente solitário em sua trajetória, transmitindo seu conhecimento de rara qualidade.

Com a morte de Gradim, Cataguases ficou em eterno débito com seu mestre de gerações, exatamente como eu, que não tive coragem de vê-lo nos últimos tempos – o que nos deixa para sempre devedores no livro-diário de nossos afetos. Não tive coragem de vê-lo, um pouco como García Lorca no *Llanto por Ignacio Sanchez Mejías*: "Que no quiero verla!/ Dile a la luna que venga,/ que no quiero ver la sangre/ de Ignacio sobre la arena".

Prefiro vê-lo num rápido *take* de um antigo filme rodado nas ruas de Cataguases. Manhã de intensa luminosidade, nós nos abraçamos enquanto ele olha meio atônito para um dos atores, que está travestido de palhaço. Volta a olhar para mim e só então percebe a câmera, que o enquadra quase em primeiro plano, no momento exato em que esboça um sorriso tímido-irônico. Um sorriso – manhã-de-intensa-luminosidade – que lembra muito o professor Gradim que quero deixar registrado em nossa memória.

Jornal Cataguases/ 25.04.89

O Admirável Manuel das Neves

"Com o ágil Aquiles no ardor do combate, os gregos – esses aqui – lançam-se contra as muralhas de Troia: essas que ali escondem Páris e sua presa. Agamenon em seu comando, o poderoso exército de gregos antigos, os aqueus, vê-se travado pela bravura, vamos dizer, indômita, do troiano Heitor, herói que defende com a vida sua cidade-pátria. Aqui, os gregos; os troianos ali: PÁ! PUM! PÁ!!!". E nesse

exato momento voavam por toda a mesa cigarros Luiz XV ("os gregos") e "troianos" fósforos.



Manuel das Neves, o Doutor Manuel, não se dava por logrado – catava seus Luiz XV de volta pro maço, os fósforos pra caixa, e emendava impávido: "enquanto isso Menelau imprecava contra Páris e morria de amores mal resolvidos e em vão por sua mulher Helena, filha de Zeus e de Leda, a que teve Tíndaro como pai humano, a mulher mais bela do mundo, que..." Tanta a sua vibração, que pensávamos a História como algo presente, palpável. É como se lá

estivéssemos, em meio a gregos e troianos, numa batalha daquelas fragorosas, cercados por imbatíveis cigarros sem filtro, quem sabe prisioneiros de patéticos palitos de fósforo. E estávamos.

Como tempos depois, quando o jovem Alexandre apareceu de súbito e para sempre em nossas vidas, belo e audaz como um Zeus, o Grande herói do Doutor Manuel: "Alexandre, o Grande, era belo e jovem e forte e louro, muito louro, largas, larguíssimas espáduas, cinturinha fina... já imaginaram o Alexandre de lambreta na Praça Rui Barbosa?... não sobraria sequer uma namorada pra vocês...". Ou quando os romanos de Júlio César começaram a expandir seu império, "porque César era um sagaz estrategista que..."... foi aí que o Eduardo-Dentuça-Vasconcellos sussurrou pra Maria Isabel-Mabel-Peixoto, sentada ao meu lado: "É, mas era bicha!...". Nós três, mais Maria Cristina, irmã da Mabel, estávamos sentados ali na primeira fila, de cara com o mestre, e não tivemos sequer tempo de esboçar um sorriso: "Bicha?!! Bicha??!!??... E o filho que ele fez em Cleópatra, não conta?!?".

Manuel das Neves defendia seus ídolos como se todos eles carregassem o estandarte do seu Vasco da Gama, gregos e romanos reluzindo nas chuteiras cruzmaltinas. Assim pensava eu naquele feio final de tarde de domingo, 11 de julho, no funeral do *gentleman* que dirigiu o Colégio Cataguases com sua voz mansa, afável, sensata – e que nos deu lições de extrema delicadeza no trato com o outro: nossos semelhantes, às vezes, nossos dessemelhantes muitas outras.

Com a morte de Manuel das Neves, apaga-se a chama do que foi o Colégio Cataguases. Pelo menos o Colégio em seu apogeu, entre os anos 50 e o início dos 60, orgulho de toda uma geração que passou por professores como José Silva Gradim, Ophélia Resende, Antônio dos Santos Cardoso, Francisco Inácio Peixoto, Angelo Rocha, Avelar Alves Maia, Lysis Brandão da Rocha e outros do mesmo quilate.

Até mesmo o verde-poeta Antônio Martins Mendes, o Doutor Tuniquim, que já entrava em sala nos ameaçando com sua voz fanhosa, o cigarro de palha caído no canto da boca meio torta: "Darei zero, registrarei matéria, comunicarei ao diretor...". Mas ninguém temia sua velha ladainha: sabíamos que o diretor não ligaria para as idiossincrasias do "Doutor". Afinal, o admirável Manuel das Neves não iria perder tempo com essas pequenas batalhas de sala de aula, pois César, Alexandre, Heitor, Aquiles, vocês sabem...

Cataguases, julho 1999

meia-pataca – quem se lembra?

Francisco Marcelo Cabral



Não tenho nenhum exemplar à mão. Mas foi uma bela revista, impressa em papel couché, que serviu de berço a dois poetas: Lina Tâmega Peixoto e eu, nesta ordem de importância. Mas é preciso que se diga: embora o poeta Ronaldo Werneck em seu poema-exaltação *Pomba Poema* visualize um "Chico Cabral compondo Lina por Lina sua Meia-Pataca", belo verso de um belo poema, *Meia-Pataca* inteira foi obra da Lina. Era ela que, além do parentesco ilustre – Peixoto, ilustre por causa do Francisco Inácio – tinha a verdadeira vocação das letras, tão consistentemente confirmada depois. Digo mesmo – e disse-o em *Inexílio* – Lina foi minha mestra. Sua escritura

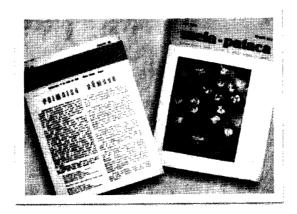
sutil, sua sensibilidade irredutível às platitudes do discurso trivial, marcaram para mim a extensão e as fronteiras do território em que viceja o poema – essa infração, essa refração, essa contínua derrapagem nas estradas do idioma, esse artefato como todos inútil, mas capaz de deflagrar a centelha da desbanalização e reavivar a fala e suas falsetas.

Sem metáforas: *Meia-Pataca* inteira foi obra da Lina. Edição, diagramação (com umas dicas do Rosário Fusco), secretaria, redação de sueltos e resenhas, enfim, ela estava em todas. Eu fui o bói da redação e fiz algumas resenhas por ordem dela. À nossa volta, torcendo para que déssemos certo: Marques Rebelo e Fusco (em cuja casa conheci Antônio Fraga, de quem obtive o fragmento publicado num dos números de *Meia-Pataca*, o velho Fraga que, antes de qualquer outro, me falou de Gomringer e seu *Kindgarden* – concretismo *avant la lettre* – a revelação de uma nova concepção estética que só muito depois assimilei). Uma colaboração de Marques Rebelo – transcrevendo um trecho de Verlaine em que ressalta a técnica de composição nas alterações introduzidas no texto – foi para

mim a evidência de que o poema é um construto passível de aprimoramento, como eu percebia em Manuel Bandeira e Murilo Mendes (quando "ainda não havia para mim" João Cabral de Melo Neto).

Vejamos o trecho de Verlaine e suas alterações: "Au calme clair de lune de Watteau (tirou "de Watteau" e pôs "triste et beau")/ Qui fait rêver les oiseaux dans les marbres (tirou o m, ficou "arbres")/ Et sangloter d'extase les jets d'eaux/ Les beaux jets d'eaux, sveltes parmi les marbres" (Num arremedo de tradução, onde não repercutem as ondas do som dos muitos "esses" e "ôs" ("eaux"): "Ao calmo claro luar belo e triste/ que faz sonhar os pássaros nas árvores/ e soluçar de gozo os chafarizes/ belos esguichos, esbeltos entre os mármores".

Talvez eu esteja exagerando um pouco a eficácia dessa lição, mas foi um "toque" precioso para mim. Humor malicioso do Marques Rebelo, observando os sobrenomes dos "escritores" publicados em *Meia-Pataca* – Lina Peixoto, Francisco Inácio Peixoto Filho, Luciano Peixoto Garcia, Dedé Peixoto e S. Alberto Parente (um poeta angolano, eu acho, cuja colaboração foi o próprio Marques que nos enviou): "na *Meia-Pataca*" quem não é Peixoto é parente" (Nota: e muita gente desconfiava que o Francisco Marcelo Cabral omitia por modéstia um "P" em seus sobrenomes). O ninho de *Meia-Pataca* foi a casa de Francisco Inácio Peixoto, melhor dizendo o seu "salão" onde resplandecia, ao lado do dono da casa, o gênio carioca de Marques Rebelo (cuja amizade sempre me honrou e durou até sua morte) e que foi frequentado por gente como Walter Benevides, João Cabral de Melo Neto, José Morais, Luciano Maurício, Cecília Meireles e tantos mais. As duas figurinhas de jovens poetas – Lina e eu – vamos reconhecer: talentosos ou, pelo menos, promissores – despertaram a solidariedade desse grupo de intelectuais que andava pela casa dos 40 ou 50 anos, talvez menos.



E foi assim que nasceu a revista, extremamente cuidada graficamente, sem qualquer "agressividade" de gente jovem. Sem qualquer malícia na seleção das colaborações que nos chegaram, Lina e eu fomos os melhores poetas publicados por *Meia-Pataca*. Quem quiser que confira. E assim como o salão de Francisco Inácio Peixoto gerou *Meia-Pataca*, gerou *O Centauro*, edição de 1.000 exemplares (que eu levei anos e anos para esgotar sob a forma de presente compulsório) composto e impresso na Tipografia Ribeiro, em 1949, para a inexistente Editora Meia-Pataca (leia-se Edição (do Pai) do Autor). E o livro de Lina, *Algum Dia*, editado lindamente em 1952 pela Editora Hipocampo, do poeta Thiago de Melo, e de que eu infelizmente não tenho nenhum exemplar. Lina e eu construímos uma obra pequena (Guimarães Rosa me chamava de "escasso producente", com amizade e cobrança). Pelo prazer e por compromisso intelectual, Lina é uma leitura obrigatória.



E para terminar, permitam-me relatar a cômica experiência de súbita e subida honra e posterior desabamento, vivida pelo escritor que vos fala. Publicado *O Centauro*, num rompante de generosidade e hipérbole, Rosário Fusco declara – numa entrevista concedida a José Condé e publicada no suplemento literário de *A Manhã* – que "o poeta de sua preferência era Francisco Marcelo Cabral (depois vinham Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura), um poeta de 19 anos, autor de *O Centauro*"... A modéstia me impede de mencionar o tipo de comedida alegria que se apossou deste humilde bardo (que isso, bardo é Shakespeare!), temperada pelo sadio orgulho de ver seu ainda desconhecido

nome estampado num jornal de ampla circulação (menos em Cataguases, é claro). Vocês podem imaginar o barato!

Agora o revertério: numa pequena nota (pequena para você, filho ingrato, não para um artista – este – sensível, antenado nas primícias de uma merecida fama) alguém cujo nome esqueci (até Freud etc....) comentando a entrevista, sai-se com esse despautério (estou citando de cor, embora não de coração): "Rosário Fusco é mesmo um gozador (espero que não tenha sido algo tão demolidor assim). Perguntado sobre qual o poeta de sua preferência, respondeu: Francisco Marcelo Cabral, um rapaz lá de Cataguases". Vocês podem calcular o impacto desse advérbio de lugar "lá de Cataguases"? Leiam a frase sem esse monossílabo tônico: "um poeta de Cataguases". Soa bem melhor, não? Então, até lá. Quer dizer, até aí em Cataguases, qualquer dia desses.

Francisco Marcelo Cabral, poeta cataguasense, residiu no Rio de Janeiro durante a maior parte de sua vida (Cataguases, 1930 – Rio, 2014)

poetas da *meia-pataca* em plena maturidade

Francisco Marcelo Cabral



Este momento tem nome

Este momento tem nome: êxtase.

A luz dura do sol no teu olho cerrado
o zumbido de insetos delicados,
o ácido sal da vida,
o pulso e o ritmo ofegante do ar que te penetra.

Submerges nesta fresta do tempo e sentes o universo tocando o teu ser,

tão íntimo que o podes separar em fruto e semente tão sem limites em suas onze membranas que nele tudo cabe inumeravelmente, tão diversamente o mesmo que não te contém e contém.

Não estás morrendo, sossega. Apenas navegas em estilhaços como a estrela que explode na constelação do Centauro.

In Campo Marcado, 2010



Lina Tâmega Peixoto

Permissão do poema

Peço permissão ao poema para que eu o escreva.
E interrogar, como se faz com as plantas, o corte, o recuo, o tocar das mãos, o enleio do medo, os estandartes do corpo.
E recolher no fulgor dolorido da linguagem a manhã balançando-se em juncos brancos

e a luz mergulhando o rosto na água. Que o poema permita que eu esteja presente ao desfalecer de sua beleza e à cruel louçania da criação.

Preciso de traço e fascínio para levantar os versos como os caules entremeiam espaços para firmar o olhar da rosa.

Que o martírio do silêncio e do mistério não rascunhe a fronte da palavra mas me conduza a uma escrita feita de meu próprio sopro.

In Prefácio de Vida, 2010

estrangeiros nos anos 60 e nessa cidade estranha onde escrevivemos



Cataguases, 90 anos 1967. A partir da esquerda: Guilhermino Cesar, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto, Marques Rebelo, Humberto Mauro e Martins Mendes.

Mesmo em tempo de quartéis, quarteladas e obscuros porões, os anos sessenta trouxeram a explosão tropicalista de Caetano & Gil, de Capinam & Torquato, de Hélio Oiticica & Rubens Gerchman, de Glauber & sua Terra em Transe, de Zé Celso Martinez & sua redescoberta de *O Rei da Vela* e do cáustico amor/humor de Oswald de Andrade. De quebra, o Arena,

que cantava Zumbi, e o Opinião, com o samba de Zé Kéti descendo o morro pra Copacabana, juntando-se ao Carcará de João do Vale & à voz de Nara & Bethânia e inundando o país com um canto de resistência, onde Gullar, Vianinha e Paulinho Pontes acenavam para um mundo socialmente mais justo.

Mas vejam que por volta dos 60 também a turminha de Cataguases não fez

por menos. Das peças surrealistas, dos happenings do CAC, o Centro de Arte de Cataguases, ao não menos pomposo Cineclube Sergei Eisenstein, que acabaria desaguando no cinema de Paulo Bastos Martins, na experiência vanguardunderground do filme O Anunciador – O Homem das Tormentas. Trabalho de equipe do Paulo, do fotógrafo Mário (o outro) de Andrade, mais Carlos Moura, Antônio



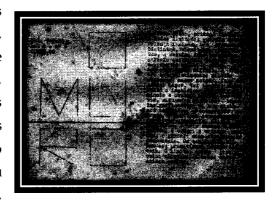
Jaime Soares, Silvério Torres, e a voz vivaz e marcante de Maria Alcina, sem

contar a participação de toda a cidade, um só set, um só estúdio – oh inesperada penca de artistas!

Quatro décadas após Humberto Mauro, Cataguases novamente em tempo de cinema. O que só foi possível pela produção de Francisco Marcelo Cabral, guru & mentor intelectual de toda a geração que atuou no cenário dos 60, principalmente da outra equipe, que se debatia numa concreta constelação de palavras & brancos semânticos, buscando *i punti luminosi*, as veredas da vanguarda numa *selva selvaggia* de letras & símbolos gráficos.

0 Muro

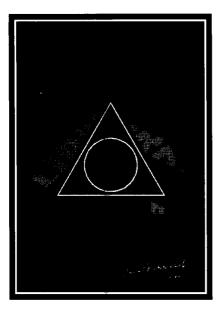
Éta gente doida, sô! No início dos sessenta, Joaquim Branco, Paulo Martins, Célio Lacerda, Plínio Filho, Aquiles e Pedro Branco, Carlos Sérgio Bittencourt, Lúcio Miranda, Jorge de Oliveira e eu, mais Aécio Flávio e Ernesto Guedes, lançávamos O Muro, jornal muitas vezes datilografado e paginado nos fundos do armazém de Seu Plínio Guilherme, pai do Lúcio e do Plininho,



e não sei por que cargas d'água mimeografado no antigo armazém do SAPS, em frente à estação ferroviária. Quer dizer, um jornal incontestavelmente de grande substância, pois egresso dos fundos de dois armazéns.

E a gente saía vendendo *O Muro* pelas ruas de Cataguases, para espanto e narizes torcidos da população. Lembro que num domingo, finda a missa de Santa Rita, o Dr. Antônio Martins Mendes quase nos põe pra correr ao lhe oferecermos a joia rara: "não leio pasquins, nem publicações imorais", reverberou o ilustre tribuno. Tribuno e poeta da revista *Verde* ("vamos, que a caminhada é longa..." & coisas quetais). Custamos a engolir a afronta, pois já éramos também rapazes muito capazes de não mais querer somente ver de forde ou não forde verde nossos ases, mas de tomar assento e até mesmo a direção do forde verde em que Mário & Oswald de Andrade se viam embarcando para ver (nunca chegaram) os antigos ases de Cataguases.

Aliás, nosso "veículo de distribuição" era também um forde, um forde negro, o famigerado "morcego" do Seu Branco, pai de Joaquim, Pedro e Aquiles. Mas logo depois voltamos a "reatar" com a *Verde*, através de entrevista dada por



Francisco Inácio Peixoto ao *Muro*. Daí, ficou uma amizade que perdurou até sua morte. *O Muro* (também, e não por acaso, título de um livro de contos de Sartre) durou mais que *Verde*. Quer dizer, umas dez edições & alguns anos, antes que tombasse – aliás, como é do próprio destino dos muros, de Cataguases a Berlim. Ou até que tombássemos todos nós, *on the road & easy rider*. Enfim, a equipe se dispersou. Mas, mesmo já no Rio (capital: Cataguases), continuei o contato e a amizade já cinquentenária com Joaquim Branco, que lá ficou – e acabamos retomando tudo, que esse negócio de escrever é vício e compromisso, como veríamos logo depois.

Carta aos Ases

Era aí por volta de 67, Cataguases fazia 90 anos, e da equipe já meio dispersa restava só aquele pessoal do "vício e compromisso" com a literatura. Pois é, ficamos somente nós e uma paixão freudiana por Cataguases, essa "cidade do exterior mineiro", como eu diria mais tarde em *Pomba Poema*, ou como dissera antes o verde Enrique, a fina flor dos Resendes: "essa cidade estranha / onde nascemos/ e, às vezes, morremos". Mais tarde, Francisco Marcelo Cabral usaria o meu verso e o do Enrique como epígrafes do seu admirável poema-livro "Inexílio". Foi quando fizemos um Suplemento para o jornal *Cataguases*, retomando o viés literário da cidade: de *Verde* à revista *Meia-Pataca*, obra dos poetas Francisco/Chico Marcelo Cabral e Lina Tâmega Peixoto. E chegando até nós, aqui onde estamos/estávamos: em plenos anos 60. Ou não mais estamos?

Lembro que havia um poema a quatro mãos, meu e do Joaquim Branco, paródia-quase-paráfrase daquele de Marioswald de Andrade. Foi assim mesmo que Mário e Oswald de Andrade assinaram a "Homenagem aos Homens que Agem", o primeiro & único poema que fizeram juntos, publicado com exclusividade por *Verde*, aquele do "Todos nós somos rapazes/ muito capazes de ir ver/ de forde verde/ os ases de Cataguases".

Nosso poema chamava-se "Carta aos Ases" e saiu direto das mesas do Clube Social, num daqueles fantásticos bailes dos anos 60. O bate-coxa explodindo no salão e Quincas & eu absortos com nossa escritura a dois, imagens do trem-deferro furando a noite, anúncio de alba vazando da avenida: "fumaça & paisagem".

O poema, também ele o único que eu e o Joaquim fizemos juntos, acabaria gerando a peça homônima "Carta aos Ases" em homenagem aos *Verdes*, que encenaríamos no próprio Clube Social em setembro de 1967. Na plateia, atentos e também devidamente emocionados, o verde trio formado por Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar e Enrique de Resende, mais Marques Rebelo e Humberto Mauro. Depois, rumamos todos pra casa do Chico Peixoto e o papo rolou madrugada adentro. *Verde, Meia-Pataca, Muro* – tudo & todo mundo junto, no mesmo rumo, como se para sempre.

Vale a pena viver em ti

O Suplemento trazia duas apresentações, que não éramos de fazer economia: uma do Chico Cabral e a outra do nosso eterno professor de português, José Silva Gradim. E textos "éditos & inéditos" dos remanescentes de *Verde*. De Porto Alegre, Guilhermino Cesar; do Rio, Enrique de Resende; de Cataguases, Chico Peixoto; de Friburgo, Rosário Fusco – que nos escreveu se desculpando e mandando "abraços hemorroidários": o velho & imbatível Fusco! Havia até um poema do Martins Mendes: briga literária não é briga que se preze.

E ainda a retomada de um poeta perdido nos confins dos anos 30/40, um "bardo brado solitário" chamado Henrique Silveira: Jogarei minhas mãos fora/ não sei se no mar/ se numa cova de barro.// Não sei se no mar /para a fuga dos cetáceos adolescentes,/ para o desprezo dos olhos naufragados. Sinistro como em 1943, ano de sua morte, a guerra e a doença no mesmo embornal: Muitas não quererão apertar/ minhas mãos/ mãos tuberculosas sem música afinada./.../ como pressagiando/ meu sono próximo de Morte bolchevisada.

Henrique Silveira morreu de tuberculose aos 23

anos, num replay mais-que-perfeito da tragédia que tomou de assalto os pulmões de Ascânio Lopes, também desaparecido aos 22 anos, em 1929. Claro que Ascânio, o poeta maior de *Verde*, surgia no Suplemento com *Cataguases*, seu poema emblemático: "...Há em ti a delícia da vida que passa porque vale a pena passar,/ que passa sem dar por isso, sem supor que se vai transformando. /.../ Vale a pena viver

em ti./ Nem inquietude./ Nem peso inútil de recordações,/ mas a confiança que nasce das coisas que não mudam bruscas/ nem ficam eternas". A seguir, vinha a dupla de *Meia-Pataca* e, naturalmente, uma enxurrada de poemas novíssimos dos então novos ases de Cataguases, quer dizer, nós mesmos – que acabávamos de merecer página inteira na capital, no Suplemento Literário de Minas Gerais, com direito a fotos, poemas & os cambaus.

SLD/Totem

É isso aí. Esse Suplemento foi o embrião do *SLD* – muita gente chamava de LSD, mas era mesmo *Suplemento/Literatura/Difusão* – que Joaquim Branco & eu editamos de 67 até o final da década, já contando com nossa "porção-mulher", i.e., uma porção de meninas, pois nunca fomos de discriminar poetas, sexos à parte, de qualquer parte: Lecy Delfim Vieira, Dayse Lacerda, Arabela Amarante, Therezinha Castro.



SLD anos 60: o relógio da vanguarda de ponta-cabeça. Joaquim Branco de xadrez e, na direção dos ponteiros, RW, Célio Lacerda, Lecy Delfim, Plínio Filho e Aquiles Branco.

O *SLD* significou também nossa adesão ao poema-processo – fomos certamente sua mais importante vertente em Minas, lançando inclusive novíssimos poetas da terra, como Sebastião Carvalho e Adolfo Paulino e outros de outras terras, até mesmo do exterior.

O *SLD* gerou ainda dois frutos inesperados e inesquecíveis: os festivais de música que eu e Joaquim Branco organizamos em 1969 e 1970, com ampla reper-

cussão na mídia de todo o país. Festivais que lançaram em termos nacionais um belo fruto da terra: a cantora Maria Alcina, então não mais que uma menina.

Na década de 70, o *SLD* acabou desaguando no *Totem*, que acredito tenha sido nossa experiência mais bem-sucedida, mais madura, portanto "menos verde", se é que me entendem. Foi em *Totem* que procuramos "rever para aprender/aprender para renovar", aquela bandeira do poeta Mário Faustino, que bravamente resiste ainda hoje entre nossas afinidades eletivas.

Foi em *Totem* que buscamos recuperar a memória de Cataguases via entrevistas com Rosário Fusco, Humberto Mauro e Francisco Inácio Peixoto, que já naquela época chamávamos carinhosamente de Chico – com todo o orgulho por pertencermos ao restrito clube de seus amigos mais chegados. O resto é história – e, como podem perceber, também faço frases feitas.



O resto é o que ficou. O resto, acho, é o Chico Peixoto, na casa de quem conhecemos o Marques Rebelo, que brigava conosco porque andávamos de "namorico" com os poetas concretos de São Paulo ("veja só, poesia concreta é coisa de gente rica, olha aí, de Pignatari" – sem saber que o Décio era um mero professor universitário, que passava ao largo dos Pignatari e de seus dólares). O resto é o resto, o que restou, os porta-restantes.

Fusco, Guilhermino & os Chicos

O Rosário Fusco, que conhecemos bem mais tarde e que nos marcou profundamente – e para sempre. Um pouco, que deveria ter sido muito, do Guilhermino Cesar, mestre sumido na distância do Sul, subitamente recuperado num encontro em Belo Horizonte e depois perdido pra nunca mais.

Principalmente, o que restou foi muito do Francisco Marcelo Cabral ("nada Cataguases/ nada me faz/ te amar/ amar menos"), a melhor de nossas entrevistas no *SLD*, o Chiquinho Cabral, principal "culpado" – falo por mim e, acredito, por todos aqueles totêmicos jovens dos anos 60 –, incentivador-mor, motor & matriz dessa nossa estranha aventura de *escreviver*. Estranha que nem Cataguases, onde, às vezes, como estrangeiros, ainda *escrevivemos*.

Rio, 1988



totem: panorama visto do tempo

Joaquim Branco

Dezembro de 1961.

Cataguases, uma cidadezinha
no interior de Minas Gerais. O
centro, as ruas principais, o
entorno, alguns bairros não muito
afastados, nada mais. Havíamos
terminado o curso científico no
Colégio e víamos o mundo pela
primeira vez longe da mira dos
professores, com nossos próprios
olhos, mas ainda perto dos pais.
Um mundo que rolava cambalhotas preparando-se para uma



Em pé: RW, Carlos Sérgio Bittencout, Pedro e Aquiles Branco. Sentados: Francisco Marcelo Cabral, Lina e JB.

década que seria revolucionária como nossas cabeças imaginavam.

Nos jornais vinham notícias de longínquos países e pessoas fantásticas que nos pareciam inatingíveis: a Coreia, a Guerra Fria, Kennedy, Kruschev, a corrida espacial, Cuba de Castro e Guevara, os filmes americanos, Sartre e seu ativismo político ao lado da mulher Simone, a revista *Seleções*, Elvis Presley, missa aos domingos.

Tudo acontecendo numa salada, mas cada coisa ainda no seu devido lugar. A televisão era muito pouco vista, pois os 'chuviscos' dificultavam a transmissão, e logo era deixada de lado. Apenas os mais velhos tinham paciência para ver suas novelas. À noite, o cinema, ainda na década de 1950, era convidativo com bons filmes, não perdíamos um – musicais com Gene Kelly, Fred Astaire, Cyd Charisse, policiais de Hitchcock, faroestes, filmes de amor e aventura, depois Antonioni, Fellini e Resnais.

Da janela do quarto, pela manhã eu via uma leve chuva que amainava a poeira da rua cortada por poucos automóveis, e de vez em quando passavam carroças puxadas por cavalos para a entrega de leite e pequenas carrocinhas com homens vendendo verduras e legumes e outros, os frangos trazidos da roça pendurados em pesados varais. A vida corria tranquila como se não nos pudesse decepcionar, perfeitamente prática, previsível; o estudo levaria ao topo de qualquer profissão. Os bons herdariam a terra.

Apenas algo no ar dizia que não era bem assim. Notícias de revoluções no Caribe, alertava o rádio. Disputas entre americanos e soviéticos, o perigo de bombas atômicas ao toque do telefone vermelho, o rock, o cinema francês, a Bossa Nova, a Poesia Concreta, o Cinema Novo de Glauber Rocha – esse o panorama do mundo no final dos 50 e início dos 60. No quintal da casa, jogávamos bola pela manhã e depois do almoço eu e meu irmão Pedro íamos cada um para um escritório onde eu trabalhava com um advogado e ele num Cartório, esperando o concurso para o Banco do Brasil que seria no meio do ano seguinte.

0 Muro



A chuva de verão passara e numa manhã de meados de novembro de 1961 chegavam nossos colegas para a reunião: Ronaldo Werneck, Plínio Filho, Célio Lacerda, Ernesto Guedes, Jorge de Oliveira, Carlos Sérgio Bittencourt, Aécio Flávio, e nos juntamos aos meus irmãos Pedro e Aquiles. Aquele era o dia da preparação do jornal que tínhamos em mente e a seguir, num mimeógrafo emprestado,

rodaríamos as páginas e depois era certa a venda na praça, no domingo.

Já havia a decisão sobre o título: me lembro de que eu dei a ideia para *O Muro*, inspirado no título de um livro de contos de Jean-Paul Sartre. Foi aprovado. Em algumas horas de trabalho estava tudo pronto, pois já tínhamos os poemas, crônicas, notícias, desenhos, previamente preparados. A venda não foi aquele sucesso, mas despertou interesse – mais, curiosidade – em algumas áreas. Era a nossa primeira publicação: independente, rebelde e ávida de resultados.

Só havia um jornal semanal na cidade, o *Cataguases*, órgão da Prefeitura, que não fugia de uma moldura conservadora, noticiava os atos oficiais, aniversários, casamentos, promoções, discursos de 7 de setembro e outros. Portanto, qualquer outro noticioso, mesmo que feito por jovens saídos do colégio, despertaria atenção. Não foi bem o que aconteceu, pois não houve a recepção popular que antevíamos. Ficou a experiência literária, acrescida do aprendizado de algumas técnicas de diagramação e de exercício grupal.

Na linha de trabalhos publicados em *O Muro*, alguns textos se destacavam pela ousadia ou pelo caráter experimental, como este minipoema "Folclore nº 2 (ou "O nascimento de um herói"), 1961, de P. J. Ribeiro, sob o pseudônimo de Paulo Horta: "O índio falou: morri./ Cacique ordenou que não./ O índio nasceu das brumas frias da noite...".

Tiramos onze números – o número zero, em dezembro de 1961 – e 'fechamos as portas' em 23 de setembro de 1962, após um circuito puramente municipal. Neles escrevemos nossos poemas, contos, crônicas etc., e houve apenas uma recepção escrita, através de artigo no jornal *O Democrata*, que acabara de ser criado pelo poeta Francisco Marcelo Cabral, de geração anterior à nossa e por quem tínhamos/temos grande admiração. Dele já havíamos recebido dicas sobre literatura, arte e cultura em geral que nos foram essenciais. Na sua página 3, denominada de "Arte. Cultura", o jornal estampava sob o título de "A) Os rapazes do *Muro*":

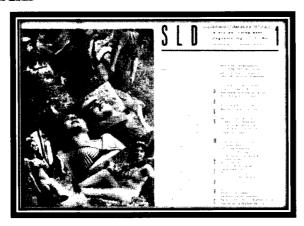
"De repente, Cataguases descobre que há outra vez um grupo de adolescentes preocupados com cultura, livros, cinema, artes. Um bando de meninos aferroados pelo demônio das letras, que resolveram mostrar que já sabiam, além de certas outras coisas, pensar e, ato contínuo, sujar papel com suas visões e revisões do velho e cansado mundo que terá de os suportar, como a nós. Muito bonito esse despertar, muito flor esplendente da Mata, mas aí vai uma lambada. Ao escolher um rótulo para seu movimento, ele surgiu impregnado de conotações que estamos dispostos a cobrar dos nossos jovens intelectuais, a menos que eles confessem que não são de nada.

Como, então, o *Muro*, sim senhores! Mas que é, para que serve um muro? Para cercar e proteger o reduto secreto onde a inteligência se resguarda do contágio com o mundo aqui de fora? Ou para encostar nele, contra ele, numa execução, mesmo retórica, os que podem ser identificados como responsáveis por um estado de coisas que é preciso mudar? Vocês, queiram ou não, saíram a protesto".

Vinha o poeta Marcelo Cabral a nos meter em brios, cobrando objetivos, participação, coerência, e sua voz, que a princípio fora tomada como meramente de oposição e crítica, era de crítica sim, mas positiva e chamava-nos a atenção para os

caminhos que iríamos tomar dali para diante. Com o término de *O Muro*, acabara a fase inicial, bastante amadorística por se tratar de uma publicação mimeografada e com pequena tiragem em formato estudantil e onde registramos o começo de uma trajetória.

SLD



Esperamos cinco anos, não sem discussões e leituras, para nos lançar em uma aventura de maior alcance: um suplemento no jornal oficial da Prefeitura, o *Cataguases*, que intitulamos "SLD – Suplemento/Literatura/Difusão", numa alusão mais provocadora ao público do que outra coisa.

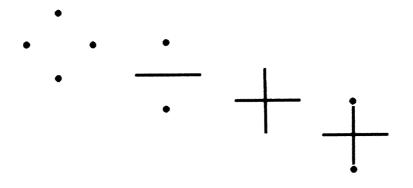
O primeiro número do

"SLD" teve seu lançamento no dia 16 de março de 1968, numa mansão na avenida principal da cidade, fechada há muitos anos e conhecida como mal-assombrada, o que poderia despertar – como aconteceu – um grande interesse do público. Organizamos, para o evento, para o qual foram enviados centenas de convites, um coquetel e a "I Exposição de Poesia Concreta de Cataguases" com poemas de Aquiles Branco, Ronaldo Werneck, Ivan Rocha, Plínio Guilherme Filho, Sebastião Carvalho, P. J. Ribeiro e meus. Talvez tenha sido a primeira mostra desse tipo na região da Zona da Mata mineira. Não tenho conhecimento de outra. O comparecimento foi maciço – a maioria dos homens de terno e gravata e as mulheres de longos – e o susto que tiveram não foi menor, pois as peças apresentadas mostravam uma forte radicalidade.

Mas nada disso impediu o sucesso do acontecimento incrementado pelo "não entendi, porém gostei". A visualização dos poemas em enormes folhas de papel-cartaz com letras e signos coloridos expressando uma antidiscursividade desconhecida e agressiva para aquele público, naquele momento, empanou até o impacto do suplemento, que só iria ser lido em casa ou no dia seguinte, com mais calma. Tivemos também naquela noite um show com música popular num dos salões do casarão.

Reproduzo alguns poemas que fizeram parte dessa mostra, e que já naquele momento determinavam o grau de pesquisa para que nos voltávamos. No primeiro exemplo, em signos não-verbais, o poema dispõe-se na página semioticamente em quatro etapas; no segundo, as palavras se encontram como num duelo em que um conjunto se inverte para se contrapor ao outro em choque inevitável; e o último é fruto da transformação do anúncio de estrada em que o poeta incorpora o 'erro' gramatical (mts.) reproduzido e trabalhado para se tornar poema:

PLÍNIO GUILHERME FILHO



IVAN ROCHA / NATAL LETAL

duelo de vid anp duelo de wor aub duelo de b olanp duelo de b olanp duelo de wor aub duelo de wor aub duelo de vid anp P. J. RIBEIRO – Estrada

MOTEL

a

500 mts.

vida pinga

pingue pongue

Trabalho e recepção

A repercussão na imprensa estadual e nacional com a chegada pelo correio do suplemento, desta vez, foi bem superior à nossa expectativa. No dia 26 de março de 1968, um editorial do crítico Aires da Mata Machado Filho afirmava no *Minas Gerais*, de Belo Horizonte:

(...) Ainda agora nos chega às mãos esplêndido suplemento literário, divulgado mensalmente com o *Cataguases*, semanário dessa próspera cidade da Zona da Mata. Inscreve-se em tradição local, que remonta ao Grupo Verde, cuja significação a história literária já reconheceu. [...] A 16 deste lançou-se "SLD" com todo apoio da Prefeitura local, o qual veio impresso em excelente papel, fabricado mesmo em Cataguases pela Companhia Mineira de Papéis. São dois belos exemplos às outras cidades. A eles ocorre acrescentar outro, o do veterano mestre do conto Francisco Inácio Peixoto, autor do recente livro *A janela*, em cuja honra e sob cuja proteção se abriu, no mesmo dia, a exposição de poemas-cartazes.

Do Rio de Janeiro, Stella Leonardos comentava no Jornal de Letras:

"Felicitações ao grupo Difusão pelo 'SLD', que vem mantendo bom nível literário digno de louvor"."

E de Belo Horizonte, o Estado de Minas noticiava sob o título "Cataguases-MG":

Foi lançado nesta cidade e está sendo distribuído em todo o Brasil o suplemento literário "SLD-Suplemento/Literatura/Difusão" – que um grupo de poetas e escritores locais está editando. Com bom aspecto gráfico, em papel de ótima qualidade, fabricado aqui mesmo, o suplemento tem colaborações de gente de alto nível no setor da literatura e da poesia.

Em *A Semana*, de Divinópolis (MG), o poeta Fernando Teixeira, que havia comparecido ao lançamento do jornal, fez comentário mais completo, sob o título

de "O espírito pioneiro de Cataguases":

"Em 17 de março de 1968 nascia SLD (Suplemento/Literatura/Difusão) com uma exposição de poemas concretos e batida de limão numa vetusta residência habitada, até então, por fantasmas. Lembro-me de Ronaldo Werneck, de Plínio Filho, de Sebastião Carvalho e de toda a geração literária, que despontava em novo renascimento artístico local. [...] A nova arte encontrou Cataguases adormecida sobre as glórias dos aventureiros de 1927. Retornava ao seu ritmo de província. Mas, a mocidade devorava as novas conquistas do tempo. E,



Cataguases, 1967. A partir da esquerda, Francisco Inácio Peixoto, Enrique de Resende, Martins Mendes, Guilhermino Cesar e Marques Rebelo.

um dia, começou a escrever, transpassou os limites do município e ficou conhecida".

A mais popular revista brasileira da época – *O Cruzeiro* –, em coluna denominada "O Cruzeiro dá o recado - Livros", deu calorosa recepção ao suplemento, em 1969:

"Quem quiser se manter informado sobre o que se faz de mais avançado em matéria de pesquisa poética, no momento atual (sobretudo no que diz respeito ao Poema-Processo, aqui no Brasil ou alhures), procure ler, assinar, comprar o "SLD". O endereço para essa chave é Avenida Astolfo Dutra, 247, Cataguases, Minas".

No exterior

Nenhuma dessas opiniões nos causou mais espanto, porém, do que as que começamos a receber do exterior, tanto dos Estados Unidos, como da França, Uruguai, Argentina, Portugal, Itália, especialmente as originárias do meio universitário, onde alguns intelectuais brasileiros lecionavam ou faziam cursos.

Em 1969, quando cursava o *International Writing Program* na *School of Letters* da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, o professor-escritor Affonso Romano de Sant'Anna me enviou carta de incentivo:

"Recebi os dois suplementos [referia-se ao SLD] que você me mandou. Fiquei agradavelmente surpreso de ver como vocês têm caminhado organicamente. Mostrei a publicação a algumas pessoas aqui. Comentei com o Luiz Vilela: essa Minas (Cataguases) é

impressionante. E aqui a gente entre os supostos jovens poetas de todo o mundo, encontrando tanta gente reacionária, tendo que lhes ensinar tudo do princípio".

No país, os comentários endossavam nosso trabalho, por parte de escritores já bem posicionados no cenário nacional, como Affonso Ávila, da capital mineira, em carta de 29.10.1963:

"A esta altura, v. já deve ter recebido o material que enviei, como pronta resposta à sua carta. Para mim foi motivo de prazer entrar em contacto com uma turma de Cataguases, cidade que mantém viva uma tradição de boa informação artística e literária difícil em outras partes de Minas. [...] Antes de mais nada, lamento que este contacto não se tenha efetivado há mais tempo, pois gostaria de ter contado com a presença de vs. aqui em Belo Horizonte, durante a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em agosto passado. Seria uma boa oportunidade não apenas de travarmos um conhecimento pessoal, mas também de vs. iniciarem um diálogo com as turmas de Vereda (Henri Correa de Araujo, Ubirasçu Carneiro da Cunha, Libério Neves, Luiz Adolfo Pinheiro e outros) e Ptyx (Márcio Sampaio, João Paulo Gonçalves da Costa etc.), que representam a nova geração de vanguarda, séria, empenhada num trabalho realmente criativo e consciente da missão do escritor em um novo contexto brasileiro. Estou aguardando com ansiedade suas novas notícias, que espero se façam acompanhar de trabalhos de toda a turma. Pretendo mesmo fazer uma apresentação de vs. através do suplemento que dirijo do Estado de Minas, desde, é certo, que autorizado para isso. Não seria também possível uma visita de vs. a B. Hte., agora que as férias se aproximam? Poderíamos então promover um bate-papo, com troca de pontos-de-vista, de que participariam os novos daqui. Pense nisso com carinho".

Também os concretos

Aos concretos paulistas não passou despercebida a ação do grupo do "SLD", pois, através de várias cartas, o poeta-crítico Augusto de Campos (1963) nos auxiliou com seu apoio, corrigindo rotas e enviando livros e opiniões:

"(...) como você mesmo reconhece, a 1ª remessa não continha os melhores poemas. da 2ª, que, de fato, é melhor, os melhores me parecem <u>maralto</u> e <u>interno-concreção</u>: o primeiro tem ainda alguns resíduos discursivo-sentimentais ("o tremor do mar é de uma grande dor..." "o choro das manhãs perdidas..." que me parecem destoantes, mas apresenta boas cristalizações como "mare'moto / mar remoto... rosto solto morto corpo tosco..." e aquele belo "lanterlunares"; o segundo (embora você diga que não tenha chegado muito bem ao concretismo) é um poema concreto, concretamente realizado. concreto e correto. bom".

Reproduzo o poema "Interno-concreção", ao qual se refere o poeta Augusto de Campos em carta de 1963:

seu teu meu br(eu)

SLMG & JB

Nessa altura, a maior força mesmo vinha de Belo Horizonte, por meio da ação direta do escritor Murilo Rubião, então diretor do "Suplemento Literário" do *Minas Gerais*, uma publicação decisiva na congregação, seleção e divulgação dos novos autores. Murilo, em carta de 18.11.1967 dirigida a mim, acentuou:

"(...) Gostamos dos seus poemas e dos outros poetas de Cataguases, o melhor grupo do interior mineiro. De maneira especial, gostei do seu "Quebrador". Faço (também Laís) restrição aos dois versos finais: "quebra a quebra que/ deste em meu desprezo." Poderia ser publicado como está, mas v. não acha que ficaria melhor se amputado? Aguardo uma palavra sua".

Sobre uma improvisada antologia de poemas, organizada e enviada ao *Jornal do Brasil*, o crítico Assis Brasil, em sua prestigiosa coluna literária, consignou em 22.5.1963:

"Recebemos uma coletânea de poemas de jovens escritores mineiros, de Cataguases. Noutra oportunidade já fizemos referência a esse grupo que vem trabalhando lá na província, cujos elementos já podem ser apontados – senão como promessas – futuros valores positivos. A coletânea pertence a Plínio Filho, Joaquim Branco, Aquiles Branco e Lecy Delfim Vieira. Todos integrados num vocabulário atualizado, procuram sua melhor expressão, usando recursos espontâneos e intelectualizados. [...] Cremos que a coletânea dos poetas de Cataguases, embora a não unidade de valores e peças, pode ser publicada como indício de uma mentalidade arejada e fértil que surge, de vez em quando, no interior do País".

Em 1967, quando da minha estreia com um poema no Suplemento do *Minas*, uma carta do escritor Francisco Inácio Peixoto veio dar um impulso definitivo para a continuação do trabalho:

"Me perdoe o bilhete (ainda por cima em papel roxo): você é o mesmo Joaquim Branco, que assina o "Champoliônica", no Suplemento Literário do *Minas Gerais*?

Se for, é o caso de se repetir a pergunta de Tristão de Ataíde, em idos de 1928, ao noticiar o aparecimento de certo livro de poesia vindo de Cataguases. Não citarei. Você deve conhecer as palavras dele. Mas, parafraseio: que fatalidade é essa que <u>pesa</u> sobre Cataguases?

Tudo isso para dizer-lhe o quanto gostei do poema. Os últimos versos, então, são definitivos: "quando não há mais clara e rara coisa/ que a efígie que te deserta." Recado e abraço do Francisco Inácio Peixoto./ Cataguases, 23.5.1967.

O poema "Champoleônica", de que falava Francisco Peixoto, vai reproduzido:

Champoleônica

a esfinge é clara a esfinge escarra

na cara do mundo

se és finge ser es fin gida estátua de mar

fim

inócua matéria decifrada em pedra erguida sobre terra empedernida

são cães canções tuas (sol solidões solidormidas) enigfácil mudimundo

serenesfinge pedraberta
dez anos a fio
desafio
o silêncio exausto de teus blocos

mais hirtos que maciços

A Equação da Insolvência Morre na Solvência da Inequação

que morta não te decifrem que morta cifrei-te e te decifro pela fibra em cifra que vibra ainda víbora-virgem ser esfinge claresfinge esculpida consiste em fingir sercreta quando não há mais clara e rara coisa que a efígie que te deserta

Outra manifestação afirmativa foi publicada no Suplemento do *Minas Gerais* pela poeta-crítica Laís Corrêa de Araújo, sob o título "Literatura Brasileira 1969: um balanço informal":

"No setor de estreias, o melhor livro foi o de Joaquim Branco (antilivresco por excelência), um dos epígonos do poema-processo com *Concreções da fala*. Vê-se, ao longo da "leitura", a evolução do poeta, da palavra para o signo concreto, mas conservando, numa e noutra forma, a essencialidade sensorial".

Fases do movimento

Basicamente, o grupo Totem, denominação que se consolidou mais tarde, passou por três fases, que puderam ser determinadas pelas conquistas realizadas ao longo do tempo, no período que vai de 1961 ao final dos anos 70.

Na primeira fase, meio amadorística, marcada pela edição do jornal mimeografado *O Muro*, o grupo permaneceu mais restrito à cidade e às experiências com a Poesia Concreta e a Poesia Práxis, e eu acompanhava esses movimentos através da leitura de livros, jornais e suplementos que chegavam a Cataguases. O mais influente deles, e o melhor, era o SDJB – Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, editado por Reinaldo Jardim e liderado pela figura catalisadora de Mário Faustino. Lembro-me de haver escrito cartas ao Reinaldo e ao Ferreira Gullar, sem resultados.

Numa fase seguinte, criamos o suplemento *SLD*, ligado ao jornal *Catagua-ses*, com o qual ampliamos nosso quadro de participantes: Adolfo Paulino, José Lucas Ferraz, Sebastião Carvalho, Ivan Rocha, Arabela Amarante, Lecy Delfim Vieira e outros. Ligada agora à Fafic-Faculdade de Filosofia e Letras de Cataguases, tivemos um acréscimo importante: a poeta Márcia Carrano, que se incorporou ao grupo com a criação do jornal *Totem*, que pertence à 3ª fase do movimento, a consolidadora por assim dizer.

Tivemos êxito em nossa busca de intercâmbio com Assis Brasil, Affonso Romano de Sant'Anna, Francisco Marcelo Cabral e o pessoal do Poema-Processo – Wlademir Dias-Pino, Álvaro e Neide Sá e Moacy Cirne –, no Rio; Murilo Rubião, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, José Afrânio Duarte, em Belo Horizonte. E



Hugo Pontes.

com grupos semelhantes ao nosso que começavam a se formar principalmente no interior do país. Em Minas, estava a maioria: o "Agora", em Divinópolis, com Fernando Teixeira, Lázaro Barreto, Fernando Rubinger, Osvaldo André de Melo.

Em Guaxupé, Sebastião Resende e Elias José; em Oliveira, o "Vix", com Márcio Almeida e seus companheiros; em Poços de Caldas, Hugo Pontes, Omar Pereira e José Asdrúbal; em Belo Horizonte, Henri Correa de Araújo e Tião Nunes; em Juiz de Fora, a equipe "D'Lira"; em Manaus, Adrino Aragão; em Natal, Falves Silva, Anchieta Fernandes, Dailor Varela; em Campina Grande, José Neumanne Pinto; em Recife,

Paulo Bruscky, Leonard F. Duch.

Todos esses jovens escritores trabalhavam em equipe, mantinham pequenos jornais para publicar seus textos e a troca de poemas e publicações foi inevitável. Começava a se construir uma grande teia com representantes em quase todo o país para formar o que se denominou mais tarde a "Imprensa Nanica", também chamada "Alternativa".

No lado político, o Brasil e outros países da América Latina passavam por ditaduras que se encarregavam de criar um clima tão hostil quanto, por outro lado, instigante à expansão de novas e contrárias ideias que fizeram um contraponto ao seu efeito arrasador contra a cultura, a arte e a sociedade. Tivemos, por volta de 1968, um recrudescimento da situação nacional com a edição do AI-5 (Ato Institucional), que tentou calar de vez as cabeças pensantes do país.

Foi quando surgiu a resposta de grupos de ação política com assaltos e sequestros e, nas artes, com o Tropicalismo, o Poema-Processo, a Arte Postal e outros movimentos mais ligados ao *Underground* e ao *Pop*.

Poema-Processo

Um meio de comunicação foi encontrado pelos integrantes do Poema-Processo, que tornou mais efetiva a ligação entre os artistas: o cartão-poema, "fabricado" pelo próprio poeta com o material ao seu alcance e sem passar por qualquer tipo de gráfica ou pelos jornais e revistas da grande imprensa, o que

significava fugir da obstrução da censura. Essa providência reduziu os preços, tornou cada cartão um objeto único, mas fácil de ser produzido.

Entrou em cena uma batalha artística, alimentada pela criatividade individual e auxiliada por novas máquinas de reprodução xerográfica e por carimbos. Estava em curso o movimento do Poema-Processo que reuniu dezenas de poetas formando pequenos núcleos pela primeira vez em todos os estados do Brasil. O movimento havia se iniciado no Rio de Janeiro com Wlademir Dias-Pino, Moacy Cirne, Álvaro e Neide Sá e em Natal, com Anchieta Fernandes, Dailor Varela e outros.

Após o lançamento no Rio e em Natal concomitantemente, estendeu-se o movimento a Minas (Cataguases, depois Pirapora, Divinópolis, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Oliveira) e passamos a tomar parte em inúmeras exposições de poemas no país e no exterior.

No início da década de 1970, com a instauração da Arte Postal, iniciada em Recife por Paulo Bruscky e Daniel Santiago, já estabelecida uma extensa rede de contatos, tornou-se relativamente fácil a disseminação do novo movimento, que ampliou o uso dos mais diferentes materiais, além do xerox e dos carimbos, pois agora acrescentavam-se as tintas plásticas e os objetos de uso cotidiano, como barbantes, grampos, alfinetes, elásticos, esparadrapos, fitas adesivas, fósforos etc.

O Correio foi fundamental na veiculação dos poemas, intensificando os contatos e facilitando a acessibilidade, e, através dele, chegavam os convites para exposições e antologias internacionais de Arte Postal, organizadas por museus e casas de cultura espalhadas pela Europa. Os poetas latino-americanos usavam o próprio Sistema – uma instituição como os Correios – para combatê-lo. Nos Estados Unidos, o movimento estava mais ligado às universidades.

A participação brasileira e de outros países hispano-americanos – como a Argentina, Uruguai, Venezuela, Chile, México – dali em diante foi primordial, pois os poemas originários desses países traziam a marca da pobreza e da simplicidade do material, além da habilidade do poeta em lidar com ele e dali tirar efeitos inusitados. Enquanto os cartões europeus eram impressos em papel de primeira qualidade, em *offset* e multicoloridos, os nossos tinham características artesanais e estratégicas, uma temática crítica voltada para o social e o político, além da marca do autor e do país de origem.

Um exemplo ilustrativo do lado político das temáticas e do improviso que presidia a confecção dos poemas é o "Realidade", de Marcelo Dolabela, de

1978, de aguda percepção do real, em que a palavra é desnuclearizada para se remontar criativamente:



O "Poemarfim" (1968), de Ronaldo Werneck, exemplifica a tendência concretista da primeira fase do grupo de Cataguases. A "torre de marfim" sai da teoria para a práxis, e acaba agregando outros elementos, para se completar como uma produção poética de seu tempo:

POEMARFIM / Ronaldo Werneck

torre ente cor ente mar fim

torre de marfim torrente de ar cor ente mar fim "Musa & Cia.", de Fernando Abritta, é uma versão político-pop do mitológico incorporado ao consumismo, em um poema em cartão.



O poema curto e o miniconto também são bastante utilizados por componentes da equipe, especialmente nos poemas sem título de Márcia Carrano (do livro *Vento leve*) e de P.J. Ribeiro (dos muitos livros que vem publicando). Como nos exemplos a seguir:

"acorde, Pai!
'onde estás que'
adormece
mais que Bela Adormecida?"
(Márcia Carrano)

"ando pelas ruas e são nuas: meus olhos as despem do cimento de hoje

e

veem o pau-a-pique de antes." (Márcia Carrano) LOTERIA P.J. Ribeiro

Se eu ganhar na loteria te levo pra mostrar minha poesia.

ILHAS P.J.Ribeiro

Pegamos o barco, ligamos o motor, zarpamos pras ilhas do coração.

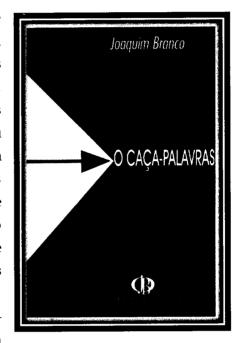
> in "Totem e as vanguardas poéticas dos anos de 1960/70" (Funcec – Cataguases, 2013

Poeta, crítico e professor de literatura e língua portuguesa, o cataguasense Joaquim Branco é Doutor em Letras pela UERJ.



o caça-palavras captura seus signos

Participei recentemente de um debate sobre poesia e letra de música na Biblioteca Popular de Botafogo, no Rio — um dos eventos em homenagem ao Dia Nacional da Cultura. Como sempre, falava-se muita besteira, muitas abobrinhas, no jargão de agora. Distraído, meu olhar vagava pela sala quando fixou-se na mostra de poemas postais estampada em uma das paredes. Eram muitos os trabalhos expostos e eu estava a uma distância razoável, ou mais do que isso, dada a minha miopia. Pois bem, o que literalmente saltava aos olhos eram os poemas visuais de Joaquim Branco.



Identifiquei logo *Blockade, Nature, Privati*zação — poemas que também se encontram em

seu livro *Caça-palavras* e que demonstram o apuro gráfico a que chegou Joaquim Branco, sua técnica exemplar em termos de espacialização e de valorizar o atrito dos sintagmas no branco da página. Certamente, é isso que torna facilmente identificáveis os seus poemas, conferindo-lhes a marca que surge de um estilo apurado. E, nesta aventura, o *caça-palavras* Joaquim Branco captura signos e amplia o seu universo semântico.

Num tempo de selvagens incertezas, de vale-tudo, onde tudo vale tão pouco, um poema como *Privatização* é mostra por excelência de um trabalho perfeito na captura & restauração dos signos fragmentados da palavra. Os cifrões sugados da *privatização* ocasionam um oco, um ocaso da palavra-título, secada sob o signo *privação*. Estou fazendo uma leitura óbvia e apressada do poema — não só por ele ter-se gravado em minha memória ao revê-lo na parede da Biblioteca de Botafogo, mas porque trabalhos na linha desse *Privatização* são hoje paradigmas recorrentes na obra do poeta.



"Sem forma revolucionária, não há arte revolucionária". Extraído de lúcidas autocríticas, emerso da oficina renovadora da Revolução Russa, o slogan de Maiakóvski é inacreditavelmente novo ainda hoje. Joaquim Branco assumiu esse rumo desde o início de sua trajetória, ainda nos anos 60. Muitos dos trabalhos deste livro são poemas engajados na realidade social, "participantes", como se dizia na virada da década de 50 — dignos *exhibits* do *salto participante* proposto pelo concretismo, mais tarde ampliado de forma radical pelo poema-processo. Muitas vezes, esses trabalhos remetem à tirada de Oswald de Andrade: "a massa ainda comerá do biscoitinho fino que fabrico". E por

que não? Ao capturar os avessos & tropeços da realidade, o caça-signos Joaquim Branco exerce forte atração sobre os leitores-espectadores, pois o poeta é reflexo & reflexão do mundo que (se) noticia.

Aqui, Joaquim Branco impulsiona de novo sua trajetória — e como sempre, a libra-pound como bandeira, antenado com os destinos da raça (Evoé, Ezra!). Basicamente, esses trabalhos são estruturados a partir de ícones da contemporaneidade, o que não significa serem eles meros poemas de circunstância. O *caça-palavras* nos remete a "signos significantes": coloca-nos face a fragmentos do século XX, ou alguns dos "minutos" (Cassiano Ricardo) marcantes na formação de sua segunda metade. O Vietnam, o bloqueio a Cuba, Mandela & o apartheid, o esfacelamento da URSS, o estrangulamento das utopias.

Ao trazer o mundo para o poema, Joaquim Branco leva o poema para um mundo de leitores-espectadores. E o poeta amplia sua faixa de público exatamente por trabalhar com temas *up-to-date*, dando um vezo crítico "ao que *rola* no globo". Mas, não é só isso. Está aqui também o que *rola* na alma, "que morta não te decifrem/ que morta cifrei-te e te decifro", o que *rola* da esfinge que "escarra/ na cara do mundo", da "es fin gida estátua de mar/fim", um re/volver de eternos enigmas — "cansaços de não ser/ ser tudo (nada) mata/ ('quem somos?") — *champoleonicamente*: "ser esfinge claresfinge esculpida/ consiste em fingir sercreta/ quando não há mais clara e rara coisa/ que a efígie que te deserta".

Vários dos poemas deste livro surgem da releitura que Joaquim Branco faz de sua própria obra, work in progress. É uma rica retomada de seus temas mais

caros, demonstrando a solidez de sua trajetória. Esses, vamos dizer, *poemas-continuum*, são marcas do poeta, sua quase-identidade. Fiel a si mesmo, fiel a seu público, fiel a seus muitos mitos — o lema de Mário Faustino & seu dilema. Rever para recriar. Recriar para renovar. Pré-estória & estória: caçar o futuro.

Rio, novembro 1996



cac 58 anos depois

Antônio Jaime Soares



O Anunciador em cartaz no cult Cine Paissandu, o cinema de arte do Rio nos anos 60.

O Cineclube Sergei Eisenstein, fundado por Paulo Martins em 1963, inaugurado com o filme *Os Incompreendidos*, de François Truffaut, durou dois anos e sei lá quantos meses, quando a turma rompeu com o fundador e parou de projetar fitas. Quase sempre europeias, à exceção duma retrospectiva de Humberto Mauro, *Os Sete Samurais*, de Akira Kurosawa e curtas-metragens canadenses. Não se levava o cinema americano a sério, embora mui respeitado pelos franceses, a começar por Truffaut. O sócio mais ilustre era o escritor Francisco Inácio Peixoto (sempre com dona Amelinha), que pacientemente suportava as más condições do antigo Parque Santa Rita e do projetor 16 mm, coisa um tanto mambembe.

Paulo morava no Rio e frequentava a turma do Cinema Novo, tendo atuado em algumas produções daquele movimento, como assistente de direção. Aqui, quem segurava a barra era o mais jovem de todos, chamado Carlos Moura, secundado por este locutor que vos fala, Silvério Torres, Haroldo e Lelê Cardoso, Francisco Lopes (o Chiquim da Real), Carlos Weber, Sidney Cabral e outros. Em 1964, Paulo traduziu e montou a peça *O Mestre*, de Ionesco, incorporando o Tablado Atômico, como ele chamou o segmento destinado ao teatro. Este, com o cineclube,

passou a formar o CAC (Centro de Arte de Cataguases), que previa também atividades em música, pintura, prosa e verso, que não chegaram a dar frutos.

Com o teatro, vieram outros integrantes, um deles, Agenor Sereno, suas irmãs Luíza, Cândida e Zélia, além de Dodoca, que viveu e teve dois filhos com Paulo. Àquela altura, o grupo já era um tanto conhecido (e esculhambado) pela imprensa mineira, paulista e carioca, sendo que o *Jornal do Brasil*, um dos mais importantes, mandou cá repórter e fotógrafo, rendendo matéria de capa do caderno de cultura, com o título "Os jovens zangados de Cataguases". A zanga deles era contra tudo e todos, incluindo o Cinema Novo, expressada em boletins, um jornal mimeografado, chamado Evolução, e um programa semanal de rádio, com o nome Átomos. Este era apresentado quase sempre aos berros, até quando tinha alguém mais respeitável, feito o crítico e cineasta David Neves, o "dêivid snows", como o chamava Cuca, uma das ex de Glauber Rocha, na extinta Embrafilme.

Em 1965, acrescentaram ao repertório a *Peça Ideia*, de Paulo, um exercício de improvisação, levando-a a Nova Friburgo com *O Mestre* e algumas pessoas de fora, ou seja: poetas surrealistas de São Paulo, pintores de uma Sociedade Amigos da Holanda, do Rio, assim como uma cantora de protesto (era moda) e seu conjunto. Ainda naquele ano promoveram algumas atividades no Seminário que havia à entrada de Juiz de Fora e, como se diz hoje, uma performance, em São Paulo. Coisas sem pé nem cabeça, como sempre. Na definição de Moura, "poesia sem palavras, sem poemas, sem nada. Na base do blá-blá-blá. Experiências musicais aleatórias sem conhecerem uma pauta ou um mi-bemol. Pra dizer a verdade, o CAC, no seu dadaísmo, era papeata pura". Mas se levava a sério, e muito.

No mesmo ano, Paulo trouxe aqui uma exposição de trabalhos em madeira, de inspiração pop, de um pintor chamado Isaac Monteiro, judeu de origem holandesa. Já morava em Nova Iorque e dele nunca mais se ouviu falar. Logo, Paulo foi abandonado pela turma, que continuou nas peças de teatro de autoria própria ou alheia. A mesma irresponsabilidade, sem a arrogância e a pretensão, estas, mais características do período martinesco, vale dizer, Paulo Martins. E este arregimentou a patota um tempo depois, realizando o longa-metragem *O Anunciador – O Homem das Tormentas*, lançado em 1970, causando estranheza, até cadeiras quebradas pelos espectadores de um cinema, em Manaus. Filme produzido pelo poeta Francisco Marcelo Cabral e, segundo o jornal *Cataguases*, finalizado com dez por cento do custo total investido pela prefeitura.





'É como se do alto o fotógrafo Mário Simões focasse num take de O Anunciador: em cena, o poeta e produtor Francisco Marcelo Cabral. Tudo é cinema. Ou não?

Depois, o CAC se misturou com o CAEC (Centro de Arte Experimental de Cataguases, acho que é isso), este coordenado pelo Silvério, e houve um momento em que o anterior também se chamou Dragões da Independência. Por fim, Moura dirigiu um show musical, quando um valor mais alto se alevantou, o compositor Alfredo Condé e juntos fizeram a trilha sonora do filme acima citado. E aquele auê todo do CAC escorreu "como água das asas de um pato" (frase de Claude C. Hopkins, um dos pioneiros da publicidade), sem vanglórias, minhas e de outros integrantes (desconheço a opinião martinesca). A gente cresce, amadurece e fica mais exigente, eis a questão. Alguns envelhecem, outros falecem, vida que segue.

Até me angustio ao recolher aquelas migalhas, que é como vejo nosso trabalho e volto a elas apenas para constar neste livro, ainda que haja alguns fãs, como um que caça rãs (rimou) e exclama, quando me vê: "Viva o mestre", um bordão da citada peça.

Cataguases, outubro 2020

Ator, cronista e publicitário cataguasense, Antônio Jaime Soares é autor de Pedra que não quebra (crônicas, 2013) e Entre Folhas (poemas, inédito)



1967: Cataguases em tempo de cinema. O Anunciador toma a ponte, as ruas, toda a cidade.

nessas águas, à cata de outros ases

Ronaldo Cagiano

Das muitas leituras e avaliações que se fazem sobre a vocação artística e cultural de Cataguases, na tentativa de compreender a gênese de tantos movimentos surgidos desde o início do século passado, uma particularmente se insinua como a mais provável: a cidade já nasceu com o DNA da ousadia. Não há outra explicação, para que no interior do Brasil numa cidade provinciana e de economia incipiente, se tenha produzido tanta novidade e assistido ao longo dos anos à eclosão de manifestação nos diversos campos e linguagens.

Certa vez, o saudoso professor José Silva Gradim, guru de tantas gerações que passaram pelo seu severo crivo no Colégio Estadual, lançou em sala de aula uma provocação: "Somos a cidade da cata? Da água? Ou dos ases?". Apesar do chiste, ali estava embutido um desafio convergente na percepção singular a respeito do pioneirismo de muitos no cenário intelectual do município.

Quando os primeiros colonizadores chegaram à cidade, movidos pela saga bandeirante de Guido Marlière, soldado desertor das tropas de Napoleão, fundador de vários povoados na região, vieram a reboque da notícia da existência de ouro naquelas plagas. Essa cata frenética nos leitos do Meia-Pataca e do Pomba resultou em pouca extração, mas o que viria depois, após a instalação da comarca, certamente foi catapultado pelo instituto primeiro, fazendo surgir outra garimpagem, com o mesmo espírito exploratório dos primeiros habitantes. Cataguases transforma-se em aluvião de outras possibilidades para a bateia incessante dos exploradores do campo artístico.

Assim podemos situar e estender esse mesmo espírito escrutinador e cachoeira que viria nortear o espírito de outro antecipador, Humberto Mauro, cineasta que lançou em 1925 as bases do cinema brasileiro a partir de um tosco estúdio em sua casa com seu *Valadião*, o cratera, seguido, entre outros, de *Thesouro perdido* e *Ganga bruta*. Luz, câmera, ação: "O Brasil está perplexo: existe Cataguases", exclamou Ribeiro Couto, tão logo soube da eclosão da revista *Verde* (1927-1929), uma espécie de continuidade, ainda que, inconsciente, da ousadia maureana, sob a batuta de alguns jovens secundaristas (Rosário Fusco, Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto, Ascânio Lopes, Martins Mendes, Camilo Soares) e Enrique de Resende. Estes ousaram afrontar os limites da mediocridade reinante e impor um grito a

partir da Mata Mineira, que foi ecoar noutras latitudes, do Tietê a Paris, em pouco tempo atraindo a curiosidade de muitos e saudados por ninguém menos que os agitadores da Semana de 22 (Mario e Oswald de Andrade), além das atenções do francês Blaise Cendrars, colaboradores entusiasmados da revista.

Em artigo publicado no suplemento cultural do jornal paulista *Valor Econômico*, em matéria intitulada "Uma cidade de escritores", o nosso conterrâneo e escritor premiado Luiz Ruffato elenca vários aspectos dessa nossa convivência com a modernidade, por meio dos fenômenos culturais que, intermitentes, e apesar de alguns períodos de ostracismo, vêm pipocando na cidade, reconhecendo que tudo aquilo "parece ter se transformado num celeiro de talentos".

De Humberto Mauro/revista *Verde* aos nossos dias, a semeadura resultou nos melhores frutos estéticos, sedimentando gerações que produziram e vêm produzindo obra da maior ressonância. De heterogêneas vinculações conceituais – do modernismo ao concretismo, da poesia práxis ao visual, da tradição à vanguarda, da *Verde* ao *SLD* e *Totem* – nesse inventário catalogamos um time de primeira grandeza: Lina Tâmega Peixoto, Francisco Marcelo Cabral, Henrique Silveira, Celina e Maria do Carmo Ferreira, Ronaldo Werneck, Joaquim e Aquiles Branco, P.J. Ribeiro, Márcia Carrano, Sebastião Carvalho, Plínio Guilherme Filho e Lecy Delfim Vieira.

Pós CAC (Centro de Arte de Cataguases), *SLD* e *Totem*, vemos surgir uma geração independente, não filiada a movimentos ou agrupadas conceitualmente, mas profundamente mergulhada em um projeto literário pessoal de importância vital para as letras cataguasenses contemporâneas. Entre os representantes dessa nova consciência estética, que ao mesmo tempo agrega uma preocupação ética com o lugar e a necessidade não apenas de sua obra, mas da arte de um modo geral, nesse tempo e nesse mundo coisificado e hipnotizado pelo absolutismo do mercado, vamos encontrar em Fernando Cesário uma voz autêntica, de agudíssima voltagem crítico-reflexiva, um escritor cioso da profundidade temática de seus romances, meticuloso na comunicação de uma narrativa centrada tanto nos aspectos humanos quanto sociais.

Na esteira dessa visão de uma literatura comprometida com as demandas e urgências de nosso tempo, em que tanto a poesia quanto a ficção deve compartilhar uma mirada existencial e uma inflexão metafísica, ao percorrer territórios que dizem respeito aos dramas individuais e coletivos e a uma permanente inquietação do autor ao espelhar os dilemas contemporâneos, vamos encontrar nas obras de

Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira (*Uma e outra forma de tirania* e *E se estivesse escuro?*), Leonardo de Paula Campos (*Alma de brinquedo*), Emerson Teixeira Cardoso (*Símiles*) e Eltânia André (*Meu nome agora é Jaque* e *Manhãs adiadas*) exemplos de uma geração cuja preocupação e valores transcendem meramente o fazer literário.

Há que se reconhecer, ainda, a perspectiva aberta por outros cataguasenses, alguns vivendo noutras cidades e até no exterior, que trazem hálito novo nessa multifacética história literária, tanto na ficção quanto na poesia. É o caso da estreia em grande estilo dos nossos conterrâneos Marcelo Benini, com as narrativas de O homem duplicado, que valeu-lhe a indicação para participação em antologia lançada na Feira de Frankfurt; de José Antonio Pereira, que já vem de uma intensa participação como colaborador de jornais e revistas (Trem azul e Chicos Cataletras), com seu début no caprichado volume de crônicas Fantasias de Meia-Pataca, ressuscitando os bons tempos de nossos melhores cronistas (apud Alzir Arruda e Manuel das Neves). Com habilidade e inegável carga poética, captura cenários e flagra o cotidiano, histórias e protagonistas de uma cidade telúrica e perdida no tempo, com sutil dose de humor. Secundado pela narrativa diáfana e igualmente expressiva de Antonio Jaime Soares (Pedra que não quebra), Flausina Márcia da Silva (Sua casa, minha cruz e Vaga lume) e Sônia Bonzi (Bordando memórias) ao lado da prosa de Fernando Abritta, Tadeu Costa, José Santos, Mauro Sérgio Fernandes da Silva, Luiz Lopez, Laly Cataguases e Renatta Barbosa, autores que vêm projetando seus nomes e obras no cenário disputado e competitivo da literatura infantojuvenil, com títulos criativos e de grande apelo imagético e sensorial.

Mais do que homenagear o virtuoso cenário cultural, intelectual e literário de Cataguases, é necessário aproximar os estudantes e leitores dessa realidade artística, até então desconhecida de grande parte da população, de modo que os programas didático-pedagógicos das escolas municipais possam compreender a importância e a dimensão histórica (e até mesmo onírica) da presença desses escritores e suas obras, não se propugnando criar uma reserva de mercado para seus livros, mas abrindo real possibilidade de uma leitura da própria cidade a partir de suas múltiplas expressões. Certamente estará aberto o caminho para que novos olhares e conceitos surjam a partir de um maior interesse por esses universos, e novos talentos possam emergir de uma perspectiva estimulante sobre essa nossa tão decantada mitologia.

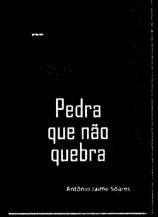
Poeta, ensaísta e escritor cataguasense, Ronaldo Cagiano é autor de vários livros. Reside atualmente em Lisboa.



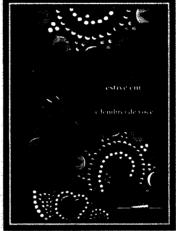


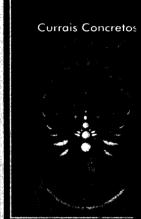




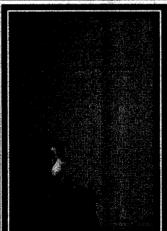






















A história dessa gente: fragmentos da memória

Brilhar para sempre,/ brilhar como um farol,/ brilhar com brilho eterno./ Gente é para brilhar. Maiakóvski via Augusto de Campos & Caetano Veloso

Catu-catuauás.
Arte por toda parte.
Cata-ases-Cataguases.
CatuauAses. CataguaArte.
Gente boa por demais.
Limoeiro-verde-mata
Gente. Gente das gerais
Gente. Gente que arrebata.

O índio e o colonizador. Os coronéis e os bacharéis. Os operários e os empresários. O poeta, o pintor, o político. O mestre e o músico. O escritor e o cineasta. A atriz, o artista, o arquiteto. O foco dos fotógrafos. Passaram todos por aqui, revelados e se revelando em sua essência de personagens-fundadores. Urbe e civita.

A cidade geográfica e seu sítio habitado, a historicidade: a cidade-cidadã, cotidiana, comunitária. Sua arquitetura: praças, painéis, monumentos. Mas, a cidade vive mesmo é no compasso de suas gentes. E não há como abordá-la de modo estanque, sem que sejam conectados os fios por onde a vida pulsa.

Habitar uma cidade é mais que habitar as ruas de uma cidade. É pertencimento. Habitar é co-habitar, viver-com, conviver em comunidade. É também o compromisso de recompor os fragmentos da memória. De reavivar imagens, falas, textos, linguagem.

É como se fossem produtos de um só tecido as narrativas que aqui encontramos. O novelo é o mesmo, algodão que se vai mesclando, se entretecendo no fio da memória. Matéria-prima, Cataguases. Cataguases? Não. Matéria-prima, a história dessa gente, desses personagens-narradores, seu fazer, seu falar: riso, lágrima, seiva.

A cidade é soma de seus cidadãos. O que passa nas entrelinhas dessas personalidades é a vida da cidade nos séculos por elas povoados. São peças de um mosaico, um fascinante caleidoscópio chamado Cataguases. Há que reagrupar essas histórias e reerguer a cidade.

Reencontro uma Cataguases de séculos pela voz de quem mais sabe. Quem mais habilitado para contar essa história que é sua própria história? Quem mais autorizado, quem mais autoridade que essa gente, essas gentes? Quem senão esses nomes cujas vidas se imbricam para formatar uma só vida, uma só vera/cidade?



Os nomes dessa gente

• Primeira coluna horizontal, a partir da esquerda:

José Herberto Dutra Nicácio (1909-1970) – Alípio Miranda Vaz (1884-1970) – Ophélia Vieira de Resende (1894-1993) – Coronel Joaquim Gomes de Araujo Porto (1854-1930) – Alberto Landóes (1868-1935) – Coronel Antônio Augusto de Souza (1865-1945) – Aída Ribeiro Naccarati (1907-1994).

Segunda coluna horizontal, a partir da esquerda:

Afonso Henrique Vieira de Resende (1863-1934) – Paulino José Fernandes (1871-1917) – Edison Vieira de Resende (1901-1960) – Paschoal Ciodaro (1876-1940) – Homero Cortes Domingues (1888-1976) – Manoel da Silva Rama (1871-1968) – Arthur Vieira de Resende e Silva (1868-1946).

• Terceira coluna horizontal, a partir da esquerda:

Madre Maria de Nossa Senhora Aparecida (1902-1989) – Monsenhor Solindo José da Cunha (1900-1985) – Antônio Lobo de Resende Filho (1890-1970) – Rogério Teixeira de Miranda (1884-1969) – Pierre Theotônio da Silva (1890-1968) – Agenor Costa de Barros (1884-1973).

• Quarta coluna horizontal, a partir da esquerda:

Braz Iannini Filho (1914-1987) – Carmelita Guimarães (1881-1972) – Heitor de Sousa (1871-1929) – Dr. Lídio de Almeida Lacerda (1909-1985) – Francisco Rachid (1910-1975) – Dr. Walter Gomes Rosa (1917-1994) – Fenelon Barbosa (1888-1961).

• Quinta coluna horizontal, a partir da esquerda:

Sandoval Soares de Azevedo (1891-1950) – Caetano Mauro (1873-1939) – Antônio Rodrigues Gomes (1889-1978) – Luiz Soares dos Santos (1877-1944) – José Inácio Peixoto Filho (1925-1996) – João Fabrino de Oliveira Baião (1909-1999) – Maria Domingos Pimenta (1910-1982).

• Sexta coluna horizontal, a partir da esquerda:

Antônio dos Santos Cardoso (1923-1994) – Alzir do Nascimento Arruda (1894-1976) – Antônio Amaro Martins da Costa (1881-1950) – Dr Ottônio Alvim Gomes (1908-1973) – Camilo Nogueira da Gama (1899-1976) – Francisco Marques da Silva (1909-1984) – Clélia Dutra de Resende (1881-1949).

• Sétima coluna horizontal, a partir da esquerda:

Margarida Condé de Carvalho (1905-1982) – Jarbas Cortes Domingues (1892-1971) – Aurélio de Oliveira Tâmega (1875-1958) – Astolpho Dutra Nicácio (1864-1920) – Maurício Eugênio Murgel (1866-1942) – Francisco Rossi (1879-1958) – Ecila Lobo (1897-1992).

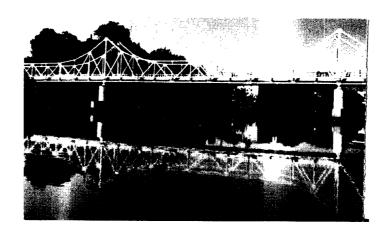
• Oitava coluna horizontal, a partir da esquerda:

Coronel Arthur Martins da Costa Cruz (1881-1947) – Abílio César Novaes (1887-1961) – Perterson Moreira de Resende (1906-1974) – Emílio de Souza (1895-1989) – Antero Ribeiro (1894-1974) – Ormeo Junqueira Botelho (1897-1990) – Emanoel Carvalheira Peixoto (1923-1988).

vaivém da ponte velha

A Ponte Velha é/Cataguases/ é a Velha Ponte

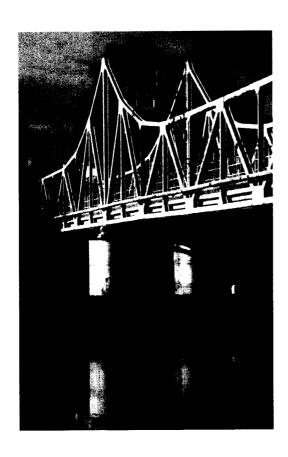
Pacificusne est ingressus tuus?
Por ela a gente chega, chega gente.
Revertere ad me suscipiam te.
Por ela a gente vaivém com a gente.



velha cataguases
velha ponte velha

cem anos sim o rio-chão o pomba passa a ponte não

vã centenária foi-se o alabastro dói vê-la assim ícone gasto



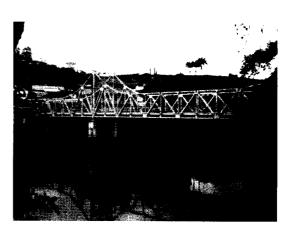
sós sobre o pomba se subvive

reflexos vãos nada sobre nada do vão mais alto o tubulão

> na corda bamba o ator se atira desacordado em si deságua



seu céu seu chão agora é água vida que vai no vão do ocaso



corpos sós corpos torcendo o nó do acaso sós desatinados

sós corpos sós sós desde as grimpas corpos sós corpos

sós sobre a ponte

ases à cata águas do acaso ases do ocaso

> cem anos sim o rio-chão o pomba passa a ponte não

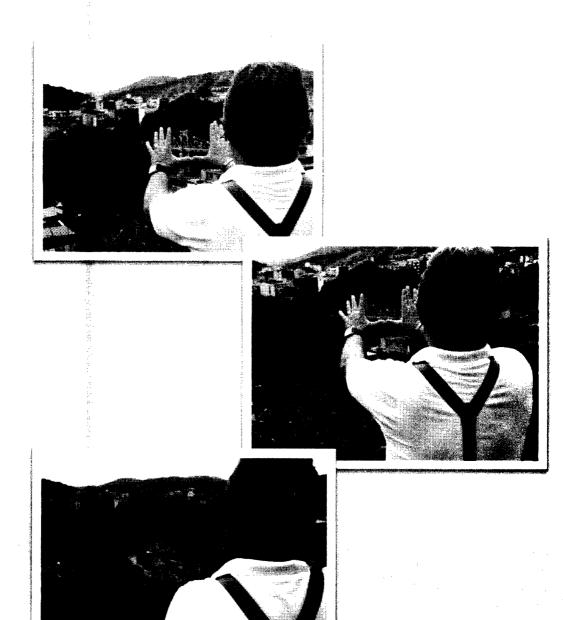
velha cataguases velha ponte velha

vã centenária foi-se o alabastro dói vê-la assim ícone gasto



Centenário da Ponte Velha Cataguases, fev./2015

volta a mim qu'eu te receberei



bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond - Alguma Poesia (maio, 1930)

ANDRADE, Carlos Drummond – Sentimento do Mundo (1935-1940)

BOTELHO, Mônica (Coordenação Editorial), WERNECK, Ronaldo (Textos) – Cataguases - Guia Arquitetônico, Turístico e Cultural (Fundação Ormeo Junqueira Botelho, Cataguases, 2002)

BRANCO, Joaquim – *Passagem para a modernidade* – *Transgressões e experimentos na poesia de Cataguases/ Década de 1920* (1ª ed., Cataguases, Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002)

BRANCO, Joaquim; FRITZ, Felipe e JÚLIO, Roberto – Meia-Pataca: a terceira margem – uma revista literária em Cataguases (Funcec – Cataguases, 2007)

BRANCO, Joaquim - Totem e as vanguardas poéticas dos anos 1960/70 (Funcec - Cataguases, 2013)

BRASIL, Hélio e REIS, José Rezende – O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases (Synergia Editora, Rio, 2008)

CABRAL, Francisco Marcelo - Inexilio (Editora Imprinta, Rio, 1978)

CABRAL, Francisco Marcelo - Cidade Interior (Editora Imprinta, Rio, 2010)

CAGIANO, Ronaldo – *Prismas – Literatura e outros temas* (Brasília: Editora Thesaurus/Fundação Ormeo Junqueira Botelho, 1997)

CAMPOS, Maria do Carmo - Guilhermino Cesar - Memória e Horizonte (Editora da UFRGS, 2010)

CESAR, Guilhermino e PEIXOTO, Francisco Inácio - Meia-Pataca (Verde Editora, 1928/1929)

CESAR, Guilhermino - Lira coimbrã e portulano de Lisboa (Coimbra, Livraria Almedina, 1965)

CESAR, Guilhermino – Sistema do imperfeito e outros poemas (Porto Alegre, Editora Globo, 1977)

FUNDAÇÃO ORMEO JUNQUEIRA BOTELHO – Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina – 90 Anos de Modernidade (Cataguases, 1995)

FUNDAÇÃO ORMEO JUNQUEIRA BOTELHO – Os 100 do Século em Cataguases (Cataguases, 2000)

FUSCO, Rosário; LOPES, Ascânio; RESENDE, Enrique – *Poemas Cronológicos* (Verde Editora, Cataguases, 1928)

FUSCO, Rosário – Fruta do Conde (Verde Editora, Cataguases 1928)

FUSCO, Rosário - O livro de João (José Olympio Editora, Rio 1944)

JOSÉ, Oiliam - Marlière, o Civilizador: esboço biográfico (Ed. Itatiaia, BH, 1958)

JOSÉ, Oiliam – *Indígenas de Minas Gerais: Aspectos sociais, políticos, etnológicos* (Edições Movimento, Belo Horizonte, 1965)

JUNIOR, Carlile Lanzieri; FRADE, Inácio - Muitas Cataguases (Editar Editora, Juiz de Fora, 2006)

MARQUES, Ivan - Modernismo em Revista (Editora Casa da Palavra, 2013)

MENDES, Martins – 13 Poemas (Verde Editora, 1929)

NAVA, Pedro – Beira-mar (Ateliê Editorial – São Paulo, 2003)

NICÁCIO, Astolfo Dutra – *Astolfo Dutra – Um Líder Mineiro na República Velha* (Renovar Editora, Rio, 2000)

PEIXOTO, Francisco Inácio – Passaporte Proibido (Org. Simões, Rio, 1960)

PEIXOTO, Francisco Inácio - A Janela (Editora do Autor, Rio, 1967)

RESENDE, Enrique de – Pequena História Sentimental de Cataguases (Editora Itatiaia, BH, 1969)

RESENDE, Enrique de - Obras Completas - Poesia (Gráfica Olímpica Editora, Rio de Janeiro, 1977)

REZENDE E SILVA, Arthur Viera de; REZENDE, Astolpho Vieira de (colaborador) - O

Município de Cataguazes - Esboço Histórico (Tipografia do jornal Cataguases, MG, 1908)

REVISTA A CHIMÉRA (Cataguases, 1908)

RUFFATO, Luiz. - Minha primeira vez (Arquipélago, Porto Alegre, 2014)

RUFFATO, Luiz – Os ases de Cataguases – Uma história dos primórdios do Modernismo (Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, 2002)

RUFFATO, Luiz – *Francisco Inácio Peixoto em prosa e poesia* (Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, 2008)

SANT'ANNA, Rivânia Maria Trotta – O Movimento Modernista Verde, de Cataguases-MG 1927-1929 (Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, 2009)

SUPLEMENTOS SLD e TOTEM – várias edições (Cataguases, anos 60/70/80)

VERDE, Revista – Todos os números (Verde Editora, Cataguases, 1927-1929)

WERNECK, Ronaldo - Pomba Poema (Gráfica Editora Borsoi, Rio, 1977)

WERNECK, Ronaldo – Kiryrí Rendáua Toribóca Opé – Humberto Mauro revisto por Ronaldo Werneck (Editora Artepaubrasil, São Paulo, 2009)

WERNECK, Ronaldo – Sob o signo do imprevisto – Rosário Fusco por Ronaldo Werneck (Poemação Produções, Cataguases, 2017)

Este livro foi impresso pela Graphium Gráfica e Editora para a Editora Tipografia Musical, nas tipologias Palatino e Bodoni MT Black, em papel Offset 90 g. Brasil – São Paulo, julho de 2021 – 144 anos de Cataguases, MG.

> Direções do autor: Email: roneck@ronaldowerneck.com.br Site: www.ronaldowerneck.com.br Blog: www.ronaldowerneck.blogspot.com.br

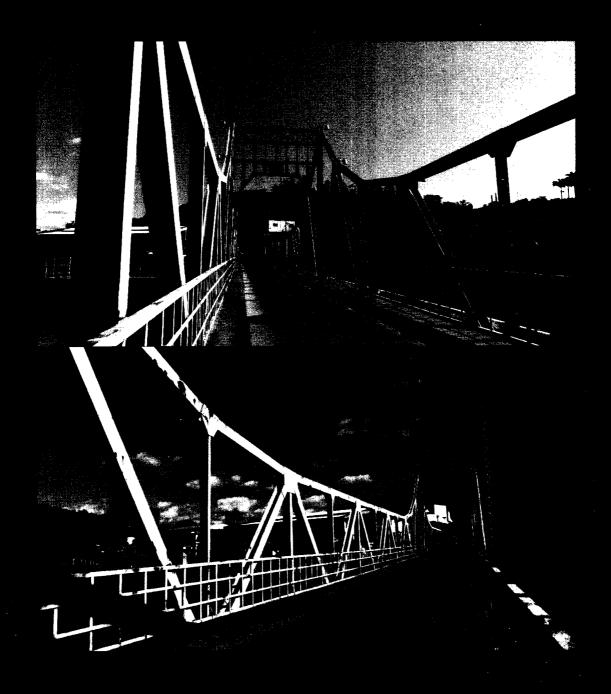
> > QR Code para Canal no YouTube:



QR Code para Fortuna Crítica:



REVERTERE AD ME



SUSCIPIAM TE

Hoje em dia, Cataguases continua sendo polo gerador de cultura da melhor qualidade. Em função disso, soube buscar grandes criadores de fora, para inspirar seus habitantes. Quantas cidades brasileiras podem se dar ao luxo de abrigar obras de Oscar Niemeyer e outros arquitetos de renome nacional? Ou jardins projetados pelo paisagista Burle Marx? Quais museus brasileiros possuem em seu acervo trabalhos de Maurice Utrillo, Candido Portinari, Jan Zach, Marie Laurencin, Santa Rosa, Djanira e Tarsila do Amaral? Ou mobiles de Calder? Sem fazer alarde, Cataguases guarda um acervo fantástico de obras e isso, claro, tem consequências. Não é à toa que seus artistas costumam apresentar sólido embasamento, pois o berço em que nasceram é esplendido.

Ronaldo Werneck nos fala de tudo isso. Quando necessário, pede ajuda a outros grandes nomes que, como ele, foram formados por Cataguases. E nos apresenta um painel fabuloso, a partir de seu caso de amor com essa cidade especialíssima de Minas Gerais, do Brasil.

Paulo Augusto Gomes

Belo Horizonte, dezembro 2020 Cineasta e autor do filme "Os Verdes Anos", sobre a revista Verde.



Mineiro de Cataguases, o poeta Ronaldo Werneck é também cronista e ensaísta. Lançou vários livros nas últimas décadas. O mais recente: Momento Vivo, poemas (Ed. Tipografia Musical, São Paulo, 2019).

Uma cidade povoada de poetas faz com que um deles, Werneck, tome o fio da História, ilumine a Memória e celebre a "poesia nossa de cada dia", ao trazer para este livro a narrativa poética da saga da Meia-Pataca e Cataguases inteira. Ronaldo Werneck toma o século XX para acrescentar-lhe o antes e o depois, a fim de pontuar o itinerário poético da cidade em que nasceu a vertente verdejante do modernismo brasileiro, rodou o cinema inaugural de Humberto Mauro e edificou-se o primeiro traço de Niemeyer em Minas Gerais. E à qual ele dedica grande parte de sua própria obra.

Angelo Oswaldo

Tarsila não pinta mais/ Com verde Paris/ Pinta com Verde/ Cataguazes// Os Andrades/Não escrevem mais/ Com terra roxa/ NÃO!/ Escrevem/ Com tinta Verde/ Cataguazes//Brecheret/ Não esculpe mais/ Com plastilina/ Modela o Brasil/ Com barro Verde/Cataguazes// Villa-Lobos/ Não compõe mais/ Com dissonancias/ De estravinsqui/NUNCA!/ Ele é a mina Verde/ Cataguazes// Todos nós/ somos rapazes/ muitocapazes/ De ir ver de/ Forde Verde/ Os azes/ De Cataguazes.

Marioswald de Andrade







